JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

VOLUME 6

EDITORIAL ESTAMPA

OBRAS ESCOLHIDAS

JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

Volume VI

EDITORIAL ESTAMPA

Capa de Soares Rocha
Tradução de Maria Santa Montez

Distribuidor no Brasil:
Livraria Martins Fontes
Praça da Independência, 12
Santos — S. Paulo

Todos os direitos para esta edição foram reservados
por Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1976

ÍNDICE

Discurso pronunciado no comício organizado por milhares de trabalhadores de Sófia por ocasião do regresso da delegação governamental de Moscovo ... 9

As tarefas da União Popular das Mulheres Búlgaras para a educação política e para a elevação do nível cultural da mulher búlgara 13

Uma nova guerra mundial não é hoje nem inevitável, nem iminente 29

Em frente, pelo trabalho, pelo ensino e pela luta, rumo a novos êxitos e novas vitórias 37

Na nossa República Popular o exército faz parte integrante do povo 43

O tratado de aliança entre a Bulgária e a Checoslováquia é um sério contributo para o estabelecimento de uma paz duradoura e democrática 49

O tratado de aliança búlgaro-polaco constitui uma base sólida para uma das mais vastas cooperações em benefício dos dois povos irmãos, em benefício da paz e da democracia no mundo 53

O tratado entre a Bulgária e a Hungria é um novo contributo importante para a causa da paz e para aprofundar a amizade entre os dois povos 65

A Revolução socialista de Outubro abriu à humanidade a via para uma verdadeira democracia, para o socialismo 71

Relatório político da actividade do Comité Central do Partido Operário Búlgaro (Comunistas) 75

Discurso de encerramento 167

Para um desenvolvimento geral da cultura socialista búlgara 173
Alocução por ocasião do 1.° de Maio 179
Carta escrita por ocasião da vitória eleitoral 183
Carta dirigida aos estudantes da escola superior do Partido 187
Notas 189
Crónica bio-bibliográfica 195

DISCURSO PRONUNCIADO NO COMÍCIO ORGANIZADO POR MILHARES DE TRABALHADORES DE SÓFIA POR OCASIÃO DO REGRESSO DA DELEGAÇÃO GOVERNAMENTAL DE MOSCOVO

24 de Março de 1948

Cidadãos e cidadãs de Sófia, caros camaradas!

É para mim um dever muito agradável transmitir-vos, e por vosso intermédio a todo o povo búlgaro, a todos os patriotas, homens e mulheres até à última cabana da nossa República Popular da Bulgária livre, as calorosas e fraternas saudações da grande capital soviética, Moscovo.

Dando cumprimento aos votos do nosso povo e às suas mais legítimas aspirações, a delegação governamental visitou Moscovo para aí concluir um tratado de amizade, de colaboração e de assistência mútua com o governo da Grande União Soviética.

Deslocámo-nos à União Soviética como camaradas fiéis do povo soviético — nosso libertador e protector. Regressamos hoje com um tratado concluído entre a União Soviética e a República Popular da Bulgária, o que constitui um grande acontecimento histórico. Agora o nosso povo e a nossa República Popular não são apenas os amigos e os camaradas fiéis do povo soviético e da União Soviética — pela assinatura do tratado tornam-se seus fiéis e devotos aliados para o bem comum dos nossos dois povos e a favor da paz mundial.

O tratado concluído entre a Bulgária e a U.R.S.S. em pé de igualdade, é um tratado baseado no princípio: fidelidade por fidelidade, amizade por amizade. Este tratado também exprime a confiança que a União Soviética e o povo soviético têm no nosso povo e na nossa República popular.

A União Soviética, que luta do modo mais consequente e mais decisivo por uma paz duradoura e democrática, não teria concluído este tratado de amizade, de colaboração e de assistência mútua com um pequeno país como o nosso, sem estar segura de que esse pequeno país se aguenta firmemente, de que o seu povo tinha tomado com firmeza o seu destino em mãos e que está resoluta e sinceramente decidido a manter-se até ao fim um amigo e um aliado fiel.

Estamos felizes por notar que esta confiança ilimitada para com o nosso povo é uma realidade e que está personificada no próprio tratado.

Não me alargarei sobre o tratado, que já é conhecido. Devo, contudo, sublinhar que hoje, quando os governos de determinados países manifestam hostilidade em relação à obra criadora do nosso povo e quando determinadas potências desejariam criar obstáculos ao nosso desenvolvimento livre e democrático, a União Soviética estende-nos uma mão fraterna e dá-nos um auxílio sincero para facilitar o nosso desenvolvimento, a edificação da nossa República popular, reforça a nossa independência e a nossa soberania, bem como a nossa prosperidade futura. Moscovo e a União Soviética, mais do que os nossos libertadores do passado, são os nossos verdadeiros amigos que nos auxiliam sincera e desinteressadamente nos nossos esforços para edificar a felicidade e o futuro radioso da nossa pátria. Os tratados que assinámos até ao presente, e sobretudo o tratado com a União Soviética, inspiram ao nosso povo uma confiança ainda maior no progresso e na edificação da nossa República, não se deixando perturbar com o facto de isso desagradar vivamente a determinadas potências e a determinadas pessoas no estrangeiro. Por outras palavras, o nosso povo, ao arregaçar as mangas para um trabalho ainda mais assíduo e mais dedicado, ao aproveitar totalmente os recursos do seu país e do seu trabalho com o auxílio sincero dos nossos aliados, poderá passar facilmente sem o «auxílio» do dólar e sem os empréstimos que subjugariam a nossa economia nacional e o nosso país.

Pudemos constatar um enorme contraste entre aquilo que existe nas supostas democracias ocidentais e na União Soviética. Hoje, como sabem, nos países do imperialismo atiça-se, uma histeria de guerra, procura-se semear a perturbação,

a insegurança e a incerteza, enquanto que em Moscovo e na União Soviética reina a total confiança nas forças do povo soviético, que, inteiramente entregue ao seu trabalho tranquilo, dá provas de um heroísmo e de um raro entusiasmo. A classe operária, os camponeses e os intelectuais actuam e trabalham com todas as suas forças para a realização antecipada do grandioso plano quinquenal. A União Soviética concentrou toda a sua atenção e todas as suas forças neste plano e no estabelecimento de uma paz duradoura e democrática. Nem histeria de guerra, nem propaganda de guerra neste grande país do socialismo. O povo soviético ocupa com razão uma posição-chave na vanguarda da humanidade progressista pela luta contra os fomentadores de novas guerras, pelo estabelecimento de uma paz verdadeiramente duradoura e democrática, por uma colaboração internacional normal e pela fraternidade entre os povos.

Ao felicitar-vos, bem como a todo o povo búlgaro por ocasião da assinatura do tratado histórico, queria gritar convosco:

Viva a aliança indefectível e viva a amizade eterna entre a República Popular da Bulgária e a Grande União Soviética!

Que viva e se consolide a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — o apoio da paz democrática internacional, do socialismo e da fraternidade entre os povos!

Que viva e prospere a nossa amada República Popular da Bulgária!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 70,
de 25 de Março de 1948.

Tradução ligeiramente abreviada do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 26-29.

AS TAREFAS DA UNIÃO POPULAR DAS MULHERES BÚLGARAS PARA A EDUCAÇÃO POLÍTICA E PARA A ELEVAÇÃO DO NÍVEL CULTURAL DA MULHER BÚLGARA

DISCURSO PRONUNCIADO NA REUNIÃO PLENÁRIA DA UNIÃO POPULAR DAS MULHERES BÚLGARAS A 6 DE ABRIL DE 1948

Caros camaradas:

É-me agradável ter a oportunidade de saudar pessoalmente a vossa sessão plenária, assim como, por intermédio das delegadas das associações distritais do nosso país, todas as mulheres búlgaras, trabalhadoras físicas e intelectuais, todas as donas de casa, as mães dos nossos filhos, pelo seu trabalho e pela sua luta cheios de abnegação para o progresso da nossa pátria. Isso é-me tanto mais agradável quanto indiscutível a participação das mulheres e das jovens búlgaras na edificação da nossa República popular, na realização do plano económico do Estado, se torna cada vez maior, mais activa e mais consciente.

Daquilo que me foi dado saber sobre os trabalhos da sessão plenária e do que me foi dado ouvir na sessão de hoje, pude constatar, com uma viva satisfação moral, que as mulheres organizadas na vossa União Popular das Mulheres deram um apreciável passo em frente em relação à situação existente no seu primeiro e segundo congresso.

Esta atitude realista da sessão plenária em relação aos problemas, à crítica e à autocrítica, bem como às propostas práticas feitas pelas delegadas, mostram que as nossas mulheres organizadas no seio da União Popular e as suas activistas,

já não se limitam a fazer declarações gerais, discursos ardentes e grandes promessas solenes, mas têm realmente arregaçado as mangas, concentrado o seu pensamento e aberto os seus corações de mães para realizar um trabalho criador em benefício do nosso povo.

Não vou deter-me em todos os problemas que aqui foram levantados e que suscitaram discussões. Mas permitam-me que me detenha apenas em determinados problemas, que forneça alguns esclarecimentos que, na minha opinião, são absolutamente indispensáveis no momento presente. Estes problemas referem-se a determinadas fraquezas e insuficiências de ordem geral e dizem especialmente respeito à vossa União, eles continuam a existir, apesar dos êxitos incontestáveis que obtiveram.

Se me perguntassem qual é o ponto mais fraco no nosso trabalho comum e no trabalho entre as mulheres búlgaras, na actividade da União das mulheres, responder-vos-ia sem a menor hesitação, baseando-me em observações, impressões e estudos directos: o ponto mais fraco, tanto nosso como vosso, actualmente, resume-se na educação política e na elevação do nível cultural da mulher búlgara. Não porque não tenham efectuado um trabalho de ensino, não porque não tenham trabalhado para a elevação do nível cultural das nossas mulheres e das nossas jovens; mas aquilo que se realizou está longe de ser suficiente; o trabalho feito não é sistemático nem organizado; está longe de responder às exigências actuais. Porque todas compreendem facilmente — e talvez já o tenham mesmo sentido durante a vossa experiência prática, durante o vosso trabalho, na luta por vencer dificuldades de toda a ordem — que quanto mais politicamente instruída for a mulher, tanto mais elevado é o seu nível cultural, tanto mais vasto é o seu horizonte intelectual, tanto mais capacidade ela tem para compreender os pequenos e grandes problemas quotidianos e para tomar em relação a eles uma atitude justa, científica e atentamente fundamentada, tanto mais ela é capaz de trabalhar com êxito e confiança, de cumprir o seu dever de mãe, de esposa, de operária, de patriota búlgara, de militante, de cidadã da nossa República popular. É preciso ver que é aqui que está a chave que abre a porta a todos os nossos êxitos e à feliz realização de todas as outras

tarefas que são muito importantes: o plano económico, o movimento de brigadas, etc., etc.

Por exemplo: não existe no nosso país um grande número de mães que, na nossa gloriosa época de trabalho heróico, de criação, de aspiração ao progresso, impedem as suas filhas de fazer parte das brigadas de trabalho? Acaso não são bastante numerosas? Porque as impedem? Porque imaginam que se as suas filhas ingressassem nessas brigadas correriam o risco da corrupção moral. Contudo, é um facto comprovado que o trabalho colectivo da juventude no movimento das brigadas, esse trabalho criador, lado a lado, dos rapazes e raparigas empenhados na grandiosa via de edificação que seguimos, consolida a moral dos rapazes e das raparigas, torna-os sãos, desenvolve neles uma moral progressista, desenvolve e reforça uma verdadeira amizade sincera, o respeito mútuo entre rapazes e raparigas, cria novas relações, sãs e razoáveis, entre os dois sexos.

Acaso não existe entre nós um grande número de mães que, em consequência da influência religiosa, dos preconceitos e de diversas pressões da Igreja, afastam os seus filhos da nossa magnífica organização Septemvriitche que vela pela sua educação? Acaso não existe um grande número de mulheres e de mães que expõem elas próprias os seus filhos à perniciosa influência dos preconceitos religiosos, em vez de os auxiliarem, desde a mais tenra idade, a receber noções verídicas e científicas da criação do mundo, das leis da natureza e do desenvolvimento social?

Observamos um outro facto vergonhoso: mulheres, mesmo organizadas na União das Mulheres, recusam-se a conviver com as ciganas, a trabalhar com elas. O velho preconceito podre, segundo o qual as ciganas eram algo de vil, desprovidas de toda a cultura, eram mendigas e nómadas, vagabundas, etc., continua a não ser ultrapassado. Os factos testemunham precisamente o contrário. Tanto em Sófia como em Slivene e noutros sítios, já há grupos de ciganas que trabalham nas fábricas, que se inscreveram no movimento das brigadas de trabalho, e encontram-se mesmo entre os melhores trabalhadores, tanto nas equipas como no circuito produtivo.

Acaso não existe um grande número de professoras primárias, sobretudo no campo, que por uma razão ou por outra, se mantêm afastadas da nossa vida pública, da vida das organizações femininas? Em certos casos, isso pode suceder por nossa culpa, como aqui se disse, mas na maior parte dos casos, se se mantêm afastadas e não fazem o mais pequeno esforço para elevar o nível cultural das nossas camponesas, a culpa é delas. Um grande número dentre elas auxilia os popes reaccionários a envenenarem a alma infantil de jovens camponeses.

Também devemos recordar um outro facto. Temos uma grande massa de mulheres, sobretudo turcas — a camarada que representava essas mulheres falou aqui desse assunto — temos muçulmanas búlgaras que ainda vivem na ignorância e na miséria cultural, não por sua culpa, é claro, mas por culpa da herança do passado, porque não conseguimos fazer o que era nosso dever enquanto Frente da Pátria, enquanto Governo, enquanto União das Mulheres, para acelerar o processo de libertação dessa grande massa de mulheres das trevas espirituais e da miséria cultural. Impõem-se métodos e formas de trabalhos especiais entre essas mulheres.

Também se verifica que existem sociedades femininas evangélicas e outras, cuja «actividade social» se limita a reuniões e encontros para orar e cantar cânticos religiosos e isto, quando um povo inteiro se dedicou a um trabalho construtivo e criador, trabalhando para o bem-estar de todos, e quando todos conhecem o provérbio popular: «A vinha não precisa de orações, mas sim de enxada.»

Considero como um testemunho de educação política e de cultura progressista patriótica insuficientes o triste facto de um número apreciável de mulheres inteligentes, filiadas ou não na União, terem em relação às simples operárias, camponesas, donas de casa trabalhadoras, uma atitude altiva, desdenhosa, de conselheiras. Muitas vezes essas intelectuais consideram humilhante para o seu «espírito aristocrático» descer às massas, contactar com o «lodo» e «as trevas» em que se encontram as simples operárias, camponesas e donas de casa trabalhadoras. Podemos observar este fenómeno em muitos locais. Essas mulheres adoptam uma atitude altiva, consideram-se como uma elite, uma alta sociedade no seu

género, sob o regime da Frente da Pátria. A antiga alta sociedade burguesa e apodrecida foi para sempre renegada, no entanto aparece uma nova alta sociedade! Acompanho atentamente o vosso jornal, mas não vejo que reajam contra isso; não vejo nenhuma nota crítica ou artigos que lutem contra este mal.

Tendo em conta estas manifestações e muitas outras semelhantes — vocês mesmas conhecem-nas perfeitamente e é inútil que as repita — é conveniente sublinhar expressamente e persuadir todos os membros da União das Mulheres, todas as sociedades femininas distritais, de que é indispensável proporcionar uma educação sã, progressista, de acordo com as ideias da Frente da Pátria, científica e política, diária, para elevar o nível cultural da mulher, para a educar no espírito da nossa Constituição popular, no espírito do programa da Frente da Pátria, no espírito das tarefas da União Popular das Mulheres.

Todos os membros da União das Mulheres devem estar animados pelo profundo desejo de se dedicarem, segundo as suas forças e possibilidades à propaganda e ao ensino entre as mulheres. Ora toda a mulher o pode vir a ser, se mostrar a aplicação necessária e se obtiver o apoio e o auxílio indispensáveis. É para isso que existe uma União das Mulheres e associações femininas; é para isso que se publicam brochuras e um jornal das mulheres; é nesse sentido que são dadas instruções; é conveniente fazer ainda muitas coisas para esse fim, explicando os problemas e os acontecimentos presentes.

Mas para que cada membro possa ser propagandista e professora, é necessário que se instrua e se forme; é preciso que ela própria se aperfeiçoe constantemente. Como é que poderão explicar às mulheres que estão atrasadas em relação a vocês os acontecimentos internos e internacionais da actualidade, se não estiverem suficientemente esclarecidas sobre o assunto? Como é que poderão explicar as medidas do Governo no domínio da economia e noutros, se não as conhecerem? Como é que poderão ser professoras, se não tiverem assimilado, por exemplo, o programa da Frente da Pátria?

Impõe-se por conseguinte, um cuidado especial sobre este assunto, um trabalho constante com os activistas e os membros das associações. É de entre vós, de entre essas centenas

de milhares de mulheres organizadas, que virão um dia a ser um milhão, que sairão, como de um molde, novas forças, novas dirigentes muito mais capazes do que as actuais dirigentes de determinadas associações. Este é um campo que há séculos se mantém inculto. Mas chegou o momento de o cultivar e de o fertilizar com adubos artificiais. Estes campos podem produzir muitos frutos e o problema dos quadros será solucionado o' mais rápida e eficientemente possível. Teremos excelentes dirigentes e militantes femininos em todos os domínios da nossa vida pública, política, económica e cultural.

As reuniões que vocês organizam são indispensáveis, mas não devem ser demasiado numerosas. O excesso de reuniões, muitas vezes também cansa. Realizem menos reuniões, mas melhor organizadas, mais interessantes e melhor preparadas. São indispensáveis cursos e conferências. No que diz respeito às massas — como o afirmou uma camarada — os serões, os encontros rapidamente organizados, são muito úteis, mas é necessário que haja uma determinada preparação preliminar; aí as mulheres e as jovens podem dar provas de iniciativa e sentir-se mais à vontade do que numa reunião pública. Nelas podem exprimir as suas dúvidas e as suas queixas, obter determinadas explicações e respostas, divertir-se um pouco e regressar a casa, na posse de novos conhecimentos e argumentos que anteriormente ignoravam.

Como sabem, o inimigo não dorme. Leva a cabo, constantemente, uma campanha de intrigas, de calúnias, de boatos hostis e alarmantes. Vocês devem estar armadas com factos e com os argumentos necessários para explicar as coisas — e as professoras primárias não me devem levar a mal — e não à maneira das professoras primárias, não como na escola, porque não se trata de alunos; expliquem as coisas com simplicidade, de uma maneira popular, dêem as explicações necessárias à dona de casa, à operária, à jovem, para que esta saiba como é que deve actuar perante essas intrigas, essas calúnias, esses boatos alarmantes e hostis.

Assim, actualmente, este boato é propagado por todas as vias e canais possíveis: amanhã ou depois vai haver uma nova guerra. Ora a oposição raivosa, em total descalabro, completamente desorientada, só conta com a guerra: consola-se, e os seus amigos também, com a ideia de que a grande guerra vai rebentar amanhã ou depois, e que então já não existirá Frente da Pátria, nem comunistas, que tudo voltará ao antigo curso e poderão voltar a viver à custa dos outros como anteriormente. Põem todas as suas esperanças na guerra sem sequer pensar que se houvesse uma, não seria apenas o povo quem sofreria com isso, mas também eles — pois os inimigos desse povo seriam os primeiros a ser varridos da face da terra.

Nós, que conhecemos os meandros desse mecanismo dos acontecimentos, que conhecemos as relações de força entre os Estados e à escala social, entre as forças da paz e da democracia e as forças da reacção imperialista e do campo belicista, bem como as suas possibilidades respectivas, podemos estar absolutamente tranquilos e seguros, porque o que se passa à superfície mais não é do que boatos e bolas de sabão, que só podem atemorizar aqueles que ignoram o que se passa em profundidade. Para nós, isso é absolutamente evidente. Mas isto deve ser evidente não só para nós e para as dirigentes das diversas sociedades femininas, como também para todas as outras mulheres, organizadas ou não. Desta maneira já não estarão inquietas nem receosas, nem acreditarão que alguém da delegação dos Estados Unidos tenha afirmado que em breve haveria uma guerra, ou que estariam na Grécia formações americanas prontas para atacar a Bulgária. Já não acreditarão em muitos outros boatos hostis análogos, destituídos de fundamento, se estes boatos forem denunciados a tempo. Esta é, antes de mais, uma tarefa das mulheres organizadas. É aqui que vejo a importância do papel que a nossa União Popular das Mulheres deve desempenhar.

Se alguém vos perguntasse agora o que representa, por exemplo, a lei que adoptámos há pouco na Assembleia Nacional sobre o que se designa por grande propriedade cultivada, estou persuadido que muito poucas de entre vós poderiam erguer o braço e declarar que o sabem. Ora quantos boatos circularam por aí, em como iríamos tomar as casitas dos artesãos e dos camponeses? Na verdade, trata-se da grande propriedade agrícola e da sua expropriação sob determinadas condições. Outros propagam também por toda a parte boatos falsos, e um grande número de homens e de mulheres orga-

nizados deixam-se perturbar por isso, porque não conhecem a lei. Isto sucede também com muitos outros problemas. Seria portanto necessário que nos círculos de estudos, nos encontros e nos serões se escolhesse uma lei desta importância para ser lida e explicada.

A execução, por conseguinte, não deve ser apenas geral, deve também possuir um sentido e um conteúdo concretos, deve manter relações com os acontecimentos da actualidade, internos e internacionais, deve manter relações com as tarefas económicas, culturais e outras, que nós desenvolvemos enquanto Governo, Frente da Pátria e União das Mulheres.

Talvez vos aborreça com a minha insistência, mas desejo apresentar-vos um outro problema, sobre o qual se fala e escreve muito pouco no nosso país e que, na minha opinião, ainda não se conseguiu esclarecer. Trata-se do problema da família.

Outrora, era corrente entre os socialistas uma atitude negativa em relação à família. Muitos dos nossos socialistas pensavam então que a família não passava de uma sobrevivência burguesa e que devia desaparecer. É claro que, afirmavam, continuariam a existir homens e mulheres, casamentos, com ou sem amor, e continuariam a nascer crianças. A sociedade encarregar-se-ia dessas crianças, seriam crianças da sociedade. Na maternidade, a mãe daria à luz o seu filho e regressaria a casa com um atestado em como tinha cumprido um determinado dever; o Estado, a sociedade, adoptaria esses bebés, cuidaria deles e estes pertenceriam à sociedade. Segundo estes «socialistas», a família enquanto base da sociedade seria absolutamente supérflua, não passaria de uma relíquia histórica. Isto não é, claro está, um ponto de vista científico, um ponto de vista marxista sobre o problema da família; todavia, estava muito divulgado.

A experiência do primeiro país socialista — a União Soviética — provou que isso constituía, decididamente, um grande disparate da parte desses «socialistas» que consideravam que a família seria liquidada. Na União Soviética, onde, como sabem, o socialismo, a sociedade socialista, já estão edificados, e onde os povos soviéticos, sob a direcção do Partido Bolchevique, trabalham com tenacidade para passar à fase superior do regime socialista, o comunismo, a sociedade

tem como célula essencial — a família, a mãe é o apoio, o pilar da sociedade, a mãe é a primeira e a mais respeitável educadora da criança.

Os cuidados com vista a reforçar as posições da família, da nova família socialista na União Soviética, constituem uma grande tarefa, sempre actual.

Como é que deve ser entre nós, sob a direcção da Frente da Pátria, a família, a família progressista, e sobre que bases deve assentar? Como sabem, também só avançamos para o socialismo; preparamos e edificamos as bases do regime socialista no nosso país. A nossa família progressista, a nossa família sob a direcção da Frente da Pátria, deve assentar:

Primeiro — na igualdade dos direitos da mulher e do homem;

Segundo — no respeito mútuo entre o homem e a mulher;

Terceiro — no apoio moral recíproco entre os esposos;

Quarto — na preocupação comum relativa aos cuidados e à educação dos filhos;

Quinto — mas não menos importante, no trabalho e na luta em comum para a realização do programa da Frente da Pátria.

Eis as bases sobre as quais pode existir uma família sólida e progressista sob o regime da Frente da Pátria, enquanto célula fundamental da nossa sociedade de hoje e de amanhã. Para se conseguir reforçar a família no nosso país, formar elos familiares mais sólidos nas cidades e nos campos, em todo o país, é necessário que o Governo, os membros da Frente da Pátria, e muito especialmente as mulheres filiadas na União das Mulheres, dediquem a este problema um grande cuidado diário, sistemático e constante.

Não é em vão que a Constituição da nossa República Popular vela muito especialmente pela família. Não é em vão que o programa da Frente da Pátria, adoptado pelo Congresso, engloba uma série de medidas concretas para a protecção da mãe e do filho, para a consolidação da nova família no nosso país.

As dificuldades que todos os dias encontramos na vida, as contrariedades com que todas as famílias devem lutar, criam — sabem-no por experiência — até mesmo nas melhores famílias, determinadas disputas, determinadas contrariedades. Mas

o nosso princípio, caras camaradas, a nossa regra imutável, deve ser, como diz o ditado popular, «nunca queimar o colchão por causa da pulga que nele poderia estar». Os mais insignificantes desacordos e contrariedades, causados pelas exigências da vida diária e suas dificuldades, podem e devem ser vencidos, apagados de comum acordo e graças à boa vontade manifestada pelo homem e pela mulher. Não pode haver dúvidas de que o homem tem grandes obrigações; sob este aspecto, a sua responsabilidade é muito grande. No nosso país, ainda não compreenderam bem isto. Muitos homens não conseguem compreendê-lo, porque o passado fez do homem, de há muitos séculos para cá, o senhor: é ele quem manda, tudo lhe é permitido, a mulher deve submeter-se-lhe. Muitos homens ainda não conseguem libertar-se desta vergonhosa herança do passado. Mas muitas coisas também dependem da mulher. E permito-me dar-vos um conselho fraterno: não pensem e não ajam escutando apenas as pulsações momentâneas do vosso coração, nem sob a influência de sentimentos passageiros, mas sobretudo com a vossa razão, sabendo que a família não é apenas obra vossa, que não se trata apenas de vós próprias e das crianças, mas que se trata, o que é muito mais importante, de uma obra comum.

A capacidade da mulher para um trabalho social, a produtividade do trabalho do homem, do filho e da filha na empresa ou na administração, dependem em boa parte do que se passa na família. No mais modesto interior, podem criar ou contribuir para criar uma atmosfera mais serena, se, por exemplo, mesmo nessa humilde casita houverem mais cuidados com a ordem e a limpeza, se houvesse, ainda que mais não fosse, uma pequena jarra de flores. De um modo geral, as nossas mulheres prestam pouca atenção a estas coisas. Que haja uma jarra de flores, que a pequena habitação esteja limpa, agradável, que a dona de casa esteja vestida com simplicidade, mas asseada, não despenteada ou mal vestida como um espantalho. Até mesmo nas mais difíceis condições, na mais dura situação, com boa vontade e cuidado da sua própria pessoa, a mulher pode conseguir muito neste domínio, criar uma atmosfera amigável, uma atmosfera de segurança moral, de modo que o trabalho de ambos os cônjuges avance. Uma família como esta não só não se

separa em consequência de um encontro fortuito com um belo homem ou com uma mulher bonita — podem passar no seu caminho como borboletas — como o elo se torna mais sólido, porque há uma fusão interna, porque não há, neste caso, um sentimento passageiro, como o humor de um indivíduo que após ter bebido um pouco não sabe o que fez, e que no dia seguinte regressa à terra. Neste caso há um elo sólido, moral, espiritual, cultural e económico, actuando no bem-estar dos dois esposos, na felicidade dos filhos que criaram e pelos quais têm de responder perante a sociedade.

A mulher continua a ser um factor importante no seio da família. É sobretudo ela que cria a atmosfera — boa ou má — no seio da família. Um homem, com uma mulher dedicada, progride, enquanto que um homem com uma mulher má, recua, falha. O contrário também é verdade. Mas a primeira constatação aplica-se sobretudo em casa, no lar, no ambiente familiar e com as crianças.

Queria levantar aqui o problema das chamadas donas de casa. Como sabem, centenas de milhares de mulheres no nosso país, com mais filhos, não podem ser operárias nas empresas ou empregadas nas administrações. Realizam um trabalho particular em casa e fora de casa, e por isso mesmo são politicamente activas, realizam um trabalho social. Felizmente no nosso país a percentagem dessas mulheres aumenta cada vez mais. Muitos estrangeiros admiram-nos com razão, porque as nossas mulheres atingiram, pelas suas actividades sociais, um nível superior em relação às mulheres de muitos outros países.

O trabalho da dona de casa, que é simultaneamente um trabalho de cozinheira, de costureira, de enfermeira, de criada, um trabalho em todos os campos, é um trabalho de utilidade pública. São grandes os cuidados que estas mulheres dedicam à educação dos seus filhos. A minha mãe, Parachkeva, tinha oito crianças e tratou deles sozinha, sem nenhuma criada. Esse trabalho, esses cuidados da mãe para com os seus filhos, são absolutamente indispensáveis. Sem ele não se podiam criar e educar as crianças em idade pré-escolar. Antes que a escola materna, que a creche ou a organização «Septemvriitche» possam intervir, é a mãe que se encarrega totalmente da educação das crianças.

Podemos perguntar-nos: porque é que, de um modo geral, damos menos valor a esse trabalho do que ao da operária na fábrica que fabrica vários objectos e mercadorias ou do que ao da empregada que realiza um trabalho importante no seu escritório? Considero — e afirmo-o com toda a franqueza — que o trabalho social que a dona de casa realiza, paralelamente ao seu duro trabalho caseiro, ao seu trabalho em casa, para as crianças, é um verdadeiro feito. De facto, é um verdadeiro feito essas mulheres, já cansadas por um duro trabalho em casa, pelas preocupações de abastecimento, pelas bichas para comprar alguns géneros alimentares raros, ainda encontrem forças para trabalhar na Associação feminina ou para efectuar qualquer outro trabalho social, num «atelier» de costura ou numa brigada. Esse trabalho da dona de casa, da nossa companheira, merece todo o nosso respeito em vez de ser subestimado. Acaso existe alguma razão para considerar esse trabalho da dona de casa como tendo menos valor do que o das operárias no circuito produtivo ou das empregadas nos escritórios? Penso que não há absolutamente nenhuma, que não se pode encontrar nenhuma justificação para isso. É um assunto sobre o qual é conveniente falar, escrever, explicar a importância. É preciso que as donas de casa que trabalham não se sintam como seres de segunda categoria, inferiores, de menos valor.

Poderemos aqui acrescentar, se quiserem, um outro argumento. Existem no nosso país mulheres e jovens ocupadas na produção, na administração, nas diversas organizações sociais, cujo número exacto não vos posso citar neste momento, mas que não ultrapassa 250 000. Ora digam-me, qual é o número das donas de casa na Bulgária? São três vezes isso. Se tomarem, por exemplo, a vossa organização, verificam que são as donas de casa que constituem a maioria.

O ministro Tzola Dragïtcheva: São essencialmente donas de casa.

O presidente do Conselho Jorge Dimitrov: Ainda bem que essas mulheres também cumprem um trabalho social. Camaradas, é conveniente acabar com a atitude errada e nociva em relação às donas de casa; quanto mais depressa o fizermos, tanto mais depressa veremos essa enorme massa

de mulheres trabalhar mais activamente para o êxito da causa comum da União das Mulheres e da Frente da Pátria.

Infelizmente vivemos tempos difíceis. O abastecimento é difícil, é difícil assegurar o fornecimento de vestuário; o problema da habitação é muito duro, a crise da habitação atormenta-nos muito. É impossível remediar tudo isso imediatamente. Trata-se de dificuldades temporárias, que é preciso suportar, eliminando-lhes, claro está, as irregularidades — e estas existem. Estas dificuldades caem mais sobre os ombros das mulheres do que sobre os dos homens. Soube por muitas fontes que um grande número de mulheres, membros da União das Mulheres, boas activistas, mulheres dedicadas à nossa pátria, que se esforçam por cumprir o melhor possível um trabalho social e que, por assim dizer, participam em todas as acções, em todas as iniciativas sociais, têm muitas preocupações por causa dos seus filhos. Os filhos de muitas destas activistas são deixados na rua enquanto elas efectuam um trabalho social. Acaso poderíamos nós, a Frente da Pátria, a República Popular da Bulgária, encontrar um meio para que seja exercido um certo controle sobre essas crianças, para que se cuide delas? Penso que o podemos fazer, que o devemos fazer. As vizinhas, à escala local, podem dar um auxílio, no entanto a nossa sociedade e a União das Mulheres devem tomar medidas. Temos interesse em que os filhos de mães progressistas e activas não cresçam ao abandono, mas sim que se desenvolvam como deve ser, tanto do ponto de vista físico como espiritual. As associações femininas locais e as suas dirigentes deviam pensar seriamente neste problema e, com os modestos meios de que dispõem, fazerem o necessário. Existem essas possibilidades. Podem-se encontrar meios; retirar-se-á aqui e ali, utilizar-se-ão determinadas possibilidades mais racionalmente do que até agora, e a situação melhorará. Esse melhoramento é absolutamente necessário. É conveniente cuidar da mãe e dos filhos sob todos os aspectos. Amanhã, é o Dia da Mãe. É conveniente que se preste homenagem à mãe, ao seu papel grandioso, àquela que dá a vida. E esta homenagem não deve consistir apenas em discursos, em felicitações — de facto, é necessário celebrar solenemente esse dia, mas em primeiro lugar com mais cuidados testemu-

nhados às mães, com a preocupação de as auxiliar, para que tenham o mínimo necessário.

É conveniente cultivar incessantemente o respeito em relação à mãe. Um camarada falou aqui do culto pela búlgara. É conveniente elevar ao nível de culto os sentimentos em relação à mãe búlgara afectuosa e dedicada. É conveniente dispersar os receios de muitas mulheres no que se refere às dores do parto. Têm medo de dar à luz, pois é uma coisa penosa. E depois de ter dado à luz um filho, existem as dificuldades de o educar. Todavia a maternidade é uma coisa grandiosa — dar à luz crianças sãs e simultaneamente com o leite materno, inculcar-lhes o amor da pátria, a dedicação ao seu próprio povo, a fidelidade ao socialismo e a confiança no seu triunfo.

Temos grandes dificuldades a vencer. Vocês conhecem-nas. Mas creio que as mulheres, e sobretudo as mães, podem compreendê-las melhor e suportá-las melhor com o auxílio moral e político apropriado. Porquê? Porque sabem, pela sua própria experiência, o que lhes custa o parto, a vinda ao mundo de um futuro cidadão ou cidadã da nossa República popular. Sabem por experiência quantas dificuldades, contrariedades e indisposições a mãe suporta durante meses até que o menino ou menina venham ao mundo — felicidade suprema tanto para a mãe, como para o povo. É a parteira e evidentemente, sabem-no bem, a parteira experimentada, quem pode aliviar esses sofrimentos durante a gravidez e as dores do parto. Mas apesar da sua feliz intervenção a mãe suporta inevitavelmente grandes dores.

Ora vocês mesmas podem compreender que, nestas circunstâncias, não é possível que o embrião que já se desenvolveu no seio da sociedade actual e que está prestes a vir ao mundo — o novo regime social, o socialismo —, não pode nascer sem as dores do parto. Quem é o ingénuo que poderia acreditar que enquanto o nascimento de uma criança não se pode dar sem as dores do parto, o nascimento da nova sociedade, em contrapartida, se pudesse efecutar sem dores? É impossível. Também neste caso a parteira experimentada, isto é, a inabalável Frente da Pátria, pode atenuar as dores da sociedade e deve atenuá-las.

No entanto, estas continuam a ser incomparavelmente maiores do que as de um parto, mas devem ser vencidas, devem ser vividas, para a felicidade de todo o nosso povo de todo o País.

Todos nós devemos dar um auxílio constante a esta parteira histórica que é a Frente da Pátria, para um parto feliz da nossa radiosa sociedade. Esta parteira colectiva são os melhores homens e mulheres da Bulgária, os melhores jovens.

Esta parteira colectiva adquire todos os dias mais experiência; prepara-se para o desenlace final; e não pode haver a mais pequena dúvida de que conseguirá aliviar as dores do parto da nossa sociedade socialista.

Permitam-me que termine exclamando: «Vivam as mulheres e as jovens búlgaras, tão trabalhadoras e dedicadas!»

Viva a União Popular das Mulheres Búlgaras, essa grande escola de educação política e cultural da mulher búlgara!

Viva a inabalável Frente da Pátria!

Publicado na brochura:
O papel e as tarefas das mulheres na República Popular da Bulgária.
1948, pp. 35 a 53.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 34-51.

UMA NOVA GUERRA MUNDIAL NÃO É HOJE NEM INEVITÁVEL, NEM IMINENTE

DISCURSO PRONUNCIADO NO GRANDIOSO COMÍCIO REALIZADO EM PRAGA, A 23 DE ABRIL DE 1948

Camaradas!

A oportunidade que tenho, nesta grandiosa manifestação de fraternidade entre o povo checoslovaco e o nosso povo, o povo búlgaro, de transmitir ao governo popular da República da Checoslováquia, a todo o povo checoslovaco, as mais calorosas saudações do povo búlgaro, em nome da República Popular da Bulgária, em nome do governo e em nome da delegação governamental búlgara, que se encontra entre vós, é-me muito agradável.

Desejava sobretudo felicitar-vos pela vossa brilhante vitória de Fevereiro sobre as forças obscuras da reacção na Checoslováquia, vitória do povo checo e eslovaco, vitória da heróica classe operária checoslovaca, dirigida pelo nosso camarada e amigo sincero Clement Gottwald.

Para todos nós, este dia não é apenas muito solene, é um dia histórico, que as gerações futuras saberão apreciar ainda melhor do que os contemporâneos desta grande obra.

Nós, os dois governos, o vosso e o nosso, concluímos hoje um tratado duradouro de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República da Checoslováquia. Aos tratados concluídos pelas nossas

repúblicas populares com os outros povos eslavos e não eslavos, e muito especialmente com a grande União Soviética — nossa aliada e nossa protectora —, acrescentamos um elo muito importante, um novo tratado, um novo elo à nossa fraternidade eslava, à comunidade democrática progressista, com o grande povo russo, com a União Soviética à frente.

Este tratado não é fruto da diplomacia secreta, como sucedeu outrora com muitos tratados. Este tratado não foi redigido e assinado às escondidas. A sua publicidade é total. É concluído entre o nosso povo e os povos da Checoslováquia — pela sua vontade e desejo — perante todo o mundo. Não é dirigido contra nenhum outro povo, contra nenhum outro Estado. Não é só um trabalho útil para os nossos povos, como também um precioso contributo para o estabelecimento de uma paz democrática duradoura na Europa Central, nos Balcãs e em todo o mundo.

A sua importância é tanto maior quanto, como sabem, vários imperialistas, aventureiros e amantes dos bens alheios, espoliadores do povo, se esforçam intensamente por levar a cabo novas guerras e impedem o estabelecimento de uma paz democrática duradoura, indispensável e tão desejada por todos os povos.

Assinámos este tratado e assumimos reciprocamente obrigações profundamente convencidos de que será consequente e inteiramente realizado — para o bem dos nossos povos e para a paz. O penhor disso é o regime democrático e popular no vosso e no nosso país, o penhor disso são os nossos povos trabalhadores e *amantes da liberdade,* o penhor disso é a classe *operária,* força dirigente da democracia popular no vosso e no nosso país. Um penhor disso são os governos populares da Checoslováquia e da Bulgária, que não têm nem poderiam ter outra finalidade, nem nenhuma outra intenção, salvo a de servir fiel e honestamente os seus povos, a causa da democracia popular, a causa do socialismo.

Num discurso recente, o presidente americano Truman declarou literalmente: «A trágica morte da República checoslovaca abalou o mundo civilizado.»

Camaradas:

Percorremos uma grande parte da Checoslováquia, de Parkani até Praga. Vimos algumas fábricas em Praga, vimos a magnífica cidade de Praga. Vimos checos e eslovacos, operários, camponeses e intelectuais, trabalharem com entusiasmo para o desenvolvimento da sua pátria. Vimos a vossa heróica juventude. Vimos mulheres e jovens trabalharem para a prosperidade da República checoslovaca. Vimos os rostos risonhos das criancinhas — o mais precioso capital do povo checoslovaco; vimos as planícies e os campos, tão bem cultivados graças ao trabalho dos agricultores checos e eslovacos. Vimos uma grande parte dos intelectuais de Praga que trabalham para a edificação da República popular da Checoslováquia. Por toda a parte vimos rostos radiosos, um verdadeiro entusiasmo e uma fé profunda nas forças do povo, na obra do povo. Vimos com os nossos próprios olhos e sentimos profundamente que a República checoslovaca vive inteiramente, que está em pleno progresso, animada por uma actividade criadora, apesar de todas as dificuldades passageiras que, é claro, não são poucas. Onde é que está essa «trágica morte da República checoslovaca» que teria, hipoteticamente, abalado o mundo civilizado? Nenhum vestígio disso. Que Deus conceda uma tal morte «trágica» a todos os povos — poderíamos responder, com razão, ao presidente americano.

Vemos perfeitamente que determinados grandes estadistas conhecem mal ou não querem saber o que se passa realmente no mundo e muito especialmente nos nossos países, os países da nova democracia. Ainda pensam à moda antiga. Vivem com noções e apreciações sobre a Europa, sobre os povos europeus, muito especialmente sobre os nossos povos, de há talvez 50 anos. Ora a última guerra mundial, paralelamente a muitos outros resultados importantes, trouxe para a arena internacional um novo e poderoso factor. Ao lado do grande país do socialismo surgiram Estados cujos povos são diferentes do que foram no passado e tomaram entre mãos os seus próprios destinos; povos que se ergueram para se desembaraçarem do jugo, da escravatura do imperialismo e edificar o seu lar da maneira ditada pelos seus interesses, pela sua felicidade, a felicidade dos seus filhos.

Este factor é ignorado pelos estadistas em questão nos seus cálculos e nos seus planos. Eliminam os nossos povos; ora não há força no mundo capaz de eliminar, de destruir

estes povos que decidiram viver em liberdade, avançar sempre ousadamente na via do seu bem-estar, na via do socialismo.

Os observadores superficiais daquilo que actualmente se passa no mundo, só vêem quadros sombrios e trágicos. São perturbados pelos contínuos rumores de uma nova guerra mundial; só vêem as intrigas dos imperialistas e dos seus agentes — os socialistas de direita.

Contudo camaradas, vivemos uma época grandiosa, uma época de transformações históricas profundas. Presentemente, são os povos que devem decidir e que decidirão a sua sorte, e não o dólar, a bomba atómica, ou outros horrores ou monstruosidades que contra eles poderiam ser dirigidos.

Vocês mesmo sabem que todos os dias são espalhados rumores alarmantes, segundo os quais seria, hipoteticamente, inevitável, iminente, uma nova guerra mundial. Pretende-se deste modo intimidar os povos que não se submetem ao imperialismo. Desejariam submetê-los, ajoelhá-los, para que os milionários e os multimilionários do dólar pudessem continuar a explorar os outros povos e o seu trabalho.

Existem cidadãos, realmente não-informados — camponeses, operários, empregados, homens, mulheres e jovens — que se deixam influenciar por esses rumores alarmantes sobre uma guerra inevitável, iminente. Para determinados estadistas com nervos fracos, que tremem mal as tempestades aparecem sem compreenderem que, habitualmente, depois da tempestade o sol brilha e aquece ainda mais, toda esta histeria belicista parece um perigo real.

Todo este barulho, toda esta propaganda e todas estas contínuas instigações a novas guerras têm fins determinados, nocivos para os nossos povos, úteis apenas para os nossos inimigos.

Mas devemos saber e ter presente no espírito, baseando-nos num estudo atento da real situação internacional, da relação de forças nos vários países e à escala internacional, baseando-nos no que realmente se passa e não no que se desejaria fazer passar pela realidade sem o ser — e devemos sabê-lo pertinentemente — que uma nova guerra mundial não é actualmente nem inevitável, nem iminente. Não é nem inevitável, nem iminente, embora existam imperialistas e aventureiros interessados em atear o incêndio de uma tal guerra. Porquê?

Primeiro — Porque os povos nem sequer querem ouvir falar de uma nova guerra. As gerações que conheceram os horrores da guerra hitleriana de agressão ainda estão vivas. Nenhum povo desejaria conhecer uma nova e terceira guerra mundial. Os povos são a favor da paz e só da paz — uma paz duradoura e democrática.

Segundo — Uma nova guerra não é nem inevitável, nem iminente, porque os povos, as suas forças democráticas, se unem numa poderosa frente de paz e de democracia, à frente da qual se encontra a grande União Soviética, numa frente de paz e de democracia que une cada vez mais todos os que são honestos e amantes da liberdade, tanto na Europa de Leste como de Oeste, em todos os continentes do mundo. E essa frente aumenta todos os dias.

Terceiro — Porque numa série de Estados os povos já tomaram o poder nas suas próprias mãos e têm os seus governos populares. As cliques capitalistas venais nesses países ou foram definitivamente afastados do poder ou vivem a sua última hora de poder.

Quarto — Porque uma democracia popular se ergue; a sua força dirigente é a classe operária — a base, a ossatura da luta pela paz, contra os fautores de uma nova guerra mundial.

Quinto — Porque a vigilância das massas populares em relação aos planos e actos dos fautores de uma nova guerra mundial se reforça cada vez mais.

Sexto — Porque aqueles que desejariam atear o incêndio de uma nova guerra mundial a única palavra de ordem que poderiam lançar seria a de uma guerra contra a democracia, contra o socialismo — a mesma palavra de ordem anticomunista de Hitler — e isto num momento em que para os povos — para a classe operária, para os camponeses, para os intelectuais progressistas — a democracia e o socialismo constituem a sua maior aspiração e a sua mais preciosa conquista durante a dura luta contra o jugo hitleriano.

Ainda poderíamos enumerar toda uma série de outras razões, que provam que uma nova guerra mundial não é actualmente nem inevitável, nem iminente. Mas é importante citar mais um argumento nesta ordem de ideias. Camaradas, não

existem problemas entre os grandes e pequenos Estados no mundo que não possam ser resolvidos pacificamente, sem guerra, na condição de se respeitarem os acordos internacionais de Teerão, de Yalta e de Potsdam, na condição de se respeitarem estritamente os princípios da Organização das Nações Unidas; a União Soviética, como é notório, fornece a esse respeito, todos os dias, excelentes exemplos.

Pergunta-se quais seriam as massas populares que se iriam imolar, verter o seu sangue, expor os seus lares à destruição, as suas famílias à ruína e à desgraça, pelos interesses e riquezas dos imperialistas? Como é que, actualmente, depois da Segunda Guerra Mundial, os povos, os operários e os agricultores americanos, os operários e os agricultores ingleses, os operários e outros trabalhadores daquilo a que chamam Europa Ocidental, poderiam ser enviados para verter o seu sangue nos Balcãs ou na Checoslováquia? Para que fins úteis às massas populares?

Os nossos povos, os nossos operários, camponeses, artesãos e intelectuais podem dedicar-se firme e resolutamente ao seu trabalho criador, realizar o seu dever patriótico nas fábricas, nos escritórios, nos campos, no exército, seja onde for, e isso sem se deixarem perturbar pelo pânico nem pela história belicista internacional propagada.

Tudo isto não significa decerto que nos possamos descuidar, que deixaremos de pensar e de nos preparar para a defesa, uma defesa firme e inabalável da nossa liberdade, da nossa independência, da nossa soberania nacional, do nosso futuro e o dos nossos filhos.

Pelo contrário, é indispensável uma maior vigilância, uma unidade nacional ainda mais firme, um trabalho criador ainda mais fecundo. É necessário que os nossos planos económicos, os nossos planos de produção, sejam realizados e ultrapassados, para que a nossa força económica aumente cada vez mais. São necessários a emulação e o trabalho de choque nas fábricas, nas minas, nos campos, por toda a parte. É necessário fazer ouvir em todas as camadas do povo a palavra de ordem que proclama a necessidade de adquirir mais conhecimentos, de elevar o nível cultural, e que tudo isto é indispensável para vencer as dificuldades e os obstáculos temporários. Também é necessário força material. É uma felicidade

que tanto vós, como nós, tenhamos uma juventude, uma heróica juventude que está disposta a defender a sua pátria amada com o seu trabalho, pelas armas e com o seu sangue.

Pelo tratado que ontem assinámos comprometemos a nossa palavra de governos e de povos, e sobretudo de classes operárias, em avançar firme e resolutamente na via salvadora que escolhemos, porque para nós não existe outra via de salvação. Não nos deixemos perturbar por nenhuma intriga ou calúnia dos inimigos endurecidos da paz, da democracia e do progresso. Tenhamos fé nas nossas próprias forças populares, na unidade dos nossos povos, nas forças dos nossos aliados, na força do nosso maior e mais fiel amigo e aliado — a grande União Soviética.

Finalmente quero fazer votos para que os trabalhadores e intelectuais de Praga façam da sua cidade, que foi e continua a ser o centro da cultura nacional checoslovaca, o coração de toda a Checoslováquia, que façam realmente dela uma Praga de Ouro para o povo checoslovaco, para o povo búlgaro, para todos os eslavos e para a humanidade progressista. O estandarte da solidariedade eslava e da luta pela paz e pela democracia deve ser erguido bem alto por essa Praga de Ouro, e esse estandarte deve ser mantido pelo povo checoslovaco sob a direcção da vossa classe operária, com o operário Clement Gotwald, o primeiro e o maior operário checoslovaco Clement Gottwald, à frente.

Viva a fraternidade, o amor sincero, a cooperação constante e a ajuda mútua cordial, em todas as circunstâncias, entre a República da Checoslováquia e a República Popular da Bulgária.

Camaradas:

Em frente, de mãos dadas com todos os povos eslavos democratas, de mãos dadas com a União Soviética, em frente pela edificação e consolidação da democracia popular, via justa e segura para o novo regime social, criador de felicidade — o socialismo!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 97,
de 25 de Abril de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 68-77.

EM FRENTE, PELO TRABALHO, PELO ENSINO E PELA LUTA RUMO A NOVOS ÊXITOS E NOVAS VITÓRIAS

DISCURSO PRONUNCIADO NO GRANDIOSO COMÍCIO REALIZADO EM SÓFIA, POR OCASIÃO DA CHEGADA DA DELEGAÇÃO GOVERNAMENTAL BÚLGARA, A 28 DE ABRIL DE 1948

Caros cidadãos e cidadãs da República Popular da Bulgária!

Camaradas!

Jovens e membros da organização Septemvriitche!

Cumpro uma missão muito agradável de que fui encarregado pelo nosso amigo, camarada e aliado — o presidente do Conselho da República da Checoslováquia Clement Gottwald: transmitir-vos, e por vosso intermédio, a todo o povo búlgaro, as calorosas saudações fraternas e cordiais do povo checoslovaco, do seu governo popular.

Como delegação governamental búlgara, passámos uma magnífica semana entre os nossos irmãos checos e eslovacos. Tivemos ocasião de percorrer uma grande parte do território checoslovaco e de ver com os nossos olhos, de constatar com alegria e admiração, os êxitos da República checoslovaca, o progresso no campo do trabalho, o entusiasmo e a unidade do povo na Checoslováquia.

Por toda a parte, nas cidades e nos campos por onde passámos, e especialmente a população da magnífica capital eslava da República Checoslovaca, a cidade de ouro de Praga, fomos sempre muito calorosamente acolhidos.

Basta-me assinalar que, a este respeito, as nossas expectativas foram, de longe, ultrapassadas.

Era a expressão da afeição do povo checoslovaco para com o nosso povo búlgaro, da solidariedade e da dedicação da classe operária da Checoslováquia para com a nossa classe operária. Era a expressão muito palpável da viva simpatia, da compreensão mútua e do desejo comum de atingir os mesmos fins da juventude popular da República da Checoslováquia e da nossa juventude popular, das magníficas crianças checoslovacas e dos nossos membros da organização Septemvriitche.

Vimos com os nossos olhos como a República checoslovaca, a propósito da qual o presidente americano tinha recentemente declarado que tinha morrido tragicamente, vive a plenos pulmões e constitui um belo jardim, o qual, agora que o povo checoslovaco, sob a direcção da sua classe operária, tomou inteiramente os seus destinos entre mãos, se desenvolverá completamente e dará magníficos frutos aos checos e aos eslovacos, para bem da nossa fraternidade búlgaro-checoslovaca, da nossa causa comum, e para bem de todos os povos eslavos e da paz mundial.

Depois de termos visto as fábricas, depois de termos visto os heróis do trabalho e o seu ardor, o seu entusiasmo em criar e construir, depois de termos visto os campos tão bem cultivados pelos agricultores checoslovacos, tão trabalhadores e dedicados à sua pátria, depois de termos visto os rostos radiosos da juventude checa e eslovaca, depois de termos visto as magníficas crianças de Praga e de outras cidades e aldeias, depois de termos visto o impulso criador geral neste país eslavo fraterno, não pudemos deixar de partilhar totalmente da profunda indignação que fervilha nas almas e nos corações de todos os patriotas checoslovacos, homens e mulheres, por causa da grosseira intervenção de americanos e outros nos negócios internos da República checoslovaca. Não pudemos deixar de partilhar *totalmente da profunda* indignação em relação aos fantoches chilenos dos imperialistas americanos, que tiveram a audácia de tentar colocar a República Popular da Checoslováquia, em pleno progresso, no banco dos réus perante a Organização das Nações Unidas. O povo checoslovaco está indignado com razão contra este comportamento por parte de estadistas «civilizados»; mas está decidido a

seguir o seu caminho pela via salvadora, apesar de todos os obstáculos e dificuldades; e está disposto a encarar com uma calma resoluta e dignidade nacional as vergonhosas manifestações desses representantes do velho capitalismo apodrecido.

Depois de termos tomado conhecimento de mais perto da estrutura económica da República checoslovaca, verificámos ainda mais claramente que a sua estrutura económica e a da República Popular da Bulgária permitem uma cooperação económica muito fecunda e fértil!

A indústria checoslovaca é capaz de produzir e de fornecer ao nosso país, que ainda é pobre do ponto de vista industrial, máquinas, instrumentos, meios de produção preciosos. Por seu turno, precisa das nossas culturas industriais, que a nossa economia rural é capaz de fornecer e de reservar para o desenvolvimento e o reforço ulteriores da indústria da República checoslovaca.

Vimos e estamos convencidos de que não só estamos unidos pelo sangue eslavo e pela amizade tradicional entre os nossos povos, que tem raízes profundas e que se reforçou em consequência das transformações democráticas e populares ocorridas na Checoslováquia e no nosso país, mas também de que os nossos interesses económicos, políticos, culturais e sociais comuns nos instigam a estar lado a lado, a avançar de mãos dadas, a agir como verdadeiros irmãos para o bem-estar dos nossos povos, para o bem comum dos nossos filhos e para o desenvolvimento dos nossos países em todos os domínios.

Depois de termos saído do comboio na estação de Praga, depois de termos apertado as mãos fraternas dos dirigentes da República checoslovaca, logo constatámos com alegria que falávamos a mesma linguagem, a linguagem da amizade eslava, a linguagem da democracia popular, a linguagem da edificação do socialismo.

Foi por isso que, em duas sessões da nossa conferência comum, conseguimos elaborar e adoptar, por total unanimidade, o tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua, e se conseguiu solucionar amigavelmente e com uma surpreendente unanimidade uma série de problemas económicos, sociais e culturais; num futuro próximo, os frutos

desta solução exercerão uma influência favorável para aprofundar a amizade entre os nossos povos, sobre a sua cooperação e ajuda mútua.

Também constatámos que o governo de Clement Gottwald, contrariamente à propaganda estrangeira hostil, é um governo popular que tem a confiança e o apoio dos povos checo e eslovaco, que êsse governo está decidido a fazer com que o parlamento adopte uma constituição que assegure o desenvolvimento democrático da República e dê aos povos checo e eslovaco, à classe operária checoslovaca, aliada aos camponeses e com a participação dos intelectuais progressistas, a possibilidade de edificar um regime social e político socialista justo e que garanta a felicidade do povo.

Pudemos constatar com satisfação que sobre os problemas essenciais da política externa na via do socialismo dos nossos dois países, as suas concepções fundamentais coincidiam com as nossas.

Quando nos despedimos de Clement Gottwald e do governo popular da Checoslováquia, prometemos reciprocamente arregaçar as mangas e fazer tudo, absolutamente tudo, para realizar, com espírito de continuidade e até ao fim, o tratado de aliança pela paz, pela democracia e pelo progresso económico dos nossos países! Até ao fim!

Como conheço bem o nosso povo, pude declarar sem hesitações a Gottwald e aos dirigentes do povo checoslovaco que nós, o nosso povo, a nossa República popular, continuaremos a ser o aliado fiel, honesto, dedicado do povo checoslovaco.

E despedimo-nos partilhando a vontade firme de avançar na via escolhida de mão dada, como amigos, com as outras democracias populares amigas, com as forças democráticas de Inglaterra, França, Itália, América do Norte, América Latina — de todo o mundo —, sob a direcção do nosso maior aliado comum, a poderosa União Soviética.

Camaradas:

Dentro de dois dias, no 1.º de Maio, nós, o nosso povo, a nossa classe operária, a nossa juventude, tudo o que é honesto, trabalhador e patriótico na nossa República, teremos a possibilidade de manifestar também a nossa fraternidade búlgaro-checoslovaca que é uma nova pedra, ou melhor, um

novo bloco de granito no edifício de uma paz democrática duradoura. Manifestaremos o nosso amor sem limites para com a nossa própria pátria, a nossa unidade eslava, a nossa solidariedade internacional com os trabalhadores de todo o mundo, a nossa fidelidade e a nossa dedicação aos nossos aliados e ao campo democrático anti-imperialista, com a União Soviética à frente, contra os fautores de uma nova guerra, contra os que querem minar as bases da unidade do povo e da cooperação internacional, contra os que se esforçam por todos os meios por impedir o progresso dos nossos países livres e das nossas repúblicas populares.

Presentemente existe para nós, para o nosso povo, para a nossa gloriosa classe operária, para os nossos camponeses trabalhadores, para os nossos jovens de ambos os sexos e até mesmo para as crianças membros da organização Septemvriitche, uma lei suprema que nos ordena: trabalhemos incansavelmente e sejamos disciplinados no trabalho, manifestemos a unidade indefectível do povo, lutemos sem hesitações pela salvaguarda da nossa liberdade e da nossa independência, da nossa fraternidade e da nossa união com os povos eslavos e pela cooperação com todos os povos amantes da liberdade da Europa Oriental, Central e Ocidental, de todo o mundo!

Viva a fraternidade e a união búlgaro-checoslovaca!

Viva a inabalável Frente da Pátria sob a direcção da gloriosa e heróica classe operária da Bulgária!

Viva a nossa jovem e amada República Popular, que esta se reforce e desenvolva cada vez mais!

Em frente camaradas, cidadãos e cidadãs, em frente, pelo trabalho, para o ensino e para a luta, por novos êxitos e novas vitórias do povo búlgaro, do povo irmão checoslovaco, de toda a família eslava, do mundo democrático e amante de liberdade, com a grande União Soviética à frente!

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 82-88.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 101,
de 30 de Abril de 1948.

NA NOSSA REPÚBLICA POPULAR O EXÉRCITO FAZ PARTE INTEGRANTE DO POVO

DISCURSO PRONUNCIADO POR OCASIÃO DA PROMOÇÃO AO PRIMEIRO POSTO DE OFICIAL DOS ASPIRANTES DA 68.ª PROMOÇÃO DA ESCOLA MILITAR NACIONAL «VASSIL LEVSKI», A 30 DE ABRIL DE 1948

Caros novos oficiais do nosso exército popular,

Caros generais e oficiais,

Caros convidados da nossa magnífica Escola Militar.

Sinto-me muito feliz por felicitar muito cordialmente, em nome do governo da Frente da Pátria e em meu nome pessoal, estes 310 novos oficiais que abandonam hoje a Escola Militar para entrarem nas respectivas unidades do exército.

É claro que para serem promovidos a oficiais foram bem sucedidos no exame da Escola Militar. Mas não duvido que se dão perfeitamente conta de que é agora, nas próprias fileiras do exército, que terão de fazer o verdadeiro exame, que terão de pôr em prática no exército aquilo que aqui aprenderam, a têmpera que obtiveram na Escola Militar, a formação militar, teoria e prática, que possuem como chefes de pelotões ou oficiais políticos e que deverão submeter-se a um outro exame muito importante, como chefes, camaradas e educadores dos nossos combatentes.

Para este exame não deverão poupar nem trabalho, nem tempo, nem as suas forças. Aquilo que aqui aprenderam, os seus êxitos na Escola Militar, serão verificados no exército

onde cada um poderá mostrar os seus aspectos bons e até mesmo os seus pontos fracos. O estudo, a assimilação ulterior da arte militar serão as suas tarefas específicas durante o período que os espera, durante o qual, ao mesmo tempo que eles próprios se desenvolvem e se qualificam como militares, deverão formar a nossa juventude popular, educar e preparar combatentes sólidos, dedicados à nossa pátria, sabendo manejar perfeitamente as suas armas — para defender a independência e a liberdade do nosso povo.

Como sabem, a nossa burguesia aplicava uma política e apoiava a tese de um exército apolítico, isolado do povo, afastado da vida política e social, uma máquina de guerra, à disposição daqueles que dominavam o país — o monarca e os capitalistas — para que, quando os seus interesses assim o impusessem, essa máquina fosse posta em movimento, como um engenho privado de cérebro, desprovido de razão, inconsciente dos fins antipopulares que se pretendiam atingir. Na nossa República popular, como nas outras Repúblicas populares, e sobretudo na grande União Soviética, o exército não constitui uma máquina dessas — desprovida de cérebro, desprovida de razão, sem consciência e sem educação política. Este não está isolado do povo. Faz parte integrante do seu povo, carne da sua carne, sangue do seu sangue.

O exército não é apolítico, realiza, com o povo, a política que os interesses populares, o seu futuro radioso, o futuro feliz das gerações vindouras, e dos seus filhos ditam. É um exército que deve defender as fronteiras do nosso país, defender o trabalho pacífico do povo. É um exército que deve estar, a todo o momento, pronto a atacar o inimigo que ousasse perturbar a paz na nossa terra de liberdade, nas nossas fronteiras, a nossa independência e integridade territorial.

Um povo que não tenha um exército como este — um exército popular no pleno sentido da palavra, um exército que aprendeu a arte militar contemporânea, educado militar e politicamente no espírito da democracia popular — um povo nessa situação, devo afirmá-lo com toda a franqueza, não é um povo organizado. Pode, em qualquer momento, ser utilizado por interesses estrangeiros. Um povo sem um exército como este não é, na verdade, um povo independente e livre, um povo capaz de forjar independente e livremente

o seu próprio futuro e ser senhor, verdadeiramente senhor no seu país.

Nunca nos deveremos esquecer da amarga experiência do passado, quando, a 9 de Junho de 1923, o exército foi enganado e utilizado contra o nosso povo, como instrumento para o golpe de Estado militar fascista.

Felizmente, agora já temos um exército popular. Mas este ainda precisa de se aperfeiçoar. Precisa de uma maior disciplina, — uma disciplina de ferro, militar, consciente e patriótica. Precisa sobretudo de um grande número de dirigentes e de chefes, grandes e pequenos, que conheçam perfeitamente a arte militar contemporânea e totalmente dedicados à pátria.

Esta nova graduação de jovens oficiais auxiliará o nosso exército a enveredar ainda mais rapidamente e com mais segurança por essa via, a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se como um verdadeiro exército popular.

Desejaria assinalar com maior relevo o facto de existirem neste momento, tanto no estrangeiro como entre nós, meios interessados no nosso país, reaccionários arruinados que, uma vez perdida a fé em si mesmos e sem perspectivas, apostam unicamente na cartada de uma nova guerra. Como sabem, no estrangeiro é levada a cabo uma intensa propaganda a favor dessa guerra. Esta é encorajada pela rádio e pela imprensa em todos os países, para perturbar e atrapalhar o trabalho pacífico dos nossos povos, dos povos da nova democracia. É precisamente num momento como este que temos de reforçar a nossa força — económica, política e cultural. Necessitamos da unidade popular. A nossa inabalável Frente da Pátria, sob a direcção da nossa gloriosa classe operária e do seu Partido Comunista, vela e trabalha todos os dias para esse fim.

Precisamos de aumentar a nossa força económica, de industrializar e de electrificar o nosso país, de mecanizar a nossa economia rural. Precisamos de elevar o nosso nível cultural enquanto povo, classe operária, campesinato, meios intelectuais e militares. Para esse fim, precisamos de relações fraternas com todos os povos e Estados que aspiram e lutam como nós para se desembaraçarem do fardo secular da escravatura do capitalismo e do imperialismo. E finalmente, pre-

cisamos sobretudo — para que não seja possível uma nova guerra, para que, do Sul, não possam provocar-nos e violar as nossas fronteiras e o nosso trabalho calmo, perseverante e criador —, embora sejamos um país pequeno, de um exército poderoso pelo espírito que o anima, poderoso pelos seus conhecimentos e perícia no domínio da arte militar, um exército popular de combatentes resolutos, com chefes inteligentes, audaciosos e dedicados à nossa República popular, fiéis até ao fim à nossa pátria.

Quanto mais unidos estivermos como povo, quanto maior for a nossa força económica, política e cultural, quanto mais poderosos formos do ponto de vista militar, de armas na mão e com o espírito resoluto, quanto mais estreitos forem os nossos elos com os povos amantes da liberdade — tanto menor será o descaramento dos nossos inimigos externos que querem atacar a nossa liberdade, a nossa independência e as nossas fronteiras sagradas, a integridade territorial da nossa pátria, menos tentarão atear o incêndio de uma nova guerra. Por isso é necessário que, todos os dias a todas as horas, nos eduquemos a nós próprios, eduquemos todas as camadas do nosso povo, como o indica o programa da Frente da Pátria, no espírito do socialismo. Por isso é necessário que o nosso exército se prepare sob todos os aspectos, que se tempere, que não tolere nas suas fileiras nenhuma hesitação nem nenhuma dúvida na força do nosso povo, na força dos nossos aliados, na força, no poder e no papel dirigente da grande União Soviética e do seu glorioso Exército soviético!

O nosso povo e todos os povos da nova democracia, bem como todas as forças democráticas na Europa Ocidental, na América do Norte, na América Latina, na China, na Coreia e nos outros países, são felizes por terem um grande educador na pessoa do grande país do socialismo — a União Soviética. O nosso exército e os exércitos de todos esses países são felizes por existir presentemente um exército tão poderoso, glorioso, amante da liberdade e experimentado nos mais duros combates contra o fascismo durante a última guerra mundial — o heróico Exército soviético. Vocês, jovens, os novos oficiais, os generais e os oficiais de todas as armas do nosso exército, instruam-se dia e noite na estratégia e na arte militar do invencível Exército soviético.

A humanidade progressista, onde se colocam o nosso povo, os povos da Jugoslávia, da Checoslováquia, da Roménia, da Húngria, da Polónia, as forças democráticas de todo o campo democrático do mundo, é guiada no seu caminho pela mesma e salutar ciência, a ciência do marxismo-leninismo.

Eis porque, caros oficiais, generais, chefes e educadores do nosso jovem exército, o nosso povo, sob a direcção da classe operária, pode avançar calmo e resoluto, sem se deixar perturbar pela histeria ou pelo pânico da guerra, com que alguns tentam atemorizar e perturbar os povos democráticos amantes da liberdade. Eis porque, empunhando firmemente as armas nas nossas próprias mãos, reforçando a unidade do nosso povo, a fraternidade com os países amigos e aproveitando a direcção da grande União Soviética, podemos hoje afirmar firme e resolutamente: no interior do nosso próprio país, a questão democracia popular ou reacção foi definitivamente resolvida a favor da democracia popular. E definitivamente! No que diz respeito ao perigo do exterior, «Graças a Deus», existem forças cujo poder aumenta de dia para dia, as forças do campo anti-imperialista e democrático, no qual o nosso povo participa activamente, e que são capazes de impedir que seja ateada uma nova e terceira guerra mundial.

Ergo o meu copo convosco, em primeiro lugar, à saúde, ao vigor moral e à fidelidade para com a Pátria e ao juramento solene que os nossos jovens oficiais prestaram, ao êxito do exame que eles deverão fazer nas próprias fileiras do exército, aos oficiais, generais, chefes e educadores do nosso exército popular, à nossa jovem e amada República popular que se deve desenvolver, consolidar e desenvolver como futura República búlgara!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 103,
de 4 de Maio de 1948.

Traduzido do texto (abreviado) de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 90-96.

O TRATADO DE ALIANÇA ENTRE A BULGÁRIA E A CHECOSLOVÁQUIA É UM SÉRIO CONTRIBUTO PARA O ESTABELECIMENTO DE UMA PAZ DURADOURA E DEMOCRÁTICA

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS FEITAS PELO REPRESENTANTE DO «INTERNATIONAL NEWS SERVICE», M. W. P. HAMPSHIRE

Pergunta: Em que é que a Bulgária e a Checoslováquia podem contribuir para a salvaguarda da paz mundial?

Resposta: Por toda a sua política, orientada para uma cooperação sincera com todos os povos democráticos e amantes da liberdade, bem como defendendo resolutamente a sua liberdade, a sua independência e a sua soberania de Estado, a República Popular da Bulgária contribui, na medida das suas forças e das suas possibilidades, como país pequeno, para o estabelecimento da paz no mundo.

Embora ainda não tenha sido admitida na O. N. U., a Bulgária age consequentemente no espírito dos princípios sobre os quais se edifica esta organização. É inconcebível no nosso país uma propaganda belicista. O nosso povo odeia, não pode suportar nem tolerar os fautores da guerra. Estes são passíveis de toda a severidade das leis da República popular como indivíduos que perturbam a ordem pública, como inimigos da Pátria.

Alvo de várias ameaças e provocações estrangeiras, é natural que a Bulgária vele pela sua segurança e a sua integridade territorial e que esteja firmemente decidida a defender as suas fronteiras contra os vários provocadores e aventureiros.

Os tratados de aliança que a República Popular da Bulgária concluiu até agora consecutivamente com a Jugoslávia, a Albânia, a Roménia, a União Soviética e a Checoslováquia, bem como os tratados que de ora avante concluirá com outros países, terão, estou certo disso, uma influência favorável na salvaguarda da paz.

Tive a oportunidade de me convencer que a nossa aliada, a Checoslováquia, sob a direcção do governo popular de Gottwald, se inspira nos mesmos motivos e finalidades.

Pergunta: Acredita que as aspirações à paz serão coroadas de êxito e que um futuro calmo espera a Europa?

Resposta: No grandioso comício realizado em Praga por ocasião da assinatura do tratado, já expus a minha opinião de que uma nova guerra não está iminente, nem é inevitável, e expliquei os motivos em que esta opinião se fundamenta.

Pergunta: Segundo informações vindas da União Soviética, soubemos que se procedeu aí a uma desmobilização. Também foram tomadas medidas análogas na Bulgária?

Resposta: A Bulgária reduziu o seu exército precisamente aos limites previstos pelas cláusulas do Tratado de paz.

Pergunta: Também tem a intenção de efectuar outras visitas para assinar acordos ou tratados?

Resposta: A conclusão de tratados de amizade, de cooperação e de ajuda mútua com a Polónia e a Hungria ocorrerá brevemente. O governo búlgaro declarou por várias vezes que está disposto a concluir tratados com todos os Estados democráticos com base na igualdade dos direitos, no respeito mútuo e na não-intervenção nos negócios internos. Quanto aos tratados e acordos comerciais, a Bulgária já concluiu alguns com vários Estados europeus.

Pergunta: Que espera do tratado que assinou entre a Checoslováquia e a Bulgária?

Resposta: Não só espero, como estou convencido que o tratado que acaba de ser assinado entre a Bulgária e a Checoslováquia levará a uma maior desenvolvimento e a um profundar ulteriores das relações amigáveis entre os nossos povos, alargando as relações económicas e culturais entre as nossas repúblicas populares, reforçando os sentimentos de segurança dos povos búlgaro e checoslovaco. Do ponto de vista internacional, considero este tratado como um sério

contributo para o estabelecimento de uma paz duradoura e democrática, em geral, e sobretudo na Europa.

Pergunta: O mundo jamais esquecerá o seu heroísmo no processo de Leipzig. Qual é agora a sua opinião sobre o povo alemão? Acredita que a Alemanha se possa integrar na comunidade mundial e europeia?

Resposta: Tanto quanto conheço o povo alemão, e sobretudo a sua classe operária, posso afirmar com segurança que este poderia realizar a democratização e a unidade da Alemanha, bem como a sua integração na comunidade mundial e europeia, como um elemento de paz e de democracia. Mas isto é fortemente entravado pelos meios imperialistas que actuam com vista a uma divisão da Alemanha e pela utilização da Alemanha Ocidental, dos seus recursos e da sua capacidade de produção, pela execução dos planos reaccionários e belicistas, diametralmente opostos aos interesses do próprio povo alemão, da paz e da cooperação internacional.

No que diz respeito à minha atitude no processo de Leipzig, tratava-se de facto de cumprir o meu dever como antifascista e comunista. Sei que determinados americanos, ingleses e outros, que nessa altura me exaltavam na imprensa e em reuniões, agora não se incomodam nada por me insultarem e me caluniarem, a mim e à minha pátria. Algum de nós se deve ter modificado durante estes últimos quinze anos. Atendendo a que, decerto, continuei a ser o mesmo antifascista e comunista, é evidente que os meus admiradores de outrora se devem ter modificado por influência de considerações e interesses que, claro está, não podem ter nada de comum com a realidade histórica.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 102,
de 1 de Maio de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 97-100.

O TRATADO DE ALIANÇA BÚLGARO-POLACO CONSTITUI UMA BASE SÓLIDA PARA UMA DAS MAIS VASTAS COOPERAÇÕES EM BENEFÍCIO DOS DOIS POVOS IRMÃOS, EM BENEFÍCIO DA PAZ E DA DEMOCRACIA NO MUNDO

DISCURSO PRONUNCIADO NO GRANDIOSO COMÍCIO REALIZADO NA CAPITAL BÚLGARA, POR OCASIÃO DO REGRESSO DA DELEGAÇÃO GOVERNAMENTAL QUE ASSINOU EM VARSÓVIA O TRATADO DE ALIANÇA BÚLGARO-POLACO

Cidadãos e cidadãs!
Camaradas!

Os nossos amigos polacos pediram-me que vos transmitisse as mais cordiais saudações fraternas do heróico povo polaco, do seu governo popular e pessoalmente do valoroso presidente da República polaca.

Vieram ver-me delegações da juventude polaca, em nome da Aliança Unida da Juventude Popular Polaca, com o pedido de transmitir as suas saudações e os seus melhores votos à juventude popular búlgara. O desejo sincero da juventude polaca é estabelecer relações tão estreitas e fraternas quanto possível com a nossa juventude, através de um trabalho criador comum, em benefício das nossas duas repúblicas populares, e por uma luta comum pela defesa da paz e contra os fautores de uma nova guerra mundial.

As mulheres democratas polacas também dirigem às mulheres trabalhadoras búlgaras — operárias, camponesas, empregadas, professoras primárias, parteiras, chefes de equipa,

donas de casa — a todas as mulheres e jovens do nosso país, a sua calorosa saudação.

A classe operária polaca envia a sua valorosa e também cordial saudação à nossa classe operária.

Os operários, os engenheiros e os técnicos da nova fábrica de tractores «Ursus», não longe de Varsóvia, ofereceram aos nossos camponeses três dos seus mais recentes tractores modernos.

Jovens e velhos, assim como as crianças da nova Polónia, experimentam sentimentos de amizade e de afeição em relação ao nosso povo, aos nossos homens, às nossas mulheres, aos nossos jovens e às nossas crianças, dedicadas a um trabalho criador pelo futuro feliz da República Popular da Bulgária.

Durante a nossa breve estada em Varsóvia pudemos ver com os nossos próprios olhos as terríveis, cobardes e cruéis destruições, perpetradas pelas bárbaras hordas hitlerianas na bela capital da Polónia. A maior parte de Varsóvia foi destruída e acha-se presentemente em ruínas, sob as quais morreram centenas de milhares de habitantes desta cidade. Partilhamos da indignação sem limites do povo polaco contra esta bárbara salvaguarda do fascismo alemão.

Com o coração pesado, cheios de cólera e de indignação, percorremos Varsóvia rua a rua, quarteirão a quarteirão e vimos as imensas ruínas — um terrível acto de acusação contra o fascismo e igualmente acusador dos que, actualmente, se esforçam por ressuscitar o fascismo sob novas formas, sob novas bandeiras, para atingir os fins em cujo nome o fascismo hitleriano cometeu estes crimes terríveis. E compreendemos ainda melhor, ainda mais claramente, porque é que o povo polaco está firme e resolutamente decidido a reforçar de uma vez por todas as suas fronteiras ocidentais, englobando os antigos territórios polacos, outrora açambarcados pelos conquistadores teutões, mas presentemente devolvidos à mãe-pátria polaca.

Mas, camaradas, também tivemos a alegria de ver como essa Varsóvia destruída é rapidamente restaurada, graças ao heróico e entusiasta trabalho dos jovens e dos velhos, sob a direcção da classe operária e com a participação activa da juventude popular e dos intelectuais progressistas. Tal

como o fénix da lenda antiga, Varsóvia renasce das cinzas, para que a República Popular da Polónia seja mais bela e mais airosa.

O facto de em tão pouco tempo — dois anos —, o povo polaco, a sua classe operária e os seus camponeses trabalhadores, bem como a sua juventude popular, terem conseguido realizar um imenso trabalho de restauração e de construção em todo o País, merece, na verdade, que nos admiremos.

Vimos com os nossos olhos, sentimos que na Polónia a democracia popular já criou raízes profundas no seio de vastas camadas do povo, em todas as suas camadas produtoras.

Contrariamente às fábulas, às calúnias espalhadas no estrangeiro por jornalistas, diplomatas e estadistas interesseiros, sentimos que o actual governo popular polaco goza da confiança e do apoio totais do povo polaco. Vimos e estamos ainda mais convencidos de que a situação interna e internacional da nova Polónia está consolidada e que seria impossível um retrocesso. Pela maneira como o povo polaco actualmente actua sob a direcção da classe operária, aliada aos camponeses trabalhadores e com a participação dos intelectuais populares, é realmente impossível um retrocesso. Na Polónia, todos os caminhos levam ao seu desenvolvimento, apesar de todos os obstáculos levantados.

Estamos convencidos de que se abrem brilhantes perspectivas para o desenvolvimento da nova Polónia. Acaba de ocorrer, no campo industrial, agrário e cultural, uma reviravolta, uma reviravolta radical, na situação da Polónia. Todos aqueles que pensavam que o antigo regime capitalista e a grande propriedade poderiam ser restauradas na Polónia, são forçados a reconhecer que, de ora avante, isso é impossível; que o povo, unido sob a bandeira da democracia popular, constrói barreiras intransponíveis à restauração, seja ela qual for. Os antigos incrédulos como São Tomás e os hesitantes, intelectuais ou de outros meios, enveredam abertamente pela nova via e colocam-se, sinceramente convencidos, ao lado da democracia popular, ou então adaptam-se e avançam, não contra a corrente que o povo impôs, mas seguem-no.

Tal como sucedeu com as outras democracias populares com que concluímos tratados de amizade, de cooperação e de ajuda mútua, encontrámos uma linguagem comum,

falada pelo nosso povo e pelo povo polaco, comum ao nosso governo e ao governo polaco, e pudemos concluir um tratado de aliança com a Polónia fraterna, a Polónia em vias de desenvolvimento, essa Polónia que, num futuro próximo, se tornará sob todos os aspectos um dos mais poderosos Estados democráticos e populares eslavos.

Com os seus 24 milhões de habitantes, o seu rico território, a sua indústria em pleno desenvolvimento, o seu potencial e os seus recursos internos, a nossa aliada, a Polónia, será indiscutivelmente um poderoso bastião da solidariedade eslava, um sólido destacamento no seio do campo democrático contra a agressão imperialista e um sério factor de paz e de democracia no mundo.

Aquilo que vimos na Polónia e as conversas que tivemos o prazer de travar com os dirigentes da República polaca, convenceram-nos que existem grandes possibilidades, até ao presente não exploradas, de cooperação — económica e cultural e de actividade política conjunta no campo internacional, a fim de tornar mais estreitas e mais próximas as relações mútuas que unam a República Popular da Bulgária e a República da Polónia.

O tratado que concluímos, bem como os acordos comerciais e culturais especiais, constituem uma base sólida para o aproveitamento das possibilidades, até ao presente não utilizadas, para o bem comum dos dois povos irmãos, em benefício da paz e da democracia no mundo.

Como já sabem pelo que foi tornado público pela nossa imprensa e pela rádio, o tratado concluído entre nós e os nossos amigos polacos, entre a nossa República e a República polaca, é um tratado semelhante àqueles que foram concluídos com a União Soviética, com a Checoslováquia e com os outros países, um tratado de cooperação fraterna, de sincera ajuda mútua e de amizade, de trabalho em comum para o progresso do nosso país nos domínios económico e cultural, para o reforço da nossa força defensiva nacional, contra qualquer tentativa de ataque à nossa liberdade, à nossa independência e à nossa soberania nacional.

Este tratado foi concluído entre os povos e não apenas entre os governos; é um tratado entre povos que se dedicaram totalmente a sarar os seus ferimentos, a reparar as destruições

feitas pela última guerra mundial, entre povos exclusivamente dedicados a um trabalho criador pacífico, à edificação económica e cultural. E estes povos só necessitam actualmente de uma única coisa — paz, paz duradoura e democrática.

Esses povos não têm nenhum interesse em concluir tratados de guerra. Estão vivamente interessados nos tratados e noutros acordos com vários Estados, mas a favor da paz, da cooperação fraterna, de um avanço para a prosperidade geral.

Por isso, como sabem, não se tolera no nosso país, e também o constatei na Polónia, a propaganda a favor da guerra; pelo contrário, castigamos e castigaremos implacavelmente, com toda a severidade das leis, os porta-vozes dessa propaganda criminosa, antipopular, a favor de uma nova guerra.

Um correspondente americano, que se me dirigiu fazendo-me várias perguntas, também me fez a que se segue: qual a vantagem da vossa aliança com a Polónia, uma vez que a Polónia e a Bulgária estão separadas uma da outra e não têm fronteira comum? Queria dizer, com esta pergunta, que é em vão que fazemos toda esta história, que fazemos muito barulho para nada a propósito de um tratado do qual nada sairá. Este correspondente esquece-se de duas coisas: *primeiro*, que com os meios de comunicação actuais não é de modo algum obrigatório e absolutamente necessário para a cooperação, a amizade e a ajuda mútua entre vários Estados que estes tenham uma fronteira comum. Mesmo sem a existência dessa fronteira, é absolutamente possível para os países em questão tirar da sua cooperação todas as vantagens possíveis e, *segundo*, se é verdade que a Bulgária e a Polónia não são limítrofes, não têm fronteira comum, também é verdade que entre elas existem Estados amigos, democracias populares e repúblicas populares que concluíram ou vão concluir tratados de aliança, e que facilitarão a nossa cooperação.

Qualquer observador objectivo, qualquer pessoa de boa fé, compreenderá facilmente que, tal como os outros tratados de aliança já concluídos, o tratado de aliança entre a Bulgária e a Polónia é, indiscutivelmente, de uma grande importância

para os dois países, para o seu progresso em todos os domínios, para a elevação do nível de vida material e cultural dos trabalhadores das cidades e dos campos, e assegurará ainda melhor a sua liberdade, a sua independência e a sua soberania nacional, reforçará ainda mais a fé dos seus povos no futuro. Compreende-se que estes tratados não só são úteis aos países e aos povos que o assinam, como também constituem um contributo muito precioso e sólido para a grande causa do estabelecimento de uma paz duradoura e democrática no mundo.

Regressamos da Polónia como enviados do nosso povo, como delegação governamental, felizes por termos concluído este tratado, felizes também por termos lançado uma base sólida para o desenvolvimento futuro das nossas relações fraternas com o povo polaco, felizes por não restar nem uma única questão a separar-nos dos nossos amigos polacos e por a via estar aberta para que possamos avançar de mãos dadas para o bem-estar e para um futuro radioso.

Como penhor, estão, em primeiro lugar, os nossos povos, com as suas classes operárias, os nossos camponeses trabalhadores, a nossa juventude popular e, em segundo lugar, os nossos governos saídos do povo, que vivem com o povo e não têm outros desejos, finalidades ou intenções, que não sejam a felicidade dos seus povos.

Em vosso nome e no de todo o povo búlgaro, pude garantir aos nossos irmãos polacos que a nossa república popular executará fielmente todas as obrigações assumidas em virtude do tratado e dos acordos e que se manterá até ao fim um aliado sincero e dedicado do heróico povo polaco, da sua república.

Camaradas, o facto de vos apresentar o meu relatório sobre a nossa estada em Varsóvia, sobre o tratado concluído e os acordos anexos, sobre o seu significado e sobre as perspectivas futuras das nossas relações mútuas com a Polónia, num dia em que o nosso povo se prepara em todo o país, em todas as cidades e nos campos, para celebrar a memória do nosso grande Christo Botev, poeta e revolucionário até hoje ainda não excedido, constitui uma notável coincidência. O nosso povo prestará, ao mesmo tempo, homenagem à memória de milhares e milhares dos seus combatentes, heróis e heroínas, conhecidos e anónimos, caídos pela liberdade e pela felicidade do nosso povo e do nosso país.

Este é um dia de comemoração que nos deve proporcionar a todos — grandes e pequenos servidores do povo, simples cidadãos e cidadãs, operários e operárias, camponeses e camponesas, empregados, artesãos, homens de trabalho intelectual e estudantes —, a ocasião de nos entregarmos a uma retrospectiva histórica do nosso povo de combatentes, para nos podermos dar conta claramente da maneira como esta liberdade foi conquistada, uma liberdade que presentemente gozamos como povo e Estado, e dos sacrifícios e duras lutas que foram necessárias para chegarmos ao vitorioso 9 de Setembro, à vitória sobre a ditadura monarco-fascista no nosso país; quantos seres humanos de grande valor, fiéis aos preceitos de Christo Botev, de Dimitre Blagoev, do nosso grande mestre Lénine!

Toda esta longa via tão árdua, coberta de sangue, de lágrimas e de cadáveres, devia estar hoje e amanhã presente aos olhos de todos os cidadãos e cidadãs do nosso país, para que possamos, no momento presente e no futuro, tirar disso os preciosos ensinamentos para nós, como povo e como república popular.

Devemos reconhecer que muito pouco foi feito, até ao presente, para honrar a piedosa memória desses heróis tão caros, desde Botev até aos nossos dias — sem falar daqueles que o precederam —, que a celebração da sua memória com monumentos, obras literárias e a descrição da sua vida e das suas lutas não foi aproveitado para a educação da geração vindoura. Amanhã é preciso verificar por toda a parte como é que o povo, a população, os dirigentes locais, comemoram esses heróis e a sua obra, sem o sacrifício e o sangue dos quais não teríamos esta liberdade e esta possibilidade de avançar para um bem-estar e uma felicidade cada vez maior e de os desfrutar. É preciso que existam monumentos, por muito modestos que sejam, que recordem a obra de cada um desses heróis cujos nomes são nossos conhecidos. Também é indispensável que existam monumentos que comemorem os heróis anónimos, caídos na luta contra os inimigos do nosso povo.

Uma atitude como a manifestada até agora, de forma dispersa, em relação aos nossos heróis caídos na luta, não é admissível no futuro.

Camaradas, não pode haver dúvidas de que a melhor celebração, a comemoração por todo o povo da memória de Christo Botev e dos combatentes que o seguiram e que caíram pela nossa liberdade e pela nossa felicidade, é trabalharmos todos ainda mais energicamente e com mais aplicação e dedicação, trabalharmos incansavelmente para a edificação da nossa amada república popular.

Aprendamos e criemos, cada um no seu posto, em benefício de todo o nosso povo, pelo progresso do nosso país; aumentemos, elevemos cada dia mais a nossa destreza, as nossas capacidades, para levar a bom termo a tarefa que nos é confiada. Não toleremos nas nossas fileiras, onde quer que nos encontremos, pessoas que faltem aos seus deveres para com a pátria, em relação à empresa ou à administração em que trabalham. Não toleremos preguiçosos, indolentes, tagarelas e megalómanos, maníacos, grandes ou pequenos, que julgam saber tudo e conhecer tudo melhor. Não toleremos burocratas indolentes, funcionários que procuram despachar rapidamente o seu trabalho no escritório para se poderem dedicar aos seus prazeres pessoais. Não toleremos intelectuais, «sábios» — felizmente pouco numerosos entre nós — que, tal como os cavalos com antolhos, não possam ver o que se passa à sua volta, nem à esquerda, nem à direita. Não toleremos nos estabelecimentos de ensino público, e sobretudo nos estabelecimentos de ensino superior, alunos e estudantes entre aspas, que não estudam a sério, que só procuram obter de uma maneira ou de outra um diploma e que ocupam sem motivos legítimos o lugar dos filhos do povo desejosos de aprender. Não toleremos irregularidades na distribuição dos recursos que já possuímos, nem por ocasião da fixação dos contingentes para a cidade e para o campo, nem no domínio da administração; não toleremos as irregularidades, assinalemo-las e, como bons patriotas, profundamente amantes da sua pátria, critiquemos e critiquemo-nos a nós próprios, quando nem tudo estiver em ordem entre nós.

Finalmente, a celebração da memória dos nossos heróis, caídos pela liberdade e pela felicidade da Bulgária, a celebração da memória do grande Christo Botev, obriga-nos a ser vigilantes, a abrir os olhos, a abri-los bem, como se diz, para não sermos ofuscados pelos nossos êxitos e evitarmos ser negligentes, para acompanharmos o que se passa à nossa volta, o que se passa na fábrica, no escritório, na rua, no bairro, no estabelecimento de ensino — por toda a parte; farejemos a tempo, tenhamos um bom faro para podermos descobrir os inimigos disfarçados; saibamos distinguir a ovelha do lobo e saibamos agarrar imediatamente pelas orelhas os lobos escondidos sob peles de cordeiro. A vigilância é necessária!

Ainda existem no nosso país espiões, traidores, sabotadores, que continuam acoitados nas suas tocas; alguns deles ainda estão em belas casas e apartamentos e só conversam uns com os outros, fazendo conjecturas sobre quando é que os «americanos» e os «ingleses» declararão a guerra. A guerra contra quem? Contra o povo no meio do qual vivem, contra o país onde nasceram. Eis porque esperam e esfregam as mãos com alegria; quando vêem que isso não acontece, lamentam-se amargamente por terem sido enganados, intrujados pelos americanos. Ah, esses lobos com pele de cordeiro! O seu lugar não é nas belas casas e apartamentos em Sófia e nas outras cidades, habitações que são necessárias para os funcionários honestos sem casa, para os operários de choque, para os engenheiros e outros valentes construtores da República popular. Esperam uma guerra contra o nosso povo, a destruição pela guerra e pelas bombas atómicas; bastaria uma bomba atómica para acabar com a Frente da Pátria que detestam! Não se inquietam por saber que a bomba atómica não destruiria apenas a Frente da Pátria, mas também o povo, que reduziria o país a ruínas. O lugar dessas pessoas não é nos apartamentos, em Sófia ou nas outras cidades. O poder popular preparou-lhes outros «apartamentos» e o povo deve colaborar para que os ocupem o mais depressa possível.

Devemos educar o nosso povo, e muito especialmente determinadas camadas que se mantiveram atrasadas, não por sua culpa, mas para sua infelicidade, neste amor da Pátria

que animava Christo Botev, no espírito de dedicação à pátria de dezenas de milhares de heróis conhecidos e anónimos que deram a sua vida e verteram o seu sangue pela nossa liberdade, pela República Popular da Bulgária.

Amemos a nossa pátria, sejamos-lhe dedicados, trabalhemos sem descanso para a sua edificação e para o seu desenvolvimento em todos os domínios, pelo seu desenvolvimento o mais rápido possível na via do novo regime socialista que traz a justiça e a felicidade. A memória de Christo Botev e dos heróis caídos no combate contra o fascismo, caídos durante a luta contra os estrangeiros inimigos do nosso povo, caídos pela nossa liberdade e pela nossa felicidade como povo e como Estado popular, a isso nos obriga.

Camaradas, tudo isto significa que temos de cerrar ainda mais as nossas fileiras, as das forças populares criadoras, no seio da invencível e da indestrutível Frente da Pátria. A Frente da Pátria deve reunir nas suas fileiras tudo o que há de são, honesto, patriótico no nosso país. Só deve manter-se fora das suas fileiras o que está podre, o que merece ser enterrado — enterrado pela História; tudo o que é capaz de viver, de criar, deve encontrar o seu lugar, num futuro próximo, nas fileiras das organizações da Frente da Pátria e trabalhar activamente para a edificação da nossa jovem e amada pátria, tão cheia de promessas, trabalhar para o seu futuro radioso, apesar de todas as dificuldades e obstáculos, apesar de todas as profecias mal intencionadas, no nosso país e no estrangeiro.

Viva para todo o sempre a memória de Christo Botev e dos outros heróis do nosso povo!

Viva o povo búlgaro trabalhador e amante da paz!

Viva a União dos combatentes contra o fascismo!

Viva a amizade, a cooperação e a ajuda mútua fraterna búlgaro-polaca, e que esta se reforce cada vez mais!

Viva o honrado presidente da República da Polónia, Boleslaw Bierut!

Que vivam e se desenvolvam cada vez mais a República Popular da Bulgária e os seus aliados, com a grande União Soviética à frente!

Em frente, sempre em frente — pelo trabalho, pelo ensino, pela ciência e pela luta contra os vestígios do fascismo, da reacção e do imperialismo — por novos êxitos e vitórias!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 129,
de 3 de Junho de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 148-161.

O TRATADO ENTRE A BULGÁRIA E A HUNGRIA É UM NOVO CONTRIBUTO IMPORTANTE PARA A CAUSA DA PAZ E PARA APROFUNDAR A AMIZADE ENTRE OS DOIS POVOS

DISCURSO PRONUNCIADO POR OCASIÃO DA ASSINATURA DO TRATADO DE AMIZADE DE COOPERAÇÃO E AJUDA MÚTUA ENTRE A R. P. DA BULGÁRIA E A REPÚBLICA DA HUNGRIA, A 16 DE JULHO DE 1948

Cidadãos e cidadãs de Sófia! Membros das brigadas! Camaradas!

Depois do que aqui foi dito pelos nossos caros amigos húngaros, só me resta dizer algumas palavras sobre determinado aspectos relacionados com este dia solene para o povo búlgaro e para o povo húngaro.

O Tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua que hoje assinámos com a delegação governamental da República da Hungria não é um resultado do acaso, não é um acontecimento inesperado. Este acontecimento que tem uma enorme importância para as nossas futuras relações mútuas como povos e como repúblicas populares, foi longamente preparado pela luta do nosso povo e do povo húngaro contra o fascismo e contra os dominadores, contra os invasores alemães.

Este acontecimento foi sobretudo preparado pela grande União Soviética libertadora cujo glorioso e heróico exército trouxe aos nossos países a libertação do jugo fascista. Também foi preparado pelo estabelecimento, com o auxílio moral,

político e material do nosso grande aliado e protector comum, a União Soviética, de regimes de democracia popular na Bulgária e na Hungria, pelo facto histórico de os nossos povos terem tomado o seu destino nas suas próprias mãos tão vigorosas.

Já há muito tempo que este Tratado de aliança é desejado e esperado pelos nossos dois povos irmãos. E corresponde exactamente aos seus supremos interesses vitais, que lhes ditam imperiosamente que se entreajudem, que cooperem estreitamente, que defendam, lado a lado, as suas conquistas democráticas e que avancem de mãos dadas, com as outras democracias populares, sob a direcção do maior e mais poderoso país do socialismo, que avancem na edificação de uma vida desafogada para os seus povos — a construção do socialismo nos seus próprios países.

Este tratado de aliança não é desses tratados que só os representantes dos dois governos assinam nas chancelarias diplomáticas. É selado pelo sangue vertido pelos dois povos e exprime os profundos sentimentos de compreensão mútua, de amor fraterno recíproco, de ódio comum ao fascismo, ao imperialismo e aos fautores de uma nova guerra, pela fidelidade e pela afeição profundas, testemunhadas pelos dois povos para com a União Soviética. É um tratado concluído pelos próprios povos — pelos povos húngaro e búlgaro.

Tratados como este impulsionam o desenvolvimento dos povos. Tratados como este são a carne da carne e o sangue do sangue das massas populares sãs e constituem uma poderosa barreira contra a ofensiva da agressão imperialista.

Isto é tanto mais verdadeiro neste momento, camaradas, quanto *os imperialistas dedicam todos os seus esforços para a ressurreição do militarismo e do potencial industrial alemães, como instrumentos da agressão imperialista,* para atentarem contra a segurança mundial, contra a segurança dos povos e contra a paz; os nossos povos, que tanto sofreram com o imperialismo alemão, que consentiram em tão pesados sacrifícios sob o regime de opressão e de espoliação dos barões, príncipes e grandes proprietários alemães, estão vitalmente interessados em defender-se em comum, apoiando-se na frente mundial unida da paz e da democracia, com o invencível país socialista à frente.

É perfeitamente natural que a notícia da assinatura do tratado seja acolhida com uma alegria tão grande tanto em Sófia como também, sem dúvida, em Budapeste, tanto na Bulgária, como na Hungria.

Também não pode haver dúvidas de que todos os povos amantes da paz e da liberdade e todas as pessoas honestas e progressistas do mundo considerarão o nosso tratado como *um novo e importante contributo para a causa do estabelecimento de uma paz duradoura e democrática.*

Tenho de sublinhar que por ocasião do exame e da assinatura do Tratado, tivemos a oportunidade de conversar sincera e fraternalmente sobre um grande número de problemas respeitantes à cooperação económica entre a Bulgária e a nova Hungria. Chegámos unanimemente à conclusão de que, até ao presente, tínhamos subestimado muito as reais possibilidades de uma vasta cooperação económica em benefício dos nossos dois povos, das nossas duas repúblicas. Tornou-se evidente que temos a possibilidade de aumentar, de aumentar várias vezes o volume das nossas trocas, do nosso comércio externo e de intensificar a nossa cooperação. Com os nossos amigos húngaros estamos firmemente decididos a recuperar o que não fizemos, a recuperar a nossa cooperação económica, o que é indispensável para acelerar o desenvolvimento da economia nacional tanto na Bulgária como na Hungria. Assentámos também, com alegria, com os nossos amigos húngaros, que o governo da República da Hungria testemunha um vivo interesse pela construção da ponte sobre o Danúbio, que foi decidida pelo nosso tratado com a Roménia e que terá uma enorme importância económica, bem como noutros domínios.

Com o nosso tratado, com estes sentimentos fraternos que são cultivados entre nós e entre o povo húngaro, *edificamos uma ponte viva entre Sófia e Budapeste.* Todavia, teremos também de construir num futuro próximo, e com esforços comuns, a ponte ferroviária sobre o Danúbio que, através da Roménia, unirá Sófia a Budapeste, a Bulgária à Hungria.

Também constatámos uma total unanimidade de pontos de vista dos dois governos no que respeita à situação inter-
democracia popular capaz de se desenvolver, de assentar o
nacional. Somos unânimes em constatar *que não pode existir*

seu edifício e de abrir caminho para o socialismo, se esta democracia popular não participar com as suas forças na frente mundial única da paz, da democracia e do socialismo, com a União Soviética à frente, e se não se apoiar nessa frente única que cresce.

Somos unânimes em considerar que, ao aplicar o tratado que foi hoje concluído, ao alargar e ao consolidar as suas relações fraternas, os nossos dois países devem concentrar cada vez mais as suas forças no seio da frente democrática unida. Estranhos a qualquer tipo de nacionalismo limitado e inspirados pela solidariedade internacional dos trabalhadores e pela cooperação praticada entre os povos democráticos, *somos unânimes em considerar como uma traição à causa da democracia popular, aos supremos interesses vitais do seu próprio povo, qualquer tentativa para minar as bases dessa frente unida e qualquer subestimação do papel dirigente no seio dessa frente da nossa grande aliada — a União Soviética.*

Estamos profundamente convencidos de que qualquer tentativa desse género, seja onde for que se produza, ou tenha produzido, será detida pelos povos porque as democracias populares, sob a direcção da classe operária e da sua vanguarda comunista experimentada, não só não podem desejar o enfraquecimento, como estão interessados em que seja feito tudo o que for possível para o reforço dessa frente; porque sem ela não poderiam avançar, porque os nossos povos, os povos das democracias populares e as forças democráticas de todo o mundo, não desejam regressar à situação anterior à Segunda Guerra Mundial nem arriscar-se a suportar os horrores de uma nova guerra imperialista. Estão decididos a consolidar a paz, porque esta é indispensável à edificação da sua felicidade; indispensável ao seu avanço e à realização, nos seus países, de uma sociedade socialista que assegure aos trabalhadores a justiça e a felicidade.

Camaradas! Temos seguido até agora com um vivo interesse o desenvolvimento da fraterna República da Hungria e é por isso que aquilo que acabamos de ouvir hoje do alto desta tribuna *sobre os progressos e os êxitos da democracia popular na Hungria* encherá de muita alegria e de satisfação moral o coração de todo o nosso povo trabalhador, de todos os pátriotas búlgaros, homens e mulheres.

Aproveito esta ocasião para pedir à delegação governamental da República da Hungria, em vosso nome e em nome de todo o povo búlgaro, que transmita as nossas saudações e os nossos mais calorosos votos ao povo húngaro, à classe operária e ao Partido dos Trabalhadores Húngaros que dirige corajosamente e com êxito o avanço do povo húngaro para o socialismo.

Que viva e se desenvolva a nossa aliada — nova aliada, fiel e fraterna — a República Popular da Hungria!

Viva a amizade búlgaro-húngara e a amizade húngaro-búlgara!

Que a frente unida da paz, da democracia, do progresso e do socialismo, com a União Soviética à frente, se reforce cada vez mais!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 168,
de 18 de Julho de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 183-188.

A REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO ABRIU À HUMANIDADE A VIA PARA UMA VERDADEIRA DEMOCRACIA PARA O SOCIALISMO

A Grande Revolução Socialista de Outubro abriu à humanidade a via para uma verdadeira democracia, para o socialismo, para a abolição da exploração do homem pelo homem. Em trinta e um anos de poder soviético, a U. R. S. S. tornou-se um poderoso Estado socialista, o mais avançado — e avança infatigavelmente para o comunismo.

Ao esmagar a máquina de guerra hitleriana, o heróico Exército soviético não só salvou a liberdade e a independência da pátria socialista, como também salvou a humanidade da barbárie fascista teutónica.

Actualmente, a União Soviética, que se encontra à frente do campo democrático anti-imperialista, é um fiel bastião da paz, da democracia e do progresso contra os fautores da guerra e os novos pretendentes ao domínio mundial — os imperialistas americanos.

Em resposta às instigações furiosas e às cobardes calúnias dos imperialistas, no dia do 31.° aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro milhões de seres humanos em todo o mundo testemunharão o seu amor e a sua afeição ao país do socialismo, que luta com tanta dedicação e sabedoria por uma paz duradoura e democrática; manifestarão a sua firme resolução de avançar de mãos dadas com o povo soviético e não admitir a guerra contra a União Soviética projectada pelos imperialistas.

Os povos sabem muito bem que entre o desejo dos imperialistas de começar uma nova guerra mundial e uma ameaça

real de guerra, vai uma enorme distância. Os imperialistas anglo-americanos gritam a propósito de uma nova guerra não porque estejam realmente dispostos a empreendê-la. Sabem tão bem como nós como terminaria para eles esta nova aventura. A Primeira Guerra Mundial terminou com a vitória do povo trabalhador num sexto do globo. A Segunda Guerra Mundial levou uma série de democracias populares a desligarem-se do sistema capitalista. Os senhores imperialistas podem estar seguros de que uma nova guerra mundial, se os dirigentes de Wall Street a começassem, se saldaria, para eles, por uma catástrofe ainda maior, talvez definitiva — a total liquidação do sistema capitalista.

Eis aquilo de que se dão conta os imperialistas que, decerto, já não pertencem ao seu século. Mas apesar disso continuam a fazer circular por toda a parte o rumor de uma ameaça imediata de guerra.

Enquanto a União Soviética dedica todos os seus esforços à salvaguarda e ao reforço da paz, à solução pacífica dos problemas internacionais litigiosos, enquanto a União Soviética propõe que se proíba a arma atómica e uma redução dos armamentos das cinco grandes potências, bem como outras medidas pela salvaguarda da paz e a segurança dos povos, os imperialistas americanos, perdida toda a vergonha e sentindo um medo irracional perante as forças crescentes da paz, da democracia e do socialismo, levam a cabo sistematicamente, sozinhos ou com o auxílio dos seus satélites, uma propaganda belicista, realizam preparativos militares, procuram intimidar os povos com a bomba atómica e, cinicamente, com «gangsters» internacionais, gabam-se de que com a sua arma atómica seriam capazes de destruir milhões de homens amantes de paz que não desejam submeter-se ao seu mando. Estes imperialistas têm manifestamente necessidade de manter um estado de perigo de guerra, de levantar obstáculos e, como diz um provérbio búlgaro, de «pescar em águas turvas» em benefício dos monopolistas, dos fabricantes de armas e dos magnates da finança.

Mas não terão a possibilidade de continuar por muito tempo a criar obstáculos, porque existe no mundo a grande União Soviética, existem as democracias populares, existe o campo internacional sempre crescente das forças da paz e da

democracia. O futuro do mundo depende da unidade das forças da paz democráticas e anti-imperialistas, da sua resolução a lutar pela paz e pela segurança, por uma verdadeira democracia e pelo socialismo. A classe operária e os trabalhadores de todo o mundo, ainda mais estreitamente unidos em torno da U. R. S. S., são capazes de fazer abortar os planos pérfidos, de desmascarar as intrigas dos fautores da guerra e de impedir uma nova e sanguinária carnificina.

O poder crescente e o prestígio internacional da União Soviética constituem o penhor da paz e da liberdade dos povos. Nunca como agora, depois da Segunda Guerra Mundial, foi tão evidente que sem a União Soviética não poderia haver liberdade nem independência para os povos.

Só pessoas conscientemente traidoras dos interesses dos seus povos, aventureiros incorrigíveis e vaidosos cegos poderiam tentar desviar os seus povos da única via de salvação que assegura o desenvolvimento da democracia popular e a edificação do socialismo — a via da amizade sincera e indefectível com a União Soviética, de estreita solidariedade com o campo internacional da paz, da democracia e do socialismo, com a U. R. S. S. à frente.

Ao celebrar o 31.° aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, os trabalhadores das democracias populares e todas as pessoas honestas do globo lançam com o mais profundo reconhecimento os seus olhares para o grande partido de Lénine, que assegurou o triunfo da Grande Revolução Socialista de Outubro, a edificação do poderoso Estado soviético e da sociedade socialista sobre um sexto do nosso planeta, e possibilitou a criação do glorioso exército soviético, que libertou uma série de países europeus do jugo fascista, dando-lhes deste modo a possibilidade de edificar uma nova vida, de enveredar firmemente pela via do desenvolvimento democrático e da construção da sociedade socialista.

O povo búlgaro que, há 31 anos, saudou a Revolução Socialista de Outubro com uma alegria sincera, sente hoje mais claramente do que nunca que o seu destino está muito estreitamente ligado ao da grande e fraterna União Soviética.

Sem a União Soviética, o povo búlgaro ainda hoje estaria sob o jugo dos imperialistas alemães e dos seus agentes — os fascistas búlgaros.

Sem o apoio da União Soviética, a Bulgária seria um mártir caído nas garras de outros imperialistas tão descarados, agressivos e pérfidos como o eram os bandidos hitlerianos.

Sem o auxílio sincero do povo soviético, o nosso povo teria morrido de fome durante os duros anos de seca. A nossa economia ainda hoje continuaria devastada e pilhada.

Sem a União Soviética não haveria nenhuma liberdade e independência para os povos da Europa de Sudeste, nem o desenvolvimento da democracia popular na via do socialismo.

O povo búlgaro, que edifica a sua nova vida sob a direcção da classe operária e da sua vanguarda comunista, aprende com gratidão, graças ao heróico povo soviético e ao grande Partido Bolchevique, como lutar e vencer os seus inimigos, como vencer todas as dificuldades e todos os perigos, para salvaguardar a liberdade e a independência, para edificar o socialismo no seu país. Está firmemente convencido de que, utilizando cada vez mais e melhor a experiência muito rica da União Soviética, adquirida ao longo da edificação da sociedade socialista, poderá constituir tanto mais rapidamente e com mais êxito a sua própria vida, livre, cultural e feliz.

Glória à Grande Revolução Socialista de Outubro, que teve como resultado a fundação do primeiro Estado socialista no mundo — guia e inspirador de toda a humanidade progressista!

Glória ao grande Partido de Lénine — ao mestre e modelo de todos os comunistas, de todos os homens que lutam por uma paz duradoura, por uma verdadeira democracia e pelo socialismo.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 256, de 3 de Novembro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV. Edições do P. C. B., 1955, pp. 210-214.

RELATÓRIO POLÍTICO DA ACTIVIDADE DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS)

APRESENTADO NO V CONGRESSO DO PARTIDO A 19 DE DEZEMBRO DE 1948

Camaradas delegados!

O Partido Operário Búlgaro (Comunistas), que sem dúvida o Congresso voltará a nomear por unanimidade Partido Comunista Búlgaro, data de um passado longínquo. Os seus fundamentos, como Partido Social-Democrata, foram estabelecidos em 1891 na Congresso de Buzludja (1). No entanto, só se formou como partido da classe operária, sob a direcção de Dimitre Blagoev e dos seus companheiros de luta, Gueorgui Kirkov e Gavril Gueorguiev, depois da cisão de 1903, com os socialistas de direita, os «Chiroki», isto é, depois de se ter desembaraçado da ala reformista.

O nosso Partido cresceu numa luta incessante contra as influências estranhas, burguesas e pequeno-burguesas, para fazer com que os operários tomassem uma consciência de classe, a consciência de uma força social independente, com uma ideologia e uma organização próprias. De pequeno grupo em aumento, dedicado ao desenvolvimento da consciência de classe entre os operários e à sua organização para a defesa dos seus interesses vitais, de organização acima de tudo de agitação e de propaganda socialista, que era no fim do século passado e no princípio deste século, o Partido foi-se pouco a pouco desenvolvendo; durante a Primeira Guerra Mundial de 1914-1918, e sobretudo no período que se lhe seguiu, já

era um partido político de massa da classe operária no nosso país.

Sob a influência da Grande Revolução Socialista de Outubro, que o nosso Partido e os trabalhadores acolheram com uma alegria e um entusiasmo impossíveis de descrever, e cujas grandes ideias adoptou, o Partido transformou-se em 1919 em *Partido Comunista Búlgaro* e, sob a direcção do Partido Bolchevique, participou na criação da Internacional Comunista, da qual continuou a ser membro activo até à sua dissolução voluntária em 1943.

Durante três décadas, sobretudo depois da Insurreição de Setembro de 1923, vencendo as sobrevivências não bolcheviques, herança do socialismo de esquerda («tesni»), lutando contra as diferentes tendências e grupos de liquidação de direita e de esquerda, no seu próprio seio e no movimento operário, aproveitando os ensinamentos do Partido Bolchevique e acumulando uma experiência própria cada vez mais rica, o nosso Partido desenvolveu-se, transformou-se e rearmou-se no espírito marxista-leninista. Afirmou-se como um partido marxista-leninista, como a vanguarda organizada e consciente da classe operária, como um partido de tipo novo, capaz de a organizar e levar a uma luta resoluta, de organizar e de dirigir a aliança militante desta classe com as outras camadas trabalhadoras dos campos e das cidades, capaz de derrubar a feroz ditadura do fascismo e de tomar entre mãos os destinos do nosso país, com a firme decisão de conduzir à vitória do socialismo e ao completo triunfo do comunismo.

Durante o seu desenvolvimento, o Partido teve de percorrer um caminho espinhoso, difícil e tortuoso, cheio de heroísmo e de inabalável fidelidade à classe operária e ao povo trabalhador. O nosso Partido foi submetido durante muito tempo às condições da ilegalidade, sofreu graves reveses, suportou dolorosos sacrifícios, mas não deixou um só instante de existir e de lutar.

O Partido foi sempre fiel à missão libertadora da classe operária. Durante toda a sua existência, apesar de erros, de fraquezas e de hesitações, esforçou-se por estar sempre entre as massas, por avançar ousadamente a seu lado, por educá-las no espírito de uma luta de classe intransigente e do internacionalismo proletário, por defender honestamente e com abnegação os seus interesses e por as guiar corajosamente no seu combate contra os seus inimigos jurados. Durante os anos mais duros da ditadura monarco-fascista e da ocupação alemã, o Partido tomou corajosamente a direcção da luta contra o fascismo e contra os conquistadores estrangeiros; organizou e dirigiu a Resistência, criou a Frente da Pátria, e com a sua intrépida e justa direcção conseguiu conduzir o País à vitória de 9 de Setembro, forçando as simpatias e a confiança das massas populares.

Com a recente fusão do Partido Social-Democrata, filiado na Frente da Pátria, com o nosso Partido, fusão realizada na base marxista-leninista e no reconhecimento dos estatutos e da disciplina deste último, pôs-se definitivamente fim aos últimos elementos de divisão entre a classe operária, que tem agora um partido político revolucionário único.

O facto de o nosso Partido ser reconhecido como a força dirigente no governo do Estado e em toda a vida política, social, económica e cultural da nação, é perfeitamente natural e está de acordo com as leis do desenvolvimento social.

Os méritos incontestáveis do nosso Partido, o interesse geral com que o seu congresso é acolhido e as esperanças que o povo deposita nas suas decisões, são testemunho claro da missão histórica que lhe cabe no desenvolvimento do País e no estabelecimento das bases da sociedade socialista, sociedade sem exploração do homem pelo homem.

Camaradas! Não podem haver dúvidas de que o Partido dos comunistas búlgaros, à frente da classe operária, apoiado pela confiança do povo trabalhador, sempre fiel à doutrina marxista-leninista vitoriosa, poderá cumprir com êxito a sua missão histórica. As decisões deste nosso congresso também serão garantia disso.

PRINCIPAIS PERÍODOS DO DESENVOLVIMENTO DO PARTIDO

Antes de examinar a situação actual do nosso Partido e as suas tarefas imediatas, seria justo traçar um panorama geral crítico do seu desenvolvimento, desde a sua formação até à actualidade.

A sua história pode dividir-se nos seguintes períodos:

O primeiro vai da formação do Partido, em 1891, até à cisão com os socialistas de direita, em 1903.

O segundo vai da formação do Partido, como partido marxista da classe operária, em 1903, até à Grande Revolução Socialista de Outubro, a sua transformação num Partido Comunista em 1919, e a sua participação na fundação da Internacional Comunista.

O terceiro vai de 1919 até à Insurreição de Setembro de 1923.

O quarto é o que vai desta Insurreição de Setembro até à Segunda Guerra Mundial, em 1940.

O quinto compreende os anos da Segunda Guerra Mundial, até à vitória da Insurreição de 9 de Setembro de 1944.

O sexto vai da Insurreição de 9 de Setembro até à actualidade.

Cada um destes períodos fundamentais divide-se naturalmente em várias etapas.

Examinemos os traços mais característicos destes períodos no desenvolvimento do Partido.

1. Período do socialismo de esquerda («tesni»)

Antes de examinar a situação actual do nosso Partido e esquerda («tesni»), é preciso assinalar que o primeiro período, desde a formação do Partido em 1891 e até 1903, é caracterizado por uma propaganda intensa e tenaz das ideias socialistas, bem como por uma luta incessante contra os ideólogos burgueses e pequeno-burgueses, que negavam as possibilidades de um movimento socialista nas condições das relações sociais pouco desenvolvidas de então. Era preciso demonstrar que o desenvolvimento do capitalismo, pelo qual o país tinha enveredado, preparava o terreno ao socialismo; que a classe operária nascente era o campeão do socialismo, a classe do futuro, e que devia ter um partido político independente. Travava-se uma luta sobre esta importante questão, mesmo no seio do Partido, entre a corrente revolucionária marxista, com Dimitre Blagoev à frente, por um lado, e a corrente reformista dos

«obchtodeltzi» (*), dirigida por Yanko Sakazov, por outro lado.

Sabemos que nesta luta ideológica prolongada o marxismo revolucionário venceu o socialismo pequeno-burguês de direita.

Os principais méritos do Partido durante o período do socialismo de esquerda («tesni») consistiam na sua profunda fidelidade ao marxismo, ao socialismo e ao internacionalismo proletários, na sua intransigência de classe em relação à burguesia e aos seus instrumentos reformistas, na sua fé inabalável nas forças e no futuro da classe operária, na sua consciente disciplina de ferro. A lei fundamental dos «tesni» era a submissão total da vida e dos interesses privados, da vontade do militante, aos interesses e à vontade do Partido proletário. Estas principais características do nosso Partido, durante o período que precedeu a Primeira Guerra Mundial, e imediatamente depois, garantiram os seus grandes êxitos. Asseguraram-lhe a possibilidade de se tornar o organizador e o dirigente das lutas operárias e de desalojar os socialistas de direita («obchtodeltzi») da sua principal posição no movimento operário. Durante a Primeira Guerra Mundial auxiliaram-no a adoptar uma corajosa atitude internacionalista, a aproximar-se dos bolcheviques, e, depois da Revolução Socialista de Outubro e da criação da Internacional Comunista, a enveredar pela via da sua bolchevização.

Durante o período dos «tesni», o nosso Partido desembaraçou-se do oportunismo, assegurou a independência do desenvolvimento político da classe operária, como classe que tomou consciência de si própria e levou a cabo uma luta intransigente contra a burguesia dominante. Classe contra classe — eis a divisa e a linha do Partido durante esse período. Tomou a direcção das crescentes lutas dos operários pela defesa pelo dia de trabalho de 8 horas, por uma legislação social, pelo melhoramento das suas condições de vida e de trabalho, contra a política interna e externa da burguesia reaccionária. Organizou e dirigiu o movimento sindical de classe. Dirigiu a grande greve dos mineiros de Pernik em 1906,

(*) Socialistas de direita, partidários de uma «acção comum» (N. D. L. R.).

assim como as outras greves e lutas da classe operária, a qual, durante este período, esteve sob a sua direcção ou sob a sua influência.

O Partido educava os trabalhadores no espírito do internacionalismo proletário. Tomou a iniciativa de organizar a Federação Balcânica dos Partidos Socialistas, na qual participou activamente trabalhando com todas as suas forças para o reforço da solidariedade dos trabalhadores búlgaros com os trabalhadores dos outros países balcânicos e de todo o mundo.

A intransigência do socialismo dos «tesni» em relação ao reformismo e aos reformistas de todas as espécies, o facto de os socialistas de esquerda não poderem suportar os agentes burgueses no movimento operário, a sua luta heróica a favor dos interesses vitais e dos direitos da classe operária, tudo isso fazia deles uma corrente revolucionária marxista específica no movimento internacional operário e no seio da II Internacional e a que, de todas as outras correntes sociais-democratas de esquerda, mais se aproximava dos bolcheviques.

Mas entre o nosso Partido e os bolcheviques não deixavam de existir diferenças essenciais sobre as questões de base do bolchevismo.

A opinião preponderante, que reinava nessa ocasião no seio do Partido, e segundo a qual o socialismo dos «tesni» seria o bolchevismo adaptado às condições búlgaras e que bastaria adaptá-lo à nova situação internacional, era muito perigosa.

Tenho de sublinhar, desde já, que esta opinião errada do Partido, e sobretudo da sua direcção, com Dimitre Blagoev à frente, o manteve muito tempo nas posições do antigo marxismo e impediu-o de assimilar a tempo o que havia de novo no marxismo, o contributo dado pelo genial Lénine, que analisou as novas condições criadas pela época do imperialismo, estádio supremo do capitalismo. Isto contribuiu muito para o afrouxamento da bolchevização do Partido e para uma tomada de posição errada por parte dos seus dirigentes, por ocasião dos acontecimentos de Vladaya e sobretudo por ocasião do golpe de Estado militar-fascista de 9 de Junho de 1923.

É verdade que o socialismo dos «tesni», sobretudo pela sua intransigência de classe, pela luta contra o menchevismo búlgaro e pela sua rigorosa disciplina de ferro, era a corrente

mais próxima do bolchevismo. Mas não é menos verdade que esta corrente é profundamente diferente do bolchevismo, do leninismo, em muitas questões fundamentais de princípio e de táctica.

Em que consistiam as principais diferenças entre o socialismo de esquerda e o bolchevismo?

Para o socialismo de esquerda, a ditadura do proletariado não era a questão fundamental da revolução proletária. Esta questão não figurava no programa do nosso Partido. Como ainda não tinha tomado consciência da nova fase do capitalismo, última fase imediatamente precedente à revolução proletária, não punha concretamente a questão do poder, a da insurreição armada, como meio para derrubar o domínio da burguesia.

O socialismo de esquerda não adoptava posições absolutamente leninistas relativamente ao papel do Partido, como vanguarda militante da classe operária na revolução e na luta pelo poder, embora pela sua estrutura, pela sua organização e pela sua disciplina, o nosso Partido se aproximasse da doutrina leninista no que diz respeito ao próprio partido. O nosso Partido não se considerava como uma forma superior de organização da classe operária búlgara, apta a dirigir todas as outras organizações de trabalhadores, a estabelecer os mais estreitos elos com as massas e a assegurar deste modo uma acção revolucionária eficaz.

O socialismo de esquerda não era isento de um certo respeito pelo carácter espontâneo do movimento operário. Achava-se sob a influência da concepção social-democrata do jogo automático das leis sociais objectivas. Considerava que a sua tarefa consistia, antes de mais, em organizar uma agitação e uma propaganda para explicar a acção das leis objectivas do desenvolvimento social, em organizar e educar os operários e os trabalhadores no espírito socialista, em dirigir as suas lutas diárias com vista à inevitável revolução socialista, resultado das condições objectivas em maturação. O Partido não se considerava como uma força activa, chamada não só a organizar, a instruir os trabalhadores e a guiar as suas lutas diárias, uma força não apenas destinada a explicar os acontecimentos, mas também a participar na preparação das acções revolucionárias, a dirigi-las, a ser o factor dirigente

na preparação, na organização e no desenvolvimento da revolução proletária. Daí essa falta de iniciativas e essa passividade do Partido em momentos de luta de classe aguda, daí o seu isolamento sectário das massas levantadas.

O socialismo de esquerda erigia em dogmas muitas posições teóricas do marxismo, e como consequência o Partido caía no sectarismo e perturbava o desenvolvimento dos seus laços com as largas massas dos trabalhadores. Assim, por exemplo, ao pôr em prática uma linha de luta intransigente contra a classe burguesa, ao opor-se com razão ao princípio das coligações eleitorais fortuitas com os partidos burgueses e ao trabalho «positivo» de legislação no parlamento burguês, o Partido erigiu a acção independente em dogma, negando todo e qualquer acordo com outros grupos políticos, fosse em que condições fosse, ficando praticamente isolado. O nosso Partido era estranho à teoria leninista dos compromissos revolucionários, sem os quais nenhum partido revolucionário pode lutar com êxito e progredir.

Como não compreendia o papel do campesinato como aliado da classe operária na luta contra o capitalismo, o Partido mantinha-se, no que respeita à questão da atitude a observar em relação aos camponeses, nas posições de Plékhanov e não nas de Lénine. Só conquistava os camponeses na medida em que estes se colocavam nas posições do proletariado. Como sabemos, Lénine completou e desenvolveu a teoria marxista que trata das relações do proletariado com o campesinato. Lançou e desenvolveu a ideia da aliança militante dos operários e dos camponeses na luta contra o czarismo e a burguesia, luta durante a qual a classe operária atrai e conquista como aliados os camponeses, anda no seu estádio de pequenos produtores, antes mesmo de estarem preparados para abraçar o socialismo. Lénine demonstrou que era possível aproveitar as possibilidades revolucionárias das largas massas rurais, tanto na revolução burguesa democrática como na revolução socialista.

Foi com razão e êxito que o nosso Partido levou a cabo a luta contra os reformistas, que queriam transformar o partido da classe operária num partido pequeno-burguês diluído, fazendo assim dele um instrumento da classe burguesa e privando a classe operária da sua independência. Mas o

nosso Partido não compreendia que os camponeses pequenos produtores, submetidos à exploração e à ruína pelo grande capital monopolista e espoliador, encerravam consideráveis possibilidades revolucionárias e eram os aliados naturais da classe operária na sua luta de libertação; e que sem a aliança entre os operários e os camponeses e sem o papel dirigente da classe operária nesta aliança, não era possível derrubar o domínio capitalista e assegurar a vitória do proletariado.

O socialismo de esquerda definia os camponeses produtores, de uma maneira doutrinária, como um elemento unicamente conservador. Não se apercebia que o domínio dos monopólios continha em si uma opressão sempre crescente e a ruína das grandes massas camponesas, que punha essas massas cada vez mais descontentes e dispostas à revolução. Esta incompreensão das possibilidades revolucionárias do campesinato como aliado da classe operária na revolução, constitui uma das particularidades mais características da diferença entre o socialismo dos «tesni» e o leninismo. Não é por acaso que por ocasião dos levantamentos camponeses em 1900 o Partido negligenciou as capacidades revolucionárias dos camponeses na luta contra o capitalismo, capacidades que, naturalmente, só podem ser eficazmente desenvolvidas sob a direcção da classe operária e da sua vanguarda de combate. Também não é por acaso que nessa ocasião o nosso Partido não tinha um programa revolucionário agrário de sua autoria. É conveniente sublinhar bem que o socialismo dos «tesni» não tinha seguido as posições leninistas em nenhuma das questões desenvolvidas por Lénine, precioso contributo para o património do marxismo, para o seu desenvolvimento e aplicação na época do imperialismo. Eis porque não conseguiu extrair ensinamentos da revolução russa de 1905. Na sua análise dessa revolução, como também no julgamento que dela fez, não conseguiu ultrapassar Kautsky. Era completamente estranho aos elementos essenciais da teoria marxista da revolução proletária que Lénine tinha desenvolvido nas suas *Duas Tácticas,* no que respeita ao papel dirigente da classe operária na revolução burguesa democrática e na transformação desta revolução em revolução socialista e em insurreição armada. É por isso que o nosso Partido, embora difundisse incansavelmente a ideia da revolução socialista, embora a designasse

como a única salvação dos trabalhadores, não tinha, no entanto, uma visão clara das questões fundamentais que lhe diziam respeito. Não se tinha proposto estudar as vias concretas que conduziam à realização da revolução no nosso país, na Bulgária, nem as suas principais forças motrizes, o seu carácter, as suas particularidades, e o papel da classe operária e do Partido nessa revolução. Não punha a questão dos aliados da classe operária.

Isto mostra que o nosso Partido, apesar dos seus grandes méritos revolucionários perante os trabalhadores do nosso país, ainda não era um partido bolchevique, um partido marxista-leninista, um partido de tipo novo — suficientemente audacioso para arrastar o proletariado para a luta pelo poder, suficientemente experimentado para se orientar nas condições complexas da conjuntura revolucionária e suficientemente ágil para evitar todos os escolhos na via que o conduz ao seu objectivo.

No período que precedeu a Pimeira Guerra Mundial, período em que a primeira das tarefas consistia na organização da classe operária e na tomada de consciência das suas próprias forças, os defeitos e as fraquezas do socialismo dos «tesni» não se fizeram praticamente sentir. Mas, quando a guerra rebentou e pôs na ordem do dia a tarefa prática do derrube do capitalismo, também entre nós esses defeitos e essas fraquezas sobressaíram com toda a sua força e se fizeram sentir muito nitidamente.

Durante a Primeira Guerra Mundial, e muito especialmente depois da Revolução Socialista de Outubro, o Partido desenvolveu uma grande actividade de propaganda e de educação entre os soldados, tanto na frente como na retaguarda, com o fim de os preparar «a seguir o exemplo dos seus irmãos russos», isto é, para a revolução. Mas, no momento decisivo, quando na frente os soldados voltaram as suas baionetas contra os responsáveis da guerra, se insurgiram e se dirigiram para Sófia, ou seja, puseram em prática o exemplo dos seus irmãos russos, o Partido não se revelou à altura da sua tarefa; não soube organizar os soldados revoltados, chefiá-los e alargar a insurreição a todo o País, com a participação dos operários e dos camponeses; não soube orientá-la e transformá-la num levantamento do povo contra a monarquia, principal

agente do imperialismo alemão, bem como contra a clique capitalista no poder, que se tinha aproveitado da guerra para roubar e se enriquecer. Se o Partido tivesse lançado nessa altura, resolutamente, a palavra de ordem de paz e de república democrática popular, essa palavra de ordem teria unido sem contestações a enorme massa de trabalhadores das cidades e dos campos. Por outro lado, uma unidade de acção entre o Partido dos operários e a União Agrária teria garantido o êxito da insurreição. Um levantamento popular vitorioso em 1918, em nome de uma república, podia alterar a direcção geral do desenvolvimento do País e dos Balcãs, isto no interesse da esmagadora maioria do nosso povo.

A principal razão por que o nosso Partido não se colocou à frente das massas dos soldados insurrectos, no Outono de 1918, reside no seu espírito doutrinário, nas suas concepções não bolcheviques, bem como nos métodos e nas sobrevivências do socialismo de esquerda.

Não tendo adoptado a concepção leninista sobre o processo revolucionário específico nos diversos países, sobre a relação e o elo orgânico entre a luta pela democracia e a luta pelo socialismo, o nosso Partido considerava que, chegada a época da revolução social, a palavra de ordem de república popular — que não é uma palavra de ordem especificamente socialista — não podia ser lançada por um partido marxista.

Não tendo adoptado a concepção leninista sobre a aliança militante entre operários e camponeses, o Partido considerava que as massas de soldados, constituídas sobretudo por camponeses que não estavam preparados para lutar pelo poder soviético, também não seriam capazes, por esse motivo, de levar a cabo uma verdadeira luta revolucionária. Esta concepção doutrinária do marxismo impediu muito especialmente o nosso Partido de dirigir a insurreição dos soldados; não fez nenhuma tentativa para transformar a revolta numa insurreição geral, pelo que esta ficou isolada, foi deixada sem direcção segura e depois esmagada.

Assim, o socialismo de esquerda foi uma corrente revolucionário-marxista, mas não o bolchevismo em terreno búlgaro. Foi necessária uma longa luta pela bolchevização do Partido, para que se tornasse um partido de tipo novo, um partido

marxista-leninista, tal como hoje se apresenta, com um sentimento de orgulho legítimo, perante o seu actual congresso.

2. A adesão do Partido à Internacional Comunista e o início da bolchevização

O nosso Partido acolheu unanimemente e com entusiasmo a Grande Revolução Socialista de Outubro. Adoptou as suas palavras de ordem. Mobilizou os trabalhadores entre nós para a defesa da jovem República Socialista Soviética.

Durante a guerra civil, a intervenção imperialista e a fome atroz nas regiões do Volga, o nosso país desenvolveu uma notável campanha política de socorro a favor da população russa. Ficaram memoráveis na nossa história esses meses em que os nossos camponeses trabalhadores, com um entusiasmo e um espírito de sacrifício extraordinários, ofereceram grandes quantidades de géneros alimentares aos seus irmãos soviéticos e em que, pela sua luta, encabeçada pelo Partido, a classe operária desmoralizou o exército de 20 000 homens de Wrangel que estacionava em território búlgaro e impediu ser lançada pelos Churchill na intervenção militar contra o país dos Sovietes.

No seu congresso de 1919, o nosso Partido declarou-se um partido comunista. Contrariamente ao que se tinha passado em muitos outros países, reuniu-se na sua totalidade à Internacional Comunista. Melhor ainda, participou na sua fundação, sob a direcção do Partido Bolchevique e do imortal Lénine. Adoptou uma nova declaração de programas, aceitou a revolução proletária, não como um objectivo num futuro indefinido, mas como uma tarefa prática, para a qual as condições objectivas já estavam maduras e cuja solução dependia da preparação do factor subjectivo da revolução, ou seja, sobretudo da resolução e da capacidade do Partido para ser o seu organizador e guia. No seu congresso de 1921, adoptou, como questão fundamental da revolução proletária, os princípios da ditadura do proletariado sob a forma do poder dos Sovietes. Do mesmo modo, na reunião sobre a questão camponesa, o Partido proclamou como condição indispensável para a vitória da revolução a aliança dos operários e camponeses, sob a direcção da classe operária. A adopção destas disposições do programa, que o Partido popularizava largamente com a edição em búlgaro das principais obras de Lénine, era acompanhada por uma participação activa do Partido dos trabalhos da Internacional Comunista.

O Partido também aceitou o princípio dos métodos da luta ilegal, a sua coordenação com a vasta utilização de todas as possibilidades legais de luta e de propaganda revolucionárias, que o parlamento e os Conselhos municipais e gerais representavam.

Lançou as primeiras bases de uma organização militar do Partido, desenvolveu um considerável trabalho de propaganda e de organização entre os soldados e passou ao armamento das massas. Presidia às tempestuosas lutas dos trabalhadores no final catastrófico da guerra, aos grandes movimentos a favor de uma amnistia, contra a carestia da vida, contra a utilização da Bulgária como base de intervenção contra a Rússia Soviética, pelo reconhecimento da U. R. S. S.

Ao mesmo tempo o Partido levou a cabo uma luta maciça para transformar os municípios, de instrumentos de opressão, de pilhagem e de exploração, em organismos ao serviço dos interesses das massas trabalhadoras. Uma série de importantes municípios e algumas comunas rurais achavam-se sob a direcção do Partido Comunista. É assim que em 1920 contávamos com 22 conselhos municipais urbanos comunistas e com 65 rurais. A sua política popular, económica e cultural em benefício da classe operária e das outras massas trabalhadoras chocou, naturalmente, com uma resistência encarniçada da burguesia e do seu poder central. Ficará memorável na história do nosso país a luta longa e extremamente encarniçada pela existência e a consolidação do que então se chamava «as comunas».

É claro que, sem a conquista do poder de Estado pelo proletariado, com o Partido à cabeça, essas comunas não podiam ter uma longa existência e foram eliminadas pela burguesia umas após outras.

Mas a luta levada a cabo pelos trabalhadores, sob a direcção do Partido, pela conquista das comunas, contribuiu muito para reforçar a coesão das massas contra os exploradores e

os ladrões dos frutos do trabalho do povo e reforçou ainda mais a confiança dessas massas no Partido.

Este último ligava, de um modo geral, as lutas pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores à preparação dos combates decisivos pela vitória da revolução. Quando estavam em jogo interesses importantes dos trabalhadores, quando os seus direitos e as suas liberdades políticas se achavam seriamente ameaçadas, não hesitava recorrer a grandes acções de massas, à organização de uma greve política geral, como sucedeu, por exemplo, em 1919-1920, por ocasião da greve dos transportes, bem como à colaboração com o governo agrário, em 1922, contra a reacção ameaçadora e o fascismo. Assim, o Partido reuniu novas e vastas massas das cidades e dos campos.

Mas embora já participasse na Internacional Comunista e se afirmasse pelos seus sérios êxitos como o dirigente das lutas de classe dos trabalhadores na situação revolucionária existente nas vésperas da guerra, o Partido não conseguia conceber — pois os seus dirigentes não lha sabiam indicar de uma maneira concreta — a diferença de fundo entre o socialismo dos «tesni» e o bolchevismo. Não soube tirar os ensinamentos dessa diferença, nem tomar a direcção da luta para vencer as sobrevivências do socialismo dos «tesni», para se rearmar com a doutrina marxista-leninista.

Na verdade, o Partido acumulava uma experiência revolucionária própria, mas os hábitos que prevaleciam no seu seio eram ainda os da propaganda legal e a concepção de que o marxismo seria mais uma doutrina do que um método de acção revolucionário.

Isto está claramente demonstrado pela posição tomada pela direcção do Partido, a 9 de Junho de 1923, quando prevaleceu a concepção doutrinária do socialismo dos «tesni», referente ao processo revolucionário. A «neutralidade» nefasta, proclamada pelos dirigentes do Partido, era justificada por considerações em base a doutrinas mortas, estranhas à realidade e ao marxismo revolucionário. Afirmavam nessa altura que, uma vez que o governo agrário se tinha comprometido pelo seu regime, as massas populares não queriam levantar-se para o defender do golpe de Estado fascista. Por outro lado, uma vez que o campesinato ainda não estava pronto para se

bater por um governo dos operários e dos camponeses, também não seguiria o apelo do Partido Comunista para uma insurreição contra o fascismo. É evidente que os dirigentes subestimavam a imensa autoridade que o Partido tinha conquistado entre as massas com suas lutas. Subestimava o ódio das massas pelo fascismo e pela oligarquia bancária e militarista, ódio suscitado pelos representantes da corte e pelas cliques burguesas e monárquicas, e atiçado pelo próprio Partido Comunista. Se este último tivesse seguido o exemplo dado pelo Partido Bolchevique por ocasião da tentativa de golpe de Estado de Kornilov (Setembro de 1917), se, unido às forças sãs da União Agrária, se tivesse declarado resolutamente contra os conspiradores fascistas, não há dúvidas de que o golpe de Estado teria sido esmagado.

Foi precisamente em consequência da predominância, no seio da sua direcção, das concepções não-bolcheviques do socialismo dos «tesni» sobre a revolução, que a 9 de Junho de 1923 e nos dias seguintes o Partido sofreu uma derrota moral e política; deste modo, o movimento, extremamente favorável ao esmagamento das forças monarco-fascistas, logo no início da sua agressão, e à conquista de posições sérias na luta contra o capitalismo e pelo socialismo, falhou.

O socialismo de esquerda não conseguiu resistir, como arma ideológica e política da classe operária no nosso país, à prova da História nas novas condições da crise capitalista do pós-guerra e da luta imediata pelo poder. Essa arma revelou-se manifestamente insuficiente e imprópria para assegurar a vitória do proletariado no nosso país.

Era preciso que o nosso Partido tomasse consciência disso, que compreendesse, à luz da sua própria experiência revolucionária, a diferença entre o socialismo dos «tesni» e o bolchevismo; que reformasse toda a sua actividade política e organizadora no espírito do marxismo-leninismo, vencendo resolutamente as concepções negativas sociais-democratas, os hábitos e os métodos desusados. Era preciso que as sólidas tradições marxistas dos «tesni», as suas virtudes e a sua experiência assentassem, como já o afirmei noutras ocasiões, no molde bolchevique.

O nosso Partido já tinha enveredado por essa via. No entanto, a depuração do Partido das sobrevivências nefastas

do passado e a sua bolchevização devia agora realizar-se nas duras condições da clandestinidade e do terror branco criadas depois do esmagamento da Insurreição de Setembro, sob o implacável e ininterrupto fogo do inimigo.

3. A insurreição de Setembro de 1923 — viragem decisiva na bolchevização do Partido

Consideramos que a insurreição popular antifascista do mês de Setembro de 1923, organizada e dirigida pelo Partido Comunista Búlgaro, marca uma viragem decisiva no desenvolvimento do Partido: a sua passagem do socialismo de esquerda ao bolchevismo.

Aquilo que o Partido Comunista não soube realizar por ocasião da crise provocada pelo golpe de Estado fascista, tentou conseguí-lo mais tarde, quando o governo fascista mergulhou o País numa nova crise, que levou à insurreição armada de Setembro. O sólido nó marxista, auxiliado pela Internacional Comunista, venceu a direcção do Partido em Agosto de 1923 e impôs uma modificação radical da estratégia e da táctica. O Partido rompeu o seu isolamento político, adoptou resolutamente uma linha de conduta orientada para a reunião de todas as forças antifascistas num bloco coerente dos trabalhadores das cidades e dos campos e empreendeu a preparação séria das massas para a luta contra a ditadura monarco-fascista, indo até ao levantamento armado, em nome de um governo operário e camponês.

Ao aplicar esta nova linha política, o Partido concluiu um acordo de luta comum com a União Agrária, tentou entender-se com a Organização Macedónia e estendeu a mão para uma luta comum ao Partido Social-Democrata, que os seu chefes tinham ligado à clique Tzankov. De colaboração com a União Agrária, o Partido chefiou a insurreição popular de Setembro.

É escusado dizer que as condições em que se deu a insurreição de Setembro de 1923 já não eram tão favoráveis como em Junho. A iniciativa tinha passado para as mãos do inimigo. Mas mesmo em Setembro a vitória da insurreição era objectivamente possível e real. Tudo dependia da energia, da

ousadia perseverante, da unanimidade do Partido e das massas insurrectas. Contudo, o facto de a táctica do 9 de Junho não ter sido definitivamente condenada como falsa e nociva em todos os escalões do Partido, o facto de este último ainda não ser realmente bolchevique, como já sublinhei noutras ocasiões, impediu-o de organizar e dirigir bem a insurreição de Setembro de 1923.

É certo que os acontecimentos de Setembro mostraram que muitos responsáveis do Partido, no centro e na base, não tinham de modo algum adoptado uma táctica de luta resoluta, intransigente, contra o fascismo, ou só o tinham feito em palavras, sem convicção, sem vontade combativa, sem o desejo de preparar realmente o Partido para essa prova. Eis porque os acontecimentos encontraram várias organizações do Partido sem preparação. No momento da insurreição, vários dirigentes de organizações de base não se decidiram ou revelaram-se incapazes de empreender uma acção contra o poder fascista.

É nisto que residem as principais causas do insucesso da insurreição.

Existem, no entanto, derrotas que contribuem muito para a vitória ulterior da obra libertadora da classe operária. Foi este o caso do insucesso da Insurreição de Setembro de 1923.

O facto de o Partido ter tomado a chefia da insurreição, de ter acabado com o espírito de capitulação de Junho e adoptado uma linha política firme de luta contra a ditadura fascista, teve uma importância decisiva para o seu futuro e para o do movimento revolucionário no nosso país.

A Insurreição de Setembro cavou um fosso tão profundo e sangrento entre as massas do povo e a burguesia fascista, que já nada o podia preencher. Durante todo o período que se seguiu, o fascismo nunca conseguiu consolidar as suas posições, nem criar uma larga base social. Por outro lado, a luta cheia de abnegação e os esforços consequentes e incansáveis do Partido Comunista pela realização de uma frente única antifascista aproximaram-no estreitamente das massas populares, reforçaram os elos que os uniam e criaram as condições que lhe permitiam erguer-se como verdadeiro dirigente dos trabalhadores das cidades e dos campos, na batalha levada a cabo pela democracia e pelo socialismo.

Estas eram importantes conquistas que tomaram um lugar sólido no arsenal revolucionário do nosso Partido.

A sangrenta lição dada pela Insurreição de Setembro acelerou resolutamente o processo da bolchevização do Partido. O reconhecimento declarado do erro de 9 de Junho pelo seu chefe, Dimitre Blagoev, e a sua aprovação sem reservas da Insurreição de Setembro também contribuíram para isso.

Ao mesmo tempo, a derrota e as pesadas perdas sofridas pelo Partido e pelas massas estimularam, por outro lado, as correntes de liquidação de esquerda e de direita no seu seio. Estas correntes declararam-se ambas contra a insurreição de Setembro e uniram-se num bloco, desprovido de princípios, para combater os dirigentes do Partido que orientaram essa insurreição. O fim último a ser atingido por este bloco era, de facto, a liquidação do Partido Comunista.

Um grupo de antigos militantes, com Nicolas Sakarov e Ivan Klintcharov à frente, declararam o Partido «liquidado» e lançaram as bases de um grupúsculo oportunista, denominado «Partido independente do trabalho». Os operários acolheram este «Partido» de traição com uma profunda indignação e o Comité Central expulsou do Partido os liquidadores. Esta manobra denunciou o perigo que minava o Partido e contra o qual era necessário levar a cabo uma luta sem tréguas.

A Conferência ilegal de Vitocha, reunida após a Insurreição de Setembro, e a proibição do Partido, marcou um momento importante no seu desenvolvimento. Esta conferência realizou-se no mês de Abril de 1924, com a participação de delegados da maior parte dos distritos.

A Conferência de Vitocha solidarizou-se com o julgamento do Comité executivo da Internacional Comunista, no que diz respeito aos acontecimentos e à táctica do Partido, durante o período examinado. Reconheceu que, a 9 de Junho, o Partido tinha mostrado graves fraquezas na aplicação da táctica da frente única e que nessa mesma data até tinha cometido um erro fatal.

A Conferência achou justificada a orientação do Partido a favor de uma insurreição armada, adoptada no início do mês de Agosto, mas condenou a táctica persistentemente

apoiada pela maioria do Comité Central e do Conselho antes e depois do mês de Setembro. A justificação da atitude errónea do Comité Central entravou consideravelmente a orientação consciente do Partido para a insurreição armada, precisa a Conferência.

A Conferência aprova o facto de o Partido «se ter colocado à frente da insurreição» desencadeada pelas massas populares, «ter determinado a sua finalidade: um governo operário e camponês» e ter tentado em «condições extremamente difíceis... organizá-lo, uni-lo e alargá-lo». O Partido provou desta maneira que era «capaz de passar da propaganda e da agitação revolucionárias à acção revolucionária»; que era um «partido realmente comunista», que cumpriria com honra as suas tarefas: preparar os trabalhadores para uma nova insurreição armada pelo estabelecimento de um governo operário e camponês.

A importância da Conferência de Vitocha consiste no facto de, num dos seus momentos mais difíceis, o Partido ter conseguido unir todos os seus elementos sãos em torno do núcleo setembrista do Comité Central e colocá-los na linha política de Setembro, aprovada e sancionada pela Internacional Comunista. No entanto, ao mobilizar as massas para a aplicação da justa linha a seguir e ao atacar o desvio de direita, o Partido não tinha chamado suficientemente a atenção dos seus membros para o perigo dos desvios de esquerda, contra os quais era preciso levar a cabo uma luta resoluta.

A situação durante o período que se seguiu à derrota da Insurreição de Setembro e à ilegalização do Partido Comunista e das organizações operárias de classe é caracterizada pelos seguinte factos:

1. O País encontrava-se perante a perspectiva de novas lutas para derrubar o governo fascista e para estabelecer um governo operário e camponês. Os resultados das eleições legislativas de Novembro de 1923 confirmaram os cálculos feitos pela direcção do Partido e que concordavam com os da Internacional Comunista. Mostraram que a oposição contra o governo fascista, representada pelo Partido Comunista e pela União Agrária, era muito forte. Daí resultou que as massas populares, profundamente indignadas, estavam dispostas a retomar a luta para derrubar o governo fascista.

2. O facto de os comunistas e os agrários terem participado nas eleições com listas comuns, demonstrou que tinham aprendido com as lições do passado e que tinham adoptado a táctica da frente única. A luta levada a cabo em comum pelo Partido Comunista e pela União Agrária foi de uma importância decisiva para a vitória nas eleições.

3. A ditadura fascista entravava fortemente o trabalho legal do Partido no seio das massas. Ao mesmo tempo, a perspectiva de novas lutas armadas obrigou-o a prestar sobretudo atenção à preparação militar das massas.

Neste campo, alimentado pelo terror branco, apareceu o perigo de um desvio ultra-esquerdista no Partido, sobretudo na sua organização militar, a qual, para responder às medidas terroristas do governo, empreendeu a organização de destacamentos de franco-atiradores e de alguns actos terroristas.

Entretanto, por volta dos fins de 1924 e princípios de 1925, a situação alterou-se. A posição internacional e interna do fascismo, no fim da estabilização parcial e provisória do capitalismo na Europa, tinha-se consolidado um pouco. Já não existiam possibilidades para um novo levantamento armado. A representação do Partido no estrangeiro procedeu no mês de Março a um novo exame da situação interna e internacional do país e propôs que se abandonasse o curso da insurreição armada. A nova linha política que preconizava: a criação de organizações de massa e o desenvolvimento de lutas de massa por parte dos operários e dos camponeses para a satisfação das suas reivindicações urgentes, devia conjurar o perigo de um desvio ultra-esquerdista funesto ao Partido e ao movimento revolucionário. No entanto, no interior do país, a direcção do Partido não se mostrou capaz de se opor resolutamente e a tempo ao desvio ultra-esquerdista, de abandonar, na prática, a linha de uma insurreição armada e de proceder à reorganização de toda a actividade do Partido, de acordo com a nova situação política.

O governo fascista prosseguia com uma raiva ainda maior a sua actividade terrorista e, aproveitando-se dos actos de desespero empreendidos pela direcção da organização militar do Partido, cujo apogeu foi o atentado à catedral de Sófia, lançou-se na exterminação dos comunistas activos, dos militantes operários e camponeses.

A vaga de terror que se seguiu ao atentado à catedral de Sófia, a 16 de Abril de 1925 (²), infligiu um golpe extremamente rude ao Partido. A sua direcção ficou desorganizada. A maior parte dos seus quadros experimentados, que tinham sobrevivido à Insurreição de Setembro, foi massacrada, lançada na prisão ou obrigada a emigrar. As condições de trabalho clandestino tornaram-se extremamente penosas. Era nestas condições que o Partido devia dirigir as lutas dos trabalhadores, prosseguir o combate contra o fascismo. Paralelamente a isto, devia enriquecer-se com todos os ensinamentos que se pudessem tirar das derrotas de 1923 e de 1925, descobrir as suas principais causas, unir estreitamente os seus quadros e todos os seus membros na base do bolchevismo. Tendo sofrido graves reveses, perdas humanas consideráveis, privado dos seus melhores quadros dirigentes, o Partido atravessou um período particularmente difícil do seu desenvolvimento.

A questão do seu passado e da sua bolchevização foi posta e discutida pela primeira vez, na Conferência de Moscovo, em 1925, convocada por iniciativa da Representação do Partido no estrangeiro, com o consentimento do Comité executivo da Internacional Comunista. Participaram nesta conferência os membros sobreviventes do Comité Central e os militantes emigrados durante os acontecimentos de 1923 e 1925. Mas a apreciação feita pela Conferência, a saber, que o Partido tinha conseguido «a pouco e pouco e sem abalos, sem grandes crises internas, passar da época do desenvolvimento orgânico do capitalismo à do seu desmoronamento, que tinha conseguido compreender as particularidades do período revolucionário e adaptar-se a elas», era um pouco forçada e não correspondia inteiramente à realidade. A experiência mostrou que a passagem do Partido da «época do desenvolvimento orgânico do capitalismo ao seu desmoronamento» tinha sido difícil, cheia de hesitações, acompanhada de graves erros, como o cometido por ocasião do levantamento militar de Vladaia, em 1918, o do 9 de Junho de 1923 e o ultra-esquerdismo de que deram provas alguns dirigentes da organização militar do Partido, a 16 de Abril de 1925.

A compreensão dos traços característicos da época revolucionária era, de um modo geral, uma tarefa séria e difícil,

mas era ainda mais difícil compreender as particularidades específicas do período revolucionário nos Balcãs, onde o nosso Partido devia actuar. A Conferência fez notar com razão que para isso era necessário assimilar o marxismo-leninismo enquanto guia de acção, analisando a experiência da revolução russa e a sua própria experiência revolucionária. Com uma sã autocrítica, o Partido devia «reeducar-se de maneira a ser capaz de se orientar em qualquer conjuntura histórica, e, tendo em conta condições concretas, dirigir judiciosamente a luta das massas na via da revolução internacional».

A sessão alargada do Comité Central, que se realizou em 1926 em Viena, não ultrapassou a Conferência de Moscovo na questão da bolchevização do Partido. É verdade que esta sessão sublinhou especialmente a tarefa de criar «a união ideológica das massas do Partido em torno da bandeira do seu Partido e da da Internacional Comunista, com base no leninismo». Foi com razão que a Conferência de Moscovo e a sessão de Viena sublinharam a enorme importância que tinha para a bolchevização do Partido o estudo da sua própria experiência à luz do leninismo. Mas a sessão alargada do Comité Central e a Conferência de Moscovo erravam ao conceber a bolchevização como um «processo do desenvolvimento orgânico» e não como uma luta para vencer as tradições não-bolcheviques do período dos «tesni».

Depois da Conferência de Vitocha, que uniu o Partido Comunista na linha da Insurreição de Setembro, a segunda Conferência do Partido, que se realizou em Berlim em fins do mês de Dezembro de 1927 e princípios de Janeiro de 1928, submeteu a uma discussão detalhada a sua actividade durante o período posterior a 1923, a sua táctica, bem como as suas realizações, os erros cometidos e as derrotas sofridas. Na segunda conferência devia-se levar a cabo uma luta encarniçada contra os desvios de direita e de esquerda.

Já na Conferência de Moscovo tinham surgido importantes divergências quanto ao julgamento a fazer dos erros cometidos pelo Partido. Os defensores do espírito de capitulação de 9 de Junho e os partidários do desvio ultra-esquerdista, que se tinham manifestado durante os acontecimentos de Abril de 1925, uniram-se praticamente na sua luta contra os dirigentes setembristas do Partido. Os representantes da linha

setembrista deviam combater em duas frentes. No fim dos debates circunstanciados sobre todas as questões, tanto os direitistas como os esquerdistas dobraram as suas bandeiras e reuniram-se, em aparência, às resoluções formuladas pela direcção do Partido.

Mas depois da conferência as divergências rebentaram com uma força ainda maior. Os oportunistas de direita e os sectários de esquerda uniram-se num bloco, desprovido de princípios, para lutar contra os dirigentes setembristas, facto que foi nitidamente confirmado durante a segunda Conferência do Partido.

Em consequência das graves dificuldades de organização que o Partido atravessava, os delegados à conferência foram pouco numerosos e, em grande medida, designados ao acaso. Além disso, a formação no seio do Partido de uma fracção ultra-esquerdista, sectária e secreta, já estava bastante avançada. Esta fracção, composta por alguns elementos intelectuais pequeno-burgueses, esforçou-se por criar artificialmente, através de uma propaganda camuflada, uma maioria fraccionária, para impor os seus pontos de vista sectários e apoderar-se da direcção do Partido.

Durante longos e encarniçados debates, o espírito do 9 de Junho e de liquidação de direita foi total e definitivamente desmascarado e desarmado. Mas a fracção sectária ultra-esquerdista, encorajada pelos elementos trotskistas e esquerdistas de determinados outros partidos comunistas, não desistiu, apesar do seu voto a favor da resolução proposta pelos dirigentes setembristas do Partido; imediatamente depois da conferência, prosseguiu, reforçando-a, a sua acção dissolvente.

A Conferência fez um esforço sério para fazer a análise do passado do Partido e dar uma apreciação geral deste. Apontou o que aproximava o socialismo dos «tesni» do bolchevismo e auxiliou o Partido a evoluir para este último. Também apontou determinadas questões que separavam o socialismo de esquerda e o bolchevismo e entravavam a bolchevização do Partido. Mas, apesar deste passo considerável em frente, a segunda Conferência do Partido não foi até ao fim. Não definiu claramente a diferença de fundo entre o socialismo de esquerda dos «tesni» e o leninismo sobre as

questões fundamentais da revolução. Continuou a considerar a bolchevização do Partido como uma adaptação dos «tesni» às novas condições e não como uma luta decisiva para vencer as sobrevivências sociais-democratas no Partido e para o rearmar pelo bolchevismo (marxismo-leninismo). Salientando que durante o período do pós-guerra o Partido «se desenvolvia e agia, de um modo geral, como partido revolucionário do proletariado búlgaro», a segunda Conferência do Partido declarava «que tinha passado sucessivamente dos métodos de agitação e de propaganda e dos métodos de luta económica do período anterior à guerra, aos métodos da acção revolucionária de massa, adaptando-se às necessidades e às exigências da época revolucionária». É verdade que a Conferência sublinhou que esta evolução «não seguia uma linha recta, mas que se efectuava em ziguezague e com hesitações», que a bolchevização do Partido se realizava pela «luta que entre si travavam as tendências bolcheviques, que a impeliam para a frente, e os vestígios sociais-democratas, que a puxavam para trás». No entanto, declarava simultaneamente «que o socialismo revolucionário dos "tesni" e o espírito setembrista se uniram e formaram as duas raízes inabaláveis do partido bolchevique do proletariado búlgaro».

A segunda Conferência do Partido caracterizou a Insurreição de Setembro como «a negação total da táctica do 9 de Junho», como uma profunda viragem no desenvolvimento do Partido, a qual assentou os fundamentos da «ruptura definitiva e irrevogável com o espírito da social-democracia e do 9 de Junho», e como o passo mais decisivo na via da bolchevização do Partido.

Na sua análise do período «tesni», a segunda Conferência do Partido, sem identificar o socialismo dos «tesni» com o bolchevismo, punha sobretudo em relevo aquilo que aproximava o socialismo do bolchevismo. Não mostrava com suficiente clareza tudo o que os separava.

Ao analisar este período, devo reafirmar desta tribuna aquilo que já afirmei por várias vezes: é de lastimar que nós, os mais próximos companheiros de luta de Dimitre Blagoev, não tenhamos conseguido, depois da sua morte, efectuar a tempo a necessária análise completa marxista-leninista de todos os valores do passado revolucionário do Partido e do

proletariado búlgaro, para podermos, utilizando totalmente o grande capital do movimento revolucionário, vencer mais rápida e definitivamente os restos não-bolcheviques do período dos «tesni».

Foi precisamente esta circunstância, paralelamente à situação difícil do Partido, mergulhado na ilegalidade, que foi explorada pelos vários elementos ultra-esquerdistas ou fortuitos para se introduzirem no seio da sua direcção, e até mesmo para adquirirem, por algum tempo, a supremacia.

4. Luta contra o sectarismo de esquerda no Partido e a sua supressão

Abusando da autoridade da Internacional Comunista, apresentando-se no interior do Partido como os melhores intérpretes das suas decisões, aproveitando-se, como já afirmei, das condições ilegais e difíceis em que este se encontrava, os sectários de esquerda Iskrov, Gueorgui Lambrev e Ilya Vassilev (Boiko) [3] conseguiram, usando de meios fraccionários, organizar a Sessão plenária do Comité Central durante o Verão de 1929 e infiltrar-se, de facto, na direcção do Partido. Sob a capa da bolchevização do Partido, os sectários de esquerda promoviam uma orientação antibolchevique. Lançaram a palavra de ordem «extirpar o socialismo dos "tesni"» e iniciaram uma luta hipócrita contra os antigos quadros fiéis ao Partido e contra o seu passado revolucionário, impelindo-o para a via funesta do isolamento em relação às massas. A passividade dos velhos militantes que outrora gozavam de autoridade no País e que tinham renunciado a qualquer actividade, favoreceu o seu empreendimento.

A fracção sectária de esquerda tornou-se o principal obstáculo à bolchevização do Partido. No momento em que a ditadura fascista, paralelamente aos actos terroristas contra o nosso Partido, se esforçava por o decompor no interior, por decapitá-lo, por desorganizar a sua direcção, encontrou nos principais dirigentes da fracção dos sectários os seus melhores aliados.

Mas apesar da preponderância provisória da fracção dos sectários de esquerda, o Partido possuía um número suficiente

de forças sãs para dirigir as lutas dos trabalhadores no País, e isso no momento em que o movimento operário apresentava um progresso. A estagnação em que o movimento dos operários e dos trabalhadores se tinha visto mergulhado depois dos cruéis reveses de 1923 e de 1925, foi pouco a pouco vencida. Em 1927 criou-se o Partido Operário, organização legal da classe operária. Os sindicatos operários também foram reconstituídos. Actuando sob a direcção do Partido Comunista ilegal, este Partido Operário conseguiu, em pouco tempo, adquirir uma grande autoridade entre as massas. Já se apercebiam os sintomas de uma nova onda revolucionária. Durante este período desenrolaram-se greves importantes, conseguiram-se grandes vitórias eleitorais, e utilizou-se em larga escala tudo o que se podia fazer na legalidade. O Partido crescia e continuava a avançar ousadamente. Não havia, no entanto, dúvidas de que os seus êxitos teriam sido muito mais importantes sem a prejudicial influência da fracção dos sectários de esquerda. Foi assim, por exemplo, que na segunda Sessão plenária, em vez de concentrarem a atenção sobre a tomada da direcção pelo Partido do novo impulso da combatividade das massas, os sectários de esquerda se embrenharam em análises escolásticas e estreitas sobre o passado do Partido e elaboraram uma resolução muito longa que um operário não teria conseguido ler de uma ponta à outra. Foi também por culpa dos sectários de esquerda que o nosso Partido não conseguiu assegurar o alargamento nem a concretização eficaz da séria brecha assestada na frente da ditadura fascista durante o Verão de 1930, bem como por ocasião do golpe de Estado de Maio de 1934 (4).

A actuação política dos sectários de esquerda, na realidade uma actuação trotskista, não tinha nada em comum com a linha da Internacional Comunista e era-lhe mesmo hostil.

1. Em vez de uma apreciação lúcida da situação com base numa análise marxista concreta das forças actuantes, limitavam-se a repetir as fórmulas gerais da estratégia e da táctica leninista e transpunham mecanicamente as soluções adoptadas pelos outros partidos comunistas, sem atender às condições concretas no nosso país. Os êxitos que o Partido registou, mesmo apesar da direcção dos sectários de esquerda, atribuíam-nos eles a si próprios e declaravam que o Partido se achava perante a tarefa imediata de estabelecer a ditadura do proletariado na Bulgária.

2. O trabalho sério e persistente, entre os operários e os camponeses, para popularizar as palavras de ordem do Partido, preparar a luta, mobilizar as massas, era substituído por frases «revolucionárias» e apelos grandiloquentes a favor de acções «revolucionárias». A palavra de ordem de «ofensiva geral aberta», de «ocupação das ruas», da «tomada das terras» e outras frases «revolucionárias» ocas, são características da actuação política dos sectários de esquerda. A palavra de ordem da greve política estava de tal modo comprometida por estes últimos, que a Internacional sindical se vê absolutamente obrigada a declarar-se contra o seu lançamento na Bulgária.

3. A direcção efectiva, baseada na adopção consciente, por parte dos membros e das organizações de massa, das decisões e directivas do Partido, deu lugar a um comando mecânico e até mesmo brutal. A atitude tomada pela direcção sectária de esquerda em relação ao Partido Operário legal era falsa e extremamente nociva. Embora este Partido reunisse um número considerável de quadros experimentados no trabalho no seio das massas, embora a influência do Partido Comunista nele se exercesse por seu intermédio, estes quadros eram tratados como quadros de segunda ordem. Depois do golpe de Estado de 19 de Maio de 1934, quando o Partido Operário e as outras organizações de massa foram proibidos, os sectários de esquerda não organizaram nenhuma resistência e apressaram-se a declarar o Partido Operário «liquidado por si mesmo».

4. Sob a capa de uma falsa «bolchevização», afirmaram que o período dos «tesni» era um período «menchevique» e «antibolchevique». Camuflados de defensores da Insurreição de Setembro, difundiram a «crítica» trotskista dessa insurreição, lançaram-se em guerra contra os quadros setembristas do Partido. Os dirigentes sectários de esquerda sabotaram inclusivamente a campanha antifascista internacional, relativa ao processo de Leipzig.

5. Ao apoderarem-se por algum tempo da direcção interna do Partido, e ao identificarem-se com ele, esses sectários

constituíram-se numa fracção clandestina no seio do Partido. Camuflados de leninistas, utilizando com duplicidade a autoridade da Internacional Comunista, destruíram os fundamentos do Partido e comprometiam o movimento revolucionário.

É preciso fazer observar com reconhecimento que a luta do Partido para vencer o sectarismo de esquerda era firmemente apoiada pela Internacional Comunista e pelo seu partido dirigente, o Partido Bolchevique, sobretudo em conexão com a segunda Sessão plenária do Comité Central, cujas decisões nocivas foram rejeitadas pelo Comité Executivo da Internacional Comunista.

A resolução tomada em Agosto de 1930 pelo Secretariado Político deste Comité Executivo foi muito importante para o nosso Partido. Ela abordou as questões fundamentais do movimento comunista na Bulgária e serviu de base à reunião dos quadros sãos do Partido para uma política verdadeiramente marxista-leninista.

Esta resolução mostrou claramente o que havia de revolucionário marxista no período dos «tesni», que o Partido não devia rejeitar, mas «preservar e aprofundar».

Ao mesmo tempo, a resolução do Secretariado Político mostrava com precisão a diferença entre o socialismo de esquerda e o leninismo sobre questões fundamentais da revolução proletária. Esta designou a Insurreição de Setembro como a viragem decisiva na bolchevização do Partido, como o início da cristalização bolchevique no seio dos seus quadros, antigos e novos, cristalização entravada pela luta insuficientemente consequente da direcção do Partido contra as tradições não bolcheviques e contra a doença infantil — o esquerdismo.

A resolução fez um apelo para que o Partido abandonasse definitivamente as sobrevivências do período do socialismo de esquerda, que o perturbavam na sua transformação, de agitador e de propagandista da revolução, em organizador e dirigente das massas na sua luta pelo poder, e a reforçar a sua coesão num programa comum, combatendo o principal perigo: todas as manifestações do oportunismo e do seguidismo, bem como o sectarismo de esquerda.

O Secretariado Político do Comité Executivo da Internacional Comunista fez um apelo ao Partido para a luta resoluta

contra o espírito de grupo e o perigo de deslocação que o Partido corria por causa do fraccionismo.

O processo de agrupamento do Partido sobre o programa elaborado pela Internacional Comunista foi entravado pelos sectários de esquerda, que adoptaram a resolução apenas de palavra; contudo esconderam o seu desacordo com essa resolução ao Partido e à Internacional Comunista, empreendendo a sua revisão num espírito sectário.

O Partido viu-se de novo perante um grande perigo, que ameaçava a sua existência e o seu desenvolvimento. Para a sua salvação, era-lhe necessário recorrer a todas as suas forças para liquidar a linha esquerdista, arrancar a direcção do Partido das mãos dos sectários, e realizar uma viragem decisiva — passar da fraseologia revolucionária a um trabalho e a uma luta de massas verdadeiramente bolcheviques. Só a pronta condenação das deformações sectárias em todos os domínios da actividade do Partido poderia auxiliar a restabelecer os seus elos com as massas, a torná-lo capaz de edificar a frente única popular e antifascista que abolisse a ditadura militar.

E apesar das grandes dificuldades inerentes às condições da ilegalidade e do terror, o nosso Partido, fortalecido pela assistência da Internacional Comunista, pôde levar a cabo esta tarefa.

5. A nova orientação bolchevique do Partido

O VII Congresso da Internacional Comunista marca uma viragem na linha seguida pelos Partidos comunistas; apresentou como tarefa, para o período imediato, a luta contra o fascismo, principal perigo para a classe operária, para os trabalhadores, para a paz e para a liberdade dos povos. Para travar a agressão do fascismo e para o derrotar era necessária a coesão da classe operária e a formação, nessa base de uma poderosa frente popular antifascista. A criação da frente única exigia que os comunistas vencessem nas suas próprias fileiras o espírito de suficiência sectária que se tinha tornado um vício inveterado. Ao avaliar a maturidade revolucionária das massas acima das suas capacidades e ao subestimar a

importância das lutas para a defesa das reivindicações urgentes e dos direitos dos trabalhadores, os sectários no seio da Internacional Comunista alimentavam a passividade perante a ofensiva fascista. Ao substituírem a política de massas por uma propaganda abstracta, pelo espírito doutrinário, ao preconizarem palavras de ordem e uma táctica estereotipada para todos os países, sem terem de modo algum em conta as particularidades concretas de cada um deles, os sectários atrasavam o crescimento dos Partidos comunistas, entravavam o desenvolvimento de uma verdadeira luta de massas e a conquista de largas massas trabalhadoras. Mas os Partidos comunistas deviam simultaneamente mostrar-se vigilantes em relação ao perigo de direita que ia crescer por ocasião da criação em vasta escala da frente única, e que iria provocar movimentos espontâneos, bem como o automatismo, a subestimação do papel do Partido, a incerteza nos momentos de acção determinante.

Foi nesta conjuntura que se reuniu o VII Congresso da Internacional Comunista.

As decisões do VII Congresso da Internacional Comunista tiveram uma influência decisiva na viragem que se iria efectuar no nosso Partido e na sua bolchevização total. Referindo-se aos acontecimentos ocorridos a 19 de Maio de 1934, a resolução da Internacional Comunista contra a direcção sectária de esquerda já punha directamente a questão da substituição da equipa sectária, que era absolutamente incapaz de realizar essa viragem. Essa modificação realizou-se no início de 1935.

Na sua carta aberta de 1 de Outubro de 1935, baseada na resolução de 1934 da Internacional Comunista, a nova direcção do Partido expôs com brevidade e clareza a natureza da actuação oportunista e sectária de esquerda destes últimos anos, quando «elementos pequeno-burgueses, doutrinários, sectários e fraccionários tinham provisoriamente predominado no seio do Partido e lhe tinham imposto esta orientação oportunista e sectária de esquerda». Baseando-se nas decisões do VII Congresso da Internacional Comunista, a carta aberta formulava do seguinte modo as tarefas fundamentais do Partido: edificar a frente única, antifascista e popular e a

organização da classe operária, fortalecendo simultaneamente o Partido sob todos os aspectos.

A VI Sessão Plenária do Partido de Fevereiro de 1936 estabeleceu de maneira judiciosa e consequente a orientação bolchevique do Partido, à luz das decisões do VII Congresso da Internacional Comunista:

1. A Sessão plenária fazia sobressair que a tarefa fundamental do momento era a criação de uma vasta frente popular antifascista, compreendendo todas as organizações não fascistas, para lutar em nome das seguintes reivindicações políticas: restabelecimento da constituição de Tirnovo, eleições legislativas de acordo com a antiga lei eleitoral, revogação de todos os decretos e estatutos anticonstitucionais, dissolução de todas as organizações fascistas. Era nesta frente e em nome destas reivindicações que se deviam reunir todas as forças sãs do povo.

Ao mesmo tempo, o Partido propôs a todas as organizações de trabalhadores que levassem a cabo uma luta comum pela satisfação das suas reivindicações urgentes. Declarou-se disposto a dar o seu apoio a um governo de frente popular antifascista para a realização desse programa, embora considerasse que só um governo de forma soviética poderia melhorar a situação das massas e garantir a mais completa e consequente defesa das liberdades do povo, da paz e da independência do país.

2. A Sessão plenária aprovou inteiramente a substituição dos sectários de esquerda na direcção do Partido por partidários convictos e experimentados do novo curso bolchevique. Ao mesmo tempo, esta sessão revelou a necessidade de aprofundar a crítica do curso sectário de esquerda, para que os militantes compreendessem bem o seu carácter antileninista e trotskista, assim como efectuar um trabalho sistemático de esclarecimento aprofundado que lhes permitisse adoptar conscientemente o novo curso do Partido, e isto, não só em palavras, mas também na prática.

3. A Sessão plenária elaborou uma directiva detalhada para reunir todos os quadros que se tinham mantido fiéis ao Partido, jovens e velhos; de forma a estreitar a sua coesão e a mobilizá-los para um trabalho prático, a fim de reforçar

a unidade verdadeira e consciente do Partido em bases marxistas-leninistas em torno do seu Comité Central.

Graças a este novo curso bolchevique os laços de união entre o Partido e as massas foram rapidamente restabelecidos, e o seu papel na vida política do país tornou-se cada vez mais importante.

A formação da frente popular antifascista progredia, não sem dificuldades, apesar da resistência e da sabotagem dos chefes de direita dos outros Partidos não fascistas. Nas eleições legislativas e municipais, a frente popular antifascista, e sobretudo o Partido, surgiram como uma grande força política.

O principal inimigo contra o qual a frente popular antifascista lutava no interior do país, era constituído pelos promotores do fascismo: o governo do rei Boris e o chamado movimento social de Tzankov. Os principais inimigos externos que ameaçavam a paz e a independência nacional da Bulgária eram os Estados fascistas: a Alemanha hitleriana e a Itália. Foi contra esta dupla ameaça que a frente popular antifascista mobilizou as massas na luta pela paz, contra os fautores da guerra e os seus agentes búlgaros, pela defesa da independência nacional da Bulgária, por relações amigáveis com todos os países vizinhos, pela segurança colectiva e pela defesa comum de todos os países democráticos, grandes e pequenos, que tinham adoptado uma política a favor da paz e da democracia, contra a guerra e o fascismo.

A preparação febril da Alemanha para uma nova guerra mundial, a agressão hitleriana contra a Áustria e a Checoslováquia, os esforços dos imperialistas alemães, secundados pelo monarco-fascista búlgaro, para submeter a Bulgária e englobá-la no seu «espaço vital» e, mais tarde, o desencadear da guerra mundial em consequência da agressão alemã contra a Polónia, criaram, para os países balcânicos e para a Bulgária, o perigo iminente de serem arrastados para as hostilidades. O Partido considerava com razão que a União Soviética continuava a ser o único poderoso escudo da paz nos Balcãs e da independência dos povos balcânicos.

Partindo desta base, o Partido proclamou que a tarefa fundamental da política externa da Bulgária era a conclusão de um pacto de amizade e de assistência mútua com a

U. R. S. S. Contudo, se a Bulgária estivesse em perigo de ser atacada ou então se fosse vítima de uma agressão por parte de uma das duas partes beligerantes, a fim de a arrastarem para a guerra, o povo búlgaro lutaria com todas as suas forças pela defesa da sua liberdade e da sua independência, procurando o apoio da União Soviética.

Nestas condições, o Partido orientou os seus esforços no sentido de reunir todas as forças democráticas para a defesa da paz e da independência do país, para a defesa das liberdades e das necessidades urgentes das massas, contra a guerra, a reacção e a pilhagem capitalista.

A proposta feita ao governo búlgaro, em Dezembro de 1940, pelo enviado do governo da U. R. S. S., Sobolev, para a conclusão de um pacto de amizade e de assistência mútua entre os dois países, confirmou a justeza da atitude do Partido quando pediu que a Bulgária fosse orientada para a U. R. S. S., e reforçou a sua posição no seio do povo. O Partido tornou-se o centro de um poderoso movimento popular a favor de um pacto de amizade com a União Soviética. Só os elementos capitalistas e reaccionários declarados dos dois campos — germanófilos e anglófilos —, unidos no seu ódio contra a União Soviética e o bolchevismo, se mantinham fora deste movimento.

A VII Sessão Plenária do Partido, reunida em Janeiro de 1941, trabalhou sob o signo da luta contra a entrada da Bulgária na guerra. O Partido compreendeu que o governo fascista do rei Boris, ao rejeitar a proposta soviética, unia definitivamente o nosso país à Alemanha hitleriana, facto que só podia aumentar o perigo de a Bulgária ser arrastada para a guerra. Desenvolveu então no seio das massas uma campanha ainda mais enérgica a favor do pacto com a União Soviética e contra a participação da Bulgária na guerra.

A partir de então a agitação atingiu os soldados mobilizados para a fronteira, surgiu a insubordinação no exército. Foram lançadas palavras de ordem de regresso ao lar, contra a entrada da Bulgária no conflito ao lado da Alemanha hitleriana. Tornou-se claro para os ocupantes hitlerianos e para os seus agentes búlgaros que o nosso país não representava uma retaguarda segura e que a sua política criminosa não conseguia obter o apoio do povo búlgaro.

A cobarde agressão da Alemanha hitleriana contra a União Soviética, a 21 de Junho de 1941, alterou totalmente a conjuntura internacional. Tendo sido inicialmente empreendida como uma colisão entre dois campos imperialistas, a Segunda Guerra Mundial transformou-se em guerra libertadora dos povos, com a U. R. S. S. à cabeça, contra a agressão hitleriana. O nosso Partido adoptou logo no início uma posição resoluta contra o bloco germano-fascista e os seus agentes no nosso país.

A partir de 22 de Junho, o Comité Central do Partido tornou público um apelo ao povo búlgaro, onde se afirmava:

> «A História não tem conhecimento de uma guerra mais criminosa, de uma guerra mais imperialista e mais contra-revolucionária do que a empreendida pelos fascismos contra a U. R. S. S. E, vice-versa, não existe guerra mais justa e mais progressista do que a levada a cabo pelos povos soviéticos contra a invasão fascista, uma guerra de cujo epílogo depende o destino de todas as nações. Uma guerra tão justa não podia deixar de ganhar as simpatias e o apoio de tudo o que há de honesto e progressista no mundo... Perante o povo búlgaro, cuja esmagadora maioria nutre um amor sem limites pelo povo soviético irmão e põe nele todas as suas esperanças de um futuro melhor... ergue-se a tarefa colossal de não permitir, de modo algum, que o seu território e o seu exército sejam utilizados pelo fascismo alemão para a pilhagem...
>
> Sejam vigilantes e oponham-se de todas as maneiras, o mais energicamente possível, às medidas que o governo tomar para nos arrastar para a guerra ou para pôr o nosso país ao serviço dos bandidos fascistas! Nem um grão de trigo búlgaro, nem um bocado de pão para os fascistas e ladrões alemães! Nem um único búlgaro ao seu serviço!

Já neste apelo o Comité Central caracterizava a agressão hitleriana contra a U. R. S. S. como «uma aventura insensata», da qual «Hitler acabaria inevitavelmente por se sair mal».

A 24 de Junho de 1941, o Secretariado Político do Partido optou pela preparação do povo búlgaro para uma luta armada, dirigida contra os ocupantes hitlerianos e os seus agentes búlgaros. Para este efeito foi nomeada uma comissão militar especial. Procedeu-se à formação de grupos armados de combate para actos de diversão e de sabotagem; a sua tarefa consistia em desorganizar as comunicações alemãs, em destruir as empresas e os depósitos que serviam os hitlerianos. O Partido também organizou a sabotagem da produção pelos operários. Daí resultou, em numerosas empresas importantes, uma diminuição da produção de 40 a 50 por cento. Por outro lado, o Partido organizou uma campanha para que os camponeses dissimulassem os seus produtos. Lançou como palavra de ordem atacar as unidades e as bases nazis e criar no país um clima de insegurança para os alemães e para os seus agentes búlgaros, a fim de desorganizar e paralisar o seu esforço de guerra. O Partido decidiu simultaneamente aumentar o seu trabalho no exército, lançando a palavra de ordem: «Nem um soldado para a Frente de Leste!» Além disso, aos soldados que ocupavam a Jugoslávia foi lançada a palavra de ordem de confraternizarem com os guerrilheiros jugoslavos e de se integrarem nas suas fileiras. Os primeiros destacamentos de guerrilheiros surgiram em 1941, nos distritos de Razlog, Batak, Karlovo, na parte oriental do maciço da Sredna-Gora, nos arredores de Sevlievo, Gabrovo, etc.

Esta luta heróica causava muitas vítimas e muitos sofrimentos: dezenas de combatentes foram fuzilados ou enforcados. Nas cidades e nas aldeias, os gendarmes expunham as cabeças cortadas dos guerrilheiros; as prisões e os campos de concentração estavam cheios. Mas, apesar do terror feroz, a luta não deixava de alastrar. À medida que se acumulavam os reveses do exército alemão na frente de Leste, em consequência das vitórias do Exército soviético, e que a perspectiva da sua derrota inevitável aparecia cada vez mais nitidamente, as condições para a união de todas as forças sãs e patrióticas do povo numa Frente da Pátria tornavam-se cada vez mais favoráveis. Os seus fundamentos foram lançados por iniciativa do nosso Partido, em meados de 1942, com a publicação do seu programa.

O programa da Frente da Pátria declarava de uma maneira clara e categórica que o plano hitleriano de domínio mundial acabaria inevitavelmente com o desmoronamento da Alemanha hitleriana e que a política do governo do rei Boris, que tinha transformado a Bulgária num vassalo de Hitler, era uma política antinacional que levaria o país à catástrofe. Por conseguinte, o supremo dever do povo búlgaro, do seu exército e dos intelectuais patriotas era unirem-se numa poderosa Frente da Pátria, para salvar a Bulgária.

O programa pedia que se rompesse imediatamente a criminosa aliança do nosso país com a Alemanha hitleriana; que se expulsassem os conquistadores alemães do seu território; que se salvaguardassem as riquezas nacionais e o trabalho do povo da pilhagem estrangeira; que se dissolvessem e se pusessem fora de combate as organizações fascistas; que se restabelecessem, se desenvolvessem e consolidassem os direitos políticos das vastas massas trabalhadoras; que se arrancasse o exército das mãos da clique monarco-fascista e que este fosse transformado num exército popular, a fim de poder associar os esforços materiais e morais do nosso povo aos dos outros povos, sob a direcção da União Soviética, para a derrota definitiva dos imperialistas alemães. O programa apelava para todas as forças antifascistas para que se unissem na Frente da Pátria, para que formassem um governo da Frente da Pátria, para que assegurassem o progresso político e económico do nosso país, como nação livre e independente, indissoluvelmente ligada à grande União Soviética e em colaboração com todos os outros povos amantes de liberdade.

O Partido considerava que todas as questões vitais para o presente e para o futuro dos trabalhadores e de toda a nação estavam indissoluvelmente ligados à luta pelo esmagamento do fascismo no nosso país. Sem a derrota do regime reaccionário, o país não podia ser separado do campo hitleriano e salvo de uma catástrofe e de um retrocesso de dezenas de anos. Quanto mais evidente se tornava o fim ignominioso e inevitável da Alemanha hitleriana, tanto mais as vastas massas da população tomavam consciência de que o regime fascista búlgaro, ligado para a vida e para a morte à política esclavagista de Hitler, era o perigo principal que era necessário eliminar o mais rapidamente possível. Na situação interna e

externa daquela época, a libertação do país das cadeias do fascismo afirmava-se como a tarefa central da classe operária, dos trabalhadores das cidades e dos campos, de todas as forças verdadeiramente democráticas e patrióticas do nosso povo.

Era este na prática o programa nacional-democrático do nosso Partido durante a guerra de libertação do país do fascismo e da ocupação alemã. Este programa encontrou o maior eco e agrupou a grande maioria do povo sob a bandeira da Frente da Pátria; a sua realização tornou-se um trabalho nacional.

O Partido considerava a sua execução como uma etapa inevitável e decisiva para o desenvolvimento futuro do nosso país na via de profundas transformações políticas, económicas e sociais.

Armado deste programa de combate, o Partido empenhou todas as suas forças para organizar rapidamente uma verdadeira Frente da Pátria, sob a forma de um vasto movimento popular, a fim de desenvolver em larga escala a resistência do povo.

Durante a segunda metade de 1942, a actividade geral das massas na luta contra os ocupantes hitlerianos e os seus instrumentos búlgaros, já tinha aumentado sensivelmente. Em vários locais, os pequenos grupos de guerrilheiros transformaram-se em destacamentos organizados, que encontraram um largo apoio no seio do povo. Ficaram memoráveis os heróicos combates do Inverno de 1942-1943, sustentados com êxito pelos destacamentos de guerrilheiros da região de Sredna-Gora contra um exército de 20 000 soldados e gendarmes. Por decisão do Comité Central, o país foi dividido, em Março e Abril de 1943, em doze zonas de operações, colocadas sob um comando militar geral. As incursões dos guerrilheiros contra os alemães e os fascistas nas cidades e nas aldeias eram, de um modo geral, acompanhados por um vasto trabalho político no seio da população. E quanto mais derrotas sofriam as hordas hitlerianas na Frente de Leste, sobretudo depois de os hitlerianos terem sido desbaratados em Volgograd, tanto mais se reforçava a combatividade dos guerrilheiros, tanto mais o seu movimento arrastava as massas em todas as regiões do país.

Nos fins de 1943 e princípios de 1944, foi destacado um exército de mais de cem mil soldados e gendarmes para lutar contra o movimento dos guerrilheiros. E se Hitler e o rei Boris não conseguiram enviar um único soldado búlgaro para a frente de Leste, isso deve-se, antes de mais, ao facto de o grosso do exército búlgaro estar empenhado na luta anti-guerrilha no nosso país e na Jugoslávia.

Este foi incontestavelmente um período heróico que pôs à prova o nosso Partido e o nosso povo. Pode-se afirmar que o nosso Partido, muito activamente auxiliado pela União da Juventude Operária, apesar das enormes perdas, do terror feroz, das hesitações oportunistas e da reticência de determinados militantes, saiu desta prova com honra. Este período ficará gravado com letras de ouro na história do nosso Partido, que pode, com razão, orgulhar-se das dezenas de milhares de guerrilheiros heróicos — homens e mulheres — e dos seus auxiliares, que soube organizar e levar à luta contra o ocupante alemão e contra os fascistas búlgaros.

O desenvolvimento do movimento guerrilheiro, auxiliado pelo avanço vitorioso do Exército soviético e pelo falhanço das tentativas fascistas para o esmagar, levantavam o moral do povo e reforçavam a sua fé na vitória final. Ao mesmo tempo encorajava e estimulava os nossos aliados da Frente da Pátria.

A Frente da Pátria progredia na luta, tanto pela defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores como contra a pilhagem da Bulgária e contra a sua sujeição pelos imperialistas germano-fascistas. A sua força motriz era o nosso Partido, mas a sua actividade ocupava também outros Partidos e organizações não fascistas.

As graves e irreparáveis derrotas infligidas às hordas alemãs em todas as frentes em 1944, o avanço fulminante dos exércitos soviéticos sobre a Alemanha, a capitulação da Itália fascista, a aproximação da III Frente ucraniana das fronteiras da Bulgária, precipitaram o desmoronamento da Alemanha hitleriana. No nosso país, os agentes alemães e a clique monarco-fascista no poder foram mergulhados na confusão e na desagregação. A sua tentativa de afogar em sangue o

movimento dos guerrilheiros desmoronou-se. O seu esforço para dividir a Frente da Pátria também falhou. Para evitar a insurreição geral que estava em incubação, o governo monarco-fascista de Bagrianov e mais tarde o de Muraviev-Guitchev ([5]) dirigiram ao Quartel General anglo-americano a proposta de uma capitulação sem condições da Bulgária, esperando que com a ocupação anglo-americana do país a reacção búlgara pudesse assegurar a impunidade e salvar os fundamentos do regime monarco-capitalista.

Mas este plano abortou em consequência do avanço fulminante dos exércitos soviéticos e da vigilância do nosso Partido.

A 26 de Agosto de 1944, o Comité Central dirigiu-se a todas as organizações, comités dirigentes e membros do Partido através da já histórica circular n.º 4, na qual apresentava como tarefa imediata derrubar a regência fascista e o gabinete Bagrianov com uma insurreição armada, e formar o governo da Frente da Pátria. Afirmava-se nessa circular:

> «Soou a hora decisiva para a Bulgária!
>
> A sua sorte depende, actualmente, apenas do povo e dos militares patriotas. Dar mais um dia de vida à regência e ao governo usurpador pró-alemão de Bagrianov, prolongar a aliança com os alemães, significa a desgraça da nossa pátria. Apresenta-se ao Partido, à Frente da Pátria, a todo o povo búlgaro e ao exército, uma tarefa imperiosa: erguer-se corajosamente, com todas as suas forças para uma luta armada decisiva.
>
> A Frente da Pátria é a única força política que pode e deve salvar o país, por uma acção imediata, audaciosa e resoluta.»

No mesmo dia o Quartel General do Exéricto popular insurrecional ordenou:

> «Que se empreendesse uma ofensiva geral e que se procedesse por toda a parte à formação dos órgãos do

poder da Frente da Pátria. Dirigir os principais golpes contra os centros administrativos, sobretudo nos casos em que se pode contar com o apoio de unidades do exército.»

Com plena consciência da sua missão histórica, à frente do proletariado, o Partido utilizou toda a experiência do seu passado de combate, todas as lições das suas vitórias e das suas derrotas, despendeu todas as suas forças e a sua enorme autoridade, apoiou-se no auxílio decisivo do glorioso Exército soviético, para levantar o povo unido no seio da Frente da Pátria, e lançá-lo numa luta armada audaciosa para destruir o mais temível e nefasto reduto do capitalismo: a ditadura monarco-fascista.

Quando, a 8 de Setembro, os exércitos soviéticos penetraram em território búlgaro, a insurreição armada tinha atingido o seu ponto culminante. A greve geral dos mineiros de Pernik, a do pessoal dos «eléctricos» e as manifestações de rua em Sófia, as greves gerais em Plovdiv e Gabrovo, a tomada das prisões de Plevene, Varna e Slivene, eram acompanhadas da libertação de muitas cidades e aldeias pelos guerrilheiros. Sob o impulso irresistível dos exércitos soviéticos, as hordas alemãs abandonavam o país à pressa, os soldados búlgaros recusavam-se a executar as ordens dos oficiais reaccionários e passavam para o lado dos guerrilheiros.

A vitória da insurreição estava assegurada. A 9 de Setembro, sob o poderoso choque das massas populares unidas, auxiliadas pelos destacamentos de insurrectos, bem como pelos soldados e oficiais revolucionários, a odiada ditadura dos monarco-fascistas foi derrubada. O primeiro governo popular da Bulgária, o governo da Frente da Pátria, foi formado.

Mas é preciso sublinhar uma vez mais que o maior mérito na vitória da insurreição de 9 de Setembro, para a libertação da nossa pátria do jugo fascista alemão, cabe ao heróico Exército soviético irmão. O Partido da classe operária e todo o nosso povo trabalhador nutrem por ele um sentimento de eterna gratidão.

A INSURREIÇÃO DE 9 DE SETEMBRO DE 1944. ABRIU A VIA À EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO NO NOSSO PAÍS

1. De 9 de Setembro de 1944 às eleições para a grande Assembleia Nacional

Camaradas! A Insurreição popular armada de 9 de Setembro representa uma viragem histórica no desenvolvimento do nosso país.

A 9 de Setembro de 1944, o poder político foi arrancado no nosso país à burguesia capitalista, à minoria exploradora monarco-fascista, e passou para as mãos do povo, dos trabalhadores das cidades e dos campos, da classe operária e da sua vanguarda comunista, que desempenhava um papel activo e dirigente. Uma vez vitoriosa, com o auxílio decisivo do heróico Exército soviético, a Insurreição do 9 de Setembro abriu a via à construção do socialismo no nosso país.

A concordância entre a Insurreição popular de 9 de Setembro de 1944 e a marcha triunfal do Exército soviético através dos Balcãs, não só assegurou a vitória da Insurreição, como também lhe deu uma grande amplitude. O ódio contra o fascismo, acumulado durante duas décadas, e a forma resoluta como as massas trabalhadoras queriam ajustar contas com ele brotaram irresistivelmente e varreram de um só golpe o regime fascista. O aparelho policial burguês-fascista, destinado a oprimir os trabalhadores, foi destruído em poucos dias. Já a partir do 9 de Setembro se procedeu à formação da milícia, força armada chamada a esmagar a resistência dos elementos fascistas e a defender as conquistas da Insurreição popular. A clique dos grandes capitalistas, agrupada em torno da monarquia e estreitamente ligada ao imperialismo alemão, foi derrubada. O poder de Estado passou para as mãos da aliança militante dos operários, camponeses, artesãos e intelectuais saídos do povo, unidos no seio da Frente da

Pátria, por iniciativa e sob a direcção do nosso Partido. Modificou-se radicalmente o carácter do poder de Estado: o instrumento que servia para oprimir e explorar as massas, em benefício das classes capitalistas, ruía e formava-se um poder popular, instrumento da destruição do capitalismo, da libertação gradual dos trabalhadores de qualquer tipo de exploração.

É verdade que em 9 de Setembro não foi inteiramente destruída a antiga máquina do Estado burguês. No governo então formado, os comunistas estavam em minoria. Algumas posições-chave no Estado encontravam-se nas mãos de pessoas que, com a continuação, se revelaram pouco seguras e até mesmo hostis à Frente da Pátria. Na base, a autoridade encontrava-se, de facto, nas mãos dos comités da Frente da Pátria. O nosso Partido detinha o Ministério do Interior e contrólava a instituição recentemente criada dos oficiais políticos no exército. E isso, no interesse geral, uma vez que só o Partido era capaz de organizar o esmagamento definitivo da clique monarco-fascista derrubada, de assegurar a ordem interna e a participação eficaz do exército, em plena reorganização, na guerra patriótica. A sua força e a sua influência predominantes no seio do povo, bem como a sua posição nos comités da Frente da Pátria, assegurava-lhe a possibilidade de exercer, de facto, o seu papel dirigente no governo, de organizar com êxito a luta tanto contra os elementos fascistas e reaccionários, que procuravam restaurar o antigo regime, como contra os seus amigos nas fileiras da Frente da Pátria.

Tal como o assinalámos noutras ocasiões, homens novos, saídos da classe operária, do povo, tomaram lugar à frente do poder. As enormes massas populares até então oprimidas sob a bota da ditadura fascista acordaram para a vida activa e, sob a direcção do Partido, aderiram aos numerosos organismos que dirigem a vida política, social, económica e cultural do país. Constituía-se um novo Estado, um Estado democrático--popular, chamado a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se cada vez mais.

Embora as tarefas imediatas da Insurreição de 9 de Setembro tivessem sido democráticas, esta insurreição não pôde deixar de abalar na sua própria base o sistema capitalista e de ultrapassar os quadros da democracia burguesa.

Esta principal particularidade da Insurreição de 9 de Setembro provém do facto da supressão do fascismo, garantia dos direitos democráticos dos trabalhadores, a sua consolidação e o seu desenvolvimento não poderem ser estabelecidos sem atacar o domínio capitalista. Porque o fascismo mais não é do que uma ditadura terrorista, sem freio, do grande capital. Não pode ser radicalmente suprimido se não se tocar no domínio do grande capital; os direitos democráticos dos trabalhadores não podem ser garantidos se o capital conservar a sua omnipotência política e económica. Eis porque a insurreição popular de 9 de Setembro, ao pôr em primeiro plano as tarefas de carácter democrático, bem como o grande dever nacional — a participação do nosso povo na guerra pela derrota definitiva do hitlerismo —, não podia deixar de dirigir mais tarde o seu gládio contra o domínio do grande capital, aplicar-lhe outros golpes sérios e preparar as condições da sua supressão, da abolição do sistema capitalista em geral, e a passagem do país ao socialismo.

Mas para transformar estas possibilidades numa realidade, o nosso Partido devia levar a cabo uma luta séria e dura.

Primeiro era preciso defender e consolidar a vitória do 9 de Setembro. O Partido devia dar-se contra da situação em que a insurreição se tinha produzido, das principais medidas que se impunham, das tarefas que podiam ser imediatamente realizadas.

A insurreição do 9 de Setembro desenrolou-se nas condições da guerra contra a Alemanha hitleriana, que ainda prosseguia. Não há nenhuma dúvida de que as exigências de um fim vitorioso para esta guerra ultrapassavam tudo. Não se devia, portanto, empreender nada que pudesse prejudicar estas exigências. Quando se aprecia a actividade do nosso Partido durante o período que vai da guerra até à assinatura do tratado de paz, não devemos de modo algum perder de vista esta circunstância importante, nem o facto de o nosso

país, como ex-satélite da Alemanha, se encontrar sob o controle de uma comissão especial interaliada, onde tinham lugar representantes anglo-americanos, hostis ao governo popular. Por outro lado, no interesse da sua própria existência nacional e da salvaguarda das suas liberdades, a Bulgária tinha a obrigação de participar nas hostilidades contra a Alemanha hitleriana, ao lado e sob a direcção da União Soviética.

Isto impunha uma análise realista da situação, tanto internacional como interna. Só se devia tratar das questões mais maduras, não queimar as várias etapas do desenvolvimento da luta levada a cabo pela classe operária e pelos trabalhadores das cidades e dos campos contra o capitalismo. Sob este aspecto, o nosso Partido tinha plena consciência das suas responsabilidades históricas perante a classe operária e todos os trabalhadores.

Por ocasião do 9 de Setembro, o nosso Partido lançou a palavra de ordem de levar ao seu máximo a coesão de todas as forças democráticas e patrióticas do povo, em nome do esmagamento decisivo e impiedoso da clique monarco-fascista, para a mobilização de todos os recursos materiais e morais da nação, bem como para a sua participação organizada na luta comum dos povos amantes de liberdade, sob a direcção da União Soviética. Esta foi a tarefa capital posta pelo nosso Partido no dia seguinte ao 9 de Setembro e, como é notório, esta tarefa foi realizada com êxito. A Bulgária deu, na medida das suas forças, o seu contributo para a libertação dos Balcãs dos seus ocupantes hitlerianos e para a vitória definitiva sobre estes últimos. «Tudo pela frente, tudo pela vitória», eis a principal palavra de ordem lançada pelo Partido, pela Frente da Pátria e pelo Estado, durante este período; todos os outros problemas lhe estavam subordinados. O Partido lutava contra qualquer afastamento desta palavra de ordem. Declarou-se categoricamente em oposição às tendências esquerdistas a todos os níveis e à impaciência de determinados camaradas que consideravam que ele se devia dedicar imediatamente às transformações socialistas.

Reunir ao máximo todas as forças antifascistas, democráticas e patrióticas do povo, incluindo alguns elementos anti-alemães da burguesia, em nome da completa derrota da clique fascista, da participação vitoriosa na guerra anti-

-hitleriana, da salvaguarda da independência nacional, da integridade territorial e da soberania do Estado, era a única política justa. O seu êxito era a condição prévia para a conservação e para o desenvolvimento ulterior das aquisições históricas da Insurreição popular de 9 de Setembro. Permitia ao Partido ligar-se às massas mais vastas do povo, reforçar as suas posições, isolar os inimigos da insurreição e do poder popular. Esta linha política foi aplicada com firmeza e perseverança até ao fim pelo nosso Comité Central.

As forças fascistas declaradas receberam um golpe esmagador durante este período. Os principais representantes do fascismo e os agentes alemães, culpados de terem concluído a criminosa aliança com os imperialistas hitlerianos e de terem colocado o país perante uma terceira catástrofe nacional, foram severamente punidos. As suas organizações foram dissolvidas. Os agrupamentos sociais, políticos, económicos e culturais dos trabalhadores e as suas múltiplas actividades tomaram um impulso sem precedentes. Realizaram-se muitas e importantes reformas democráticas. As mulheres receberam direitos iguais aos dos homens e a possibilidade de participarem activamente na vida social, económica e cultural do Estado. Abriu-se à juventude um vasto campo de actividade e de desenvolvimento. O Estado concedeu também igualmente de direitos às minorias nacionais e tomou a seu cargo as suas escolas. Foi aplicada uma lei sobre a reforma agrária [6] limitando a propriedade rural a 20 hectares (exceptuando na Dobrudja, onde o máximo foi fixado em 30 hectares). Foi votada uma lei sobre a confiscação dos bens adquiridos de maneira ilícita. Realizaram-se importantes iniciativas assegurando ao exército o seu carácter popular, nomeadamente a criação da instituição dos oficiais políticos; os postos de oficiais foram confiados aos filhos do povo que tinham dado provas combatendo o fascismo.

Procedeu-se à reorganização do aparelho de Estado com base em novos princípios populares. Estabilizaram-se os direitos e as liberdades democráticas das massas populares. Estas reformas, e outras ainda, foram consagradas pela abolição da monarquia e pela proclamação da República popular.

Durante este período, os esforços na frente económica eram sobretudo dirigidos para a restauração da economia

nacional arruinada pela guerra, cruelmente pilhada pelos alemães e posta à prova por dois anos de seca. Durante este período não figuravam nem podiam figurar na ordem do dia transformações económicas sérias. A guerra ainda por acabar, a situação internacional do país ainda por solucionar e a presença de uma comissão interaliada de controle não permitiam atacar imediatamente e de uma maneira radical a base económica da reacção. As grandes empresas industriais, bancárias e comerciais continuavam na mão dos capitalistas e dos proprietários privados.

Na realidade, os capitalistas já não eram os senhores absolutos das suas empresas e dos seus haveres, como no passado. Foram instaurados controles públicos e do Estado sobre a sua actividade. O papel social dos sindicatos operários aumentou consideravelmente. Mas, embora o poder dos capitalistas fosse limitado, estes últimos continuavam a ser os patrões das suas empresas e aproveitavam-se disso para entravar, em maior ou menor grau, de uma maneira ou de outra, o desenvolvimento da produção e das iniciativas governamentais. Como dispunham de uma base económica, tinham a possibilidade de exercer uma certa pressão sobre o poder popular. Era necessária uma luta séria para expulsar definitivamente esses elementos das suas posições políticas e económicas.

O golpe aplicado à clique fascista, a 9 de Setembro, foi de tal modo esmagador que a burguesia se manteve quieta por algum tempo. Mas isso não significava de modo algum que tivesse renunciado à sua intenção de fazer retroceder o país.

Apoiando-se na sua base económica e no auxílio que os meios reaccionários ingleses e americanos lhe davam, a burguesia em breve se esforçou por realizar as suas intenções e esperanças. Ela tinha os seus agentes na Frente da Pátria, elementos reaccionários de direita, camuflados em determinados Partidos que aderiram a esta organização. Embora não se decidindo ainda a lutar abertamente contra o poder popular, utilizou estes últimos elementos. Pouco depois do 9 de Setembro estes encetaram uma luta encarniçada contra o Partido Comunista, contestaram o seu papel dirigente, desenvolveram todos os seus esforços para desorganizar a produção, para entravar a aplicação das iniciativas governamentais,

para comprometer o Partido e enfraquecer a Frente da Pátria, em resumo, para preparar as condições favoráveis à restauração do antigo regime.

O nosso Partido teve de organizar as massas trabalhadoras para ripostar de maneira decisiva aos esforços conjugados da reacção interna e internacional, dirigidos contra as conquistas do 9 de Setembro. Teve de dar provas de uma maior vigilância, de uma grande habilidade para manobrar, de tacto e de resolução para vencer nesta luta complexa e responsável. Sob a direcção do seu Comité Central, o nosso Partido cumpriu a sua tarefa com honra. Durante este período, enquanto dirigente da Frente da Pátria, dos trabalhadores e de todo o nosso povo, mostrou-se à altura da situação.

Os trabalhadores do nosso país recordam-se com que energia e firmeza o Partido os chamou a manifestarem-se na rua contra a famosa resolução n.º 4 (7) dos partidários de Damian Veltchev (8), por meio da qual os elementos reaccionários do governo e da Frente da Pátria queriam salvar os carrascos do povo camuflados no exército do veredicto popular e mantê-los em reserva para o golpe de Estado que se propunham perpetrar. Ao mesmo tempo, o nosso Partido desmascarou o pretenso chefe «agrário», o agente estrangeiro investido, Guemeto (9), em quem os elementos reaccionários anglo-americanos punham grandes esperanças, na sua luta contra o poder popular. Guemeto tentou criar um bloco com todos os elementos reaccionários de direita no próprio seio da Frente da Pátria, opondo-os abertamente ao nosso Partido. Estes elementos reaccionários empreenderam uma luta para suprimir os comités da Frente da Pátria, que, segundo eles, já estaria ultrapassada, para transformar esta organização numa coligação ordinária de partidos e contra a participação da Bulgária na guerra contra a Alemanha hitleriana, ao lado e sob o comando do Exército soviético. Empreenderam uma cobarde propaganda contra a milícia popular e contra os tribunais populares, defendendo e realizando actos de derrotismo no país e na frente de batalha.

O nosso Partido soube desmascarar Guemeto e a sua política aos olhos das massas. Conseguiu isolar e destruir este covil inimigo, estreitando e reforçando a sua colaboração com as forças sãs da Frente da Pátria, e muito especialmente com

as da União Agrária. Em pouco tempo, o famoso Dr. G. M. Dimitrov encontrou-se na situação de um general sem exército; desprezado pelo povo, procurou refúgio na legação dos E. U. A. em Sófia e fugiu vergonhosamente para a América.

Os inícios desastrosos e o falhanço deste principal agente dos imperialistas americanos e ingleses no nosso país, obrigaram-nos a procurar outros homens de mão. Com o fim da guerra, a pressão dos meios reaccionários anglo-americanos sobre o nosso país acentuou-se. Foi sob as suas ordens que os homens de Nicolas Petkov (10) e de Grigor Tchechmedjiev (11) se separaram da Frente da Pátria e formaram uma oposição antinacional encarniçada, agentes não disfarçados do imperialismo americano.

A situação internacional do país ainda por solucionar, a intervenção aberta dos imperialistas americanos nos assuntos internos do país (o adiamento das eleições fixadas para 26 de Agosto de 1945), as grandes dificuldades económicas, de abastecimento e outras, causadas pela pilhagem alemã e pelas destruições da guerra, criaram uma situação favorável aos estados-maiores da oposição, à sua actividade de sapa e de decomposição contra a Frente da Pátria, contra o poder popular e contra a nossa pátria.

Apesar disso, a oposição antipopular sofreu uma pesada e esmagadora derrota. A campanha destinada a boicotar as eleições da XXVI Assembleia Nacional falhou completamente. Mais tarde, por ocasião das eleições para a Grande Assembleia Nacional, embora a oposição tivesse recorrido às mais ignominiosas chantagens, às ameaças de intervenção estrangeira, à demagogia, às mentiras e às calúnias contra os comunistas, deformando o programa da Frente da Pátria, esta conseguiu uma vitória brilhante e obteve 70 por cento dos sufrágios. O nosso Partido, só por si, obteve mais de 50 por cento e a maioria na Grande Assembleia Nacional.

Os resultados do escrutínio provaram que as massas trabalhadoras têm toda a confiança no nosso Partido e põem nele todas as suas esperanças, como força dirigente no governo do país e na sua transformação socialista. As eleições regulares e livres, com sufrágio universal, igual para todos e secreto, consagraram definitivamente, isto é, pela via parla-

mentar, o papel dirigente do nosso Partido na Frente da Pátria, bem como em todos os domínios da nossa vida nacional. O Partido podia avançar cada vez mais firme e seguramente na via aberta pela insurreição popular de 9 de Setembro.

Apesar das manobras da oposição, o tratado de paz foi assinado. As relações diplomáticas com a Inglaterra e os Estados Unidos foram restabelecidas. O trabalho de esclarecimento do Partido e da Frente da Pátria, para conquistar os camponeses e os citadinos enganados pela oposição venal, acabou por a isolar completamente dos trabalhadores. Separados do povo e desprezados, os seus chefes optaram pelas conspirações para derrubar o Governo pela violência, com o auxílio do estrangeiro, facto que mais tarde conduziu a União pseudo-agrária de Nicolas Petkov à ruína.

Foi sob a direcção do nosso Partido que foram descobertas e energicamente reprimidas várias conspirações reaccionárias. A conjura de Damian Veltchev foi descoberta e liquidada. O exército foi gradualmente depurado dos oficiais reaccionários.

O nosso Partido levou até ao fim a luta contra a oposição desejosa de restaurar o passado, trabalhando pela maior unidade de todas as forças democráticas e patrióticas sãs, agrupadas sob a bandeira da Frente da Pátria. Desmascarou totalmente a traição cometida para com a nação por esses agentes estrangeiros que eram os chefes da oposição. Tratava-se de uma luta de classes aguda. Os inimigos da classe operária também eram os inimigos da nação. Ao mesmo tempo, o Partido envidava todos os esforços para reforçar as posições da classe operária, para consolidar a aliança dos operários e dos camponeses, para cerrar as fileiras da Frente da Pátria. O Partido considerava que no futuro também deveria chefiar o crescente exército democrático político da Frente da Pátria, utilizando com discernimento as forças e as possibilidades das suas diversas unidades e elementos, em benefício do desenvolvimento democrático e progressista do país. Sabia perfeitamente que alguns grupos isolados e elementos hesitantes desprovidos de espírito de continuidade abandonariam as fileiras desse exército à medida que a Frente da Pátria tivesse novas tarefas a resolver. O Partido compreendia claramente que era preciso levar a

cabo, no próprio interior, uma luta consequente contra os agentes do fascismo e da reacção capitalista. Mas o Partido também sabia que, com o desenrolar do trabalho e da luta sob a sua direcção, os diversos destacamentos deste exército se conheceriam e se aproximariam ainda mais, reforçariam cada vez mais a coesão da Frente da Pátria, e que a sua autoridade e o seu papel dirigente não cessariam de aumentar.

Ninguém duvida agora de que a política do nosso Partido para unir ao máximo as forças democráticas e patrióticas, sob a bandeira da Frente da Pátria, reforçou as posições da classe operária, conduziu à vitória total do povo sobre a reacção e assegurou a realização do programa da Frente da Pátria.

O papel dirigente da classe operária também encontrou a sua expressão na composição do novo governo da Frente da Pátria, formado depois das eleições para a Grande Assembleia Nacional. Os principais postos dirigentes no Estado foram ocupados pelos comunistas e pelos membros experimentados da Frente da Pátria.

Também esta última se consolidou. Os elementos de direita [os Damian Veltchev, os Yurukov [12] e outros] foram expulsos. A nossa principal aliada, a União Agrária, afastou, sob a direcção dos seus chefes experimentados, fiéis à obra da Frente da Pátria, os filiados hesitantes e os provocadores infiltrados; declarou-se claramente e sem ambiguidades a favor da aliança militante dos operários e dos camponeses, pela construção do socialismo e pela reorganização socialista da economia rural, com base nas cooperativas agrícolas, e por uma política contínua de limitação e de liquidação dos elementos kulaks, que exploravam as aldeias. A confiança, o conhecimento e a aproximação mútuas entre os Partidos da Frente da Pátria reforçaram-se.

O assalto da reacção interna e internacional foi deste modo repelido. A luta terminou com a vitória da classe operária, do povo. Uma etapa extremamente importante, repleta de lutas duras e encarniçadas, levadas a cabo pelo nosso Partido e pela Frente da Pátria em defesa das conquistas históricas da Insurreição de 9 de Setembro, foi assim vencida. Devemos no entanto sublinhar: se o assalto da reacção interna e internacional, que ocorreu durante este período, não revestiu a

forma de acções armadas, não foi só graças às medidas resolutamente tomadas pela autoridade popular, à vigilância e à energia do nosso Partido, foi também, em grande medida, graças à presença no país de unidades do Exército Soviético libertador, que, por si só, com sua presença, paralisavam num certo sentido a reacção.

Para a edificação das bases do socialismo no nosso país

A vitória do povo dirigido pelo nosso Partido sôbre as tentativas de retrocesso da reacção capitalista, criou as possibilidades e as condições para um rápido desenvolvimento político e económico do país e para passagem à execução das tarefas fundamentais de transformação e de edificação do poder popular.

Na situação criada pelas eleições para a Grande Assembleia Nacional e pela constituição de um governo sob a direcção imediata do nosso Partido, o desenvolvimento das forças produtivas, o aumento da força económica do país e do bem-estar dos trabalhadores não eram realizáveis sem atacar radicalmente a base económica da classe capitalista. E a experiência búlgara confirma a tese leninista, especificando que, nas condições do capitalismo em decomposição e da crise orgânica da democracia burguesa, que faz com que o fascismo nasça, não é possível nenhuma reforma democrática séria e duradoura, nem é possível avançar, sem destruir os fundamentos do capitalismo, sem dar passos em direcção ao socialismo. Ora isto tornava-se para o nosso país tanto mais possível quanto podíamos contar com o auxílio fraterno de um poderoso Estado socialista: a União Soviética.

A via do pleno desenvolvimento das tarefas do Governo popular, das reorganizações revolucionárias no domínio da economia nacional, da destruição da base económica da reacção, da passagem do capitalismo ao socialismo estava de ora avante aberta. É claro que esta passagem não se pôde realizar sem uma intransigente luta de classe contra os elementos capitalistas no país.

Nesta situação, o Partido devia indicar a tempo novas tarefas para armar de perspectivas claras os seus quadros,

a Frente da Pátria e as massas trabalhadoras. No entanto, é preciso dizer que houve algum atraso. Embora, de uma maneira geral, os principais problemas do período precedente já estivessem solucionados, o Partido continuou a trabalhar em grande parte sob o signo das suas antigas palavras de ordem. Retardámos um pouco a derrota da oposição reaccionária. Continuávamos a falar das possibilidades de harmonizar os interesses dos industriais e dos comerciantes privados com os interesses gerais do Estado, quando a situação no seu conjunto permitia a aplicação de medidas decisivas para suprimir o domínio do grande capital e quando já existiam as possibilidades, bem como as forças necessárias, para permitir que se passasse mais resolutamente à edificação dos fundamentos do socialismo no nosso país.

Nunca perdemos de vista a perspectiva geral da nossa evolução para o socialismo. Tivemos sempre nitidamente consciência de que a supressão do fascismo, a realização de toda uma série de reformas, já indicadas no programa da Frente da Pátria de 17 de Julho de 1942, estão indissoluvelmente ligadas ao nosso fim último: o socialismo e o comunismo. Já sublinhámos por mais de uma vez que do ponto de vista do nosso Partido, como vanguarda da classe operária, a realização até ao fim do programa da Frente da Pátria equivale à criação das condições indispensáveis ao nosso povo para avançar para o socialismo. Sublinhámos sempre que não existe nenhuma contradição entre a nossa política da Frente da Pátria e a luta pela unidade de todas as forças democráticas e progressistas na Frente, tanto para a realização do seu programa, como para a luta pelo socialismo. Mas é necessário dizer que nessa época a transição para o socialismo nos parecia ser questão de um futuro relativamente longínquo, que a situação interna e externa ainda não permitia empreender na prática transformações tão radicais.

No entanto, por volta dos fins de 1946, o programa da Frente da Pátria, tal como tinha sido proclamado em 1942 e precisado na declaração do primeiro governo popular, já estava executado nas suas linhas gerais. Além disso, com a proclamação da República Popular e a elaboração do plano económico bienal, tínhamos, de facto, ultrapassado bastante esse primeiro programa. O desenvolvimento do processo de

transformações revolucionárias, empreendido a 9 de Setembro, já chocava inexoravelmente com a necessidade de medidas decisivas, para liquidar a grande propriedade privada capitalista, para aplicar uma política contínua da limitação dos elementos capitalistas nas aldeias, para uma profunda reestruturação do aparelho de Estado e, por conseguinte para a elaboração de um novo programa da Frente da Pátria com a perspectiva, claramente formulada, do avanço para o socialismo, da reorganização da Frente da Pátria, com vista à realização dessa grande tarefa e ao enérgico reforço do papel dirigente do Partido.

Com o abrandamento do ritmo do desenvolvimento económico, social e político do país, o nosso Partido deu provas durante algum tempo de uma certa subestimação das forças da classe operária, das massas trabalhadoras e das suas, bem como de uma sobrestimação das forças da reacção. Como a XVI Sessão Plenária do Comité Central o demonstrou, provou-se que o nosso Partido «não tinha uma visão suficientemente clara das perspectivas e do ritmo da nossa evolução para o socialismo». Por ocasião da viragem de 9 de Setembro não estava armado de uma análise marxista-leninista lógica das possibilidades que tinha criado, e não conseguiu ver a tempo as diferentes etapas do seu desenvolvimento. Mas embora com um certo atraso e com uma argumentação teórica insuficiente, pôde felizmente formular novas tarefas impostas pela situação e assegurar a sua solução.

Isto confirma uma vez mais que é mais fácil adquirir os princípios do marxismo-leninismo do que a capacidade de os aplicar correctamente e na ocasião pretendida, a cada nova etapa do desenvolvimento social. Para adquirir o domínio desta difícil arte, para que o Partido não actue demasiado tarde ou demasiado cedo, os seus dirigentes, grandes ou pequenos, devem trabalhar incansavelmente e instruir-se assiduamente.

Ficaremos eternamente reconhecidos ao grande Partido bolchevique pelo seu precioso e oportuno auxílio, pelos seus conselhos e pelos seus esclarecimentos sobre os problemas da política do nosso Partido como força dirigente da democracia popular, o que nos auxiliou a reparar rapidamente os erros cometidos.

Realizaram-se muitas reformas fundamentais sob a direcção do nosso Partido, durante os últimos 18 meses. Estas reformas foram de uma importância decisiva para a consolidação definitiva da democracia popular e para a criação das condições indispensáveis à edificação, no nosso país, das bases económicas do socialismo.

A nova constituição republicana foi votada, consagrando legislativamente as históricas conquistas da Insurreição de 9 de Setembro e a forma democrática popular do governo; ela abriu a via ao desenvolvimento ulterior do país.

É por iniciativa e sob a direcção do nosso Partido que se procedeu à nacionalização da indústria, dos bancos privados, do comércio externo e interno por grosso, da grande propriedade construída e das florestas. As máquinas agrícolas foram resgatadas. A maior parte dos meios de produção e de troca tornaram-se deste modo propriedade pública.

A nacionalização da indústria é o mais importante empreendimento revolucionário no domínio da economia. Consagra definitivamente o desenvolvimento planificado do país, na via do socialismo. No domínio da indústria, do crédito e do transporte, o sector público tem uma posição quase dominante. Monopolizou completamente o comércio externo e o comércio interno por grosso. No que diz respeito ao comércio interno a retalho, o secor público ultrapassa em muito o sector privado.

No domínio da economia rural e do artesanato, o sector público adquiriu uma sólida base; reforça-se constantemente com a criação de mais de 70 estações de tractores e máquinas agrícolas, de cooperativas agrícolas que ultrapassam o milhar, com mais de 300 000 hectares de terra arável, de herdades estatais com 100 000 hectares, de cooperativas artesanais de trabalho, bem como pelo vasto desenvolvimento do movimento cooperativo, nas cidades e no campo.

Paralelamente a estas profundas transformações, empreendeu-se, de acordo com a nossa Constituição popular, uma reorganização radical de todo o aparelho de Estado. Apesar de certas fraquezas, este aparelho continua a melhorar, a aperfeiçoar-se, como aparelho de um Estado democrático popular.

Por iniciativa e sob a direcção do nosso Partido, a Frente da Pátria transformou-se numa organização política e social única, com estatutos comuns e dotada de um programa renovado, que formula novas tarefas, com vista à reorganização do país e ao seu avanço para o socialismo. É assim que, graças ao trabalho tenaz do nosso Partido, a Frente da Pátria deixa completamente de ser uma coligação política, para se tornar uma organização de aliança militante dos trabalhadores da cidade e do campo, que reconhecem plenamente o papel dirigente da classe operária e do nosso Partido. A necessidade da edificação do socialismo é agora reconhecida por todos os Partidos e organizações sociais que constituem a Frente da Pátria.

O II Congresso da Frente da Pátria marca uma etapa muito importante no seu desenvolvimento. Os elementos hostis, hesitantes e pouco seguros, que para ela tinham entrado com a intenção de a decomporem e de a reduzirem à impotência desde o interior, saíram ou foram expulsos. A Frente da Pátria só pode ganhar com isso. Forças novas, saídas do povo trabalhador e das suas organizações de massa, afluíram em seu lugar depois do II Congresso. Sob a direcção da classe operária, a Frente da Pátria, como organização política e social de massas da aliança militante dos trabalhadores das cidades e dos campos, é actualmente mais forte e mais coerente do que nunca. Existem as mais favoráveis condições para uma colaboração e uma aproximação ainda mais estreitas entre os Partidos da Frente da Pátria. Servindo-se de vários métodos de propaganda, em função das particularidades dos meios em que trabalham, os vários Partidos contribuem para ganhar as vastas camadas da população para a causa comum: a edificação das bases do socialismo pela democracia popular.

Actualmente, a Frente da Pátria encarna a crescente unidade política e moral das massas trabalhadoras do nosso país, condição primordial e factor poderoso para levar até ao fim a luta contra os elementos capitalistas e para a colocação dos fundamentos do socialismo.

A sua transformação numa organização social e política única, dotada de um programa essencialmente socialista e de uma disciplina obrigatória, e o papel dirigente do Partido

unanimemente reconhecido, é, sem dúvida, uma grande realização. É por isso que rejeitamos resolutamente qualquer subestimação da importância e do papel desta organização.

A Frente da Pátria foi e continua a ser uma necessidade vital para o nosso país. E é-nos impossível não condenar aqueles comunistas, que, pela sua atitude desdenhosa em relação à organização política e social única, levam eles próprios a água ao moinho dos inimigos de classe, interessados na destruição da Frente da Pátria.

É claro que determinados Partidos no quadro da Frente da Pátria, podem decidir fundir-se com outros ou então cessar as suas actividades, como agrupamentos independentes, se o acharem oportuno e lógico.

Isto é exclusivamente da sua competência.

Estas profundas transformações, bem como a modificação ocorrida na relação das forças políticas e de classe no país, com o apoio activo e o auxílio da União Soviética, criaram a possibilidade de levantar a questão da passagem à edificação das bases do socialismo no nosso país, como uma tarefa necessária, vital, prática. À frente da classe operária, e em união com os trabalhadores das cidades e dos campos, aplicará firmemente e sem desvios esta linha geral justa com uma confiança inabalável na vitória, apesar de todas as dificuldades, de todos os obstáculos no interior e sobretudo no exterior.

CARÁCTER, PAPEL E PERSPECTIVAS DA DEMOCRACIA POPULAR E DO ESTADO DE DEMOCRACIA POPULAR

Para avançarmos com segurança na justa via que escolhemos, a via do socialismo, é indispensável esclarecer completamente a questão do carácter, do papel e das perspectivas da democracia popular e do Estado democrático-popular. À luz da nossa experiência e dos factos mais recentes, devemos portanto precisar e aperfeiçoar algumas das nossas concepções actuais, relativas a esta questão nova e complexa, importante para o nosso país e para os outros países da democracia popular.

Em que consiste esta questão?

Primeiro: Sabe-se que a democracia popular e o Estado democrático-popular se tornaram possíveis em consequência da derrota das forças germano-fascistas, em consequência da histórica vitória obtida pela União Soviética na Segunda Guerra Mundial e da luta de massas, sob a direcção da classe operária, pela liberdade e pela independência nacionais; o que permitiu a uma série de países do leste e do sudeste europeus afastarem-se do sistema imperialista.

O carácter do Estado democrático-popular é determinado por estes quatro traços fundamentais:

a) O Estado democrático-popular representa o poder dos trabalhadores, da grande maioria do povo, sob o papel dirigente da classe operária. Isto significa em primeiro lugar que o poder dos capitalistas e dos grandes proprietários é derrubado e que o poder dos trabalhadores das cidades e dos campos é estabelecido, sob a direcção da classe operária — esta classe, a mais progressista da sociedade contemporânea, desempenha no Estado e na vida social um papel dirigente; em segundo lugar, que o Estado serve de instrumento aos trabalhadores na sua luta contra os elementos exploradores, contra todas as tentativas e tendências de restabelecer o regime capitalista e o domínio da burguesia.

b) O Estado democrático-popular surge como um Estado do período transitório, chamado a assegurar o desenvolvimento do país, na via do socialismo.

Isto significa, que embora o poder dos capitalistas e dos grandes proprietários seja derrubado e a fortuna dessas classes se tenha tornado propriedade do povo, as raízes económicas do capitalismo ainda não foram extirpadas — ainda subsistem e se desenvolvem determinados elementos, que se esforçam por restabelecer a opressão capitalista. É por isso que a evolução para o socialismo só é possível levando a cabo uma intransigente luta de classe contra os elementos capitalistas, para a sua liquidação completa.

Só avançando sem desvios para o socialismo é que o Estado democrático-popular se poderá fortalecer e cumprir a sua missão histórica. Se a democracia popular deixasse de lutar contra as classes e de destruir os elementos capitalistas, estes

venceriam inevitavelmente, e não só minariam as bases da democracia popular como a levariam à sua ruína.

c) O Estado democrático-popular edifica-se na colaboração e na amizade com a União Soviética, com os países do socialismo.

A libertação do nosso país das cadeias do imperialismo e a criação do Estado democrático-popular só se tornaram possíveis graças ao apoio e à missão libertadora da União Soviética na luta contra a Alemanha fascista e os seus aliados; do mesmo modo o desenvolvimento ulterior da nossa democracia popular pressupõe a manutenção e o reforço de estreitas relações de colaboração sincera, de assistência mútua e de amizade, entre o nosso país e o grande Estado soviético. Qualquer tendência para enfraquecer a colaboração com a União Soviética é dirigida contra a própria existência da democracia popular no nosso país.

d) O Estado democrático-popular pertence ao campo democrático anti-imperialista.

Em primeiro lugar, só tomando lugar no campo democrático anti-imperialista, que tem à sua frente o poderoso Estado soviético, é que um país de democracia popular pode garantir a sua independência, a sua soberania e a sua segurança contra a agressão das forças imperialistas.

Segundo: Nas condições da derrota militar dos Estados fascistas agressores, do rápido agravamento da crise geral do capitalismo, do enorme crescimento da força da União Soviética e da nossa estreita colaboração com a U. R. S. S. e os Estados democrático-populares, o nosso país, bem como os outros países de democracia popular, vêem abrir-se a possibilidade de realizar a transição do capitalismo para o socialismo sem um regime soviético, por meio da democracia popular, na condição de que este se reforce e se desenvolva apoiando-se no auxílio da U. R. S. S. e dos outros países de democracia popular.

Terceiro: Encarnando o domínio dos trabalhadores sob a direcção da classe operária, o regime de democracia popular pode e deve, numa determinada conjuntura histórica, tal como a experiência já o provou, exercer com êxito as funções da ditadura do proletariado, para a liquidação dos elementos capitalistas e para a organização da economia socialista. Pode

quebrar a resistência dos capitalistas e dos grandes proprietários, esmagar e liquidar as suas tentativas para restaurar o poder do capital. Pode organizar a construção de uma indústria com base na propriedade pública e na economia planificada. O regime de democracia popular também será capaz de vencer a instabilidade da pequena burguesia das cidades e do médio campesinato, de dominar os elementos capitalistas nos campos e de unir as massas fundamentais dos trabalhadores em torno da classe operária, na luta decisiva pela passagem ao socialismo.

Na aplicação desta linha, que tem como finalidade eliminar os elementos capitalistas da economia nacional, o regime de democracia popular não deixará, sem dúvida, de sofrer transformações. Será necessário reforçar constantemente as posições-chave da classe operária em todos os domínios da vida pública e do Estado; será necessário unir, nos campos, todos aqueles que podem ser aliados seguros da classe operária durante o período da luta aguda contra os kulaks e os seus lacaios. Também será necessário reforçar e melhorar o regime de democracia popular, como um meio de eliminar e de liquidar os inimigos de classe.

Quarto: Os países de democracia popular, incluindo o nosso, já enveredaram pela via do socialismo, sem interromper a luta contra as forças inimigas do interior e sobretudo do exterior. Actualmente, nestes países, tal como entre nós, trabalha-se para criar as condições indispensáveis à edificação do socialismo, e para assentar os fundamentos económicos e culturais da futura sociedade socialista.

É nisto, nomeadamente, que reside, na etapa actual, a tarefa fundamental da democracia popular, e, por conseguinte, a da classe operária e do seu guia, o Partido Comunista.

Esta tarefa geral comporta uma série de outras tarefas, de grande importância, das quais algumas têm um alcance decisivo entre nós. São elas:

a) O reforço ininterrupto das posições-chave da classe operária, com o Partido Comunista à frente, em todos os domínios do Estado, da vida económica, política, social e cultural.

b) A consolidação da aliança da classe operária e do campesinato trabalhador sob a direcção da classe operária.

c) O desenvolvimento acelerado do sector público na economia nacional e em especial na grande indústria.

d) A preparação das condições necessárias à eliminação dos elementos capitalistas exploradores na economia rural, e isto por meio de uma política consequente, visando, primeiro limitá-los, e em seguida, afastá-los e liquidá-los.

e) O desenvolvimento geral das cooperativas de produção no seio das massas fundamentais do campesinato. O auxílio a dar aos camponeses pobres e médios pelos serviços das estações de tractores e de máquinas e pela concessão de créditos, de sementes, etc. Aumentar o interesse que os camponeses pobres e médios têm pela sua aliança com a classe operária, persuadi-los com exemplos tirados da gestão comum das explorações rurais e educá-los no espírito de intransigência em relação aos elementos capitalistas.

Consideramos que nas nossas condições e com o desenvolvimento das cooperativas agrícolas, a questão da nacionalização da terra não tem uma importância prática, isto é, que a aplicação dessa nacionalização não aparece como uma condição indispensável para o desenvolvimento e para a mecanização da nossa agricultura.

Quinto: A democracia popular e o Estado democrático-popular são a favor do internacionalismo. O nacionalismo, instrumento do capitalismo, é incompatível com a democracia popular. No internacionalismo, na colaboração internacional, o nosso Partido vê a garantia da existência independente, da prosperidade e do progresso do nosso país para o socialismo. Consideramos que o nacionalismo, seja qual for a máscara sob a qual se esconda, é o inimigo do comunismo. É por este motivo que a luta contra o nacionalismo se torna um dever primordial para os comunistas.

Ao combater todas as manifestações do nacionalismo, devemos formar os trabalhadores no espírito do internacionalismo proletário e de dedicação à sua pátria, isto é, no espírito do verdadeiro patriotismo.

A educação no espírito do internacionalismo proletário e da dedicação à pátria significa antes de mais: o desenvolvimento e o reforço da consciência quanto à importância decisiva da Frente única, solidamente cimentada, dos países da democracia popular e da grande União Soviética, para se opor

ao ataque das forças agressivas da reacção internacional e do imperialismo. Todo o futuro do nosso país depende, por um lado, da força da União Soviética, e por outro, da resolução e da capacidade do nosso povo para cumprir com honra o seu dever na luta comum, em caso de uma agressão capitalista.

A educação no espírito do internacionalismo proletário, significa, ao mesmo tempo, o desenvolvimento e o reforço da consciência, quanto à importância de uma completa coordenação das actividades dos Partidos comunistas e do papel dirigente do Partido Comunista (Bolchevique) da U. R. S. S. Porque, para estes Partidos, só existe uma teoria, que guia as suas acções: a teoria do marxismo-leninismo; só existe um único Partido dirigente do movimento operário internacional: o grande Partido de Lénine.

Pensamos que a condição mais importante para os nossos êxitos é a necessidade de educar neste espírito, incansável e abertamente, o Partido, a classe operária, o campesinato trabalhador, os intelectuais e todo o povo trabalhador.

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL E A NOSSA POLÍTICA EXTERNA

Camaradas!

Após a exposição que fiz na sessão da manhã, tenho de passar aos problemas da conjuntura internacional e da nossa política externa, e em seguida às nossas perspectivas no domínio económico e cultural e finalmente ao nosso Partido.

No que diz respeito à conjuntura internacional, devo sublinhar que dois factos fundamentais caracterizam actualmente a vida da humanidade: o primeiro, é a crise geral e a desagregação do sistema capitalista, o segundo é o constante crescimento e o desenvolvimento da sociedade socialista na União Soviética.

A crise geral do capitalismo é o resultado de todo o curso do seu desenvolvimento. Ao desenvolver as forças produtivas da sociedade em ritmos desconhecidos no passado, o capita-

lismo meteu-se em contradições que não podia resolver. A guerra imperialista de 1914-1918 já significava para o capitalismo o início da sua profunda crise geral. A Grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia separou um sexto do globo terrestre do sistema capitalista mundial. O capitalismo deixou de ser um sistema da economia mundial e universal, perdeu a sua estabilidade de outrora.

A Segunda Guerra Mundial, preparada pelas forças da reacção internacional e ateada pelos agressores fascistas, levou a crise geral do capitalismo a aprofundar-se e a agravar-se ainda mais. Tal como por ocasião da Primeira Guerra Mundial, o resultado fundamental foi um enfraquecimento ulterior do capitalismo.

A derrota dos principais focos do fascismo e da agressão mundial — a Alemanha, a Itália e o Japão — privou a reacção internacional dos seus postos avançados na luta contra a União Soviética, a democracia e o socialismo, contra o movimento operário e de libertação nacional, e privou o capitalismo dos países fascistas.

O prestígio internacional e a força da União Soviética que, graças à sua luta heróica, não só defendeu a sua liberdade e a sua independência, como também libertou os povos da Europa da sujeição, aumentaram imenso. A União Soviética desempenhou um papel decisivo na vitória obtida contra os agressores e salvou a civilização humana da barbárie fascista. Mostrou a todo o mundo que as forças do socialismo e da democracia são invencíveis. A União Soviética tornou-se o factor decisivo no domínio da política internacional. É um poderoso apoio da paz e da segurança dos povos, do seu livre desenvolvimento na via do progresso e da verdadeira democriacia. À cabeça da frente anti-imperialista unida do mundo, a União Soviética é actualmente uma barreira intransponível que impede a realização dos sinistros planos da reacção internacional de lançar os povos numa nova guerra mundial.

Assim como a Primeira Guerra Mundial separou a Rússia do sistema capitalista mundial, assim a Segunda Guerra Mundial e a derrota do fascismo tiveram como resultado separar uma série de países da Europa de Leste e do Sudeste do sistema imperialista. Libertados graças ao auxílio do Exército soviético, esses países puderam assim determinar os seus

destinos depois da livre escolha dos seus povos, apoiando-se no auxílio desinteressado da União Soviética.

A crise do sistema colonial, agravada pela Segunda Guerra Mundial, saldou-se por um poderoso progresso do movimento de libertação nacional nos países coloniais e dependentes e ameaçou a guarda-avançada do sistema imperialista. Os povos coloniais já não querem viver como no passado, e ergueram-se numa luta decisiva pela criação dos seus próprios Estados livres e independentes.

Em todo o mundo capitalista, a guerra foi a causa de um empobrecimento sem precedentes das massas, do aumento do desemprego, da miséria, da fome e do agravamento das contradições de classe, pois a burguesia tende sempre, e por toda a parte, a colocar o principal fardo da guerra e das dificuldades do pós-guerra sobre os ombros das massas trabalhadoras. Ao mesmo tempo, a guerra foi seguida de um grande progresso do movimento operário internacional.

Depois da derrota dos agressores fascistas, o centro da reacção mundial deslocou-se para os Estados Unidos da América. Os planos de Hitler para subjugar o mundo foram substituídos pelos planos de domínio mundial dos imperialistas americanos. Sob a forma do «plano Marshall» e da «doutrina Truman», esses planos aventurosos de domínio económico, político e ideológico da Europa e de todo o mundo são dirigidos contra os interesses nacionais vitais da grande maioria dos países e dos povos. São ditados pelas aspirações imperialistas rapaces da oligarquia financeira e pelo medo face ao reforço do socialismo e da democracia popular no mundo.

Sob a bandeira da suposta «democracia ocidental», o imperialismo americano esforça-se por impor o seu sistema aos países da Europa, assim como ao nosso país, baseado na omnipotência do dólar e no domínio de um punhado de monopolistas. Estabeleceu como finalidade transformar a O. N. U. num instrumento da sua política de expansão, violando o princípio da soberania e da igualdade de direitos dos países que se filiaram nessa organização. O imperialismo americano esforça-se por dominar os países pequenos e os que estão temporariamente enfraquecidos e por criar um bloco imperialista contra a União Soviética, contra as democracias populares e os movimentos revolucionários dos trabalhadores e dos

povos coloniais que lutam pela sua liberdade no mundo. Segue uma insensata política de corrida ao armamento. Os imperialistas anglo-americanos intrometem-se sem vergonha nos assuntos internos dos países estrangeiros, como é o caso típico da nossa vizinha, a Grécia, apoiando por toda a parte os elementos reaccionários e fascistas declarados, renegados pelo povo.

Mas o bloco anglo-americano, formado depois do fim da Segunda Guerra Mundial, no qual, ainda por cima, a Inglaterra desempenha um papel de aliada de segunda ordem, de segunda categoria, não conseguirá, de modo algum, ser duradouro e prolongado. As contradições entre os dois principais Estados do imperialismo da actualidade — os Estados Unidos e a Inglaterra — bem como entre os outros países capitalistas, agravar-se-ão inevitavelmente na luta por mercados e esferas de influência nas várias regiões do mundo.

Nesta situação internacional, a atitude para com a União Soviética é hoje a pedra de toque decisiva entre o campo da democracia e o campo da reacção na arena mundial, entre os fautores da guerra e os partidários de uma paz democrática duradoura.

A União Soviética ergue-se resolutamente contra a tentativa dos imperialistas de intimidarem os povos com a sua arma atómica. Prosseguindo a sua política de paz e de cooperação amiga entre os povos de que já deu provas, a União Soviética apoia-se na sua grande força económica e política, no seu invencível exército soviético, no apoio sem reservas dos operários e dos trabalhadores de todo o mundo, vitalmente interessados em salvaguardar a paz. *Os planos dos agressores e dos fautores de uma nova guerra falharão inevitavelmente.*

Já passou o tempo em que os povos estavam sem defesa entre as mãos das cliques capitalistas e monárquicas no poder. Os povos amantes de paz dos dois hemisférios mobilizam-se cada vez mais resolutamente a favor da paz, na democracia e da cultura mundial; a frente anti-imperialista desenha-se cada vez mais nitidamente no mundo, tendo à frente a grande União Soviética, cujas forças aumentam incessantemente. Hoje, quando os imperialistas americanos não se envergonham de brandir a bomba atómica e se gabam de poder destruir com essas bombas atómicas milhões de seres humanos amantes da paz e de poder destruir países e regiões inteiras no mundo, *todos os povos vêem na pessoa da União Soviética o principal guardião da paz mundial e o defensor da civilização face à barbárie capitalista.* Os povos amantes de paz receberam uma lição fértil em ensinamentos, graças sobretudo ao bem conhecido duelo entre as forças da guerra e as da paz, ocorrido na última assembleia da Organização das Nações Unidas, que recentemente terminou. Rejeitando a proposta da União Soviética, da delegação soviética, para a proibição da arma atómica e para a redução para um terço das forças armadas das cinco grandes potências, *os imperialistas anglo-americanos foram desmascarados aos olhos de todo o mundo como inimigos da paz e da cooperação entre os povos.*

Mostrou-se até que baixezas descem os dirigentes do imperialismo americano, quando se gabam descaradamente perante o mundo inteiro de que possuem a bomba atómica e estão dispostos a realizar assassínios de massa premeditados para salvar o seu sistema imperialista podre, destinado ao fracasso.

Na frente da paz não só se unem os povos da União Soviética e das democracias populares, como também a esmagadora maioria dos povos dos países capitalistas e coloniais. A derrota sofrida pelo Partido republicano reaccionário e belicista nas últimas eleições na América provou de maneira eloquente que a maioria do povo americano não quer a guerra e rejeita o programa reaccionário dos grandes monopólios capitalistas, consórcios e cartéis. É com razão que qualquer observador dotado de bom senso se pergunta qual será o ministro inglês, por exemplo, que conseguirá arrastar o povo inglês, para uma guerra contra a União Soviética, uma vez que este não se esqueceu que foi precisamente o Exército soviético que o salvou do terrível perigo do hitlerismo que ameaçava a Inglaterra. A luta das massas populares contra os fautores de uma nova guerra reveste formas particularmente surpreendentes em França e na Itália.

Ao perderem cada vez mais a esperança de poderem utilizar os povos dos países burgueses-democráticos como carne de canhão contra a União Soviética, os imperialistas belicistas põem as suas esperanças na parte ocidental da Alemanha que ocupam e na Espanha fascista, que desejam utilizar como base e instrumento na sua política de conquista na Europa. São,

no entanto, esperanças muito duvidosas, para não dizer vãs, dos imperialistas americanos.

Depois da guerra a frente anti-imperialista alargou-se até aos mais afastados territórios de Leste, e os povos da Indonésia, do Vietname, da Birmânia e doutros países coloniais lutam pela sua independência nessa frente.

O povo coreano, beneficiando do auxílio desinteressado da União Soviética, obteve uma esmagadora vitória contra a reacção e os lacaios do imperialismo ao proclamar a sua república popular independente, que o governo búlgaro reconheceu e saudou calorosamente.

A luta persistente e heróica que há longos anos o povo chinês leva a cabo pela sua independência contra os imperialistas e os seus oficiais venais na China, é de uma excepcional importância para a relação de forças entre os dois campos existentes no mundo.

O exército de libertação nacional da China, que conta com vários milhões de combatentes, que obteve, sob a corajosa e prudente direcção do Partido Comunista Chinês, uma série de esmagadoras vitórias contra as hordas da reacção chinesa, apesar do auxílio em meios e em armamento fornecidos pelos imperialistas americanos, e que já libertou *todo o território da Manchúria, quase toda a China setentrional, quase toda a Mongólia interior, avança agora impetuosamente e encontra-se diante das portas de Nanquim, capital de Chang Kai-chek.* As forças da democracia no seio do povo chinês, que contam com quinhentos milhões de habitantes, predominam já sobre as forças da reacção e, para nossa alegria geral, a sua vitória definitiva já se desenha claramente.

Os acontecimentos na China representam um dos grandes factores que baralham e põem de pernas para o ar os planos dos imperialistas americanos sem vergonha.

É assim que a frente anti-imperialista aumenta e se consolida sem cessar. Hoje, já representa uma força indestrutível. As massas populares, as forças anti-imperialistas em todos os países, em cujas primeiras filas se encontram os povos da fraterna União Soviética e dos Partidos comunistas de todos os países, saberão paralisar as maquinações belicistas do imperialismo agressivo, assegurando deste modo uma paz democrática duradoura em todo o mundo.

★

As linhas fundamentais da nossa política externa, da política do nosso Partido e da Frente da Pátria, já foram expostas no programa de 1942: garantia da liberdade nacional e da independência do povo búlgaro, uma estreita amizade com a União Soviética e a harmonia com os países vizinhos.

Fiel a estes princípios, o governo da Frente da Pátria no próprio dia seguinte à sua formação colocou-se activamente ao lado dos aliados e dirigiu os exércitos búlgaros contra as hordas nazis; retirou os seus exércitos das regiões gregas e jugoslavas ocupadas e fez um acordo com o comando soviético para a mais rápida libertação dos Balcãs da ocupação nazi.

Hoje sabemos e estamos mais do que nunca em condições para poder apreciar melhor a enorme importância política e moral que representava a participação da Bulgária, sob a direcção do comando soviético, na guerra de libertação para a derrota da Alemanha nazi.

Também sentimos o poderoso e insubstituível auxílio da União Soviética na Conferência de Paz em Paris quando a voz competente do nosso camarada Molotov afirmou que *o povo búlgaro podia estar tranquilo quanto às suas fronteiras: nem um palmo de terra lhe seria arrancado.*

A partir do momento em que o governo soviético, a fim de conjurar a participação da Bulgária na guerra ao lado da Alemanha, propôs ao governo búlgaro de então a assinatura de um pacto de amizade e de assistência mútua entre a União Soviética e a Bulgária, o povo búlgaro sentiu sempre a grande amizade que a União Soviética lhe testemunhava. Lembra-se das palavras de aviso do governo soviético quando o bando criminoso monarco-fascista assinou a aliança com a Alemanha, admitindo em território búlgaro as hordas hitlerianas. A 5 de Setembro de 1944, quando as provocações do antro alemão esgotaram a paciência do governo soviético, este último, como é notório, declarou guerra à Bulgária. *Compreendemos hoje com absoluta clareza a importância deste acto para os destinos da Bulgária.* É evidente que nesta «guerra» não foram mortos nem um único soldado soviético, nem um único soldado búlgaro; pelo contrário, a entrada dos

exércitos soviéticos na Bulgária contribuiu para derrubar a ditadura fascista e garantiu o futuro do povo búlgaro, a liberdade e a independência do nosso Estado. Nunca nos esquececeremos que a guerra ainda continuava, quando o governo soviético começou a abastecer a Bulgária em matérias-primas indispensáveis ao restabelecimento da nossa economia, que forneceu ao povo búlgaro produtos alimentares durante os anos de seca, e que ainda hoje continua a dar-nos, em proporções cada vez maiores, um auxílio económico, político, moral, científico e técnico muito precioso.

Estreitamente ligado ao movimento revolucionário russo antes mesmo da Revolução Socialista de Outubro, o nosso Partido tem o mérito histórico de ter aprofundado ainda mais o reconhecimento do povo búlgaro para com os seus libertadores e de ter relações de amizade com a União Soviética, *a pedra angular da política externa da nossa República popular*. Hoje a nossa amizade também está formalmente selada pelo tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre os dois países.

Fortalecida pela amizade com a União Soviética, a nossa República popular livre e independente foi reconhecida por todos os Estados, assinou a paz mais favorável nas condições existentes e estabeleceu relações diplomáticas normais com quase todos os países com os quais a Bulgária tinha relações diplomáticas antes da guerra. Agora luta para ser admitida no seio da Organização das Nações Unidas e para liquidar deste modo no âmbito internacional as últimas sequelas da sua colaboração com a Alemanha hitleriana. E esta luta será sem dúvida coroada de êxito.

A amizade entre a nossa República e as outras repúblicas populares democráticas é um outro factor extremamente importante da nossa política externa. Esta afirmou-se historicamente na luta dos nossos povos, com o poderoso auxílio da União Soviética, pela conquista e pela consolidação da sua liberdade e da sua independência. Apreciamos muito o auxílio que os governos da Polónia e da Checoslováquia nos deram na Conferência da Paz em Paris, bem como na Assembleia Nacional da O. N. U., que acaba de encerrar os seus trabalhos, e onde a Bulgária foi submetida a acusações não fundamentadas e a ataques injustos. As nossas relações

amigáveis com estas repúblicas bem como com as repúblicas populares da Roménia, da Hungria e da Albânia, que foram seladas pela assinatura de tratados de amizade, de cooperação e de ajuda mútua, consolidam-se de dia para dia e abrem grandes possibilidades para uma estreita cooperação entre os nossos povos, para a garantia do seu futuro na via da democracia e do socialimo.

A amizade entre o nosso Partido e o Partido Comunista Grego resistiu à prova a que foi submetido durante a Segunda Guerra Mundial. Durante o mais duro período da ocupação búlgaro-alemã, o nosso Partido estava ao lado do movimento de libertação nacional grego e auxiliava-o de acordo com as suas forças. Por ocasião da evacuação voluntária da Trácia ocidental, os exércitos búlgaros deixaram à população local na miséria todas as suas reservas. O nosso Partido e o nosso povo estão profundamente indignados com as provações a que uma clique reaccionária monárquica, auxiliada por forças estranhas, submeteu o heróico povo grego, que foi o primeiro nos Balcãs a erguer-se contra os agressores italo-alemães. Acompanhamos com uma viva simpatia a luta épica do povo grego contra os ocupantes estrangeiros e os seus representantes gregos. O *Partido* Comunista Grego, o povo irmão grego, têm na pessoa do nosso partido, do povo búlgaro, um amigo fiel. Acreditamos firmemente na vitória da democracia popular na Grécia, a única que poderá garantir a liberdade e a independência ao povo grego, e que poderá criar as condições indispensáveis para uma amizade e para uma cooperação sinceras connosco e com os outros vizinhos setentrionais da Grécia.

Os imperialistas e os fautores de uma nova guerra não olham a meios, no seu desejo de travar o desenvolvimento da nossa República popular. Despenderam grandes esforços para encorajar as forças vencidas da restauração da Bulgária. O posto emissor «A Voz da América» calunia e injuria todos os dias o nosso país, o seu governo e os seus dirigentes e incita abertamente a que sejam perpetrados crimes contra o poder popular.

Os próprios chefes do Partido Social-Democrata de Lultchev, que faliu, revelaram recentemente perante o tribunal e o mundo inteiro as maquinações secretas de determinados

diplomatas estrangeiros. Mas mesmo depois do falhanço dos conspiradores, a nossa República continua a ser objecto de calúnias e ataques odiosos. No momento em que o nosso povo mobiliza todos os seus recursos materiais e todo o seu trabalho à escala nacional para cumprir o futuro plano económico quinquenal, no momento em que toda a atenção do nosso povo está concentrada nas tarefas da nossa edificação nos domínios económico e cultural, os verdadeiros fautores da guerra, como a um sinal combinado, têm a insolência de acusar a nossa pequena república amante de paz, de «militarismo» e de «agressividade» para com os seus vizinhos!

No entanto, a verdade é completamente diferente. E todos os observadores honestos e objectivos vêem e conhecem esta verdade incontestável. A nossa república tem necessidade de uma paz duradoura, de uma amizade e de uma cooperação com os outros povos para se poder pôr a par dos outros países mais avançados e edificar um Estado desenvolvido do ponto de vista económico e cultural, um Estado democrático e socialista. *A sua política externa é orientada precisamente para esse fim.* O Partido sabe que isso só pode ser conseguido se o nosso Estado for livre e independente e se gozar de igualdade de direitos. É por isso que luta, à cabeça da Frente da Pátria, contra qualquer ingerência estrangeira dos imperialistas, é por isso que vela atentamente pela liberdade e pela independência da República Popular da Bulgária e que trabalha para uma cooperação ainda mais estreita com os nossos aliados, com os povos amantes da paz e da liberdade.

E trabalhando com assiduidade nesta via, o nosso povo estará pronto a erguer-se como um só homem para esmagar no embrião qualquer provocação e qualquer ataque contra a integridade territorial e as fronteiras da República Popular da Bulgária.

AS NOSSAS PERSPECTIVAS E AS NOSSAS TAREFAS NO DOMÍNIO ECONÓMICO E CULTURAL

Permitam-me agora que passe às nossas perspectivas no domínio económico e cultural.

Como sabem, no domínio económico o governo popular devia dedicar-se imediatamente à tarefa de reparar as destruições, de acabar com a desorganização causada na economia nacional pela guerra e pela pilhagem alemã, a fim de acelerar o desenvolvimento do País na via do socialismo.

Na indústria a tarefa de restauração já tinha sido cumprida com êxito pelo plano económico bienal. Em 1948, a indústria ultrapassou em 75 por cento a sua produção anterior à guerra. A nacionalização deu um impulso muito forte ao desenvolvimento da indústria, facto que lhe permitiu passar à sua reorganização socialista, à concentração das empresas e à centralização da produção no sentido de um reagrupamento realizado em torno das suas melhores unidades.

A reconstrução da economia rural ainda não está completamente terminada, sobretudo por causa dos três anos de seca que se seguiram à guerra. Determinados ramos da criação de gado e das culturas estão atrasados. Paralelamente ao esforço para recuperar e ultrapassar o nível do ante-guerra em todos os ramos da economia rural, a sua reorganização socialista foi empreendida pela criação de grandes propriedades cooperativas agrícolas e herdades estatais. As cooperativas agrícolas já representam, podemos afirmá-lo, uma nova forma estabilizada da economia rural, a única que é capaz, com o auxílio das estações de tractores e máquinas, de mecanizar e modernizar a nossa agricultura, de elevar o bem-estar da população rural e de encaminhar a economia agrícola para o socialismo.

Nestes últimos tempos realizou-se uma viragem favorável no seio do campesinato médio a favor das cooperativas agrícolas, cujo número aumenta sem cessar. Agora, é preciso consolidar essas cooperativas, multiplicando simultaneamente o seu número e seguindo o princípio da adesão voluntária, para que possam servir de modelo à criação de novas explorações cooperativas.

Em 1948, o rendimento nacional ultrapassa em 10 por cento o anterior à guerra, sobretudo devido aos êxitos obtidos pela indústria nacionalizada. Por outro lado, graças à nacionalização das empresas industriais, dos bancos e do comércio por grosso, graças à liquidação das grandes propriedades rurais

e da grande propriedade predial, pela qual se suprimiram os lucros dos capitalistas exploradores, o rendimento nacional está hoje repartido muito mais equitativamente.

Mas limitarmo-nos a reorganizar o que já existe na economia nacional é insuficiente. É necessário desenvolver a um ritmo mais acelerado ainda as forças produtoras do nosso país para recuperar o atraso e transformar, em breve prazo, a Bulgária num país industrial e agrícola desenvolvido. É indispensável atingir, dentro de 15 a 20 anos, pela industrialização, pela electrificação e pela motocultura, o que os outros países, em condições diferentes, atingiram num século. Para o conseguir, é indispensável criar uma poderosa base energética pela utilização dos recursos hidráulicos e térmicos do País, pelo rápido desenvolvimento das minas, pela construção de uma metalurgia nacional, de uma indústria de construção mecânica e de uma indústria pesada, bem como pelo desenvolvimento, pela modernização e pela concentração da indústria ligeira. Também é necessário intensificar a economia rural na Bulgária, dotando-a de um poderoso parque de grandes máquinas agrícolas e, sobretudo, de tractores, pelo aumento do rendimento da terra, pelo melhoramento da agrotécnica, pela irrigação, pela electrificação e por uma larga utilização de adubos químicos.

A linha fundamental que deve presidir ao desenvolvimento da nossa indústria é a linha de redução sistemática do preço de custo, dos preços da produção industrial, a linha da redução sistemática dos preços de fabrico dos produtos industriais. É esta a grande via por que a indústria deve avançar, se queremos que se desenvolva e se fortifique, que acelere a edificação das bases da nossa economia socialista.

A indústria nacionalizada, ao desenvolver-se segundo as leis da reprodução socialista alargada, isto é, aumentando todos os anos a produção e construindo novas empresas, exigirá da agricultura cada vez mais géneros alimentares e mais matérias-primas. As necessidades crescentes da indústria, da população das cidades e do exército não podem ser satisfeitas com êxito pelas explorações individuais de pequena produção mercantil e de fraco rendimento. Isto levanta francamente a questão da reorganização socialista da agricultura, paralelamente à reorganização socialista e ao desenvolvimento

da indústria. Não se pode construir por muito tempo o regime de democracia popular e edificar o socialismo sobre duas bases diferentes: a indústria socialista concentrada e a pequena propriedade agrícola dividida e atrasada. Temos de transformar gradualmente a agricultura, com método e resolução, em base a uma nova técnica — sobre a base da produção em grande e pela via do reagrupamento cooperativo das pequenas propriedades agrícolas individuais, agrupando-as em grandes cooperativas agrícolas mecanizadas. É por isso que o plano económico quinquenal apresenta a tarefa de agrupar em cooperativas agrícolas 60 por cento dos agricultores. Esta tarefa é, de facto, perfeitamente realizável, atendendo aos actuais êxitos dessas cooperativas.

No seu desenvolvimento económico na via do socialismo, o nosso povo terá de contar sobretudo com as suas próprias forças e com os recursos do seu próprio país, com o seu trabalho, a sua poupança e a utilização racional e judiciosa dos seus meios e das suas possibilidades. Um regime de economias severas deve ser a precaução contante de todos os dirigentes económicos e administrativos, de todos os operários e camponeses da nossa República popular e sobretudo de todos os comunistas. Mas o nosso povo encontra-se numa situação feliz, porque também pode contar com a assistência generosa e fraterna do grande país socialista, a União Soviética, bem como com a colaboração estreita e sistemática dos outros países de democracia popular, facto que lhe poupará muitas dificuldades, muitos esforços e apressará o seu desenvolvimento.

Como todo o bom administrador, não vamos consumir tudo o que produzimos, mas poremos de lado uma parte do rendimento nacional para o desenvolvimento ulterior da nossa economia, com vista à construção de novas fábricas, de novas estações de tractores e de máquinas agrícolas, para um novo progresso das forças da indústria e da agricultura. Agindo deste modo, poderemos assegurar a reconstrução gradual e certa das condições de vida das massas trabalhadoras, uma maior satisfação das necessidades crescentes da população das cidades e dos campos, elevar o nível de vida material e cultural e garantir ao mesmo tempo o rápido desenvolvimento económico do nosso país; isto é o penhor

da prosperidade futura do nosso povo trabalhador e dos nossos filhos.

Podemos constatar com satisfação que, apesar das dificuldades encontradas por ocasião da distribuição dos contingentes de produtos agrícolas, dificuldades que ainda não estão completamente vencidas, a alimentação do nosso povo está inteiramente assegurada até à nova colheita, com aumentos de rações. A enorme maioria dos camponeses trabalhadores cumpriu honestamente e com solicitude as suas obrigações para com o Estado e o povo. Só uma pequena parte deles, composta sobretudo por kulaks, por elementos da antiga oposição reaccionária que se emboscaram nas fileiras da Frente da Pátria, tentou fazer sabotagem e especular com o pão do povo; mas a resistência desse grupúsculo de reaccionários será implacavelmente quebrada.

O novo sistema de distribuição dos produtos agrícolas ao Estado, adoptado pelo governo e que será ainda aperfeiçoado com base na experiência destes dois últimos anos, e que autoriza a venda livre dos excedentes, distribui mais equitativamente as obrigações dos camponeses produtores, de acordo com a extensão das suas terras e com as suas possibilidades e encoraja os agricultores a uma melhor cultura da terra, bem como a um melhor rendimento. Ao mesmo tempo que vendem ao Estado uma parte dos seus produtos a preços fixados, os camponeses produtores recebem por seu turno, a preços também fixados, uma quantidade cada vez maior dos produtos industriais de que necessitam.

Pela sua política de preços, o Estado tende a estabelecer uma relação firme e equitativa entre os preços das mercadorias, para que o produtor saiba o que poderá comprar hoje e amanhã, contra a sua produção. Não se deve permitir a repetição da situação criada depois da Primeira Guerra Mundial, em que os anos de preços agrícolas elevados foram seguidos de uma baixa catastrófica, o que levou à ruína de um grande número de produtores. A elevação sistemática da produtividade do trabalho na indústria e na agricultura terá como resultado a baixa do custo de vida e a estabilização da leva.

Durante estes últimos meses, o abastecimento da população em produtos de primeira necessidade marca um novo passo

em frente. Mas continuamos a não ser capazes de cobrir inteiramente todas as nossas necessidades. São-nos indispensáveis duas ou três colheitas consecutivas para satisfazer as necessidades, o poder de compra aumentado dos trabalhadores e para suprimir o sistema de racionamento. É por este motivo que nos é necessário desenvolver o máximo de esforços para executar o plano de sementeira e aumentar ao máximo o rendimento da terra. Quando se tornar possível a supressão do sistema dos bilhetes de racionamento, a distribuição deverá realizar-se, não sobre o princípio da igualdade, isto é, partes iguais para todos, mas de acordo com a quantidade e a importância do trabalho fornecido. Os elementos parasitários, ociosos e exploradores, devem ser privados de qualquer abastecimento aos preços fixados. Teremos de garantir um abastecimento regular e suficiente às categorias de operários e de trabalhadores dos quais depende a execução dos planos económicos e mesmo ultrapassá-los. «A cada um segundo o seu trabalho», eis o que é equitativa e economicamente justo. E todos terão simultaneamente a possibilidade de trabalhar mais e melhor, e, por conseguinte, de ser melhor remunerados.

A feliz solução do problema económico fundamental: a execução do Plano quinquenal de Estado, exigirá os esforços e o entusiasmo de todo o nosso povo trabalhador. Sob este aspecto, os sindicatos terão de desempenhar um papel extremamente importante. Sob a sua direcção, o trabalho de choque e a emulação socialista deverão tornar-se um método universal de trabalho e nele deverão reinar operários e camponeses, jovens e velhos, homens e mulheres. No nosso país, o trabalho deve tornar-se cada vez mais um acto de honra, de valentia e de heroísmo. O país deve conhecer os seus melhores trabalhadores, heróis do trabalho, os seus inventores, os seus racionalizadores, os inovadores, os pioneiros do trabalho físico e intelectual, dotados e dedicados, que aumentam a força económica e cultural do nosso povo e multiplicam o rendimento nacional. Deve honrá-los como os seus melhores filhos. *Na nova Bulgária, o lugar de cada um de nós será fixado não pelo seu nome ou pela sua origem, não segundo as suas palavras ou a opinião que de si próprio tem, mas exclusivamente pelo seu trabalho, pelo seu contributo real para o progresso económico, cultural e social do seu povo.*

Sob este aspecto, não pode haver outro critério.

A grande envergadura dos trabalhos de construção em todos os domínios da economia nacional, exige a criação de um verdadeiro exército de operários e de operárias da construção, de engenheiros e de técnicos bem como de um equipamento de construção moderna. Todo o país acompanha com entusiasmo os feitos da nossa juventude, dos membros das brigadas e dos trabalhadores voluntários. Muitas das nossas grandes obras serão portadoras do título orgulhoso e honroso de «Construção da juventude». Embora continuando a utilizar largamente o trabalho dos membros das brigadas e dos voluntários, bem como o das brigadas locais, devemos aumentar sem cessar o exército dos operários permanentes da construção, hábeis e entusiastas, possuidores de uma técnica moderna. Na nova Bulgária, a profissão de construtor deverá tornar-se uma das mais honrosas.

Os novos quadros da nossa economia, em constante desenvolvimento, serão recrutados tanto no seio dessa fracção da população dos campos que não encontra lugar para o seu trabalho na economia rural, como entre as donas de casa, cuja actividade é utilizada em casa de uma maneira completamente irracional. *Não nos podemos tornar um povo desafogado e elevar consideravelmente o nosso modo de vida, enquanto uma grande parte do nosso trabalho nacional for delapidada de uma maneira improdutiva ou for só imperfeitamente utilizada durante uma grande parte do ano.* Um grande número de desempregados parciais das cidades e dos campos encontrarão um emprego para a sua actividade nas novas construções e empresas industriais. A edificação de um número cada vez maior de lares para crianças e de creches, de refeitórios e de lavadouros públicos virá aliviar as ocupações das donas de casa, permitindo a muitas delas procurar o emprego mais racional, socialmente mais útil do seu trabalho e das suas capacidades. Por meio de escolas e de cursos gratuitos procedemos já à preparação das nossas reservas de trabalho, ou seja, operários e operárias especializados da indústria e da construção, saídos da juventude operária e rural. Também esta obra importante deverá ser prosseguida com uma energia e uma firmeza especiais.

O nosso país já enveredou pela via do seu desenvolvimento socialista. Estamos em presença dos principais factores da edificação socialista entre nós, a saber: o poder democrático popular; a aliança entre o proletariado e os camponeses, sob o papel dirigente da classe operária; a grande produção industrial que está nas mãos do Estado democrático-popular; o rápido progresso das forças produtivas, graças às novas construções económicas; o sistema cooperativo e, acima de tudo, as cooperativas agrícolas e as oficinas cooperativas. O auxílio fraterno e activo da U. R. S. S., bem como a estreita colaboração económica com os países de democracia popular constituem a este respeito um factor particularmente importante. Ele ajuda-nos a garantir e a acelerar o desenvolvimento socialista do nosso país.

Durante o primeiro quinquénio, podemos fixar-nos como tarefa assentar as bases do socialismo, tanto na indústria como na economia rural. Este primeiro plano do Estado tem como objectivo essa realização. É sobre essas bases que surgirá, ao longo dos dois ou três planos quinquenais seguintes, o edifício do socialismo, que será criada a sociedade socialista.

No que diz respeito ao estabelecimento das bases económicas e culturais do socialismo entre nós, as nossas principais tarefas podem ser formuladas do seguinte modo:

1. Despender todas as nossas forças e recursos na execução do plano económico quinquenal do Estado.

2. Levar até ao fim a transformação dos meios de produção e de troca em propriedade pública de todos os trabalhadores; suprimir todos os rendimentos não adquiridos pelo trabalho e aplicar o princípio: «Quem não trabalha, não come.»

3. Coordenar toda a actividade económica do país segundo um plano de Estado único: instaurar um regime da mais estrita economia dos materiais, de fundos, de recursos e outros.

4. Prospectar profundamente as nossas riquezas naturais, procurar jazigos de petróleo, criar uma siderurgia e uma metalurgia não ferrosa.

5. Liquidar a desproporção existente entre a produção de energia eléctrica e as necessidades da indústria e da economia rural, pela construção de poderosas centrais eléctricas;

alargar a extracção da hulha negra, tanto nas bacias existentes como nas novas; reservar o carvão de qualidade inferior para a produção de energia eléctrica.

6. Utilizar a pleno rendimento a indústria ligeira com trabalho a duas ou três equipas: racionalizá-la e reorganizá-la, liquidar a desproporção entre os ramos que a constituem, para cobrir inteiramente as necessidades da população em artigos da sua produção.

7. Melhorar a relação entre a indústria pesada e a indústria ligeira, em benefício da primeira, pelo desenvolvimento da produção de electricidade, da extracção de hulha e de minerais, da metalurgia, das construções mecânicas, da indústria química, da de borracha e de outras ainda, a fim de elevar a prosperidade do povo e diminuir a dependência da nossa economia em relação às importações.

8. Produzir ao máximo as matérias-primas necessárias à nossa indústria, pela extensão da cultura das plantas industriais, pelo melhoramento da criação de gado e pela extracção intensificada das riquezas do subsolo.

9. Reorganizar de um modo radical a economia rural com base nas cooperativas agrícolas e nas herdades do Estado, com rendimentos elevados e uma importante produção mercantil que assegure a satisfação das necessidades crescentes da população, da indústria e da exploração.

10. Resolver definitivamente, nesta base, o problema do pão; assegurar colheitas abundantes e regulares pelo trabalho moderno e mecanizado da terra, a utilização de adubos químicos e a criação de guarda-fogos florestais por irrigação.

11. Desenvolver uma criação de gado de grande produção, acima de tudo o porco e as aves; estender as culturas de forragens introduzir o sistema do afolhamento.

12. Empreender o reflorestamento de todos os terrenos que para isso se prestem, a construção de diques para conter as correntes e a exploração judiciosa das florestas, a fim de melhorar o clima do país, cobrir de modo mais completo as necessidades crescentes em madeira de construção, modernizar a exploração florestal, produzir uma agricultura (batatas, linho, etc.) e criar gado de alta montanha (melhoramento das pastagens alpestres).

13. Desenvolver a pesca no alto mal e no Danúbio, praticar a piscicultura nos rios e em reservatórios artificiais.

14. Criar meios de comunicação mais rápidos e cómodos pelo melhoramento e electrificação dos transportes ferroviários, preparar uma rede de estradas bem cuidada e desenvolver o transporte rodoviário e aéreo.

15. Elevar o nível material e cultural dos operários, dos camponeses trabalhadores e dos trabalhadores intelectuais, melhorar o abastecimento da população em artigos de primeira necessidade.

16. Alargar e reforçar o comércio cooperativo, criar uma sólida estrutura para a compra dos excedentes da produção agrícola, com vista a melhorar as trocas entre a cidade e a aldeia.

17. Estabelecer uma disciplina socialista do trabalho pela reeducação das massas, pelo desenvolvimento do trabalho de choque e da emulação socialista, levando todos os operários e trabalhadores a participarem.

A realização das tarefas económicas está muito estreitamente ligada à elevação cultural e ideológica do povo búlgaro. Eis porque é indispensável prodigar cuidados particulares à reconstrução cultural, à educação ideológica e política, num espírito socialista, das massas trabalhadoras das cidades e dos campos bem como dos trabalhadores intelectuais.

Nunca devemos perder de vista que o trabalho e a luta na frente cultural e ideológica é de uma importância de primeiro plano para desenraizar a herança podre legada pelo capitalismo e pelo parasitismo, para a elevação da produtividade do trabalho, para a execução do quinquénio e, de um modo geral, para o desenvolvimento feliz do nosso país na via do socialismo.

Como continuação deste desenvolvimento, a Bulgária poderá, ao longo dos próximos planos quinquenais, transformar-se de país agrícola atrasado num país industrial e agrícola avançado. Isso significa que, aumentando ao máximo os rendimentos da agricultura, atingiremos também um desenvolvimento mais rápido da indústria, o que aumentará, numa grande medida, a riqueza e a prosperidade do nosso país, assegurará a sua independência económica em relação ao imperialismo, bem como a sua capacidade defensiva.

Este desenvolvimento *será socialista*. Os últimos vestígios das classes exploradoras nas cidades — a burguesia urbana — serão economicamente liquidados. Os artesãos trabalhadores unir-se-ão em oficinas cooperativas. A burguesia rural (os kulaks) será cada vez mais limitada e repelida da sua posição económica de exploradora das massas camponesas, enquanto que as cooperativas agrícolas prepararão as condições para a sua total liquidação económica. O antagonismo das classes desaparecerá e a sociedade já só será constituída por operários, por trabalhadores agrícolas e por trabalhadores intelectuais, cujos interesses não serão antagónicos e que, por meio de esforços comuns, conduzirão o nosso país ao socialismo e em seguida ao comunismo.

O desenvolvimento socialista do nosso país é também a condição para a solução do problema da nossa demografia. Durante os futuros quinquénios, o povo búlgaro deve atingir 10 milhões de almas, pelo aumento da natalidade e pela diminuição da mortalidade infantil. Afirmar-se-á deste modo definitivamente como uma nação sã, vigorosa, que edifica a sua cultura, nacional pela forma e socialista pelo conteúdo, e que, deste modo, dá o seu contributo ao património da humanidade.

O PARTIDO COMO FORÇA DECISIVA, MOTRIZ E DIRIGENTE

Permitam-me agora que aborde a questão do Partido como força decisiva, motriz e dirigente do nosso país.

Nas vésperas do 9 de Setembro, o Partido contava com cerca de 25 000 membros aguerridos durante os longos anos de luta contra o fascismo, durante as duras provas da actividade clandestina nas condições da feroz ditadura fascista. Depois de 9 de Setembro de 1944, quando o Partido se tornou um Partido dirigente e empreendeu com energia a reedificação da Bulgária sobre novos princípios, dezenas de milhares de operários, de camponeses trabalhadores e de intelectuais trabalhadores se viraram para ele. Tornou-se um centro de atracção para os cidadãos mais activos, mais combativos e mais

progressistas do país que queriam dar o seu contributo ao desenvolvimento da Bulgária na via da democracia popular e do socialismo. Apenas seis meses depois do 9 de Setembro, por ocasião do VII Plenário do Comité Central, o Partido já contava com 254 000 membros.

Este crescimento do Partido prosseguiu durante os anos seguintes. Por volta dos fins de 1946, o número dos membros do Partido elevava-se a 490 000. O Partido tinha, com plena consciência, aberto as portas aos trabalhadores e admitia em massa nas suas fileiras novos membros. Não queríamos levantar obstáculos às enormes massas de trabalhadores que despertavam para a vida política, que se tinham orientado para o Partido devido à guerra de libertação e ao derrube da ditadura fascista, devido à luta heróica do Partido contra o fascismo. Decidimos acolher no seio do Partido um grande número de trabalhadores embora ainda não estivessem politicamente preparados para desempenhar um papel de vanguarda, para lhes fazer adquirir uma formação e uma educação ideológicas e políticas nas próprias fileiras do Partido, com o auxílio dos quadros antigos. Para este fim criámos uma rede de escolas e de cursos do Partido, organizámos uma grande quantidade de reuniões culturais, de círculos de estudo, de conferências, de conversas.

O XVI Plenário do Comité Central do Partido reconheceu a justeza dessa linha. Mas constatou ao mesmo tempo que a actividade referente à educação ideológica e política dos novos membros do Partido está longe de ser suficiente. Verificou-se que este trabalho não era tão fácil como parecia e que exigia um período mais longo. É por isso que o nível ideológico e político dos membros do Partido nem sempre corresponde às necessidades aumentadas da realização do papel dirigente do Partido, em especial à escala local. Existe um número bastante grande de membros do Partido e até mesmo organizações de base inteiras, em especial nas aldeias, que ainda não são capazes de desempenhar o seu papel de vanguarda, que se mantêm atrasados em relação aos acontecimentos, tornam-se porta-vozes de concepções retrógradas, não lutam contra as dificuldades e minam por vezes eles próprios a disciplina do trabalho e do Estado. Foi o que se notou de uma maneira particularmente nítida durante a entrega dos contingentes

de cereais ao Estado. Numa série de aldeias houve «membros do Partido», e até mesmo dirigentes do Partido, que, em vez de encabeçarem a campanha preparada para assegurar a alimentação do povo, sabotaram a entrega dos cereais. O mesmo sucede com a atitude de determinados comunistas no campo. Em vez de contribuírem para a criação e para o desenvolvimento das cooperativas agrícolas, levantam-lhes obstáculos.

Estes factos bem como determinados outros factos semelhantes, provam que paralelamente aos homens honestos e dedicados, que constituem a enorme maioria de membros no Partido, há elementos podres, oportunistas, que se filiaram no Partido para disso tirarem proveito, por interesse pessoal. Esses elementos criam à sua volta, uma atmosfera nociva nas organizações, enfraquecem a disciplina, espalham os bacilos da decomposição. Daí as organizações «doentias» dilaceradas pelas discórdias, pelas lutas de diferentes grupos pela distribuição dos postos, pelos lucros, etc.

É claro que estas manifestações não podem ser toleradas num Partido comunista, vanguarda dos trabalhadores. É preciso tomar medidas decisivas para expurgar inteiramente o Partido e o mais depressa possível de todos esses elementos estranhos, podres, oportunistas. Em Maio último, o Secretariado Político do Comité Central decidiu interromper a admissão de novos membros no Partido até ao fim do ano em curso. O XVI Plenário do Comité Central que se reuniu em Julho confirmou a decisão do Secretariado Político e decidiu além disso propor ao presente congresso que se ponha em prática um estágio, chamado de candidato, e a tomada de medidas para regulamentar a composição social do Partido. O Plenário decidiu ao mesmo tempo continuar a depuração do Partido.

Como resultado de tudo o que foi dito, o Partido apresenta-se hoje no seu V Congresso com 8053 *organizações de base e 464 000 membros regulares.* Acrescentando-lhe os membros do Partido no Exército e nos serviços de prestação, bem como os antigos membros do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro, que se fundiu com o nosso Partido, o número de filiados no Partido *eleva-se a 496 000, isto é, aproximadamente meio milhão!*

Pode-se dizer sem hesitações que não existe aldeia, fábrica ou estaleiro, seja de que importância for, que não existe bairro ou lugarejo sem organização comunista de base; os 500 000 membros do Partido na Bulgária, que conta 7 milhões de habitantes, representam um exército político realmente poderoso, uma força invencível que, como o diz um dos nossos provérbios, poderá mover montanhas desde que todos os membros do Partido se tornem comunistas conscientes e esclarecidos, fiéis até à morte ao Partido, à Pátria e à grande causa do comunismo, capazes de ser realmente os dirigentes e os organizadores das massas dos sem-partido.

As organizações de massa trabalham sob a direcção ideológica e política do Partido, já seja a organização política e social a «Frente da Pátria», que conta com cerca de 1 milhão de membros, já seja a União Geral dos Sindicatos Operários — 680 000 membros —, a União de Juventude Popular — 586 000 membros —, a União Popular das Mulheres Búlgaras — 539 000 membros —, a União Profissional Geral dos Agricultores — mais de 1 milhão de membros —, ou as cooperativas — mais de 2 milhões de membros. Alguns membros filiam-se em mais de uma organização, mas, na acorrência, trata-se da massa de membros englobada nas organizações sociais e políticas sob a direcção do nosso Partido. Devo além disso mencionar a admirável organização que é a União das Sociedades Búlgaro-Soviéticas, cujo número de membros ultrapassará em breve um milhão de operários, de camponeses e de intelectuais, militando pela eterna e sagrada amizade búlgaro-soviética. É portanto evidente porque é que toda a vida política, social, económica e cultural no nosso país decorre exclusivamente sob a direcção ideológica e política do nosso Partido.

Pela sua composição social, os 464 000 membros do Partido, sobre os quais temos informações detalhadas, distribuem-se como se segue: operários — 123 000, ou seja 27 por cento; camponeses — 207 000, ou seja, 45 por cento; empregados — 76 000, ou seja, 16 por cento; artesãos — 30 000, ou seja, 6 por cento; profissões livres (estudantes, donas de casa, reformados, etc.) — 28 000, ou seja, 6 por cento. Entre os empregados há muitos antigos operários enviados pelo Partido para consolidarem o aparelho de Estado e para se tornarem

dirigentes das empresas do Estado, económicas e outras. Também temos de mencionar a grande influência do Partido entre os intelectuais, o que facilita a actividade que visa a sua inclusão na edificação activa do socialismo. Se podemos afirmar sem hesitações que 500 000 membros do Partido representam um número que sem dúvida não teremos necessidade de ultrapassar no futuro para que o Partido possa desempenhar o seu papel de dirigente, em contrapartida, no que diz respeito à composição social do Partido, são possíveis e *desejáveis* consideráveis melhoramentos.

A percentagem dos operários no Partido deve atingir pelo menos 30-35 por cento, sobretudo no que diz respeito aos operários da indústria e da construção (actualmente, os operários membros do Partido distribuem-se do seguinte modo: operários industriais — 40 por cento; artesãos — 16 por cento; operários agrícolas — 12 por cento; operários não especializados (*) (incluindo os operários da construção civil) — 32 por cento.

O número de camponeses no Partido pode ser considerado como satisfatório. De todos os camponeses membros do Partido, 11 por cento filiaram-se nas cooperativas agrícolas, 57 por cento são camponeses pobres e 32 por cento camponeses médios.

Segundo a idade, os membros do Partido distribuem-se do seguinte modo: até aos 20 anos — menos de 1 por cento; dos 20 aos 30 anos — 25 por cento; dos 30 aos 40 anos — 39 por cento; dos 40 aos 50 anos — 25 por cento; dos 50 aos 60 anos — 8 por cento; e de mais de 60 anos — 2 por cento. Isto prova que o número dos adultos no Partido é considerável. É indispensável reforçar no futuro o trabalho entre os jovens, para atrair ao Partido os melhores e mais activos de entre eles.

A distribuição dos membros do Partido, de acordo com a sua instrução, dá o seguinte quadro: membros do Partido analfabetos — 7 por cento; com instrução primária — 45 por cento; com instrução elementar — 30 por cento; com instrução secundária inacabada — 6 por cento; com instrução secundária — 7 por cento; com instrução superior assimilada — 2 por cento; e com instrução superior — 2,51 por cento. O número relativamente grande (31 000) de membros analfabetos do Partido, sobretudo provenientes dos meios das minorias nacionais (turcos, ciganos, etc.) nas circunscrições administrativas rodopeias, a Ludogoria e a Dobrudja, cria ao Partido a tarefa iminente de tomar medidas urgentes para liquidar o mais rapidamente possível o analfabetismo entre os seus membros, e demonstrar que devemos renunciar à falsa ideia de que entre nós quase não há analfabetos, pois como vêem existem entre os membros do Partido, vanguarda do nosso povo, 31 000 analfabetos, como por exemplo turcos, ciganos, etc. O número considerável de pessoas que só têm uma instrução rudimentar (sobretudo no campo) deve fazer-nos pensar na edição de um abecedário político e de uma série de brochuras populares impressas em caracteres grandes e numa linguagem acessível a todos. A leitura colectiva dos jornais, a explicação e a discussão dos textos, bem como a extensão da rede radiofónica, adquirem também uma grande importância.

A percentagem das mulheres no Partido também não é satisfatória: apenas 13 por cento. Além disso, 18 por cento do número total de mulheres membros do Partido são operárias, 44 por cento camponesas, 16 por cento empregadas, 19 por cento donas de casa e 3 por cento estudantes. Nada pode justificar a fraca participação das mulheres no Partido e em especial das operárias se se levar em conta a enorme actividade política e social que as mulheres trabalhadoras desenvolvem e o grande papel que as operárias desempenham no desenvolvimento do trabalho de choque e da emulação socialista. Isto só se pode explicar pela subestimação de que as nossas organizações de Partido dão provas no que se refere ao trabalho entre as mulheres e especialmente entre as operárias, pela incapacidade em facilitar a admissão de mulheres e de as reter no Partido, se se tiver em conta o facto de que, para além do trabalho nas empresas, nos estabelecimentos e nas organizações de massa, têm de realizar muitos trabalhos caseiros. As sessões intermináveis, as frequentes reuniões, longas como a Quaresma, o trabalho em excesso atribuído aos militantes, a atitude pequeno-burguesa em relação à mu-

(*) Optámos por esta tradução de «manoeuvres», pois assim englobamos toda a mão-de-obra não-especializada, incluindo o caso mais particular dos operários da construção civil. — *(N. do T.)*

lher que continua a ser manifestada até mesmo por muitos membros do Partido, e finalmente um certo vestígio do complexo de inferioridade nas próprias mulheres, resultante do seu jugo secular, uma certa falta de à-vontade e uma certa insegurança, por duvidarem das suas possibilidades de responder às obrigações como membros do Partido, eis os maiores obstáculos para o aumento do número de mulheres no Partido. A participação pouco satisfatória das operárias no Partido constitui um ponto fraco cuja consolidação assegurará simultaneamente um aumento do número de mulheres membros do Partido e o melhoramento da composição social operária do Partido.

O que é característico da força e da grande envergadura da actividade do Partido, é a composição qualitativa e quantitativa dos seus quadros dirigentes. Enquanto que no período considerado como melhor, antes de 1923, o Partido não tinha mais de 40 000 membros, os comités do Partido contam hoje por si só, em todo o país, com mais de 46 000 membros; 3558 de entre eles são antigos guerrilheiros e prisioneiros políticos; 676 membros têm mais de vinte anos de estágio, 2536, de 10 a 20 anos; 3415, de 5 a 10 anos, 22 000, de 3 a 5 anos, e 17 000, menos de 3 anos; estes últimos participam sobretudo nas direcções das organizações de base do Partido. Conclui-se que as queixas que ainda se ouvem de tempos a tempos, a saber, que quando se elegem as direcções os antigos comunistas são negligenciados, não são realmente fundadas.

A rede das organizações de base do Partido engloba quase todas as localidades do país e está ligada a todas as categorias de trabalhadores do nosso povo. Temos 4900 organizações territoriais rurais de base do Partido, 878 organizações territoriais de cidade, 854 organizações de empresa, 811 organizações nos serviços administrativos, 209 organizações nas cooperativas agrícolas, 16 nas estações de máquinas e tractores, 13 nas herdades estatais, 89 nas cooperativas artesanais, 120 nos transportes, 49 nas minas, 23 nos estaleiros e 91 nos estabelecimentos de estudo, ou seja, no total 8053 organizações de base do Partido. Esta é uma enorme aquisição do nosso Partido. É agora que as organizações de base do Partido se devem consolidar, tornar verdadeiras dirigentes e organizadoras das massas. A grande tarefa que se põe não consiste propriamente

em aumentar os efectivos numéricos das organizações do Partido, mas antes em elevar o nível da qualidade do seu trabalho. A força e a influência do Partido não dependem apenas da quantidade dos seus membros, dependem sobretudo da qualidade da sua formação marxista-leninista, da sua dedicação à causa do Partido e do socialismo, da sua capacidade para se ligarem às massas, para as activarem e dirigirem na realização das tarefas de importância nacional determinadas pelo Partido e pelo governo.

A este respeito, a situação no Partido não pode decerto ser considerada como inteiramente satisfatória. Tal como foi sublinhado pelo XVI Plenário do Comité Central, existe no Partido um grande número de membros que na realidade só deviam ser candidatos. Na vida das organizações do Partido, a democracia interna ainda não se encontra à altura desejada. A crítica e a autocrítica, sem discriminações, não se tornaram ainda uma força motriz fundamental no desenvolvimento do Partido de alto a baixo. Ainda não liquidámos definitivamente os métodos de comando das organizações do Partido, e continuamos a não saber desenvolver nem a tomar em consideração o pensamento colectivo e a experiência do Partido. As direcções do Partido ainda não organizaram por toda a parte o seu trabalho na base da camaradagem.

Além disso, esquecemos muitas vezes o pensamento genial de Vladimir Ilitch Lénine, em especial que duas coisas sobretudo são de uma importância decisiva no que diz respeito à solidez e ao êxito do Partido: *a selecção das pessoas (quadros) e o controle da execução.*

Pode-se dizer com segurança que não há no nosso Partido grupos ou fracções esquerdistas ou direitistas organizadas. O Partido não tolera nem tolerará essas fracções. Mas existem ainda manifestações direitistas e esquerdistas de vários membros do Partido, e não são pouco numerosas. Para além do que já mencionei, não é raro que os membros do Partido fraquejem perante as dificuldades ou estejam dispostos a capitular perante a resistência do inimigo de classe; outros membros do Partido não têm em conta a legalidade do Partido e do Estado, não reconhecem nenhuma etapa de desenvolvimento nem concebem a democracia popular e a Frente da Pátria como vias particulares, apresentam tão fácil quanto

possível o avanço para o socialismo mas, sob a capa de frases demagógicas «revolucionárias» sonoras, entravam na realidade o desenvolvimento na via do socialismo.

A justeza da linha geral do Partido com vista à liquidação do sistema capitalista, à edificação do socialismo no nosso país, através da luta de classes intransigente contra os elementos capitalistas, e a planificação da economia nacional, não é contestada por ninguém no seio do nosso Partido. Esta linha reconhecida por todos é firmemente aplicada.

Podemos no entanto afirmar, com toda a tranquilidade, que existe no nosso país uma unidade de acção absoluta de alto a baixo? Infelizmente, não o podemos fazer! Para realizar essa unidade de acção ainda é preciso trabalhar muito e seriamente! Os casos em que as decisões do Comité Central são só adoptadas na forma, não são raros; mas na realidade a sua aplicação prática entre as massas desfigura-os. Ainda hoje continuam a existir no nosso Partido «grandes senhores», «governantes» grandes e pequenos que, contando com os seus méritos passados, verdadeiros ou hipotéticos, bem como com os postos que assumem, não têm consideração por nenhuma lei ou disposição e actuam à sua vontade. Ainda continuam a existir tagarelas, fantasistas, homens com ambições ilimitadas e insensatas, que acham que sabem tudo e que podem tudo, mas que, no fundo, não têm nem a capacidade, nem o zelo necessários para trabalhar e para dirigir sistemática e rapidamente, para acabar a obra iniciada. São pessoas que não gostam de se instruir e que são capazes de destruir qualquer obra viva, útil, do Partido.

O Partido deve lutar implacavelmente pelas palavras e pelos actos contra esses elementos e as nocivas manifestações desse tipo, dando as explicações necessárias aos transviados, trazendo-os ao bom caminho e também afastando sem hesitações os incorrigíveis dos seus postos, e até mesmo das fileiras do Partido. O Partido será depurado dos pretensos comunistas que a ele aderiram em consequência de um mal-entendido ou com fins oportunistas, interesseiros. Trabalharemos com todas as nossas forças para a criação da unidade de acção bolchevique de alto a baixo, facto que é a principal condição para o êxito da nossa causa.

Para consolidar constante e inexoravelmente o nosso Partido é preciso antes de mais fazer o que se segue:

1. Depurar as organizações do Partido dos elementos hostis e oportunistas que nelas se introduziram.

2. Por ocasião da adesão de novos membros e de candidatos ao Partido, proceder a uma séria selecção dos que desejam ser admitidos e regulamentar a composição social observando estritamente os estatutos do Partido e aumentando sistematicamente o elemento operário.

3. Desenvolver ulteriormente a democracia interna no Partido liquidando totalmente os vestígios de comando. Examinar e resolver colectivamente as questões respeitantes ao trabalho do Partido no seio das direcções e das organizações do Partido. Distribuir tarefas concretas a cada membro do Partido e velar pela sua realização. Encorajar a crítica e a autocrítica criadoras no Partido, elevar o nível da actividade geral dos membros do Partido, reforçar a disciplina de Partido e estreitar a unidade nas organizações do Partido.

4. Organizar muito mais amplamente do que até ao presente a formação colectiva e individual marxista-leninista sistematizada de todos os membros e candidatos do Partido. Um membro do Partido que não deseje instruir-se e desenvolver-se não é nem pode ser um verdadeiro membro do nosso Partido.

Por volta do fim do ano de 1947 ocorreram determinadas modificações na estrutura da organização do nosso Partido. Atendendo à reorganização do aparelho de Estado e à supressão dos distritos administrativos, era preciso liquidar também os comités de distrito do Partido. Era uma medida inevitável porque o nosso Partido, como força dirigente do país, não pode ter uma estrutura diferente da da organização de Estado. Uma vez as direcções de distrito do Partido liquidadas, uma parte dos seus quadros foi distribuída pelos serviços administrativos centrais e locais do Estado, enquanto que uma outra parte foi distribuída pelas organizações de circunscrição administrativa e de cidade do Partido e da Frente da Pátria com vista à sua consolidação.

Suprimindo os comités de distrito, o Comité Central adquiriu a possibilidade de estabelecer um contacto mais estreito com 95 comités de circunscrição administrativa do Partido e com 7 comités de cidade do Partido e de os dirigir mais

directamente. Tomou melhor conhecimento do estado real das organizações de circunscrição administrativa do Partido, pôde exercer um controle mais directo sobre a sua actividade e dar-lhes o auxílio indispensável. Por outro lado, as direcções de circunscrição administrativa do Partido deram provas de um maior espírito de iniciativa na sua actividade e formaram quadros aptos a dirigir sozinhos as organizações do Partido.

Mas paralelamente aos aspectos positivos desta organização, é preciso ver também determinadas fraquezas sérias. Alguns comités de circunscrição administrativa ainda não consolidados viram-se privados do auxílio diário que recebiam dos comités de distrito. O Comité Central revelou-se muito distante para eles, e o seu aparelho em vez de se reforçar enfraqueceu temporariamente. Temos de assinalar que apesar das medidas tomadas a este respeito depois do XVI Plenário o aparelho do Comité Central continua a não estar consolidado.

O que é que se deve fazer a este respeito?

Primeiro, é indispensável intensificar as medidas para consolidar o aparelho de instrutores do Comité Central, para melhorar e reforçar o seu auxílio aos comités de circunscrição administrativa, actuando de modo a que os membros do Comité Central e os outros camaradas dirigentes visitem com maior frequência as organizações do Partido da circunscrição administrativa e da cidade.

Segundo, consolidar os comités de circunscrição administrativa, fazendo com que sejam também promovidos novos camaradas pertencentes à nova geração de quadros das organizações de base do Partido, em especial das empresas industriais. Os secretários de circunscrição administrativa que se mostraram à altura devem continuar a sê-lo por mais tempo, aprofundando a sua autoridade como militantes locais influentes que gozam da amizade da população.

Durante os quatro anos que decorreram desde que o nosso Partido está no poder, foi necessário deslocar as suas forças para garantir a direcção do Partido e melhorar o trabalho numa série de importantes escalões do aparelho de Estado e económico. Assim, tivemos de escolher e mandar para o Exército popular 3533 pessoas, para o Ministério do Interior, 2000 pessoas, para o Ministério da Indústria, 1010 pessoas e para os outros departamentos um total de 5576 pessoas. Ou

seja, ao todo mais de 12 000 membros do Partido foram escolhidos, promovidos e enviados para cumprir um trabalho de direcção no aparelho de Estado e económico. Não era uma tarefa fácil e para a realizar era preciso vencer grandes dificuldades de todos os tipos.

Era de esperar que a entrada no aparelho de Estado e económico de um número tão considerável de comunistas contribuísse muito para acabar com a burocracia. Infelizmente, numa série de casos, sucedeu o contrário. É notável ver com que facilidade alguns dos nossos camaradas, em vez de extirparem a burocracia, se transformaram eles próprios em burocratas. É claro que a luta contra a burocracia não é fácil. Ela exigirá muitos esforços e muita persistência. Para vencer completamente a burocracia vai ser indispensável assegurar a participação de massas populares tão vastas quanto possível na gestão dos negócios públicos e no controle dessa gestão. Sob este aspecto será desempenhado um papel considerável pelas comissões junto dos diferentes serviços dos Conselhos populares com a larga participação da população trabalhadora. Tudo isso está ligado à elevação do nível cultural e político geral da população. A luta contra a burocracia e a indiferença deve continuar a estar na ordem do dia do Partido. É preciso denunciar implacavelmente e fustigar qualquer manifestação concreta dessa burocracia.

Também não devemos esquecer que os grandes êxitos do nosso Partido reforçam em certos militantes e bases do Partido um sentimentos de optimismo beato, de fatuidade, de vertigem do sucesso. Para que o Partido se possa desenvolver como é preciso e cumprir as suas tarefas futuras, difíceis e complexas, tem de lutar com todas as suas forças para triunfar do perigo contra o qual o nosso grande mestre Lénine preveniu por mais de uma vez os Partidos comunistas.

Assim, camaradas, durante os quatro anos de poder popular depois de 9 de Setembro de 1944, o nosso Partido formou-se e desenvolveu-se para se tornar um Partido político de primeira classe, força motriz dirigente e decisiva da edificação da nova vida no nosso país na via da democracia popular e do socialismo. Através de uma crítica e de uma autocrítica ousada, o Partido luta contra as suas insuficiências que resul-

tam sobretudo do seu rápido crescimento e afirma-se cada vez mais como um verdadeiro Partido marxista-leninista.

O nosso Partido tem debaixo dos olhos o exemplo do Grande Partido Bolchevique de cuja experiência se enriquece e cujo Comité Central por mais de uma vez o auxiliou com os seus conselhos e recomendações. O nosso Partido, que participou activamente no Secretariado de informação dos Partidos comunistas e operários, orgulha-se de se encontrar no seio da grande família dos comunistas de todo o mundo com o Partido Comunista da União Soviética à frente.

Toda a experiência do movimento comunista internacional confirma a verdade segundo a qual quem não é um verdadeiro leninista também não pode ser um verdadeiro marxista.

Termino o relatório político da actividade do Comité Central com um apelo do nosso Partido:

Sob a invencível bandeira de Marx-Engels-Lénine, em frente, sempre em frente rumo ao socialismo, rumo ao comunismo!

Tradução ligeiramente abreviada do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 221-340.

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

PRONUNCIADO A 25 DE DEZEMBRO DE 1948 PERANTE O V CONGRESSO DO PARTIDO NA FINAL DOS DEBATES SOBRE OS RELATÓRIOS APRESENTADOS

Camaradas delegados!

Depois de tudo o que se disse, considero que me posso limitar a um breve discurso de encerramento.

Como vimos, os debates mostraram o total acordo do Congresso tanto com o relatório político apresentado pelo Comité Central como com os outros relatórios da ordem do dia e com as apreciações e conclusões que contêm, com a linha geral do Partido tal como foi exposta sobre a edificação dos fundamentos económicos e culturais do socialismo no nosso país, com as tarefas concretas do Partido, então fixadas, em todos os domínios da vida social, política, económica e cultural. Deste modo, o Congresso exprimiu a sua comunhão de ideias e a sua unanimidade sobre as questões fundamentais da política do Partido. Esta é sem dúvida a condição básica para nossos êxitos futuros.

A elaboração de uma linha justa do Partido e a sua adopção unânime pelos seus membros é, claro está, um facto, um factor essencial. No entanto, não devemos esquecer-nos de que as boas resoluções e declarações a favor da linha geral do Partido são apenas um início: elas só significam o desejo de vencer, e não a própria vitória.

Para que triunfe a linha geral do Partido, unanimemente adoptada pelo V Congresso, é necessária uma luta sistemática, perseverante, contra todas as dificuldades que com frequência encontramos no nosso caminho, e para as vencer é necessário mobilizar as forças de todo o Partido da classe operária, de todos os trabalhadores e da Frente da Pátria. É necessário organizar a participação cada vez mais activa de novas forças na edificação do socialismo; é necessário proceder constantemente a uma escolha judiciosa e severa dos quadros, educar os que são capazes de levar a cabo a luta contra as dificuldades, de afastar a tempo os medíocres ou os que são incapazes de crescer e de progredir.

Hoje o nosso Partido está à frente do Estado onde detém as posições-chave de responsabilidade; a sua autoridade aumentou em proporções sem precedentes e os trabalhadores do nosso país estão dispostos a seguir com solicitude a sua linha geral, tal como foi brilhantemente demonstrado ontem com a manifestação dos trabalhadores de Sófia. Por isso o papel das nossas organizações e dos seus dirigentes é decisivo. Agora, cabe aos nossos dirigentes a principal responsabilidade por todos os defeitos, omissões e erros. É do nosso Partido, do trabalho dos seus quadros, que depende a realização feliz desse grandioso objectivo nas nossas condições — a realização do quinquénio, bem como das outras decisões importantes do Congresso.

No meu relatório sublinhei a enorme força que o nosso Partido representa, a importância da sua base social, a solidez e o alcance dos seus elos com as organizações de massa existentes, a profundidade das suas raízes na classe operária, dos trabalhadores e do povo. E se, apesar destas enormes possibilidades, chocamos com muitos defeitos, fraquezas e omissões, a culpa é nossa, da nossa direcção, insuficientemente concreta e eficaz, a culpa é do facto de tolerarmos fraquezas no nosso trabalho de organização.

Devemos acabar o mais cedo possível com o atraso do nosso trabalho de organização em relação às exigências da linha política e das tarefas do Partido. É preciso elevar o nível da organização da direcção em todas as esferas da nossa actividade, sobretudo na economia nacional, ao nível da direcção política; conseguir que o nosso trabalho de organização assegure a realização prática na vida da linha política do Partido e das suas decisões.

A este respeito, tal como já o sublinhámos no Congresso, *a escolha dos quadros, o controle da execução das tarefas e o desenvolvimento da crítica e da autocrítica e da democracia interna do Partido são de uma importância decisiva.*

O nosso Congresso testemunha o crescimento indiscutível dos quadros do Partido, sobretudo dos nossos *quadros médios* que decidem sobretudo do êxito da política do Partido em todos os domínios do nosso trabalho de construção. Devemos auxiliar com todas as nossas forças o crescimento futuro dos quadros do Partido, afastando sem hesitações os burocratas, os escrevinhadores incorrigíveis, os senhores presumidos, os tontos, os incapazes de um trabalho de direcção diligente e *elevando resolutamente ao trabalho dirigente quadros novos que se tenham revelado organizadores capazes e trabalhadores diligentes.*

O controle da execução das decisões tomadas, o controle da execução das tarefas atribuídas a cada militante do Partido e a cada camarada dirigente é de uma importância exclusiva para a justa escolha dos quadros, para o seu crescimento e para a sua educação, para a correcção dos erros e das insuficiências do seu trabalho. Não seria de modo nenhum exagerado dizer que a maior parte dos falhanços e das omissões no nosso trabalho *são devidos à falta de controle constante e judicioso da execução.*

Só este controle será capaz de levar a bom fim a luta contra a burocracia e a papelada, contra a incapacidade de dirigir e de organizar a aplicação das decisões do Partido, contra todas as deformações da linha do Partido. Para o conseguir, será preciso que esse controle da execução seja efectuado todos os dias de um modo constante e sistemático, e isso pelos próprios dirigentes das organizações.

Tal como o constatámos na XVI Sessão Plenária do Comité Central, a crítica e a autocrítica ainda não se tornaram uma força motriz do desenvolvimento do Partido. A este respeito, o Congresso deu um sério passo em frente, sobretudo durante as discussões sobre o quinquénio e as questões de organização.

Contudo, camaradas, não posso deixar de assinalar que no Congresso nem sempre se teve a coragem de mostrar à

luz do dia e com clareza os erros e as fraquezas cometidas, de designar de uma maneira concreta os homens que delas eram responsáveis, de revelar as suas causas e de ponderar nos processos e nos meios necessários para as vencer rapidamente e com êxito.

Desenvolver uma crítica e uma autocrítica eficazes e construtivas, denunciar as insuficiências do nosso trabalho, eis uma das nossas tarefas permanentes de primeira importância depois do Congresso e a todos os escalões do Partido, de alto e baixo.

Nunca nos devemos esquecer que a maior sabedoria do comunismo consiste em reconhecer a tempo, de uma maneira honesta e sincera, o erro cometido em tomar consciência dele, em denunciar ousadamente as suas causas e em estar firmemente disposto a eliminá-las rapida e implacavelmente.

É preciso que nos libertemos de uma vez por todas, no Partido e em todos os domínios da vida, do hábito nocivo de não designar concretamente os erros com medo de deteriorar as nossas relações com os amigos e parentes, de descontentar alguém ou de nos criar aborrecimentos. Devemos atacar sem piedade qualquer espírito de família quando se tratar de questões que interessem o Partido e o Estado. Os interesses do Partido da classe operária, do povo, devem ser mantidos acima das considerações e dos preconceitos pequeno-burgueses.

Permitam-me ainda duas observações de princípio respeitantes às discussões e a algumas perguntas escritas que me foram dirigidas.

Primeiro: Afirmei no meu relatório que nas condições actuais do desenvolvimento das nossas cooperativas agrícolas, não consideramos a nacionalização como uma condição absolutamente necessária para o desenvolvimento da nossa economia rural. Mas não devemos de modo algum concluir daí que, de um modo geral, a edificação do socialismo no campo é possível sem a nacionalização da terra. Todavia, consides ramos que pela adesão gradual dos camponeses pobres e médios às cooperativas agrícolas, pelo desenvolvimento das estações de tractores e de máquinas agrícolas, pela proibição do arrendamento da terra, pela limitação e em seguida pela proibição da venda e compra de terras, pela redução e em seguida pela supressão das rendas, por decisão dos próprios cooperadores, quando as condições locais o permitirem, *a questão da nacionalização do solo estará praticamente resolvida pelo facto de toda a terra se conservar como eterno usufruto dos camponeses trabalhadores.* Esta via permitirá ao camponês trabalhador, cujo apego ao seu bocado de terra conhecemos, beneficiar no mais alto grau dos frutos da terra que serão consideravelmente aumentados pela motocultura moderna nas grandes explorações agrícolas cooperativas.

A segunda observação diz respeito à característica da democracia popular apresentada no relatório. Alguns camaradas que, durante as discussões, abordaram a questão da democracia popular, acentuaram ou tiveram tendência para acentuar sobretudo aquilo que distingue o regime da democracia popular do regime soviético; isso pode levar a conclusões erradas e nocivas.

Segundo a posição marxista-leninista, o regime soviético e o regime de democracia popular são apenas duas formas de um único e mesmo poder: o da classe operária, aliada aos trabalhadores das cidades e dos campos, encabeçando o combate. São duas formas da ditadura do proletariado. A forma particular da passagem do capitalismo ao socialismo não invalida em nada, e de resto não poderia invalidar, as leis fundamentais válidas para todos os países que regem o período transitório que marca esta passagem. A passagem para o socialismo não se pode efectuar sem a ditadura do proletariado contra os elementos capitalistas, por uma organização da economia socialista.

Ora, enquanto a democracia burguesa representa a ditadura do Capital, ditadura da minoria exploradora do grande Capital sobre a esmagadora maioria dos trabalhadores, a democracia popular exerce as funções da ditadura do proletariado no interesse da esmagadora maioria dos trabalhadores e realiza a mais larga e completa democracia — a democracia socialista.

Desta identidade entre o poder democrático-popular e o poder soviético, identidade que se evidencia quando os analisamos no que têm de *essencial e de decisivo,* a saber que ambos representam o poder da classe operária aliada e guia de todos os trabalhadores, emanam consequências muito importantes quanto à necessidade de estudar o mais larga-

mente possível a grande experiência da edificação do socialismo na União Soviética. *Esta experiência, camaradas, adaptada às nossas condições particulares, é o melhor, o único exemplo que podemos seguir para edificar o socialismo tanto no nosso país como nos outros países de democracia popular.*

O receio expresso pelo nosso camarada Todor Pavlov, segundo o qual a definição do nosso regime democrático como forma da ditadura do proletariado podia encorajar as tentativas de abuso da legalidade, provoca um grande espanto. *O poder democrático que exerce as funções da ditadura do proletariado pela sua essência e pelo seu carácter não pode tolerar nenhum acto arbitrário ou ilegal. Este poder é bastante sólido e firme para se fazer respeitar seja por quem for, independentemente do posto que ocupe.*

Camaradas, não tenhamos ilusões — e o mesmo sucede com qualquer camarada sério — o caminho do nosso Partido não será plano como a praça diante da Assembleia Nacional ou do Conselho de Ministros. Não ignoramos que esse caminho é duro e espinhoso, mas é o único caminho de salvação para a classe operária, para o nosso povo e para o nosso país.

Temos consciência das muitas dificuldades a vencer. Mas também sabemos — e o nosso povo sabe-o bem — que o nosso Partido provou que não receia as dificuldades na realização da sua missão histórica. O nosso Partido também provou que é capaz de vencer todas as dificuldades — por muito grandes que sejam — venham elas dos nossos inimigos do interior ou do exterior.

O nosso Partido, guiado pelo seu Comité Central, que o Congresso elegerá a seguir, leninista pelo espírito, pela firmeza, pela disciplina de ferro, pelo amor ao trabalho e pela intrepidez perante as dificuldades e os perigos, armado das decisões históricas do nosso V Congresso e instruindo-se constantemente e sem descanso junto do grande Partido Bolchevique, levará sem dúvida nenhuma ao seu fim vitorioso a grande obra empreendida para a edificação da sociedade socialista no nosso país.

Tradução ligeiramente abreviada do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 341-349.

PARA UM DESENVOLVIMENTO GERAL DA CULTURA SOCIALISTA BÚLGARA

DISCURSO PRONUNCIADO NO JANTAR OFERECIDO POR OCASIÃO DO JUBILÉU DA ARTISTA DO POVO, ADRIANA BUDEVSKA, A 20 DE FEVEREIRO DE 1949

Camaradas!

Sinto-me feliz por me poder encontrar esta noite convosco num ambiente como este, por ocasião do jubiléu da nossa cara Adriana Budevska (13). Aquilo que se realizou agora não passa de uma pequena parte daquilo que os nossos intelectuais saídos do povo criaram e podem criar. Esta pequena parte pode contudo encher de profunda alegria o coração de todos os patriotas búlgaros.

Afirmou-se por várias vezes que somos um bom povo, um povo dotado. É absolutamente exacto. Somos na verdade um povo dotado e capaz. Podemos tornar-nos e tornar-nos-emos um povo ainda mais dotado e capaz. Na pessoa de Adriana Budevska, o nosso povo não só festeja — e espero que desculpem esta minha afirmação — as suas geniais criações, como também as criações do teatro búlgaro; não só festeja os serviços que ela prestou, como também os serviços prestados pela arte teatral. Adriana Budevska criou tipos dramáticos que nenhum de nós esquecerá, que serviram e podem servir de modelo aos nossos jovens artistas. Na sua pessoa, celebramos todos os servidores da arte no nosso país, e especialmente os da arte teatral, que testemunharam um

tão grande amor para com a sua pátria, que souberam resistir a muitas tentações, a muitas pressões e que ergueram bem alto, durante a negra escravatura fascista, o estandarte da verdadeira arte popular — que não é a arte pela arte, mas a arte ao serviço do povo, a arte que serve a reconstrução da sua cultura, a arte que serve o progresso do nosso país.

E temos motivos para nos orgulharmos. Os nomes que aqui foram recordados são, na verdade, o orgulho do nosso povo, do nosso país, das gerações passadas e das gerações actuais, das jovens forças; são nomes que representam um enorme valor cultural para o nosso país e para o nosso povo. Não é de admirar que atribuamos uma tão grande importância à arte e aos seus servidores.

Existem no nosso país pessoas que afirmam que os comunistas estão desejosos de reforçar o seu poder e que é por isso que se esforçam por atrair esses homens capazes e dotados, concedendo-lhes para esse fim determinados privilégios, cobrindo-os de honrarias, apenas para se servirem deles. Não há nada de mais contrário à realidade do que essas opiniões e essas afirmações. O novo poder é tal que, como verdadeiro poder popular, tem interesse em utilizar todas as suas forças numa determinada ocasião para desenvolver ao máximo as artes, incluindo o teatro e a ópera. Fazemos portanto todos os esforços de que somos capazes neste sentido. O camarada Krastu Sarafov (14) declarou com razão que ninguém até agora tinha feito tanto como o que nós actualmente realizamos. Nós, isto é, o Comité Central do nosso Partido, a Frente da Pátria e o seu governo, nós consideramos que o nosso empreendimento apenas representa um começo.

Ainda temos muito para fazer nas artes. Servir-nos-emos dos nossos meios e recursos limitados, utilizaremos ao máximo as nossas possibilidades e daremos sempre cada vez mais para desenvolver o teatro e a ópera e tudo aquilo que servir para elevar a cultura do nosso povo, da nossa juventude, porque esse é um factor poderoso da edificação da nova sociedade socialista no nosso país.

E isto não é demagogia. Como comunistas e dirigentes de um Estado popular, não é para procurarmos rodear-nos de homens de talento que adoptamos esta atitude. Fernando,

Boris e outros faziam-no, e não para criar as condições indispensáveis ao desenvolvimento do nosso povo e ao desenvolvimento da sua cultura, mas sim para melhor atingirem os seus próprios fins de exploração. Enquanto que nós, pelo contrário, concedemos o nosso auxílio àqueles que se dedicam às artes, encorajamos os seus dotes, mas para a edificação do socialismo no nosso país; e fá-lo-emos cada vez mais, porque somos nós que saímos do povo, da sua base — é preciso que o afirmemos abertamente — que temos uma consciência profunda, somos nós que melhor podemos calcular os enormes e incalculáveis benefícios que a arte representa para o povo.

Devo dizer-vos que quando era ainda um jovem de 16-17 anos, tirava do meu insignificante salário algumas leva para poder ficar durante horas no galinheiro, depois de um duro trabalho físico, e maravilhar-me com a representação de Adriana Budevska, de Vassil Kirkov (15), de Vera Ignatieva e de outros artistas. Que encantado, maravilhado e satisfeito regressava a casa! Não conseguia dormir toda a noite! Que emoção, que estímulo para o trabalho, para o estudo, para avançar, me davam essas imagens magníficas!

O Partido Comunista e o governo da Frente da Pátria têm profunda consciência de que é preciso trabalhar cada vez mais a favor do desenvolvimento das artes no nosso país, de todas as artes. Possuímos um modesto Teatro Nacional e a nossa Ópera nem sequer tem sala. Dedicar-nos-emos a construir no próximo ano o edifício da Ópera. Temos actualmente a possibilidade de utilizar milhares de jovens talentos no teatro, na ópera e nos outros ramos artísticos. Esses estabelecimentos culturais devem estar espalhados por todo o país. Também há muito trabalho para os velhos artistas: estes devem educar os jovens, transmitir-lhes a sua experiência. As jovens forças dispõem de um enorme campo de acção. Concordarão comigo em que nem as artes, nem a nossa imensa tarefa — a edificação do socialismo no nosso país — podem depender apenas do Governo, do Comité Central do Partido, do Conselho Nacional da Frente da Pátria. Para este efeito são necessárias a colaboração dos dirigentes do Partido e do Estado, a coordenação dos meios de que a nação dispõe, a iniciativa, os esforços e um trabalho ininterrupto dos servidores da Arte.

Os artistas, por muito dotados que sejam, seja qual for a consideração que por eles tenhamos, devem trabalhar incessantemente porque, como sabem, aquele que não progride fica para trás e aquele que deixa andar é derrotado. O factor decisivo, sob este aspecto, é a força interior que anima cada homem, o amor do povo e da pátria que arde no coração e na alma do encenador, do pintor, do escritor, de todos os homens que trabalham no domínio da arte e da cultura.

Os dons não caem do céu. Nem todos podem ser artistas como Adriana Budevska, Krastu Sarafov, Stéphane Makédonski ([16]), etc. Mas cada dom é em si mesmo um capital. Se esse dom não for desenvolvido, se esse capital não for utilizado de uma maneira racional, não se obterão resultados. E vocês sabem que existem dezenas e centenas de pessoas, para não dizer mais, que, graças ao trabalho, conseguem desenvolver os seus dotes.

Sou mais idoso do que vocês e permitam-me que vos diga que também entre nós existem homens fracos — artistas, escritores, pintores e outros — que consideram que não têm nada para aprender e que dispor de um certo talento é suficiente. O que interessa esses homens é a posição a que podem chegar, é a situação que podem ocupar, é o papel que podem desempenhar; isso interessa-os muito mais do que desenvolver os seus dotes para ocupar um lugar simultaneamente proveitoso e útil para eles próprios e para todo o povo. No domínio da arte, não se deve ter uma demasiado alta opinião de si mesmo. A presunção é uma grande infelicidade. Semelhante atitude significa a desgraça de um homem e a ruína da arte. É preciso que todos os dias aumentemos os nossos conhecimentos, que nos saibamos apreciar, que corrijamos as nossas insuficiências para aperfeiçoar os nossos dotes. Deste modo, estes podem ser aumentados em 50 por cento ou 80 por cento; do mesmo modo, graças à autocrítica, trabalhando para nos curarmos das nossas fraquezas, escutando os conselhos de pessoas mais competentes, eles podem aumentar em 90 por cento, ou até mais.

Ao erguer a minha taça, queria felicitar todos os servidores da arte, da nossa arte popular que são realmente dotados, que têm talento e que desejam estudar, alargar os seus conhecimentos, que se instruem com o exemplo dos grandes mestres da grande pátria do socialismo.

No domínio da cultura, no que diz respeito às capacidades, não há povos grandes nem pequenos. Não há povos de grande ou de pequeno valor. Todos os povos, por muito pequenos que sejam, são capazes de dar o seu contributo ao património comum da cultura. O nosso povo é pequeno, somos um país pequeno. Estamos tanto mais interessados em aumentar os nossos conhecimentos quanto não nos podemos envaidecer, mesmo dentro de dez anos, de possuir uma indústria tão considerável como a dos grandes países e riquezas tão vastas como as das outras nações. Mas podemos e devemos orgulhar-nos de possuir uma cultura, de criar modelos artísticos de grande valor, muito especialmente no domínio das ciências, e de poder dar o exemplo a muitos outros. De mãos dadas, estadistas, dirigentes do Partido, servidores da arte, trabalhadores científicos, devemos esforçar-nos por conseguir que dentro de alguns anos o povo búlgaro seja considerado e designado por toda a parte como um povo socialista verdadeiramente dotado, talentoso, cultivado, exemplar, como um povo que participa activamente na criação de uma cultura socialista mundial, ao lado dos seus irmãos dos outros países de democracia popular, com a grande União Soviética à frente.

Publicado em:
Rabotnicheski Délo, n.° 147, de 7 de Junho de 1949.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIV. Edições do P. C. B., 1955, pp. 360-365.

ALOCUÇÃO POR OCASIÃO DO 1.º DE MAIO

Caros compatriotas!

Operários e operárias, engenheiros e técnicos!

Operários e operárias de choque, inovadores e inventores!

Camponesas e camponeses trabalhadores!

Trabalhadores progressistas da ciência, da cultura e da arte!

Trabalhadores e membros das brigadas!

Soldados, oficiais e generais!

Gloriosos guardas das nossas fronteiras!

Homens, mulheres, jovens de ambos os sexos, criadores do bem-estar do nosso povo e construtores do socialismo na nossa amada pátria!

Queridas crianças da organização «Septemvriiche», futuros construtores do comunismo!

Neste dia solene da solidariedade internacional e da luta pela paz, pela democracia e pelo socialismo, a doença impede-me de me encontrar na vossa companhia, por isso quero dar-vos a certeza de que estou convosco de todo o coração e de que todos os meus pensamentos e mais caros sentimentos vão para vós, no momento em que vos regozijais com as aquisições do povo e em que estais cheios da firme resolução de aplicar todos os vossos esforços para a feliz realização do plano das sementeiras da Primavera, do plano quinquenal da economia nacional, para assegurar a vitória da Frente da Pátria, sob a égide do nosso glorioso Partido Comunista, nas próximas eleições para os conselhos populares, e de avançar

implacavelmente na via do socialismo, com uma vigilância alerta na luta implacável contra os inimigos do povo — pela prosperidade, pela liberdade e pela felicidade da nossa muito amada pátria.

O nosso povo percorreu até ao presente um caminho penoso e difícil. Pode estar orgulhoso com razão por vencer com êxito todas as dificuldades internas e externas, sempre assistido pelo seu grande libertador. Hoje, quando o nosso povo participa activamente e se põe com firmeza do lado do poderoso campo da paz e da democracia, com a grande União Soviética à frente, contra os fautores de guerras imperialistas; quando o nosso povo está definitivamente ligado por uma amizade sincera e indissolúvel aos povos soviéticos, beneficiando do seu auxílio amigo e constante, e colabora fraternamente com os irmãos das democracias populares; quando vemos o brilhante impulso criador desse poderoso Estado que é a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; quando o histórico congresso mundial, que acaba precisamente de se realizar, reúne mais de 600 milhões de partidários da paz; quando o exército popular libertador chinês, com as suas grandiosas vitórias, aplica golpes esmagadores aos planos imperialistas; e quando os povos coloniais e oprimidos se erguem por toda a parte para uma luta decisiva pela sua liberdade e pela sua independência — podemos afirmar com segurança que a feliz realização da obra popular depende de nós próprios, do nosso trabalho e dos nossos esforços, da nossa constante vigilância em relação aos nossos inimigos, da nossa fé nas nossas próprias forças e nas forças dos nossos aliados, do nosso zelo para diariamente tirarmos proveito da imensa experiência da União Soviética na edificação do socialismo e na luta contra o capitalismo.

Irmãos e irmãs, lembrem-se, não se esqueçam por um momento sequer, que não existe nenhuma razão para a mais pequena dúvida na vitória da nossa justa causa, por muito falsos, ansiosos e alarmantes que sejam os rumores propagados pelos inimigos, camuflados ou declarados, do poder popular e do socialismo. Expulsem dos vossos meios os mentirosos, os difamadores, os faladores e os agentes estrangeiros. Desmascarem os impostores, os hipócritas, os sabotadores e todos os agentes estrangeiros, mas auxiliem amigavelmente as pessoas

de pouca fé e os indecisos explicando-lhes incansavelmente a verdade, para que possam compreender o curso real dos acontecimentos que estão a favor dos povos e contra os imperialistas, e para que possam inspirar-se o mais rapidamente possível na fé profunda e no entusiasmo pelo trabalho do nosso valente povo trabalhador.

No que me diz respeito, podem estar certos de que desejo ardentemente, graças aos cuidados excepcionais da excelente medicina soviética, recuperar o mais rapidamente possível a minha saúde abalada pela minha permanência nas prisões fascistas alemãs e durante os três meses do processo de Leipzig, e regressar outra vez à vossa companhia, para dedicar os últimos anos da minha vida ao serviço do povo, com a classe operária à frente, nas fileiras do heróico e experimentado Partido Comunista Búlgaro que me criou, que foi o primeiro a inculcar-me as grandes ideias do socialismo e que me educou no espírito da luta de classes intransigente contra o capitalismo criminoso e contra todos os inimigos do povo, fosse qual fosse a máscara sob a qual se apresentassem.

Desejo-vos de todo o coração que avancem na via do socialismo, com o Partido Comunista Búlgaro dirigindo a Frente da Pátria, apesar de todas as dificuldades e de todos os obstáculos!

Vosso dedicado: *J. Dimitrov*
Presidente do Conselho de Ministros
da República Popular da Bulgária

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 110,
de 1 de Maio de 1949.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 369-372.

CARTA ESCRITA POR OCASIÃO DA VITÓRIA ELEITORAL

AO SECRETARIADO POLÍTICO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BÚLGARO

Moscovo, 18 de Maio de 1949

É com um sentimento de profunda alegria e de sincero reconhecimento para com o nosso valente povo trabalhador que acolho a brilhante vitória obtida nas eleições dos conselhos populares, sob a bandeira da Frente da Pátria e a direcção do Partido Comunista, contra a reacção no interior do país e os seus dirigentes e conspiradores no estrangeiro.

Os resultados das eleições testemunham a imensa actividade política e a alta consciência de classe dos trabalhadores, a sua fé profunda no Partido Comunista, como dirigente da Frente da Pátria e do nosso Estado de democracia popular, na sua capacidade para mobilizar e para organizar as forças populares, para salvaguardar a liberdade e a independência do país, e para o conduzir na via do socialismo com uma mão firme e com maturidade de espírito.

Estes resultados também provam que o povo trabalhador das cidades e dos campos, unido sob a direcção da classe operária e do Partido Comunista, aprova a política do nosso Partido por uma luta implacável contra os elementos capitalistas e pela mais rápida edificação das bases económicas e culturais da sociedade socialista, e que ao rejeitar resolutamente o nacionalismo pérfido — instrumento dos imperia-

listas —, se mantém nas posições do internacionalismo proletário, cuja essência reside na amizade indissolúvel, sincera e constante até ao fim com a grande União Soviética que está à frente do campo democrático e anti-imperialista, contra os dominadores imperialistas e os fautores de novas guerras.

A adesão manifestada durante as eleições para com o nosso Partido e as grandes esperanças que o povo nele deposita, criam-nos obrigações muito grandes. Baseando-nos nos resultados das eleições de cada localidade, é precisamente o momento de nos encarregarmos com a maior energia, de reforçar ao máximo, do ponto de vista da organização e da ideologia, o próprio Partido — motor experimentado da democracia popular — e de proceder paralelamente à consolidação ulterior da Frente da Pátria, cimentando a união entre os operários e os camponeses trabalhadores sob a direcção do Partido Comunista.

Os conselheiros comunistas das cidades e das aldeias devem cumprir as suas obrigações de uma maneira exemplar e trabalhar infatigavelmente para a realização da plataforma eleitoral da Frente da Pátria. São obrigados a servir de exemplo a todos os outros conselheiros populares da Frente da Pátria e dos sem-partido.

A vitória obtida nas eleições é de tal modo importante, que nos devemos abster seriamente de qualquer satisfação beata, de qualquer vertigem motivada pelo êxito e de tudo o que a isso se assemelhe. Esta servir-nos-á de novo e poderoso estimulante para um trabalho ainda mais assíduo na realização do plano quinquenal da economia nacional e para uma luta ainda mais implacável contra os inimigos do povo — tanto internos como estrangeiros.

De facto, a reacção foi esmagada nas eleições. Mas não pode haver dúvidas de que, com o auxílio recebido do estrangeiro, continuará a sua acção hostil com uma fúria ainda maior, com um ódio aumentado e uma perfídia mais refinada. O Partido Comunista, a Frente da Pátria, todos os verdadeiros patriotas, devem estar sempre vigilantes e extirpar sistematicamente as raízes da reacção da vida económica, política e cultural de cada localidade, em todo o país, até mesmo nas regiões mais afastadas.

Aperto-vos calorosamente as mãos e, por vosso intermédio, as de todos os membros do Partido Comunista, da Frente da Pátria, da União Agrária Popular e de todos os outros — homens, mulheres, jovens, militares, soldados-pioneiros e participantes nas brigadas —, que asseguraram a brilhante vitória, de que, com razão, todos nós e os nossos amigos no estrangeiro nos regozijamos.

Vosso: *J. Dimitrov*

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 129,
de 20 de Maio de 1949.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIV,
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 375-377.

CARTA DIRIGIDA AOS ESTUDANTES DA ESCOLA SUPERIOR DO PARTIDO

12 de Junho de 1949

Agradeço-vos muito cordialmente as vossas saudações sinceras e os vossos votos de rápidas melhoras.

Não posso pôr em dúvida, nem por um instante sequer, que os estudantes que terminam o primeiro curso anual da Escola do Partido não justifiquem plenamente a confiança e as esperanças do nosso glorioso Partido, que cumpre uma missão de uma importância capital para o bem da nossa pátria e do campo democrático mundial e do socialismo, guiado pela histórica experiência universal do Partido Bolchevique de Lénine.

Camaradas, tenham sempre em vista, acima de tudo, três coisas importantes:

Em primeiro lugar, só o comunista que não separa nunca na sua actividade a teoria marxista-leninista da prática pela edificação do socialismo, pode ser um verdadeiro militante do nosso Partido Comunista e um verdadeiro dirigente dos trabalhadores.

Em segundo lugar, depois de terem terminado o curso da nossa Escola do Partido, é necessário continuarem sempre a instruir-se, a desenvolver a vossa formação ideológica e política e a realçar o vosso nível cultural em todos os domínios, seja qual for o sector em que trabalhem.

Terceiro, demonstrem uma vigilância a toda a prova e lutem resolutamente contra qualquer desvio dos princípios

do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, contra qualquer tendência nacionalista e de chauvinismo megalo-búlgaro — que representa a perda da nossa liberdade e da nossa independência, bem como da edificação do socialismo no nosso país, o qual só é possível pela via de uma amizade sincera com a grande União Soviética e com a sua fraterna assistência.

Aperta-vos as mãos com amizade

Vosso: *J. Dimitrov*

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 155,
de 15 de Junho de 1949.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIV.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 381-382.

NOTAS

(1) Buzludja — monte dos Balcãs Centrais. O Congresso constituinte que aí foi convocado em Agosto de 1891 lançou as bases do Partido Comunista Búlgaro.

(2) O atentado à igreja de Santa Nedelia de Sófia foi perpetrado a 16 de Abril de 1925 pelos partidários da tendência ultra-esquerdista do movimento antifascista com o objectivo de destruir os representantes do regime monarco-fascista. O Comité Central do Partido Comunista Búlgaro condenou imediatamente este acto, qualificando-o de insensato e funesto. O governo de Tzankov aproveitou-se dele para desencadear um terror sangrento contra o movimento antifascista. Milhares de antifascistas foram mortos ou queimados vivos, outros foram lançados nas prisões, um grande número deles viu-se obrigado a emigrar. As organizações antifascistas foram destruídas, o movimento antifascista foi afogado em sangue.

(3) Petre Iskov, Gueorgui Lambrev e Ilyea Vassilev (Boïko), dirigentes da facção sectária de esquerda do Partido Comunista Búlgaro que em 1929 se *apoderou da direcção do Partido, declarou* os velhos quadros do Partido incapazes de serem verdadeiros revolucionários, proclamou a teoria sobre o papel de vanguarda da juventude e lançou palavras de ordem erradas: «ofensiva geral e total declarada», «ocupação das ruas», «ocupação das terras», etc.

A actividade da facção sectária de esquerda, ao impedir a adopção da teoria e da táctica do leninismo pelo Partido, isolava-o das vastas massas populares; por ocasião do golpe de Estado militar-fascista de 19 de Maio de 1934 *arrastou o Partido para uma passividade oportunista.*

As forças sãs do Partido, com Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov à frente, levaram a cabo uma luta firme contra o sectarismo esquerdista, coroada em 1935 pela adopção de

um novo rumo, um rumo leninista na política e na prática do Partido Comunista Búlgaro.

(4) A 19 de Maio de 1934, a Liga dos Oficiais e o agrupamento político Zveno perpetraram um golpe de Estado militar fascista, derrubando o governo do bloco popular no poder em consequência das eleições que se tinham realizado em 1931, e estabelecem uma ditadura fascista declarada.

Depois do golpe de Estado foram destruídos os últimos vestígios da democracia parlamentar e burguesa. A Assembleia Nacional foi dissolvida. Os Partidos políticos e os sindicatos também foram dissolvidos, a imprensa foi submetida a uma severa censura.

(5) Muraviev Constantin — um dos dirigentes de direita da União Agrária Popular Búlgara. Ministro da Guerra no Governo de Alexandre Stamboliiski, tinha tolerado as conspirações dos oficiais fascistas que não tardaram a perpetrar um golpe de Estado militar fascista a 9 de Junho de 1923. De 1931 a 1934, Muraviev foi sucessivamente ministro da Instrução Pública e da Agricultura. A 2 de Setembro de 1944 tomou a chefia do governo da oposição legal, nomeado pelos regentes monarco-fascistas, a fim de desviar o povo da insurreição já madura e permitir que os exércitos hitlerianos preparassem novas posições defensivas nos Balcãs contra a União Soviética. A Insurreição popular de 9 de Setembro de 1944 derrubou o governo de Muraviev. O Tribunal popular condenou Muraviev a prisão perpétua.

(6) «A lei sobre a propriedade rural» foi adoptada pela Assembleia Nacional a 12 de Março de 1946.

Em virtude desta lei, os exploradores que trabalham as suas terras pessoalmente só podiam possuir 30 hectares no máximo em Dobrudja e 20 hectares no resto do território. Os exploradores cuja principal ocupação não era a agricultura conservavam de 3 a 5 hectares. As terras dos criminosos de guerra e dos inimigos do povo eram confiscadas. Uma grande parte das terras, 211 000 hectares adquiridos em consequência dessa reforma, foi dividida entre 128 000 camponeses sem terra ou possuindo muito pouca (1 ha em média por exploração).

A lei encorajava os camponeses a aderir às *cooperativas agrícolas.*

(7) A 23 de Novembro de 1944 um grupo de reaccionários, membros do governo da Frente da Pátria, chefiado por Damian Veltchev e Nicolas Petkov, adoptou, na ausência dos ministros comunistas, a «resolução N 4». A finalidade desta resolução consistia em salvar de um justo castigo os oficiais fascistas culpados de crimes contra o povo, dando-lhes a possibilidade de ir para a frente da batalha e de «resgatar os seus erros». Em caso de ferimento ou de condecoração estes oficiais estariam ao abrigo de qualquer medida coercitiva ou judiciária e beneficiariam de improcedência judicial. Este problema, segundo a resolução, devia ser resolvido pelo ministro da Guerra, Damian Veltchev.

O Partido Comunista Búlgaro protestou resolutamente contra esta resolução. A 4 de Dezembro de 1944 o Secretariado Político do Comité Central do Partido Operário Búlgaro (Comunista) publicou uma declaração pedindo a revogação da «resolução N 4», contrária ao programa da Frente da Pátria. Respondendo ao apelo do Partido Operário Búlgaro (Comunista), os trabalhadores organizaram comícios e manifestações em todo o país. Sob a pressão das massas, os ministros viram-se obrigados a capitular, e a 7 de Dezembro de 1944 a «resolução N 4» foi revogada.

(8) *Damian Veltchev* (1883-1955) político reaccionário, general reformado, um dos chefes da ala direita do agrupamento político Zveno. Damian Veltchev participou activamente no golpe de Estado fascista de 9 de Junho de 1923. Foi um dos organizadores e um dos inspiradores do golpe de Estado militar de 1934. Durante o período de 1944-1946 fez parte do primeiro governo da Frente da Pátria como ministro da Guerra. Foi afastado deste cargo devido a manobras hostis ao poder popular. Mais tarde Veltchev foi nomeado ministro plenipotenciário em Berna, tendo-se depois recusado a regressar à Bulgária.

(9) Guemeto — Dr. Georgui Mikhaïlov Dimitrov — político reaccionário, um dos chefes da ala direita da União Agrária Popular Búlgara durante o período anterior à guerra. Emigrou durante a Segunda Guerra Mundial. Depois da libertação da Bulgária, Guemeto regressou ao país, conseguiu obter o cargo de secretário-geral da União Popular Búlgara e desenvolveu uma actividade hostil ao poder popular. Lançou a palavra de ordem demagógica de «Paz, pão e liberdade» que significava, nessa ocasião, acabar a guerra contra a Alemanha hitleriana e assegurar a liberdade de acção aos fascistas e aos reaccionários. Guemeto começou a propagar, através de elementos a soldo, a palavra de ordem para um governo homogéneo da União Agrária Popular Búlgara. Sob a pressão das vastas massas de filiados na U. A. P. B., que pediam o reforço das relações com a Frente da Pátria e a exclusão dos elementos reaccionários, Guemeto viu-se obrigado a abandonar, em Janeiro de 1945, o cargo de secretário-geral da União Agrária Popular Búlgara. Foi expulso das suas fileiras na Conferência que se reuniu em Maio de 1945. Não deixou por isso de prosseguir a sua actividade hostil ao poder popular, pelo que foi posto em regime de residência vigiada. Tendo conseguido fugir, Guemeto escondeu-se em casa de Burnes, representante político americano na Bulgária. Em Setembro de 1945 Guemeto abandonou a Bulgária. No estrangeiro, tomou a direcção da

actividade hostil desenvolvida pelos emigrados reaccionários contra a República Popular da Bulgária.

(10) Nicolas Petkov — político reaccionário. De 1943 a 1945 foi membro do Conselho Nacional da Frente da Pátria, como representante da União Agrária Popular Búlgara. Depois do advento do poder popular faz parte do primeiro governo da Frente da Pátria (1944-1945) como ministro sem pasta. Não tardou que se declarasse abertamente adversário activo das iniciativas democráticas do poder popular. Em 1945-1947, Nicolas Petkov tomou a chefia da ala direita da União Agrária Popular Búlgara, que se separou da Frente da Pátria e formou com a fracção reaccionária do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro a oposição antinacional. A sua actividade dirigida contra o poder popular e a organização de uma conspiração para derrubar pela violência o governo democrático popular valeram-lhe a pena capital, pronunciada em 1947.

(11) *Gregor Tchechmedjiev* (1879-1945) militante reaccionário do Partido Social-Democrata Búlgaro. Em 1944 faz parte do primeiro governo da Frente da Pátria como ministro da Previdência Social e ocupa este posto até Agosto de 1945. Em 1945, um grupo de sociais-democratas de direita com Tchechmedjiev à cabeça abandona a Frente da Pátria e o Partido Social-Democrata para formar um Partido Social-Democrata na oposição, o qual desenvolveu abertamente uma actividade hostil ao regime de democracia popular.

(12) *Yurukovtsi,* partidários do chefe da ala direita do agrupamento político Zveno — Vassil Yurukov.

(13) *Adriana Budevska* (1878-1955) uma das artistas mais notáveis da cena dramática búlgara. Artista do povo. Nascida em Dobritch, acabou o liceu em Varna e estudou arte dramática em Moscovo. Sob a direcção de A. P. Lensky, actor de nomeada e pedagogo notável que aprecia muito as suas qualidades de artista, Adriana Budevska segue as tradições profundamente realistas da arte dramática russa. Em 1899 regressa à Bulgária e ocupa um lugar importante no Teatro Nacional. A sua maneira de representar realista vale-lhe o favor unânime do povo. Budevska valoriza os seus múltiplos dons sobretudo no reportório de peças russas, que ela é uma das primeiras a desempenhar na cena búlgara.

Em 1927 Budevska é despedida do Teatro Nacional. Mais tarde é obrigada a exilar. Regressa depois da vitória do novo poder.

(14) *Krastu Sarafov* (1876-1952), uma das sumidades da arte dramática búlgara. Estudou arte dramática na Rússia. Representante da tendência realista no teatro búlgaro. Durante o domínio do fascismo viu-se obrigado a abandonar o teatro. O talento de Sarafov desenvolveu-se admiravelmente sob o poder popular.

(15) *Vassil Kirkov* (1870-1931), notável artista dramático, um dos fundadores do Teatro Nacional Búlgaro.

(16) *Stéphane Makédonski* (1885-1952), artista do povo da República Popular da Bulgária. Artista lírico de grande talento, militante antifascista. Foi dado o seu nome ao Teatro Musical de Sófia.

CRÓNICA BIO-BIBLIOGRÁFICA

(1882-1949)

1882

18 de Junho

Jorge Dimitrov nasce na aldeia de Kovatchevtzi, distrito de Radomir.

1883

Janeiro

A família de Jorge Dimitrov instala-se em Radomir; Jorge Dimitrov tem 6 meses.

1889

Setembro

Jorge Dimitrov entra para a escola primária «São Clemente de Ochrida» em Iutch-bunar — Sófia.

1894

Setembro

Jorge Dimitrov trabalha como aprendiz de tipógrafo na tipografia de Nicolas Pipérov.

1898

Maio

Jorge Dimitrov organiza a manifestação do 1.° de Maio dos tipógrafos em Sófia.

1899

Abril

Jorge Dimitrov trabalha como tipógrafo na tipografia «Napred» de Sófia.

1900

Jorge Dimitrov adere à Sociedade dos Tipógrafos de Sófia, participa na redacção do Jornal *Notícias da Sociedade dos Tipógrafos de Sófia* onde imprime os seus artigos sobre a situação dos tipógrafos.

1901

Jorge Dimitrov é eleito membro do Comité da Sociedade dos Tipógrafos de Sófia, como bibliotecário da Sociedade.

Jorge Dimitrov dirige a greve na tipografia «Govédarov».

1902

Jorge Dimitrov adere à Organização de Sófia do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro.

1903

Fevereiro

Jorge Dimitrov participa na luta entre as duas correntes da Organização de Sófia do Partido e faz parte dos 53 membros mais conscienciosos do Partido, os quais fundam a nova Organização de Sófia do Partido colocando-se do lado do núcleo revolucionário chefiado por Dimitre Blagoev, Gueorgui Kirkov e Gravil Guéorguiev.

1904

18-21 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XI Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), realizado em Plovdiv, como delegado da Organização de Sófia do Partido.

21-22 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do I Congresso Sindical da União Geral Sindical Operária realizada em Plovdiv, do qual é eleito membro do Comité Sindical.

1905

31 de Julho-4 de Agosto

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XII Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), realizado em Sófia.

4-6 de Agosto

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do II Congresso Sindical da União Geral Sindical Operária, realizado em Sófia.

29-30 de Outubro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da conferência para a união dos impressores da Sociedade dos Tipógrafos Búlgaros, da Sociedade dos Impressores Búlgaros e do Sindicato dos Operários de Tipografia.

1906

18 de Junho-24 de Julho

Jorge Dimitrov organiza e dirige a greve de Pernik, mandatado pelo Partido.

23 de Julho

Jorge Dimitrov é preso em Pernik como agitador da greve dos mineiros e é conduzido sob escolta para Sófia.

30 de Julho-2 de Agosto

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XIII Congresso Nacional do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), realizado em Slivene, como delegado da Organização de Sófia do Partido.

2-4 de Agosto

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do III Congresso da União Geral Sindical Operária realizado em Slivene e nela apresenta o relatório do Comité Sindical sobre a situação, a composição, a organização, o trabalho de instrução, as lutas grevistas, a imprensa sindical e as tarefas do movimento sindical na Bulgária.

1907

Abril

Jorge Dimitrov parte para uma viagem de agitação na Bulgária meridional.

23 de Junho-4 de Julho

Os n.os 84, 85, 86 e 87 do *Rabotnitcheski Vestnik* publicam o artigo de Jorge Dimitrov sobre «A necessidade de uniões profissionais no nosso país e sua organização».

8-11 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XIV Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) como delegado da Organização de Sófia do Partido.

12-14 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do IV Congresso da União Geral Sindical Operária realizado em Plevene e nele apresenta o relatório do Comité Sindical sobre a composição, a organização, o trabalho de instrução, as finanças e a direcção das lutas grevistas da União.

27 de Julho

Jorge Dimitrov é eleito presidente do Comité Central da União Profissional Operária em Sófia pela assembleia anual.

19 de Dezembro

Jorge Dimitrov parte para Pernik devido à greve declarada a 17 de Dezembro pelos mineiros de Pernik.

1908

12 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é eleito pelos próprios grevistas membro do Comité de Greve e dirigente da greve em Pernik.

29 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é eleito membro do Comité da Organização de Sófia do Partido.

22 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia, perante os operários em greve da fábrica «Izida», em Novosseltzi, um discurso sobre «A situação dos operários na fábrica, e a necessidade de um sindicato.»

20-23 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XV Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), realizado em Gabrovo, como delegado da Organização de Sófia e de Dutpnitza do Partido.

23-25 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do V Congresso da União Geral Sindical Operária, realizado em Gabrovo, e nele apresenta o relatório sobre a composição, a actividade, as lutas grevistas e a situação financeira da União.

23-24 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da primeira Assembleia Anual da União dos Tipógrafos, de que é eleito presidente perpétuo.

Dezembro

Jorge Dimitrov é eleito redactor da secção sindical do *Rabotnitcheski Vestnik* por decisão do XV Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda).

1909

29-30 de Março

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do I Congresso dos mineiros, realizado em Sófia, como delegado do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária.

24 de Maio

Jorge Dimitrov é atacado, por volta do meio-dia, na mina «Plakalnitza» por um bando a soldo de Pastukhov, mas os assaltantes são repelidos pelos mineiros.

18 de Junho

Jorge Dimitrov é eleito membro do Comité de Greve na reunião dos grevistas da cordoaria «Payakov e Vajarov», em Povlovo, arredores de Sófia.

19-22 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XVI Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), realizado em Varna, e é eleito membro do Comité Central do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda).

22-24 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do VI Congresso Sindical, em Varna; nele apresenta o relatório anual do Comité da União Geral Sindical Operária da Bulgária e é eleito secretário-tesoureiro do Comité Sindical.

25-27 de Dezembro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da I Conferência Balcânica Social-Democrata em Belgrado como delegado do Comité Central do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda).

1910

19-25 de Abril

Jorge Dimitrov faz uma viagem pela Bulgária com o militante sindical sérvio Tricha Katlerovitch e Gueorgui Kirkov, relacionada com as decisões da I Comissão Balcânica em Belgrado para a solidariedade balcânica.

6-7 de Junho

Jorge Dimitrov participa na reunião regional do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda).

11-14 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalho do XVII Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), realizado em Sófia.

14-16 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do VII Congresso Sindical da União Geral Sindical Operária em Sófia, perante o qual apresenta o relatório do Comité Sindical sobre a composição, a organização, o trabalho de instrução e a actividade financeira da União Geral Sindical Operária da Bulgária.

12 de Setembro

Jorge Dimitrov pronuncia, em nome do Comité Central do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), um discurso de saudação no comício em Samokov, por ocasião da fundação da Comuna de Samokov — primeira Comuna na península balcânica.

Dezembro

A brochura de Jorge Dimitrov «O Movimento Sindical na Bulgária» acaba de ser impresso.

1911

10-11 de Abril

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do VIII Congresso Ordinário da União Geral Sindical Operária perante o qual apresenta o relatório do Comité Sindical sobre a composição, a organização, e o trabalho de instrução da União Geral Sindical Operária durante o ano de 1910.

24 de Maio

Jorge Dimitrov chefia a manifestação dos mineiros de Pernik, que se dirigem a pé de Pernik a Sófia para protestar diante do Ministério do Comércio contra o regime de terror instaurado pelas autoridades.

3-7 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XVIII Congresso do Partido Operário Social-Democrata (socialistas de esquerda) em Plodiv, perante o qual apresenta um relatório sobre «A modificação e a conclusão dos Estatutos e do Regulamento do Partido».

27-29 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da VII Conferência Internacional em Budapeste como delegado do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária.

1912

4-27 de Março

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do IV Congresso Ordinário da União dos Tipógrafos da Bulgária, como presidente do Comité Central.

25-26 de Março

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do IX Congresso Ordinário da União Geral Sindical Operária em Sófia perante o qual apresentou o relatório do Comité Sindical da União Geral Operária sobre a composição e os efectivos do movimento sindical, a actividade dos sindicatos, a assistência sindical, a imprensa profissional e outras, durante o ano de 1911.

27-28 de Março

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do IV Congresso Ordinário da União dos Operários da Costura, em nome do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) e do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária.

30 de Março

Jorge Dimitrov é eleito presidente do Comité Central da União dos Tipógrafos da Bulgária.

25 de Maio

Jorge Dimitrov escreve um prefácio para o livro de Adelaide Popp «Pequeno livro para as jovens operárias».

25 de Junho

Jorge Dimitrov escreve o prefácio da brochura «A unidade operária e os seus inimigos» — colectânia dos seus artigos publicados no *Rabotnitcheski vestnik* sob o título de «Um balanço».

29 de Junho-1 de Julho

Jorge Dimitrov participa, em nome do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) e da União Geral Sindical Operária nos trabalhos do II Congresso ordinário do Partido Social-Democrata Romeno, em Bucareste.

2 de Julho

Jorge Dimitrov participa, em nome dos operários metalúrgicos búlgaros organizados, nos trabalhos da conferência dos operários metalúrgicos romenos, onde pronuncia um discurso de saudação.

3 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da conferência dos operários do calçado e do couro em Bucareste.

4 de Julho

Jorge Dimitrov é extraditado pela polícia romena; o Comité Central do Partido Social-Democrata Romeno escreve, a este propósito, uma carta ao Comité Central do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) para lhes expressar o seu orgulho em ter tido Jorge Dimitrov como delegado ao Congresso.

10 de Julho-10 de Agosto

Jorge Dimitrov cumpre uma pena de um mês de prisão em Tchernata-djamia — Sófia, condenado pela I Secção Penal do Tribunal Distrital de Sófia por «ofensa» a Mutafov (socialista de direita), que Jorge Dimitrov desmascara no relatório sindical de 1909-1910 como falsificador e informador da polícia.

São organizadas no país reuniões de protesto dos trabalhadores contra esta condenação injusta.

16 de Julho

Da sua cela, em Tchernata-djamia, Jorge Dimitrov escreve o prefácio da brochura «A luta pelo salário».

15-17 de Agosto

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XIX Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), em Roussé.

17 de Agosto

Jorge Dimitrov pronuncia, em nome do Comité Central do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) e da União Geral Sindical Operária, um discurso de saudação perante a conferência constitutiva da União da Juventude Operária em Roussé.

1913

23-26 de Setembro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do VII Congresso dos sindicatos austríacos, em Viena, como delegado da União Geral Sindical Operária da Bulgária.

27 de Setembro

Jorge Dimitrov participa como delegado da União Geral Sindical Operária à conferência de Viena, convocada imediatamente a seguir ao Congresso dos sindicatos austríacos por ordem da Conferência Internacional Sindical de Zurique para analisar a situação dos sindicatos sérvios e búlgaros.

24 de Novembro

Jorge Dimitrov é eleito deputado à XVI Assembleia Nacional Ordinária nos distritos de Vratza e Tirnovo.

19 de Dezembro

Jorge Dimitrov é eleito secretário do grupo parlamentar social-democrata.

20 de Dezembro

Jorge Dimitrov assiste à abertura da XVI Assembleia Ordinária. Todo o grupo parlamentar do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) abandona ostensivamente a sala à entrada do rei Fernando.

1914

8 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso em Biala-Slatina, durante uma reunião pública: «Porque é que a Assembleia foi dissolvida?» Preso à noite por um bando da polícia, Jorge Dimitrov envia um telegrama de protesto ao ministro Radoslavov contra a sua detenção sem motivos.

9-10 de Janeiro

Jorge Dimitrov é conduzido sob escolta, primeiro a Tchervenbriag e depois a Vratza, e preso sob a acusação do procurador de ter «fomentado um levantamento contra a guerra e contra o rei e o exército»; é por isso chamado a responder perante a lei segundo o art. 111 § 5 do Código penal, e o procurador pede a sua condenação à morte.

2 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é preso em Berkovitza, mas em consequência dos veementes protestos da população a polícia vê-se obrigada a libertá-lo. Pronuncia um discurso numa reunião operária e volta a ser preso, conduzido sob escolta a Fernando, daí a Biala-Slatina e depois a Vratza.

9 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é libertado sob caução em Vratza. Numa reunião nessa mesma cidade pronuncia um discurso eleitoral.

21 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é preso em Vratza, juntamente com 18 outros camaradas.

23 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é eleito deputado à XVII Assembleia Nacional Ordinária no distrito de Vratza.

19 de Março

Jorge Dimitrov é eleito secretário do grupo parlamentar do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda).

25-27 de Maio

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do X Congresso da União Geral Sindical Operária e nela apresenta o relatório do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária.

29 de Junho-1 de Julho

Jorge Dimitrov assiste à sessão do XX Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) e apresenta o relatório do grupo parlamentar do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) perante o XX Congresso do Partido.

19 de Novembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na Assembleia Nacional contra os créditos militares pedidos pelo governo.

30 de Dezembro

Durante o ano de 1914 são publicadas as seguintes brochuras de Jorge Dimitrov: «A unidade do movimento sindical e a Internacional (a Conferência Sindical Balcânica em Viena e a sua resolução)»; «que o Partido Operário Social-Democrata realizou na Assembleia Nacional»; «A organização dos operários»; «O movimento sindical na Bulgária, de 1904 a 1913».

1915

5-8 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da II Conferência Balcânica em Bucareste como delegado do Comité Central do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) e do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária, juntamente com D. Blagoev, G. Kirkov e V. Kolarov.

10-12 de Agosto

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XXI Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) como delegado do Comité Central do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda), em que apresenta o relatório sobre a actividade do grupo parlamentar social-democrata (socialistas de esquerda).

7 de Setembro

O apelo à classe operária na Bulgária, para a sua união e contra a guerra balcânica fomentada pela burguesia é publicado num panfleto. É assinado pelo grupo parlamentar do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) — D. Blagoev, G. Kirkov, V. Kolarov, Hr. Kabaktchiev, J. Dimitrov, etc.

20 de Setembro

Jorge Dimitrov é preso por motivo do apelo de 7 de Setembro de 1915 do grupo parlamentar do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) à classe operária búlgara para a luta contra a participação da Bulgária na guerra.

27 de Dezembro

Jorge Dimitrov e os outros membros do grupo parlamentar do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) são julgados sob a inculpação fundada na acta de acusação do II Juízo de Instrução do Tribunal militar de Sófia, estabelecida por motivo do apelo do grupo parlamentar à classe operária búlgara contra a mobilização e a guerra, emitido na véspera da mobilização a 7 de Setembro de 1915.

1916

1 de Maio

No seu n.º 11, o *Rabotnitchesk vestnik* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «Os sindicatos operários durante a guerra».

15 de Julho

Jorge Dimitrov critica na sessão da Assembleia Nacional a política orçamental de pilhagem praticada pelo governo e a votação dos créditos militares.

1917

Maio

Jorge Dimitrov pronuncia na reunião operária de 1.º de Maio um discurso sobre o tema «A social-democracia e a paz».

18 de Agosto

Ao viajar de Tirnovo para Gorna-Orekhovitza, Jorge Dimitrov defende no comboio um grupo de soldados contra a atitude grosseira de um coronel; é por esse motivo chamado ao Tribunal militar de Roussé, sob a acusação de «incitação de militares à insubordinação contra os seus superiores».

16-17 de Setembro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da I Conferência do Partido Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) em Sófia, perante a qual apresenta o relatório da actividade do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária.

2 de Dezembro

Jorge Dimitrov pronuncia na Casa do Povo, perante os operários e operárias de Sófia, um discurso sobre o tema «A revolução russa e a paz».

20 de Dezembro

Jorge Dimitrov submete à sessão do Conselho Municipal de Sófia a proposta de votar uma resolução de apoio à proposta do governo revolucionário russo para a cessação dos actos de guerra, a conclusão da paz sem indemnizações nem anexações, o direito dos povos à autodeterminação nacional.

1918

30 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia-se na Sessão da Assembleia Nacional a favor do discurso de Dimitre Blagoev sobre as negociações para a conclusão da paz entre a Rússia e os Estados centrais, em Brest-Litovsk.

4 de Julho

Jorge Dimitrov procede, na sessão do Conselho Municipal de Sófia, à leitura da declaração do grupo social-democrata do Conselho Municipal de Sófia para a conclusão imediata da paz, proposta pelo governo revolucionário russo.

8 de Agosto

Jorge Dimitrov é condenado pelo Tribunal militar de Roussé a 3 anos de prisão maior por «incitação à insubordinação de militares contra os superiores». (A sentença é confirmada pelo ministro da Guerra.)

29 de Agosto-16 de Dezembro

Jorge Dimitrov cumpre na prisão de Sófia a pena de 3 anos contra ele pronunciada pelo Tribunal militar de Rousse sob a acusação de «incitação à insubordinação de militares contra os seus superiores».

16 de Dezembro

Sob a pressão e o enérgico protesto das massas revolucionárias contra esta sentença iníqua Jorge Dimitrov é libertado.

22 de Dezembro

Jorge Dimitrov pronuncia perante os mineiros de Pernik um discurso sobre o tema «A situação internacional e a situação na mina de Pernik», no qual fala abertamente do futuro da classe operária depois da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro. Depois deste discurso Jorge Dimitrov é preso e conduzido sob escolta a Sófia. Os mineiros de Pernik seguem-no; são recebidos

na estação de Sófia por uma imensa multidão de operários da capital. Sob a pressão desta imponente manifestação operária as autoridades vêem-se obrigadas a libertar imediatamente Jorge Dimitrov.

1919

12 de Janeiro

Jorge Dimitrov é interrogado pelo juiz de instrução do Tribunal militar de Sófia sobre o novo processo contra ele intentado pelo procurador do Tribunal militar de Sófia por causa do seu discurso «A situação internacional e a situação na mina de Pernik», pronunciado perante os mineiros de Pernik, a 22 de Dezembro de 1918.

18 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é preso em Pernik, juntamente com sua mulher e outros camaradas, e conduzido a Sófia. Graças ao enérgico protesto dos operários da capital e do Partido, Jorge Dimitrov é imediatamente libertado.

25-27 de Maio

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XXII Congresso do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda) em Sófia, designado sob o nome de I Congresso do Partido Comunista Búlgaro. Jorge Dimitrov apresenta o relatório da actividade do grupo parlamentar do Partido Operário Social-Democrata Búlgaro (socialistas de esquerda).

Jorge Dimitrov é reeleito membro do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro pelo I Congresso do Partido Comunista Búlgaro.

28 de Maio

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XI Congresso Ordinário da União Geral Sindical Operária em Sófia. Apresenta na sessão do congresso um relatório sobre o tema «As tarefas que o movimento sindical terá de desenvolver dentro em breve».

19 de Julho

Jorge Dimitrov defende, numa sessão do Conselho da capital, a Grande Revolução Socialista de Outubro.

17 de Agosto

Jorge Dimitrov é eleito deputado à XVIII Assembleia Ordinária no distrito de Vratza.

5 de Setembro

Jorge Dimitrov é eleito conselheiro distrital no Conselho distrital de Sófia, juntamente com D. Blagoev, B. Sotirov, Tchenkov, etc.

12 de Outubro

Jorge Dimitrov é eleito secretário do grupo parlamentar comunista.

15 de Dezembro

O apelo à classe operária da Bulgária para a organização de acções de protesto contra o apoio do governo búlgaro aos exércitos contra-revolucionários de guardas brancos é publicado em panfletos. É assinado pelo Comité Central do Partido Comunista Búlgaro: D. Blagoev, V. Kolarov, Hr. Kabaktchiev, Jorge Dimitrov, T. Lukanov e N. Panev.

24 de Dezembro

Jorge Dimitrov chefia a manifestação popular organizada em todo o país pelo Partido Comunista Búlgaro por ocasião da abertura do Parlamento, com as reivindicações de «pão, carvão, habitação e vestuário para as massas populares; restabelecimento das liberdades políticas; cessação de qualquer distribuição de víveres aos contra-revolucionários russos».

Dezembro

Jorge Dimitrov escreve um prefácio à brochura de V. I. Lénine «Aos trabalhadores da Europa e da América» (duas cartas abertas aos operários americanos e europeus).

Dezembro

Durante o ano de 1919 são publicadas duas brochuras de J. Dimitrov: «Para a união» e «O movimento sindical na Bulgária» — relatório da União Geral Sindical Operária para o período de 1915 a 1-IV-1919.

1920

16 de Janeiro

Jorge Dimitrov é eleito conselheiro municipal para a Câmara Municipal de Sófia.

25 de Janeiro

Jorge Dimitrov é eleito conselheiro distrital para o Conselho distrital da capital.

18 de Fevereiro

Jorge Dimitrov é eleito presidente do secretariado do grupo municipal do Partido Comunista Búlgaro.

Fevereiro

Jorge Dimitrov termina a brochura «Da derrota à vitória», dedicada à greve geral dos operários dos transportes, dos ferroviários e dos mineiros de Pernik.

2 de Março

A polícia tenta prender Jorge Dimitrov, na rua Pirote.

9 de Março

O n.º 195 do *Rabotnitcheski vestnik* publica uma informação em que refere que Jorge Dimitrov, juntamente com os outros membros do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, têm de comparecer em tribunal, sob acusação do procurador do Tribunal militar de Sófia que requer a sua condenação à morte por actividade subversiva, nos termos dos artigos 113, 114, 144 e 172 do Código penal, e o pagamento de uma multa de 50 000 leva como caução, por «apelo à classe operária da

Bulgária para a organização de acções de protesto contra o apoio do governo búlgaro aos exércitos contra-revolucionários dos guardas brancos», por eles publicado a 15 de Dezembro de 1919.

28 de Março

Jorge Dimitrov é eleito deputado à XIX Assembleia Nacional Ordinária nos distritos de Sófia e Vratza.

21 de Abril

Jorge Dimitrov recusa-se a prestar juramento na sessão da Assembleia Nacional.

20 de Maio

Jorge Dimitrov apresenta à sessão da Assembleia Nacional uma proposta para que se conceda o direito de voto às mulheres.

31 de Maio-2 de Junho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do II Congresso do Partido Comunista Búlgaro.

27 de Junho

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov passam por Varna de viagem para Moscovo, onde vão participar nos trabalhos do II Congresso da III Internacional Comunista, que se inicia em Moscovo a 15 de Junho de 1920.

3 de Julho à noite

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov são presos por um navio de guerra romeno que andava em patrulha perto da foz do Danúbio.

4-20 de Julho

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov são conduzidos a Kustendja e depois à prisão militar de Bucareste e submetidos à instrução judiciária por «espionagem» a favor da União Soviética.

22 de Julho

Graças à intervenção do governo soviético e aos enérgicos protestos dos trabalhadores da Roménia e da Bulgária, Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov são libertados pelas autoridades romenas, depois de 20 dias de detenção em várias prisões romenas.

20 de Agosto

A circular n.° 10 do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária aos Comités Centrais e secções das Uniões Profissionais e aos conselhos operários locais, para a mobilização de vastas massas de trabalhadores para a luta contra a contra-revolução e para o apoio ao grande povo russo libertado, assinado por Jorge Dimitrov, é publicado em panfleto.

26-28 de Setembro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do XII Congresso da União Geral Sindical Operária na Bulgária e nele apresenta o relatório do Comité Sindical sobre a situação, a composição, a organização, o trabalho de instrução, as lutas grevistas, a imprensa sindical e as tarefas dos movimentos sindicais na Bulgária.

3-4 de Novembro

Jorge Dimitrov participa na I Conferência Sindical Balcânica e Danubiana; é eleito presidente da Conferência.

6 de Novembro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do II Congresso da União dos Operários do Tabaco da Bulgária.

7 de Novembro

Jorge Dimitrov pronuncia, no comício operário no bairro judeu da capital, um discurso sobre o tema «Em honra e pela defesa da Rússia irmã».

12 de Novembro

Jorge Dimitrov é chamado a tribunal nos termos dos artigos 138, 154, 173 e 248 do Código penal, que prevêem a prisão perpétua, e um mandado de captura é emitido contra ele por causa do seu discurso «Em honra e pela defesa da Rússia irmã», pronunciado a 7 de Novembro de 1920.

29 de Dezembro

Durante o ano de 1920 são publicadas as seguintes brochuras de J. Dimitrov: «As tarefas dos sindicatos operários»; «Da derrota à vitória», «O movimento sindical na Bulgária», «Relatório do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária para o ano de 1919 e para o primeiro semestre de 1920».

1921

21 de Janeiro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do Congresso Constitutivo do Partido Comunista Italiano em Livorno, como delegado do Partido Comunista Búlgaro.

Janeiro

Jorge Dimitrov parte clandestinamente de Itália com destino à União Soviética para aí participar no II Congresso da III Internacional Comunista em Moscovo, como delegado do Partido Comunista Búlgaro (é a primeira vez que Jorge Dimitrov pisa solo russo).

Janeiro

O grande chefe do proletariado mundial e dos povos soviéticos Vladimir Ilitch Lénine recebe Jorge Dimitrov no seu gabinete no Kremlim.

17-26 de Maio

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do IV Congresso Sindical Pan-Russo em Moscovo como representante do Conselho Internacional dos Sindicatos Vermelhos.

22 de Junho-12 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do III Congresso da III Internacional Comunista em Moscovo.

3-20 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do I Congresso Internacional dos Sindicatos Profissionais e Industriais Revolucionários em Moscovo.

20 de Julho

Jorge Dimitrov é eleito membro do Conselho Central da Internacional dos Sindicatos Vermelhos.

25 de Novembro

Jorge Dimitrov regressa à Bulgária.

26 de Novembro

Jorge Dimitrov é preso pela polícia de madrugada. É conduzido sob escolta à sessão da tarde da Assembleia Nacional, e depois libertado.

1922

31 de Março

Jorge Dimitrov pronuncia, da tribuna da Praça «Sveti Kral», no comício convocado pelo Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, um brilhante discurso sobre o tema «Pela defesa da Rússia Soviética, contra o apoio aos exércitos de Wrangel na Bulgária».

12-13 de Abril

Jorge Dimitrov assiste às sessões do Conselho de Partido do Partido Comunista Búlgaro.

7 de Maio

Jorge Dimitrov é eleito membro do Comité das Escolas como candidato do Partido Comunista Búlgaro.

4-7 de Junho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do IV Congresso Ordinário do Partido Comunista Búlgaro em Sófia, onde apresenta um relatório sobre o tema «As tarefas do movimento sindical».

21 de Julho

Jorge Dimitrov apresenta à Conferência Sindical um relatório sobre o tema «As tarefas práticas que cabem às Uniões Profissionais».

18 de Setembro

Jorge Dimitrov saúda, em nome do Conselho de Partido do Partido Comunista Búlgaro, os delegados à Conferência da Assembleia Comunista do distrito de Vratza.

22 de Outubro

Jorge Dimitrov pronuncia, da segunda tribuna do comício operário em Sófia, um discurso sobre o tema «Pela união com a República Soviética, pelo desarmamento das organizações fascistas e dos exércitos de Wrangel na Bulgária, contra o imperialismo e a guerra».

19 de Novembro-2 de Dezembro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do II Congresso do Profintern, em Moscovo.

2 de Dezembro

Jorge Dimitrov é eleito membro do secretariado executivo do Profintern na sessão do II Congresso do Profintern em Moscovo.

Dezembro

É publicado um prefácio de Jorge Dimitrov no *Guia para os Militantes do Movimento Sindical Operário.*

Durante o ano de 1922 são publicadas as seguintes obras de Jorge Dimitrov: *As Tarefas do Movimento Sindical, As Principais Tarefas das Uniões Profissionais, O Congresso Constitutivo da Internacional Sindical Vermelha, A Internacional Sindical Vermelha (Amsterdão ou Moscovo), O Subsídio de Auxílio Orçamental para os Empregados de Estado* e a brochura *A Luta pelo Salário*, traduzida do alemão.

1923

22 de Fevereiro

Jorge Dimitrov pronuncia, numa grande reunião pública em Plovdiv, um discurso sobre o cobarde assassínio do presidente da Câmara da Comuna de Dupnitza, Kosta Pétrov.

3 de Março

Jorge Dimitrov é eleito para o Conselho Central da Câmara da VI circunscrição administrativa de Sófia.

4-5 de Março

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da conferência alargada dos grupos do Partido e das sociedades de jovens do distrito de Sófia.

11 de Abril

Jorge Dimitrov pronuncia, perante uma reunião dos operários de Varna, um discurso sobre o tema «A classe operária pelo dia de trabalho de 8 horas».

22 de Abril

Jorge Dimitrov é eleito deputado à XX Assembleia Nacional Ordinária pelo primeiro Colégio eleitoral de Sófia.

27 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia, em nome da União Geral Sindical Operária, um discurso de saudação à 4.ª Assembleia geral anual da cooperativa «Osvobojdénié».

31 de Maio

Jorge Dimitrov é eleito membro da comissão orçamental da Assembleia Nacional.

22 de Junho

Jorge Dimitrov dirige a conferência geral dos comités centrais e das comissões de controle dos sindicatos, do Comité Sindical e da Comissão de Controle da União Geral Sindical Operária e apresenta um relatório sobre o tema: «A situação política actual e as tarefas dos sindicatos».

25 de Junho

O n.° 18 do jornal *Rabotnitcheski Vestnik* publica informações e instruções do Comité Sindical da União Geral Sindical Operária da Bulgária sobre a situação que se criou depois do golpe de Estado de 9 de Junho; esses documentos são assinados por Jorge Dimitrov, na sua qualidade de secretário.

1-6 de Julho

Jorge Dimitrov, juntamente com os representantes dás circunscrições do Partido, participa nas sessões do Conselho de Partido do Partido Comunista Búlgaro, relacionadas com os acontecimentos de 9 de Junho.

6-9 de Julho

Jorge Dimitrov dirige a conferência geral dos comités centrais e das comissões de controle dos sindicatos; foram tomadas importantes decisões sobre a situação interna.

24 de Julho

Jorge Dimitrov encontra-se em Varna para organizar a libertação de Kolarov que, vindo de Moscovo, aí tinha sido preso. (Ao regressar de Varna para Sófia, Jorge Dimitrov é preso na estação de Gorna Oriachovitza com sua mulher, Luba Dimitrova; é conduzido, guardado por polícias, à direcção do distrito.)

25 de Julho

Jorge Dimitrov e sua mulher são libertados da direcção do distrito em Gorna Oriachovitza.

6 de Agosto

Jorge Dimitrov participa na sessão do C. C. do P. C. B. em que é tomada a decisão de levar a cabo uma luta política decisiva contra o governo saído do golpe de Estado e de preparar o Partido para a insurreição armada.

22 de Agosto

O n.° 67 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «A frente única e a ofensiva do capital».

23 de Agosto

O n.° 68 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «A frente única e a reacção burguesa».

24 de Agosto

O n.° 69 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «A frente única e a crise política».

27 de Agosto

O n.° 71 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «O receio à frente unida do trabalho».

29 de Agosto

O n.° 72 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «Frente unida ou colaboração de classe».

30 de Agosto

O n.° 73 do *Rabotnitchesk Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «Frente unida ou especulação política».

1 de Setembro

O n.° 75 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «A frente deles».

5 de Setembro

O n.° 78 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «Quem é melhor?».

6 de Setembro

O n.° 1 do jornal *Troud* publica um artigo de fundo de Jorge Dimitrov: «O nosso programa».

7 de Setembro

O n.° 80 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «A reacção vermelha».

10 de Setembro

O n.° 82 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «Agora ou nunca».

12 de Setembro

Jorge Dimitrov, bem como os outros membros do C. C., iniciam uma existência totalmente clandestina.

16 de Setembro

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov reúnem-se num alojamento clandestino e, depois de um exame da situação no País sob todos os seus aspectos, decidem submeter ao C. C. do Partido o problema de desencadear uma insurreição.

17 de Setembro

Jorge Dimitrov participa na sessão do C. C. do P. C. B., que decide desencadear uma insurreição armada a 22 de Setembro.

20 de Setembro

Jorge Dimitrov participa na sessão do C. C. do P. C. B. em que, por proposta de Jorge Dimitrov e de Vassil Kolarov, é confirmada a decisão de desencadear uma insurreição a 22 de Setembro. Nesta mesma sessão é aprovado o plano elaborado para a insurreição armada e é nomeado um Comité Militar Revolucionário Geral, que inclui: Jorge Dimitrov, Vassil Kolarov e Gavril Guenov. A sede provisória do Comité é fixada no distrito de Vratza.

21 de Setembro

Jorge Dimitrov, Vassil Kolarov e Gavril Guenov, de acordo com o plano para desencadear uma insurreição, partem clandestinamente para o distrito de Vratza, como membros do Comité Militar Revolucionário Geral, para dirigir a insurreição.

22 de Setembro

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov partem para Ferdinand (hoje Mikhailovgrado) onde se encontra a direcção distrital da insurreição.

23 de Setembro

Em Ferdinand, o Comité Militar Revolucionário Geral assume a direcção das operações militares em todo o distrito revolucionário de Vratza. O Comité publica uma «Proclamação ao povo trabalhador do distrito de Vratza para participar na insurreição antifascista popular contra a burguesia sanguinária». O Comité Revolucionário Distrital publica um comunicado aos soldados das várias unidades do distrito de Vratza, para «que se coloquem sob a bandeira da república do trabalho e voltem as suas armas, compradas com o suor do povo búlgaro, contra os seus opressores».

23 de Setembro

A Secção das operações militares junto do Comité Revolucionário Geral, que compreende: Jorge Dimitrov, Vassil Kolarov, Gavril Guenov, Christo Mikhailov e Asséne Grékov, decide dirigir as forças insurrectas para a tomada de Berkovitza, Vratza, Boitchinovtzi-Gare, etc.

24 de Setembro

Os insurrectos apoderam-se de Berkovitza. Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov discursam num grande comício em Ferdinand, na presença de milhares de soldados e de cidadãos.

25 de Setembro

Os insurrectos repelem e prendem tropas governamentais perto de Boitchinovtzi-Gare. O Comité Revolucionário Distrital toma a importante decisão de requisitar todo o trigo disponível nos armazéns e de o distribuir pela população pobre, por intermédio dos respectivos comités revolucionários. Todos os estabelecimentos financeiros do Estado ou privados são postos sob o controle e a direcção do Comité Revolucionário.

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov visitam Berkovitza.

26 de Setembro

Os insurrectos levam a cabo sangrentos combates contra grandes formações de tropas governamentais junto de Krivodol-Gare e no desfiladeiro de Petrokhan.

27 de Setembro

O Comité Militar Revolucionário recebe informações alarmantes sobre o estado das forças insurrectas em consequência da grande pressão exercida pelas forças governamentais junto de Petrokhan, Krivodol e Vratza.

28 de Setembro

O Comité Militar Revolucionário Geral decide, com o Comité Revolucionário Distrital, organizar o recuo dos destacamentos insurrectos em direcção à fronteira jugoslava, visto que, depois de esmagada a insurreição nos outros distritos, o governo fascista tinha conseguido concentrar grandes formações militares contra os insurrectos no distrito de Vratza.

Setembro

O Comité Militar Revolucionário Geral passa a fronteira e entra na Jugoslávia com o grosso das forças insurrectas.

Outubro

Cria-se na Jugoslávia uma organização de emigrantes políticos búlgaros, sob a iniciativa de Jorge Dimitrov e de Vassil Kolarov.

25 de Outubro

O n.º 242 do *Pravda* publica um apelo de Jorge Dimitrov e de Vassil Kolarov ao povo búlgaro sobre os acontecimentos de Setembro.

27 de Outubro

O n.º 1 da edição vienense clandestina do *Rabotnitcheski Vestnik* publica uma «Carta aberta aos operários e aos camponeses na Bulgária» de Vassil Kolarov e Jorge Dimitrov.

30 de Outubro

Jorge Dimitrov participa na Conferência Internacional dos Tipógrafos em Moscovo e é eleito para o presidium da conferência.

19 de Dezembro

Em 1932, foram publicadas as seguintes brochuras de Jorge Dimitrov: *Os Conselhos de Fábrica, Os Sangrentos Crimes do Governo Burguês Fascista da Bulgária, Perpetrados contra os Trabalhadores durante e depois da Insurreição Popular de Setembro.*

1924

21 de Janeiro

Jorge Dimitrov assiste ao funeral do dirigente dos povos soviéticos e do proletariado de todo o mundo, Vladimir Ilich Lénine.

De 1924 a 1926

Jorge Dimitrov reside em Moscovo, como emigrante e escritor político.

17 de Junho-8 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do V Congresso Mundial da III Internacional Comunista como delegado do P. C. B.

8 de Julho

Numa sessão do V Congresso Mundial da III Internacional Comunista, Jorge Dimitrov é eleito membro-candidato do Comité Executivo da Internacional Comunista.

8-22 de Julho

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do III Congresso da Internacional Vermelha dos Sindicatos em Moscovo.

30 de Setembro

O n.° 7 da revista *Komunistitcheski Internacional* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «A questão búlgara e o Komintern».

21 de Outubro

O n.° 241 do jornal *Izvestia* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «Balanço do regime fascista na Bulgária».

1925

14 de Março

Pelo julgamento n.° 982 do Tribunal do distrito de Vratza, secção penal, em virtude do art.° 19 § 2 do Código penal, Jorge Dimitrov é condenado a 15 anos de prisão, pela sua qualidade de membro do C. C. do P. C. B. e por ter sido um dos organizadores da insurreição de 1923.

30 de Março

Jorge Dimitrov participa na sessão da Comissão jugoslava junto do plenário alargado do Comité Executivo da Internacional Comunista.

Março

Jorge Dimitrov participa na sessão da Representação no estrangeiro do P. C. B., durante a qual é examinada a situação interna e internacional da Bulgária; é apresentada a proposta de suspender a política de insurreição armada, de edificar organizações de massa e de desenvolver lutas de massa dos operários e dos camponeses na Bulgária.

6 de Abril

Jorge Dimitrov participa na sessão do Comité Executivo da Internacional Comunista, na qual, com Stanké Dimitrov-Marek, propõe, em nome do P. C. B., que se suspenda a política de insurreição armada, o que é aprovado pelo Comité Executivo.

20 de Maio

Jorge Dimitrov apresenta um relatório ao Secretariado Executivo do Profintern que tem por tema: «Sobre a situação nos Balcãs».

Julho

Jorge Dimitrov dirige a Conferência do Partido, reunida em Moscovo, na qual, pela primeira vez, se analisa o passado do P. C. B. e a sua bolchevização.

1926

Janeiro

Jorge Dimitrov é eleito para o C. C. provisório do P. C. B., formado em Viena, de acordo com a decisão da Conferência de Moscovo.

12-14 de Janeiro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do Secretariado Executivo do Profintern e apresenta um relatório sobre o tema: «A Situação dos operários na Bulgária e a campanha pela unidade dos Sindicatos independentes».

17 de Fevereiro-15 de Março

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do VI Plenário alargado do Comité Executivo da Internacional Comunista em Moscovo.

7 de Março

Pelo julgamento n.º 56 do Tribunal do distrito de Sófia, 2.ª secção penal, Jorge Dimitrov e outras pessoas são condenadas à pena capital por enforcamento por terem formado, no início de 1924, um comité revolucionário no estrangeiro, com sede na Jugoslávia. Por um terceiro julgamento, no processo penal n.º 604 de 1924, o tribunal do distrito de Lom condena Jorge Dimitrov a 20 anos de prisão.

12 de Agosto

Jorge Dimitrov participa na sessão alargada do C. C. do P. C. B. em Viena, durante a qual é examinada a questão da união ideológica das massas do Partido em torno da bandeira do Partido e da Internacional Comunista, com base no marxismo-leninismo.

Setembro

Jorge Dimitrov permanece na Alemanha, onde toma conhecimento da situação dos operários alemães e do movimento operário alemão. De Berlim, dirige uma carta ao Comité Executivo da Internacional Comunista, em que expõe a luta fraccionista da clique de Ruth Fischer e insiste que seja liquidada a oposição contra-revolucionária na Rússia, sob cuja influência também se encontra a oposição no Ocidente.

1927

De princípios de 1927 até ao Outono de 1929

Jorge Dimitrov permanece em Viena, graças à amnistia aos emigrados políticos búlgaros.

De 9 de Dezembro até 15 de Janeiro de 1928

Jorge Dimitrov participa nas sessões da II Conferência do P. C. B. em Berlim; com Vassil Kolarov defende a

linha bolchevique do Partido, contra os liquidatários da esquerda e da direita.

8 de Dezembro

Jorge Dimitrov apresenta um relatório à II Conferência do P. C. B. em Berlim: «Sobre a táctica do Partido em 9 de Junho e a Insurreição popular antifascista armada de 1923».

15 de Dezembro

Jorge Dimitrov é eleito membro do Secretariado do P. C. B. no estrangeiro, com sede em Viena.

1928

1-15 de Janeiro

Jorge Dimitrov participa na sessão da II Conferência do P. C. B. em Berlim, cujos trabalhos se iniciam a 8 de de Dezembro de 1927.

17 de Março-8 de Abril

Jorge Dimitrov participa na sessão do IV Congresso do Profintern em Moscovo.

28 de Março

Na sessão do IV Congresso do Profintern em Moscovo, Jorge Dimitrov apresenta um relatório: «As medidas para lutar contra o fascismo e as alianças dos sindicatos "amarelos"».

3 de Abril

Jorge Dimitrov apresenta ao IV Congresso do Profintern o seu relatório: «Sobre a resolução da luta contra o fascismo».

17 de Junho-1 de Setembro

Jorge Dimitrov toma parte no VI Congresso da III Internacional Comunista em Moscovo.

25 de Julho

Na sessão do VI Congresso do Komintern, Jorge Dimitrov pronuncia um discurso que tinha como tema: «A situação nos Balcãs e as tarefas dos partidos comunistas».

1929

Maio

Jorge Dimitrov participa no II Plenário do C. C. do P. C. B. em Berlim, onde, com Vassil Kolarov, leva a cabo uma luta decisiva contra a corrente dos sectários esquerdistas no seio da direcção do Partido.

Setembro

Jorge Dimitrov permanece em Berlim.

Novembro

Jorge Dimitrov volta mais uma vez à União Soviética.

1930

Janeiro-Maio

Jorge Dimitrov permanece na União Soviética.

22 de Janeiro

Os n.os 151 e 152 da revista *Federação Balcânica* publicam um artigo de J. Dimitrov «As bases, as vias e as perspectivas do movimento revolucionário nacional nos Balcãs». O mesmo artigo foi também publicado pela revista em língua francesa.

1931

Dezembro

Jorge Dimitrov chega uma vez mais à U. R. S. S.

1932

Janeiro-Junho

Jorge Dimitrov permanece na U. R. S. S. Está em tratamento no sanatório «Dessiatilétié Oktiabria» em Kislovodsk.

Junho-Dezembro

Jorge Dimitrov parte para Berlim, a fim de participar directamente na campanha a favor de uma amnistia política total, relacionada com o novo projecto de lei de amnistia na Bulgária para os que tinham participado nos acontecimentos de 1923 e que ainda não tinham sido amnistiados. Para isso Jorge Dimitrov empreende uma viagem pela Europa, vai a Viena, Amsterdão, Paris, Bruxelas, onde encontra personagens em foco: Stephane Zweig, o professor de Niedley, Henri Barbusse, Romain Rolland, etc.

1933

Janeiro

Jorge Dimitrov encontra-se em Viena.

3-5 de Janeiro

Jorge Dimitrov participa na Conferência dos Partidos Comunistas italiano e jugoslavo em Munique.

9 de Fevereiro

Jorge Dimitrov regressa de Munique a Viena.

13 de Fevereiro

Jorge Dimitrov parte para Berlim onde se instala em casa de Mansfeld, 96, Klingsortstrasse.

26 de Fevereiro

Jorge Dimitrov chega a Munique.

26-27 de Fevereiro

Jorge Dimitrov participa na Conferência do Partido Comunista Jugoslavo, que se realiza em Munique.

27 de Fereveiro

Jorge Dimitrov viaja para Berlim. No comboio, sabe, pelos jornais, do incêndio do Reichstag.

9 de Março

Jorge Dimitrov é preso por ordem da polícia criminal alemã no restaurante «Bayernhof», 10, Potsdammerstrasse, em Berlim, trazendo consigo um passaporte suíço em nome do escritor Dr. Rudolf Hediger.

Jorge Dimitrov é imediatamente conduzido ao edifício do Reichstag, sala «Bismarck», onde é interrogado pelo comissário da polícia criminal Dr. Branwitz.

9 de Março (à noite)

Jorge Dimitrov é enviado, sob mandado de prisão preventiva, para a direcção da polícia em Berlim. Começa a fazer um diário, que manterá em dia durante todo o processo.

28 de Março

A instrução está terminada. Jorge Dimitrov é transferido para a prisão de Moabit, em Berlim, onde é inscrito sob o n.º 8085.

3 de Abril

Jorge Dimitrov recebe uma cópia da sentença do juiz de instrução Vogt, datada de 31 de Março, pela qual o Tribunal do Império o acusa oficialmente, pela primeira vez, de ter incendiado o Reichstag.

4 de Abril

Jorge Dimitrov é algemado, de acordo com a ordem datada de 3 de Abril do juiz de instrução Vogt. (Ficará

algemado durante 5 meses — de 4 de Abril a 31 de Agosto.)

31 de Julho

Jorge Dimitrov recebe a sentença da IV Secção Criminal do Tribunal do Império em Berlim, datada de 25 de Julho, pela qual o Dr. Teichert de Leipzig é nomeado como seu defensor oficial.

Jorge Dimitrov recebe uma carta de sua irmã Helena Dimitrova, que estava em Paris, anunciando-lhe que os advogados franceses Moro Giafferi, Campinchi e Torres, bem como o advogado búlgaro Detchev, estão dispostos a tomar a sua defesa. Todavia, o Tribunal do Império não os admite como defensores.

3 de Agosto

Jorge Dimitrov recebe a cópia do acto de acusação, que o acusa de ter incendiado o Reichstag.

12 de Agosto

Jorge Dimitrov escreve ao seu defensor oficial o Dr. Teichert, prevenindo-o de que só deve apresentar propostas e tomar iniciativas respeitantes ao processo com base nas suas próprias indicações e com o seu consentimento.

31 de Agosto

Sob a pressão da opinião pública mundial, são retiradas as algemas a Jorge Dimitrov.

3 de Setembro

Jorge Dimitrov recebe uma carta do seu defensor oficial, Dr. Teichert, que o aconselha a limitar-se a só fazer declarações respeitantes à sua própria defesa, e a não defender o Partido e as ideias comunistas.

6 de Setembro

Jorge Dimitrov escreve uma carta ao seu defensor oficial, Dr. Teichert, em resposta à sua carta de 3 de

Setembro, declarando que, na ausência de um acordo entre o defensor e o acusado, prefere defender-se a si próprio.

11 de Setembro

Jorge Dimitrov recebe o acto de acusação.

14 de Setembro

Jorge Dimitrov escreve uma carta à IV Secção Criminal do Tribunal do Império, em que desmente o que está declarado no acto de acusação.

18 de Setembro

Jorge Dimitrov é transferido da prisão de Moabit, em Berlim, para o Tribunal do Império, em Leipzig.

21-22 de Setembro

Jorge Dimitrov assiste à primeira sessão do Tribunal, em Leipzig, durante a qual se procede ao interrogatório do principal acusado, Marinus Van der Lubbe.

23 de Setembro

Na terceira sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov pronuncia o seu primeiro discurso histórico, em que denuncia a essência anticomunista do incêndio do Reichstag — obra dos inimigos do comunismo e que nada tem a ver com o movimento comunista.

28 de Setembro

Jorge Dimitrov envia uma carta ao presidente da IV Secção Penal, o Dr. Bünger, anunciando-lhe que renuncia ao seu defensor oficial, o Dr. Teichert, e insiste para que este seja substituído pelo advogado francês Marcel Villard.

6 de Outubro

Na 11.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov desmascara a falsificação e a introdução de documentos estranhos,

pelas autoridades policiais, entre os papéis confiscados no seu domicílio (o presidente expulsa Jorge Dimitrov da sessão).

7 de Outubro

Na 12.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov pronuncia um discurso em que sublinha que na qualidade de comunista e de acusado político, lhe deviam assegurar a possibilidade de se defender livremente.

8 de Outubro

Jorge Dimitrov é conduzido a Berlim para assistir à segunda parte do processo de Leipzig, o exame das provas materiais do crime.

10 de Outubro

No Tribunal, Jorge Dimitrov renuncia oficialmente ao seu defensor, Dr. Teichert.

12 de Outubro

Jorge Dimitrov protesta perante o presidente da IV Secção Penal, por ser expulso sem motivos das sessões do Tribunal, facto que o impede de seguir o processo no seu conjunto.

18 de Outubro

Durante o interrogatório de Weber, chefe da guarda pessoal de Goering, Jorge Dimitrov faz-lhe perguntas e obriga-o a confessar que durante o incêndio, por ordem de Goering, se encontrava na cave do edifício.

27 de Outubro

Jorge Dimitrov envia uma carta ao presidente da IV Secção Penal, Dr. Bünger, insistindo para que lhe enviem os processos verbais estenografados do processo, na sua qualidade de defensor.

30 de Outubro

Na 27.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov desmascara com insistência os falsos testemunhos de várias testemunhas, pelo que o presidente lhe retira a palavra.

1 de Novembro

Na 29.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov desmascara vários falsos testemunhos, pelo que é expulso da sessão.

3 de Novembro

Na 30.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov desmascara o presidente do Tribunal por desfigurar a legislação civil da União Soviética, pelo que é expulso da sessão.

4 de Novembro

Embora expulso da sessão, Jorge Dimitrov é admitido à 31.ª sessão do Tribunal, especialmente para o testemunho de Goering. Nesta sessão, Jorge Dimitrov desmascara Goering por ter sido, de facto, o incendiário do Reichstag, o que lhe vale ser expulso pela 5.ª vez da sessão do Tribunal.

8 de Novembro

Na 34.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov desmascara as mentiras do ministro nazi da propaganda, Goebbels.

15 de Novembro

Na 39.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov insiste para que lhe seja dada a possibilidade de se defender a si mesmo, e que lhe forneçam todos os documentos, processos-verbais, etc.

18 de Novembro

Com a 41.ª sessão do Tribunal, em Berlim, termina a segunda parte do processo — análise das provas materiais do crime.

20 de Novembro

Jorge Dimitrov volta a ser transferido para Leipzig, e encerrado numa cela.

28 de Novembro

Na 41.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov insiste para que seja convocado o chefe do Partido Comunista Alemão, Ernst Thälmann, e outros militantes comunistas, para que testemunhem que o Partido Comunista Alemão não estava a preparar nenhuma insurreição armada e não tinha nada a ver com o incêndio do Reichstag.

2 de Dezembro

Na 41.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov vê-se privado do direito de fazer perguntas às testemunhas.

4 de Dezembro

Jorge Dimitrov envia um requerimento ao presidente da IV Secção Penal, pedindo que sejam convocados como testemunhas o finlandês O. Kuunsinen, relator da XII Secção Plenária do Komintern, o francês Marcel Cachin e o japonês Sen Katayama, para que esclareçam quais as tarefas que foram atribuídas ao Partido Comunista Alemão pelo Komintern, no início de 1933.

5 de Dezembro

Na 51.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov interroga testemunhas comunistas e, de facto, orienta o interrogatório sublinhando as tarefas imediatas que se apresentaram ao Partido Comunista Alemão durante o período que precede o incêndio, de acordo com as decisões da XII Sessão Plenária do Komintern — a edificação da frente unida de todos os trabalhadores contra o terror fascista e a guerra imperialista.

6 de Dezembro

O inquérito do Tribunal termina com a 51.ª sessão.

11 de Dezembro

Em consequência das penosas condições na prisão, Jorge Dimitrov começa a sofrer de bronquite.

14 de Dezembro

Na 54.ª sessão do Tribunal, o procurador-geral, Dr. Werner, pede a absolvição de Jorge Dimitrov por falta de provas.

Jorge Dimitrov não se satisfaz com os motivos invocados pelo procurador e insiste para ser absolvido como totalmente inocente e não tendo tomado parte alguma no incêndio do Reichstag.

16 de Dezembro

Na 56.ª sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov pronuncia o seu discurso final. Jorge Dimitrov expõe o programa da Internacional Comunista para a edificação da frente unida de todos os trabalhadores na luta contra o fascismo e a guerra imperialista, procedendo deste modo à análise da situação económica e política da Alemanha nas vésperas da provocação fascista. Rejeita as acusações, exige que o Supremo Tribunal reconheça a sua inocência e insiste para que os culpados sejam castigados. (O presidente do Tribunal repreende constantemente Jorge Dimitrov durante a sua intervenção.)

23 de Dezembro

Na última sessão do Tribunal, Jorge Dimitrov é absolvido pelo Tribunal do Império da acusação de ter incendiado o Reichstag, por falta de provas.

23 de Dezembro

Jorge Dimitrov recebe uma ordem do presidente da polícia, em Leipzig, para ser mantido sob prisão até nova ordem. Jorge Dimitrov volta a ser encarcerado na prisão do Tribunal do Império em Leipzig, na mesma cela e com o mesmo regime anterior à sua absolvição.

24 de Dezembro

Jorge Dimitrov envia um requerimento ao presidente da IV Secção Penal do Tribunal do Império, Dr. Bünger,

insistindo para que lhe seja permitido encontrar em liberdade os seus próximos.

28 de Dezembro

Jorge Dimitrov envia uma carta ao presidente da polícia em Leipzig, protestando contra a sua prisão, depois de ter sido absolvido pelo Tribunal. Insiste para ser enviado para a Checoslováquia, para a França ou para a União Soviética.

30 de Dezembro

Jorge Dimitrov envia um telegrama ao presidente do conselho da Bulgária, N. Muchanov, pedindo para ser autorizado a regressar à Bulgária. (O pedido de Jorge Dimitrov não obtém resposta.)

1934

2 de Janeiro

Jorge Dimitrov envia uma carta à polícia secreta do Estado, pedindo que lhe sejam devolvidas as suas malas e livros confiscados.

Jorge Dimitrov envia uma carta ao Ministro do Interior do Reich, Dr. Frick, pedindo, após ter sido absolvido pelo Tribunal do Império, para ser extraditado para a Áustria, para a Checolosváquia ou para a Holanda.

18 de Janeiro

Jorge Dimitrov envia uma carta de protesto ao presidente da polícia de Leipzig contra a violação da imunidade da sua correspondência.

25 de Janeiro

Jorge Dimitrov envia uma carta ao Ministro do Interior do Reich, Dr. Frick, pedindo que seja imediatamente dada ordem para a sua libertação e para a sua saída da Alemanha.

28 de Janeiro

Jorge Dimitrov é transferido para Berlim, para as catacumbas da Gestapo.

7 de Fevereiro

O n.° 15 do *Rundschau*, de 15 de Fevereiro, publica as respostas de Jorge Dimitrov ao representante do *Daily Express* sob o título: «Goering quer que eu seja executado!».

15 de Fevereiro

O governo soviético decide conceder a Jorge Dimitrov a nacionalidade soviética e um passaporte soviético.

27 de Fevereiro

Jorge Dimitrov recebe documentos de cidadão soviético. É libertado da prisão da Gestapo, sem aviso prévio, de madrugada, metido num avião e enviado para destino desconhecido. No aeroporto de Königsberg dirige, de uma forma original, as suas saudações à classe operária alemã: «Hei-de regressar à Alemanha Soviética!»

À noite

Jorge Dimitrov chega a Moscovo, recebido com entusiasmo pelos trabalhadores moscovitas.

Imediatamente a seguir à sua chegada, Jorge Dimitrov concede uma entrevista aos representantes da imprensa soviética e estrangeira em Moscovo.

28 de Fevereiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na reunião solene por ocasião do 65.° aniversário de Nadeja Krupskaia, na associação dos Velhos Bolcheviques.

8 de Março

Jorge Dimitrov saúda a conferência regional de Moscovo.

9 de Março

Jorge Dimitrov saúda a reunião dos operários e das operárias de choque, em honra do 8 de Março, no «Bolchoi».

Fins de Abril

Jorge Dimitrov encontra-se num sanatório nos arredores de Moscovo, onde recebe representantes da imprensa soviética e estrangeira.

1 de Maio

Jorge Dimitrov assiste à manifestação dos trabalhadores moscovitas em honra da festa internacional do trabalho.

5 de Maio

Jorge Dimitrov conversa com operários estrangeiros.

7 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na reunião solene por ocasião do 10.° aniversário da morte de Dimitre Blagoev, organizada pelos emigrados búlgaros em Moscovo.

Agosto (fins)

Jorge Dimitrov escreve a introdução ao livro de Mikhail Lass, com o título: *Salvem o Camarada Thälmann.*

7 de Novembro

Jorge Dimitrov assiste à manifestação dos trabalhadores moscovitas por ocasião do aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

20 de Novembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na reunião solene dos activistas do Komsomol, em Moscovo.

1935

8 de Março

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na reunião solene por ocasião do Dia Internacional da Mulher.

18 de Março

Jorge Dimitrov é eleito para a Comissão directiva da reunião solene em honra do 64.° aniversário da Comuna de Paris, na Sala das Colunas do Palácio dos Sovietes, em Moscovo.

20 de Abril

Jorge Dimitrov dirige um apelo, por ocasião do 1.° de Maio, para a salvaguarda de todos os trabalhadores, ameaçados por um inimigo comum — o fascismo. O apelo é publicado no n.° 20 do *Rundschau.*

11 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na reunião solene em Moscovo, por ocasião do 11.° aniversário da morte de D. Blagoev.

Maio

Por ocasião de 1 de Maio, Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na Sala das Colunas do Palácio dos Sovietes, perante delegações operárias estrangeiras.

2-20 de Agosto

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do VII Congresso da Internacional Comunista.

2 de Agosto

Jorge Dimitrov apresenta um relatório ao VII Congresso do Komintern: «A ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária contra o fascismo.»

13 de Agosto

Jorge Dimitrov pronuncia a alocução de encerramento sobre o relatório ao VII Congresso, que tem como tema: «Pela unidade da classe operária contra o fascismo».

20 de Agosto

Jorge Dimitrov pronuncia o discurso de encerramento do VII Congresso do Komintern: «Os actuais dirigentes dos países capitalistas são personagens passageiras. O verdadeiro senhor do mundo é o proletariado.»

Jorge Dimitrov é eleito pelo VII Congresso do Komintern Secretário-Geral do Comité Executivo da Internacional Comunista.

23 de Setembro

Em nome do Comité Executivo do Komintern, Jorge Dimitrov dirige uma mensagem à II Internacional pela luta contra a guerra imperialista.

25 de Setembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso de saudação no VI Congresso da Juventude em Moscovo, sobre o tema: «Unamos todas as forças da Juventude antifascista».

Dezembro

Jorge Dimitrov escreve a introdução à obra de N. Tchernichevski, «Que fazer?», sob o título de «Ao jovem leitor».

1936

8 de Janeiro

O n.° 8 do *Pravda* publica uma entrevista de Jorge Dimitrov com representantes da imprensa: «O sistema jurídico do fascismo alemão. Resposta ao senhor Ribbentrop».

22 de Janeiro

O n.° 3 da revista *Kommunistitcheski Internacional* publica as saudações de Jorge Dimitrov ao VIII Congresso do Partido Comunistà Francês.

25 de Janeiro

O n. 2 da revista *Kommunistitcheski Internacional* publica as saudações de Jorge Dimitrov ao Partido Comunista Finlandês.

28 de Janeiro

O n.° 28 do *Pravda* publica as saudações de Jorge Dimitrov a Romain Rolland, por ocasião do seu 70.° aniversário.

15 de Abril

O n.° 105 do *Pravda* publica as saudações de Jorge Dimitrov a Thomas Mann, por ocasião do seu 80.° aniversário.

16 de Abril

O n.° 106 do *Pravda* publica as saudações de Jorge Dimitrov a Ernst Thälmann, por ocasião do seu 50.° aniversário.

1 de Maio

O n.° 120 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «A frente unida da luta pela paz».

19 de Junho

O n.° 142 do *Komsomolskaia Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «O nome de Gorki inspirará milhões de homens».

7 de Novembro

O n.° 38 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov «A frente popular de luta contra o fascismo e a guerra».

1937

1 de Maio

O n.° 120 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «A unidade do proletariado internacional — imperativo supremo do momento actual».

1938

20 de Maio

O n.° 6 do *Kommunistitcheski Internacional* publica as saudações de Jorge Dimitrov, em nome do Comité Executivo do Komintern, por ocasião do 20.° aniversário do Partido Comunista Sueco.

3 de Junho

O mesmo número de *Kommunistitcheski Internacional* publica um telegrama de Jorge Dimitrov ao presidente do Comité Executivo da Internacional Operária Socialista de Bruckere: «Por acções conjuntas das organizações operárias-internacionais pela defesa do povo espanhol».

18 de Julho

O n.° 186 do *Pravda* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «Um ano de luta heróica do povo espanhol».

1 de Agosto

O n.° 210 do *Pravda* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «O fascismo é a guerra».

7 de Novembro

O n.° 308 do *Pravda* publica um artigo de Jorge Dimitrov: «A União Soviética e a classe operária nos países capitalistas».

8 de Dezembro

O n.° 339 do *Pravda* publica o discurso de Jorge Dimitrov, candidato a deputado ao Conselho da União, pronunciado na reunião eleitoral na cidade de Kostroma.

Uma colectânea de artigos e discursos de Jorge Dimitrov é publicada em língua russa sob o título de «A luta pela frente unida contra o fascismo e a guerra». A colectânea é traduzida e publicada em várias línguas.

1939

1 de Maio

O n.° 120 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «O penhor da vitória».

18 de Julho

O n.° 196 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «Dois anos de luta heróica do povo espanhol».

7 de Novembro

O n.° 308 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «A frente unida do proletariado internacional e dos povos contra a guerra» (depois de Munique).

1939

1 de Maio

O n.° 120 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «O país do socialismo e a luta do proletariado internacional».

22 de Julho

Jorge Dimitrov dirige saudações à União Internacional dos Estudantes — socialistas e comunistas.

Agosto-Setembro

Os n.os 8 e 9 da revista *Kommunistitcheski Internacional* publicam o artigo de Jorge Dimitrov: «A guerra e a classe operária nos países capitalistas».

1940

1 de Maio

O n.° 121 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «O 1.° de Maio e a luta contra a guerra imperialista».

1941

15 de Dezembro

A estação de radiodifusão «Christo Botev» faz a leitura do artigo de Jorge Dimitrov: «Existe um único meio para a salvação do nosso povo».

1942

17 de Julho

A estação de radiodifusão «Christo Botev» anuncia o programa da Frente da Pátria, elaborado por Jorge Dimitrov.

25 de Setembro

A estação de radiodifusão «Christo Botev» faz a leitura do apelo de Jorge Dimitrov aos operários búlgaros, para a união das massas populares com vista à realização do programa da Frente da Pátria.

1943

6 de Setembro

O n.° 230 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «Para onde vai a Bulgária».

27 de Dezembro

O n.° 318 do *Pravda* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «A crise na Bulgária».

1944

2 de Junho

A estação de radiodifusão «Christo Botev» transmite o artigo de Jorge Dimitrov: «A propósito do governo de Bagrianov».

6 de Agosto

Jorge Dimitrov escreve a introdução à brochura *A Via da Salvação da Bulgária.*

27 de Agosto

Jorge Dimitrov envia de Moscovo o seu telegrama histórico ao C. C. do Partido — as directivas ao Estado-Maior General do Exército dos guerrilheiros, para a formação da 1.ª divisão de libertação popular formada por guerrilheiros.

9 de Setembro

As massas populares da Bulgária, sob a direcção do Partido Comunista Búlgaro chefiado por Jorge Dimitrov e com o auxílio decisivo do heróico e invencível Exército soviético, derrubam a odiada ditadura monarco-fascista e estabelecem um poder democrático e popular, formando o primeiro governo do povo — o da Frente da Pátria.

28 de Setembro

Jorge Dimitrov envia uma carta de saudação ao C. C. do P. C. B., em que sublinha a importância histórica da Frente da Pátria para a Bulgária.

1945

14 de Janeiro

Jorge Dimitrov conversa com a delegação económica búlgara em Moscovo sobre a consolidação económica e a independência da nova Bulgária.

11 de Maio

Jorge Dimitrov envia de Moscovo as suas saudações ao Congresso Nacional dos Comités da Frente da Pátria: «A Frente da Pátria é uma aliança de combate a longo prazo de todas as forças democráticas progressistas.»

15 de Março

O n.º 153 do *Rabotnitcheski Délo* publica uma carta de Jorge Dimitrov de Moscovo ao I Congresso da União Sindical Operária Geral: «As tarefas da União Sindical Operária Geral».

19 de Maio

Jorge Dimitrov envia de Moscovo um telegrama a Gueorgui Traikov, presidente da Conferência Nacional da União Popular Agrária Búlgara, «Sobre a fraternidade de armas entre os camponeses trabalhadores e os operários».

27 de Junho

Pelos grandes méritos de Jorge Dimitrov na sua luta contra o fascismo e a guerra, o Soviete Supremo da U. R. S. S. concedeu-lhe a condecoração «Lénine».

28 de Junho

O n.º 245 do *Rabotnitcheski Délo* publica a carta de Jorge Dimitrov enviada de Moscovo ao C. C. do P. O. B. (Comunistas): «Sobre o papel do Partido Operário Búlgaro (Comunistas) no seio da Frente da Pátria».

14 de Julho

Jorge Dimitrov envia de Moscovo um telegrama ao I Congresso da União Popular das Mulheres Búlgaras: «As mulheres são uma força enorme».

21 de Agosto

O Presidium do Soviete Supremo da U. R. S. S. dá satisfação ao pedido de Jorge Dimitrov, libertando-o das

suas funções de deputado, devido ao seu próximo regresso à Bulgária.

22 de Setembro

O n.° 313 do *Rabotnitcheski Vestnik* publica o artigo de Jorge Dimitrov: «1923-1945. Ensinamentos importantes da Insurreição de Setembro».

6 de Novembro

Jorge Dimitrov regressa à Bulgária depois de 22 anos de emigração, e é acolhido com um entusiasmo sem precedentes por todo o povo búlgaro.

15 de Novembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no grandioso comício: «Para uma vitória total do povo sobre a reacção e os mal-entendidos em relação à nova Bulgária».

16 de Novembro

Jorge Dimitrov conversa com jornalistas comunistas estrangeiros.

18 de Novembro

Jorge Dimitrov é eleito deputado à XXVI Assembleia Nacional Ordinária.

5 de Dezembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no Congresso dos ferroviários e dos marinheiros.
Jorge Dimitrov oferece uma recepção aos membros da organização infantil «Septemvriitche», em Sófia, e seus dirigentes. Jorge Dimitrov visita a escola elementar em Boïana.

7 de Dezembro

Jorge Dimitrov conversa com os membros do C. C. das Juventudes Operárias.

12 de Dezembro

Jorge Dimitrov preside à IX Sessão Plenária do C. C. do P. O. B. (Comunistas).

15 de Dezembro

Jorge Dimitrov assiste à abertura solene da XXVI Assembleia Nacional Ordinária.

25 de Dezembro

Numa sessão da Assembleia Nacional, Jorge Dimitrov pronuncia o discurso: «A obra do Nove de Setembro é uma obra histórica».

30 de Dezembro

Jorge Dimitrov assiste ao Congresso da União Popular Agrária Búlgara.

31 de Dezembro

Jorge Dimitrov dirige os seus votos de Novo Ano ao povo búlgaro: «A chave que permite solucionar todas as dificuldades está nas nossas mãos.»

1946

19 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no serão solene das brigadas: «O papel das brigadas de trabalho cultural».

20 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na sessão plenária do C. C. da União Sindical Operária Geral, sobre o lugar e o papel dos sindicatos no novo Estado.

10 de Fevereiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no serão solene dos guerrilheiros sobre o tema: «As obrigações dos guerrilheiros populares».

17 de Fevereiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na I Conferência dos chefes e dos comandantes da milícia popular sobre o tema: «A milícia popular — apoio inquebrantável do poder democrático».

26 de Fevereiro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos da Conferência Regional do P. O. B. (Comunistas), em Sófia.

23 de Março

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso perante o grupo parlamentar do P. O. B. (Comunistas) sobre as causas da demissão do governo.

1 de Maio

Jorge Dimitrov assiste à manifestação dos trabalhadores de Sófia em honra do 1.° de Maio.

9 de Maio

Jorge Dimitrov assiste à parada do Exército popular por ocasião do aniversário da vitória sobre o fascismo.

12 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no Congresso dos técnicos: «O papel dos técnicos na nossa vida económica».

19 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso sobre a emulação e o trabalho de choque, numa reunião solene organizada em honra dos operários de choque da indústria têxtil.

23 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no I Congresso Nacional da Juventude Democrática Antifascista sobre o tema: «A juventude antifascista deve estar nas primeiras fileiras da luta».

24 de Maio

Jorge Dimitrov assiste à manifestação da juventude na capital por ocasião da festa do ensino e da cultura — «Cyrilo e Método».

18 de Junho

Jorge Dimitrov recebe membros do C. C. do P. O. B. (Comunistas) que lhe apresentam os seus cumprimentos por ocasião do seu aniversário.

2 de Julho

Numa sessão da Assembleia Nacional, Jorge Dimitrov apresenta uma proposta sobre o projecto de lei respeitante à direcção e ao controle do exército, a saber, criar uma comissão governamental de representantes dos cinco grupos parlamentares, que devem colher informações que permitam expurgar o exército de elementos hostis.

25 de Julho

Numa sessão da Assembleia Nacional, Jorge Dimitrov é eleito para a comissão especial que devia examinar o «Projecto de lei para uma consulta popular sobre a supressão da monarquia e a proclamação da república popular».

5 de Agosto

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na sessão plenária alargada da União Popular das Mulheres Búlgaras sobre o tema: «A mulher búlgara conquistou um lugar de honra no seu próprio país».

9 de Agosto

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na sessão plenária alargada do C. C. do P. O. B. (Comunistas) sobre o tema: «O P. O. B. (comunistas) deve estar no primeiro

lugar na luta pela república popular e pela grande Assembleia Nacional».

7 de Setembro

Falando na rádio, Jorge Dimitrov dirige-se ao povo búlgaro: «A Bulgária deve ser uma república popular.»

15 de Setembro

Jorge Dimitrov assiste à sessão solene da Assembleia Nacional por ocasião da proclamação da Bulgária como República Popular.

28 de Setembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso perante o grupo parlamentar do P. O. B. (Comunistas), dos membros do C. C. e dos activistas da cidade de Sófia, sobre o tema: «Um povo hostil à reacção e ao fascismo, pelo triunfo da causa da inabalável Frente da Pátria que representa a salvação».

25 de Outubro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso numa grande reunião eleitoral sobre o tema: «A Frente da Pátria triunfará apesar de tudo».

7 de Novembro

Jorge Dimitrov assiste à abertura solene da primeira grande Assembleia Nacional republicana.

18 de Novembro

Jorge Dimitrov preside à XII sessão plenária do C. C. do P. O. B. (Comunistas).

21 de Novembro

A Assembleia Nacional encarrega Jorge Dimitrov de formar o novo governo da República Popular da Bulgária.

22 de Novembro

Jorge Dimitrov é eleito Presidente do Conselho dos Ministros da República Popular da Bulgária.

28 de Novembro

Numa sessão da grande Assembleia Nacional, Jorge Dimitrov anuncia o programa do novo governo da Frente da Pátria.

1947

1 de Janeiro

Jorge Dimitrov dirige uma mensagem ao povo búlgaro por ocasião do Ano Novo.

28 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no serão solene dos operários e operárias de choque sobre o tema: «O que é necessário para o êxito do trabalho de choque e da emulação».

3 de Fevereiro

Jorge Dimitrov faz declarações perante representantes da imprensa relativamente à assinatura do tratado de paz com a Bulgária, pela U. R. S. S., a Inglaterra e a França.

4 de Fevereiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na Conferência Nacional das Cooperativas Agrícolas sobre o tema: «As condições mais importantes para o reforço das cooperativas agrícolas».

22 de Fevereiro

Na 44.ª sessão da grande Assembleia Nacional, Jorge Dimitrov pronuncia um discurso: «O plano económico bienal será realizado e ultrapassado».

24 de Fevereiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na Conferência Regional do Partido sobre o tema: «As previsões do nosso Partido foram brilhantemente confirmadas».

1 de Maio

Jorge Dimitrov dirige uma mensagem ao povo búlgaro por ocasião do 1.° de Maio: «Em frente, pela realização do plano económico bienal».

7 de Maio

Jorge Dimitrov participa na homenagem prestada pelo povo búlgaro ao fundador do socialismo no nosso país, Dimitre Blagoev, por ocasião do 23.° aniversário da sua morte, assistindo às cerimónias junto do túmulo.

14 de Maio

Jorge Dimitrov recebe os membros efectivos da Academia de Ciências da Bulgária.

18 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no Congresso dos tipógrafos e operários da indústria do papel.

24 de Maio

Jorge Dimitrov saúda a grande manifestação da juventude em Sófia, por ocasião do 24 de Maio — festa do ensino e da cultura, dia de Cyrilo e Método.

27 de Maio

Jorge Dimitrov pronuncia uma alocução no serão solene do Teatro Nacional, por ocasião do encerramento do concurso dos jovens artistas amadores.

11 de Junho

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso perante uma delegação de operários e operárias de choque da indústria têxtil.

18 de Junho

Jorge Dimitrov recebe a estrela de ouro da condecoração «República Popular da Bulgária».

24 de Junho

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no Congresso dos ferroviários e marinheiros.

19 de Julho

Jorge Dimitrov recebe os escritores comunistas franceses Louis Aragon e Elsa Triolet, de visita à Bulgária.

1 de Agosto

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no jantar depois da assinatura do acordo de Bled entre a República Popular da Bulgária e a República Federativa Popular da Jugoslávia.

3 de Agosto

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no grande comício em Sófia, por ocasião do regresso da delegação governamental búlgara da Jugoslávia.

25 de Novembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no comício em Sófia, por ocasião da chegada da delegação governamental jugoslava.

27 de Novembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no jantar em Euxinogrado, por ocasião da assinatura do tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Federativa Popular da Jugoslávia.

4 de Dezembro

Na 124.ª sessão da grande Assembleia Nacional, Jorge Dimitrov pronuncia um discurso depois de adoptada a nova Constituição.

16 de Dezembro

Jorge Dimitrov assina o tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Albânia, em nome da delegação governamental búlgara.

29 de Dezembro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no XXVII Congresso da União Popular Agrária Búlgara.

1948

1 de Janeiro

Jorge Dimitrov dirige uma mensagem de Novo Ano ao povo búlgaro.

3 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na Conferência Nacional da União Popular «Zveno».

13-19 de Janeiro

Por convite do governo romeno, Jorge Dimitrov encabeçando a delegação governamental búlgara, permanece na Roménia, para aí assinar um tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular Romena.

16 de Janeiro

Em nome da delegação búlgara, Jorge Dimitrov assina o tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular Romena.

No grandioso comício em Bucareste, convocado por ocasião da assinatura do tratado de aliança entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Roménia, Jorge Dimitrov pronuncia um discurso.

18 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no grande comício convocado em Sófia por ocasião do regresso da delegação governamental búlgara, que regressava da Roménia.

2-3 de Fevereiro

Jorge Dimitrov participa nos trabalhos do II Congresso da Frente da Pátria, em Sófia.

2 de Fevereiro

Jorge Dimitrov apresenta um relatório ao II Congresso da Frente da Pátria.

3 de Fevereiro

Jorge Dimitrov pronuncia o discurso de encerramento do II Congresso da Frente da Pátria.

2 de Março

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no II Congresso da União Sindical Operária Geral.

5 de Março

Na 15.ª sessão da grande Assembleia Nacional, Jorge Dimitrov faz uma intervenção sobre o projecto de lei para a expropriação da grande propriedade urbana.

15-24 de Março

Chefiando a delegação governamental búlgara, Jorge Dimitrov visita Moscovo a convite do governo soviético para a conclusão de um tratado de amizade, de coope-

ração e de ajuda mútua entre a União Soviética e a República Popular da Bulgária.

18 de Março

Jorge Dimitrov, pelo Presidium da Grande Assembleia Nacional da República Popular da Bulgária, e Viatcheslav Molotov, pelo Presidium do Soviete Supremo da U. R. S. S., assinam um tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a R. P. da Bulgária e a União Soviética.

24 de Março

Jorge Dimitrov faz uma declaração aos representantes da imprensa, antes da partida da delegação governamental búlgara de Moscovo.

24 de Março

Jorge Dimitrov e os outros membros da delegação governamental búlgara chegam a Sófia.
Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no grandioso comício convocado para Sófia, por ocasião do regresso da delegação governamental búlgara de Moscovo.

1 de Abril

Jorge Dimitrov assiste à sessão solene do Presidium da Grande Assembleia Nacional, convocada para a ratificação do trabalho de aliança entre a República Popular da Bulgária e a U. R. S. S.

6 de Abril

Jorge Dimitrov envia os seus melhores votos às mães búlgaras por ocasião do Dia da Mãe e da Criança.
Jorge Dimitrov faz uma alocução de saudação na sessão plenária da União Popular das Mulheres Búlgaras.

20-28 de Abril

Encabeçando uma delegação governamental búlgara, Jorge Dimitrov visita a República Popular da Checoslováquia, para aí concluir um trabalho de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Checoslováquia.

23 de Abril

Jorge Dimitrov, pelo Presidium da Grande Assembleia Nacional, e Klement Gottwald, por procuração do Presidente da República Popular da Checoslováquia, assinam um tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Checoslováquia.
Jorge Dimitrov pronuncia um discurso depois da assinatura do tratado de aliança entre a República Popular da Checoslováquia e a República Popular da Bulgária.
Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no grandioso comício em Praga, convocado por ocasião do tratado de aliança entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Checoslováquia.

25 de Abril

Jorge Dimitrov assina um acordo para o regulamento provisório das relações económicas entre a Checoslováquia e a Bulgária.

28 de Abril

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no grandioso comício em Sófia, convocado por ocasião do regresso da delegação governamental búlgara, depois de assinado o tratado com a República Popular da Checoslováquia

1 de Maio

Jorge Dimitrov, com os membros do Conselho dos Ministros e do Secretariado político, assiste à grandiosa manifestação dos trabalhadores em Sófia por ocasião do 1.° de Maio.

15-17 de Maio

Jorge Dimitrov efectua uma viagem à Bulgária do Sul, onde visita cooperativas agrícolas e algumas fábricas.

18 de Maio

Jorge Dimitrov oferece um jantar íntimo ao eminente homem público francês, Justin Godard, vice-presidente do comité nacional para a celebração do centenário da Revolução de 1848.

24 de Maio

Jorge Dimitrov assiste à grandiosa manifestação dos alunos e estudantes de Sófia, por ocasião da festa do ensino e da cultura, o dia de Cyrilo e Método.

28 de Maio-1 de Junho

Uma delegação governamental búlgara, dirigida pelo presidente do Conselho, Jorge Dimitrov, visita Varsóvia, para aí concluir um tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Polónia.

29 de Maio

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov assinam o tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Polónia. Jorge Dimitrov pronuncia um discurso por ocasião da assinatura do tratado.

À noite

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na grande reunião organizada pela Associação Polónia-Bulgária e pelo Comité Eslavo em Varsóvia, por ocasião da assinatura do tratado de aliança entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Polónia.

1 de Junho

Jorge Dimitrov e os membros da delegação governamental búlgara chegam a Sófia.
Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no comício convocado em Sófia, por ocasião do regresso da delegação governamental búlgara da Polónia.

18 de Junho

Todo o povo búlgaro saúda Jorge Dimitrov por ocasião do seu 66.° aniversário.
Jorge Dimitrov recebe os dirigentes do Partido Operário Unificado Alemão, Wilhelm Pieck e Otto Grotewohl, de vista à Bulgária.

20 de Junho

Jorge Dimitrov assiste a uma grande sessão de cultura física.

27 de Junho

Jorge Dimitrov participa numa sessão do plenário alargado do C. C. do P. O. B. (Comunistas).

12 de Julho

Jorge Dimitrov apresenta um relatório à XVI sessão plenário do P. O. B. (Comunistas).

16 de Julho

Jorge Dimitrov e Vassil Kolarov, em nome do Presidium da Grande Assembleia Nacional, assinam o tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Hungria. Jorge Dimitrov pronuncia um discurso.

À noite

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso no grandioso comício por ocasião da assinatura do tratado de aliança entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Hungria.

8 de Setembro

Jorge Dimitrov assiste à reunião solene no Teatro Nacional por ocasião da festa nacional do povo búlgaro a 9 de Setembro.

9 de Setembro

Jorge Dimitrov, com os membros do Conselho de Ministros e do Secretariado Político, assiste à manifestação dos trabalhadores de Sófia por ocasião do 9 de Setembro.

18-25 de Dezembro

Jorge Dimitrov participa no histórico V Congresso do P. C. B.

19 de Dezembro

Jorge Dimitrov apresenta o relatório político do C. C. do P. C. B. no V Congresso do Partido.

25 de Dezembro

Jorge Dimitrov pronuncia o discurso de encerramento no V Congresso do P. C. B.
Jorge Dimitrov é eleito membro do C. C. do P. C. B.

27 de Dezembro

Jorge Dimitrov é eleito membro do Secretariado Político do C. C. do P. C. B.

1949

5 de Janeiro

Jorge Dimitrov pronuncia um discurso na 24.ª sessão da Grande Assembleia Nacional, após a adopção do orçamento de Estado para 1949.

21 de Janeiro

Jorge Dimitrov assiste a uma reunião comemorativa solene em Sófia, em memória de Vladimir Ilitch Lénine, por ocasião do 25.° aniversário da sua morte.

1 de Maio

De Moscovo, Jorge Dimitrov dirige aos trabalhadores búlgaros as suas saudações por ocasião do 1.° de Maio.

18 de Maio

De Moscovo, Jorge Dimitrov envia uma carta ao Secretariado Político do P. C. B., por ocasião dos brilhantes resultados das eleições para os conselhos populares na Bulgária.

12 de Junho

O n.° 155 do *Rabotnitcheski Délo* de 15 de Julho publica a carta de Jorge Dimitrov, enviada de Moscovo, aos militantes que seguem os cursos da Escola Superior do Partido em Sófia.

27 de Junho

Jorge Dimitrov envia de Moscovo uma carta ao Comité Supremo da Cultura Física e do Desporto.

28 de Junho

Jorge Dimitrov recebe no sanatório «Borovikha» o escritor Dimitre Polianov.

2 de Julho (9. 35 h)

O guia e educador do povo búlgaro, Jorge Dimitrov, morre no sanatório «Borovikha», nos arredores de Moscovo.
O n.° 184 do *Pravda* publica o comunicado do C. C. do Partido Comunista da União Soviética (bolchevique) e do Conselho de Ministros da U. R. S. S. sobre a morte de Jorge Dimitrov.
O n.° 173 do *Rabotnicheski Délo* publica o comunicado do C. C. do P. C. B., do Conselho de Ministros da R. P. da Bulgária, do Conselho Nacional da Frente da Pátria e do Presidium da Grande Assembleia Nacional sobre a morte de Jorge Dimitrov.

Título: Obras Escolhidas — VI
Autor: Jorge Dimitrov
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Oficinas: Guide - Artes Gráficas. Lda.
Tiragem: 5200 ex.
Acabou de se imprimir: Em 7 de Maio de 1976